

**MONTEIRO LOBATO ALÉM DE SEU TEMPO**

**IV JORNADA MONTEIRO LOBATO**

**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS  
INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS  
(UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO)**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS TRÊS LAGOAS**

**OBSERVATÓRIO LOBATO**





**MONTEIRO LOBATO ALÉM DE SEU TEMPO**

**IV JORNADA MONTEIRO LOBATO**

**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS  
INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS  
(UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO)**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS TRÊS LAGOAS**

**OBSERVATÓRIO LOBATO**

**JOHN MILTON  
VANETE SANTANA-DEZMANN  
AMAYA OBATA MOURINO DE ALMEIDA PRADO  
GILDO MAGALHÃES  
(Orgs.)**

**ISBN 978-65-01-21321-7**



Flor do Tempo Editora  
[www.flordotempoeditora.com.br](http://www.flordotempoeditora.com.br)  
Coleção Lobato em Foco – Estudos  
Campinas – SP – 2024

© VANETE SANTANA-DEZMANN

É proibida a reprodução total ou parcial, por meio eletrônico ou mecânico, sem autorização por escrito do detentor do copyright (Lei no. 9.610 de 19.02.1998).

## **MONTEIRO LOBATO ALÉM DE SEU TEMPO**

### **IV JORNADA MONTEIRO LOBATO**

**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS  
INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS  
(UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO)**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS TRÊS LAGOAS**

### **OBSERVATÓRIO LOBATO**

Organizadores

John Milton

Vanete Santana-Dezmann

Amaya Obata Mourino de Almeida Prado

Gildo Magalhães

Revisores

Vanete Santana-Dezmann

Amaya Obata Mourino de Almeida Prado

Diagramação e capa

Vanete Santana-Dezmann

**ISBN 978-65-01-21321-7**



**Flor do Tempo Editora**

[www.flordotempoeditora.com.br](http://www.flordotempoeditora.com.br)

**Coleção Lobato em Foco - Estudos**

**Campinas - SP - 2024**

## **CONSELHO EDITORIAL**

### **Flor do Tempo Editora**

Vanete Santana-Dezmann (editora)

Amaya Obata Mourino de Almeida Prado (UFMS)

Andréa da Silva Rosa (UNIP-Campinas)

Denise Maria de Paiva Bertolucci (FATEC-Ourinhos)

Fernando Teixeira Luiz (UNESP-Assis)

Filipe Augusto Chamy Amorim Ferreira (ObLob)

John Milton (USP)

José Wellington de Souza (UNITAU)

Letícia Goellner (PUC-Chile)

Márcio Roberto Pereira (UNESP-Assis)

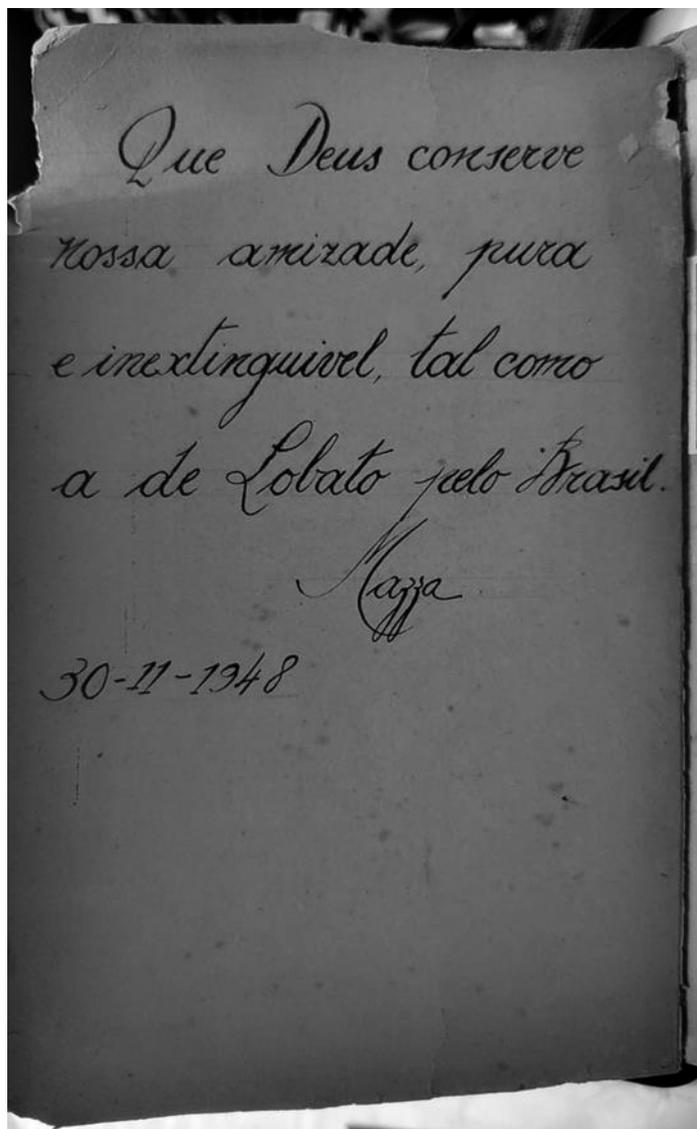
Michele Lima Rocha (IFSC)

Patrícia Beraldo Romano (UNIFESSPA)

Patrícia Didoné (ObLob)

Raquel Endalécio Martins (UFRR)





Que Deus conserve  
Nossa amizade, pura  
e inextinguível, tal como  
a de Lobato pelo Brasil.  
Najja  
30-11-1948

Dedicatória encontrada no lado interno da capa da publicação em conjunto dos livros *Escândalo do petróleo* e *Ferro* pela Editora Brasiliense Ltda., 1947.

Imagem: cortesia de Filipe Augusto Chamy Amorim Ferreira, a quem agradecemos



# SUMÁRIO

## PREFÁCIO

As múltiplas faces de uma vocação única: Lobato e a criatividade

Gildo Magalhães

Pág. 11

## UMA LONGA EPÍGRAFE

Lobato, o polímata

José Renato Nalini

Pág. 17

## CAPÍTULO I

A industrialização do Brasil ameaçada pelos “sicários do jornalismo” e a  
reação de Lobato

Vanete Santana-Dezmann

Pág. 33

## CAPÍTULO II

CAPÍTULO II - Lobato, Amado e Mar morto: duas cartas, duas  
admirações

Filipe Augusto Chamy Amorim Ferreira

Pág. 81

## CAPÍTULO III

As ideias sacizantes de Monteiro Lobato: o espaço do Sítio do Picapau  
Amarelo

Daniel Fernandes da Silva & Patrícia Aparecida Beraldo Romano

Pág. 91

## CAPÍTULO IV

Entre palavras e línguas: Monteiro Lobato como tradutor e traduzido

Patricia Didoné

Pág. 123

## CAPÍTULO V

A atriz por trás da máscara: Reny e os desafios de ser Emília

José Elio da Mota Júnior

Pág. 145

## DOSSIÊ

Lobato, *businessman* fracassado(?)

### PARTE I

Apontamentos sobre os primeiros empreendimentos de Monteiro

Lobato

Taís Diniz Martins

Pág. 169

### PARTE II

Monteiro Lobato & Cia: *boom e bust*

John Milton

Pág. 183

### PARTE III

A movimentação do adido comercial Monteiro Lobato nos Estados

Unidos da América

Denise Maria de Paiva Bertolucci

Pág. 195

## CONTOS

O rei vesgo

Monteiro Lobato

Pág. 211

De volta ao Sítio

Décio Diniz

Pág. 213

## AUTORES & ORGANIZADORES

Pág. 223

## PREFÁCIO - As múltiplas faces de uma vocação única: Lobato e a criatividade

Gildo Magalhães

Em se tratando de Lobato, há que reconhecer sua dimensão polivalente e uma produção de ideias que ultrapassam a medida de outros intelectuais antes e depois dele. Como disse Paulo Dantas, “Lobato é Lobato. Um criador de mundos. Um gigante do trabalho mental. Um herói nacional a toda prova”.<sup>1</sup>

São conhecidas diversas facetas do verdadeiro polímata que foi Monteiro Lobato, algumas das quais, aliás, foram exploradas nas conferências e nos artigos impressos nesta e em outras *Jornadas Monteiro Lobato*. Os encontros reuniram conhecidos especialistas no assunto, além de novos talentos, e que de maneira nem sempre em uníssono com a interpretação ortodoxa atual dessa personalidade da vida cultural brasileira, lidaram com inspiração para nos abrir novos caminhos e inspirações lobatianas.

A IV Jornada, *Monteiro Lobato além de seu tempo*, objeto desta publicação, ocorreu em Três Lagoas, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E é com o reconhecimento do caráter intelectual polivalente de Lobato que José Renato Nalini nos apresenta “Uma Longa Epígrafe – Lobato, o Polímata”, um prólogo sobre o escritor, o editor, o pintor e crítico de artes plásticas, o empreendedor nacionalista. Alguns traços biográficos mais destacados são também mencionados, ressaltando seu papel indireto, mas fundamental, de educador.

Iniciando os artigos de pesquisa, Vanete Santana-Dezmann aborda o esforço industrializante de Lobato em torno da exploração do carvão e da siderurgia nacional. “A industrialização do Brasil, ameaçada pelos “sicários do jornalismo”, e a reação de Lobato” surpreende. São

---

<sup>1</sup> DANTAS, Paulo. *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço Editora, 1982, p. 12.

muito reveladoras sobre sua posição em prol do desenvolvimento e modernização do Brasil as cartas trocadas entre o escritor e o sanitarista Artur Neiva. Este cientista, que por um tempo dirigiu o Instituto Biológico de São Paulo, foi também político e jornalista, nacionalista como Lobato e discutiu com este o processo de difamação pública que sofria o escritor em função de sua defesa da modernização econômica do Brasil. Outro realce importante foi o apoio do jovem Rubem Braga a Lobato, apresentado aqui também através da correspondência, no caso a de Braga. Finalmente, a pesquisadora enfeixa o tema da defesa da militância antirracista de Lobato, que tem a ver com sua postura nacionalista, em trechos selecionados de *O Presidente Negro*, obra, aliás, que foi relançada no Brasil com amplas notas pela autora do texto.

A correspondência de Lobato foi muito vasta e pluralista. A publicação póstuma de parte de suas cartas por Edgard Cavalheiro foi bastante oportuna e preencheu lacunas importantes. No entanto, no caso de Jorge Amado, Filipe Ferreira logrou encontrar nova versão dirigida ao escritor baiano, nos arquivos da Casa do Rio Vermelho, em Salvador. “Lobato, Amado e *Mar Morto*: duas cartas, duas admirações” é o resultado dessa pesquisa, que permite novas interpretações do pensamento lobatiano.

É instigante considerar que tipo de espaço é o Sítio do Picapau Amarelo. Daniel Fernandes da Silva e Patrícia Aparecida Beraldo Romano mostram a interação de um espaço que espelha a ruralidade do Brasil da época de Lobato, mas que ao mesmo tempo é um cosmos inteiro, de fantasia e de representação política e sociológica. “As ideias sacizantes de Monteiro Lobato: o espaço do Sítio do Picapau Amarelo” analisa detidamente a ampla pesquisa de Lobato em torno da figura folclórica do saci-pererê, para colocá-lo nesse espaço privilegiado onde brotarão as criaturas do Sítio. Ao fazer isto, Lobato se revela mais uma vez nacionalista, pois observa o colonialismo cultural que importa modelos da saga wagneriana dos nibelungos, ao invés de atentar para as raízes de personagens fascinantes existentes no Brasil. Da mesma

forma, critica o uso do espaço nas imitações arquitetônicas que lhe parecem totalmente fora de lugar, como a nova catedral de São Paulo. Seria lamentável que Lobato constataste a facilidade com que os brasileiros, se esquecendo do saci, começaram a imitar as celebrações do Halloween...

Monteiro Lobato foi um profícuo tradutor, especialmente de ficção, do inglês para o português. Foram objeto de sua tradução, além de nomes conhecidos na época, como Lewis Carroll, Oscar Wilde e Mark Twain, autores relativamente novos, mas que com o tempo ganhariam grande destaque nas letras, como Ernest Hemingway e Jack London. Patricia Didoné, em “Entre palavras e línguas: Monteiro Lobato como tradutor e traduzido” analisa alguns aspectos de seu estilo e metodologia de tradução, que não hesitava em introduzir modificações, fugindo à literalidade, quando em benefício do leitor brasileiro. Deve-se incluir nessa atividade a adaptação para o público infantil de obras de fundamental importância, como o *Quixote* de Cervantes, Hans Staden e a *História das Invenções*, de Hendrik van Loon. A pouca literatura “adulta” de Lobato traduzida para o inglês teve acolhida muito reduzida, como apresentado neste capítulo, mas certamente ele foi bastante traduzido e com sucesso para muitas línguas em sua literatura infantil.

Seguramente, dentre todas as criações geniais de Monteiro Lobato, a Emília é a mais cativante para todas as idades. Conhecedor intuitivo e profundo da psicologia infantil, o escritor deu à ex-boneca que vira gatinha os traços ficcionais que toda criança vive, desde o egoísmo natural até os mais destacados lances de criatividade, memória e iniciativa que nos encantam. Na televisão, a caracterização de Emília foi feita de maneira pioneira e inesquecível por Lúcia Lambertini a partir da década de 1950 na Tupi, de modo muito fiel por quem entendia de criança, Tatiana Belinky e Júlio Gouveia. A Globo fez continuação sem igualar a qualidade original da série, e em “A atriz por trás da máscara: Reny e os desafios de ser Emília”, José Elio da Mota Júnior, recupera o protagonismo da atriz Reny de Oliveira na

nova fase. O texto apresenta os dilemas de uma atriz encarnar um personagem tão forte quanto Emília e o desafio de dar vida a quem podia passar rapidamente da pura contemplação à mais ousada transgressão.

A última parte deste livro trata das múltiplas atividades empresariais de Lobato, sob o título de *Lobato, Businessman Fracassado(?)*. “Apontamentos sobre os primeiros empreendimentos de Monteiro Lobato”, de Taís Diniz Martins, inicia esse dossiê revelando que Lobato foi um empreendedor hiperativo, abrindo e fechando ou transferindo negócios sem cessar, desde que vendeu sua fazenda Buquira. Há uma sucessão impressionante de negócios, que vão desde uma casa lotérica até os grandes empreendimentos editoriais, e seus investimentos em petróleo e mineração, incluindo os sérios revezes nos EUA devidos à Grande Depressão de 1929. Não parece caber rotular sua atividade simplificada em sucesso ou fracasso, o que fica ressaltado é sua inquietude e enorme inventividade, mesclados ao impulso para a modernização, que faziam-no passar do desânimo ao entusiasmo mais enfático, sempre com novas ideias comerciais e industriais.

Continuando a análise, John Milton traz em “Monteiro Lobato & Cia: *boom e bust*” uma contextualização da falência decretada em 1924 do que tinha sido a próspera e moderna empresa gráfica e editorial *Revista do Brasil*. Os motivos estavam possivelmente para além do que se poderia atribuir a uma administração falha, pois para a queda empresarial foram decisivas a falta de crédito financeiro, a grave crise de falta de energia elétrica da *Light* para as máquinas gráficas, a paralisação do porto de Santos com as cargas de papel para a gráfica e a revolução paulista de 1924, que danificou e travou a cidade. Ademais, houve o cancelamento da encomenda de livros didáticos pelo governo federal de Artur Bernardes, em represália à oposição política de Monteiro Lobato. Apesar do revés, Lobato logra manter a atividade editorial como sócio da empresa *Companhia Editora Nacional*, que

continuará e desenvolverá o que fora o ideário da *Monteiro Lobato & Cia.*

A demonstração de que há ainda muitas revelações importantes sobre a atividade de Lobato no serviço diplomático brasileiro em Nova Iorque está em “A movimentação do adido comercial Monteiro Lobato nos Estados Unidos da América”, de Denise Maria de Paiva Bertolucci. A importância de empregar o moderno e econômico processo Smith de siderurgia no Brasil está bem delineada por meio das cartas de Lobato neste capítulo, bem como sua visão da oportunidade de empregar o babaçu para a redução química do ferro.

O livro se encerra com duas homenagens literárias. A primeira, a republicação de “O rei vesgo”, de Monteiro Lobato, escrito em junho de 1947, por ocasião do protesto ocorrido em São Paulo, no Vale do Anhangabaú, contra a proibição das atividades do Partido Comunista e a iminente cassação de seus parlamentares. A segunda, a publicação de “De volta ao Sítio”, conto no qual Décio Diniz recria em forma de paráfrase um encontro com personagens do Pica-pau Amarelo, lembrando a promessa de Lobato de escrever livros onde as pessoas pudessem morar. No Sítio fomos, aos milhões, parar em um momento de crescer para habitar nessa parte do mundo criado.

Obs.: sempre que necessário e possível, a ortografia da fonte referida foi preservada.



## UMA LONGA EPÍGRAFE - Lobato, o polímata

José Renato Nalini

Monteiro Lobato (1882-1948) foi registrado José Renato Monteiro Lobato e, para poder usar a bengala de seu pai, José Bento, quando este faleceu, passou a preferir assim ser chamado. E sua vontade se cumpriu.

Por que polímata?

Um polímata é alguém que navega - e com proficiência e talento - por muitas áreas. Não se detém numa só esfera do conhecimento. O mundo sempre teve polímatas e o Brasil também. Costuma-se mencionar como exemplo de polímata brasileiro um elenco de personalidades, como José Bonifácio, D. Pedro II, Pontes de Miranda, Mário de Andrade, Ruy Barbosa, Otto Maria Carpeaux, Ruy Barbosa e Miguel Reale.

Sirvo-me do vocábulo polímata com certa liberdade que não é poética, pois não consigo poetar. Arrolo epítetos que são condições pessoais, não artes ou atividades. Mas todos eles auxiliam na descoberta de um perfil cujo potencial está muito longe de ser exaurido. Perdoem-me. Sou um rude prosador da planície. Mas, apostando na grandeza do vulto lobatiano, confio na benevolência dos que me ouvem.

### **O polemista/provocador**

Aos dez anos, Lobato recusou-se a fazer a Primeira Comunhão. Isso scandalizou a família tradicional de fazendeiros do Vale do Paraíba, que mantinha relações de amizade com D. Pedro II.

Quando já estudava Direito na São Francisco, escrevia para um jornal de Pindamonhangaba e, com pseudônimo, fazia acerba campanha contra o Prefeito da cidade.

Em 1904, foi o orador da turma dos bacharelados em Ciências Jurídicas e Sociais. Fez um discurso tão virulento que metade da plateia deixou o Salão Nobre das Arcadas, liderada pelos prelados e autoridades.

### **O jornalista**

Nunca deixou de escrever em jornais. Começou no pequeno diário de Pindamonhangaba, mas também escrevia para o jornal da Faculdade de Direito. Desde essa época, preocupava-se com o nacionalismo. Queria que o Brasil ocupasse outra e melhor posição no conjunto das nações. Escreveu depois e de forma permanente no *Correio Paulistano* e na *Província de São Paulo*, que se transformou n' *O Estado de São Paulo*.

### **O promotor**

Em 1907, foi nomeado Promotor Público e assumiu a promotoria de Areias. Foi ainda Promotor de São José do Barreiro, que hoje não é mais comarca. Constatou a decadência das cidades que antigamente representavam o sucesso da economia colonial. O Vale do Paraíba, por sua estratégica posição geográfica, entre Rio e São Paulo, foi centro exportador de minérios – por ali passava o “Caminho Real das Minas”. O porto de Parati era um dos mais movimentados do Brasil e a expansão cafeeira tornou ricos os fazendeiros, todos unguídos à nobiliarquia do jovem Império. Depois veio o declínio, o que Lobato registrou na obra *Cidades Mortas*.

### **O criador da literatura infantil**

Leitor, desde criança, devorou a biblioteca do avô e começou a exprimir por escrito sua exuberante imaginação. Criou *O Sítio do Pica-pau Amarelo*, que – em termos de formação de uma consciência lúcida e crítica – é muito superior à obra de Walt Disney.

Pagou um tributo – aliás o mesmo cobrado a Machado de Assis e a Lygia Fagundes Telles – por ter escrito em português. Não foi a primeira vocação do escritor. Entusiasmado com o sucesso de *Urupês*, em 1919, publicou em 1921 *Narizinho Arrebitado*, só depois chamado

*Reinações de Narizinho*. No mesmo ano, vem *Saci* e, em 1922, há exatamente um século, *O Marquês de Rabicó*. Seus livros infantis são até hoje lidos e relidos e encantaram gerações. Cabe lembrar: *Saci* (1921), *Fábulas de Narizinho* (1921), *Narizinho Arrebitado* (1921), *O Marquês de Rabicó* (1922), *Peter Pan* (1930), *Reinações de Narizinho* (1931), *Viagem ao Céu* (1931), *As Caçadas de Pedrinho* (1933), *Emília no País da Gramática* (1934), *História das Invenções* (1935), *Geografia de Dona Benta* (1935), *Memórias da Emília* (1936), *Histórias de Tia Nastácia* (1937), *Serões de Dona Benta* (1937), *O Poço do Visconde* (1937) e *O Pica-pau Amarelo* (1939).

### **O inventor de personagens**

Além de criar um espaço lúdico cuja fantasia alimentou a mente infantil no Brasil e em outros países, Monteiro Lobato foi um prolífico criador de personagens, principalmente os habitantes do idílico, sedutor e fantástico Sítio do Pica-Pau Amarelo, como a boneca Emília, muito mais inteligente do que Pinóquio e que acumulou as funções de fina ironia do “grilo falante”, uma verdadeira filósofa; a Narizinho; o Pedrinho; a Dona Benta; a Tia Nastácia; o Visconde de Sabugosa; o Tio Barnabé e a Cuca. Personagens marcantes, inspiraram Maurício de Sousa, que criou a “Turma da Mônica” e se confessa leitor inveterado de toda a obra de Monteiro Lobato. Por sinal, ambos têm origem no Vale do Paraíba.

### **Propagador do folclore**

O riquíssimo folclore brasileiro ganhou muita divulgação e prestígio com a obra de Lobato. O Saci foi o símbolo de uma brasilidade comprobatória de que a imaginação do Brasil, a partir de suas populações nativas e originais, é produtora de símbolos que nada ficam a dever aos celebrados no mundo considerado o berço da civilização.

O folclore tupiniquim é material de exportação e poderia fomentar uma indústria negligenciada, que é a do turismo temático. Divulgar o riquíssimo quadro de figuras consolidadas na cultura popular,

principalmente as lendas indígenas e afro-brasileiras, abriria para o Brasil necessitado de investimento novas áreas de exploração econômica.

### **O compositor de fábulas**

Qual um Esopo ou um La Fontaine, Lobato criou fábulas adaptadas à realidade brasileira. Dentre as principais, destacam-se *O cavalo e o burro*, *A coruja e a águia*, *O lobo e o cordeiro*, *O corvo e o pavão*, *A formiga má*, *A garça velha*, *As duas cachorras*, *O jaboti e a peúva*, *O macaco e o coelho*, *O rabo do macaco*, *Os dois burrinhos* e *Os dois ladrões*.

Fábulas são narrativas com a mensagem moral que as torna instrumentos valiosos de formação integral da personalidade, uma pedagogia que funcionou entre os gregos, prosperou com as parábolas cristãs e tem sido responsável pela formação ética da sociedade.

### **O livreiro**

Empreendedor, criou a Editora Monteiro Lobato e, depois, a Companhia Editora Nacional. Chegou a publicar *bestsellers* à época, em um Brasil de analfabetos. Com isso, incentivou novos talentos e propiciou a publicação de obras que não viriam a lume não fora o seu patrocínio.

Lobato sempre buscou prestigiar jovens escritores, exatamente aqueles que não encontram quem os publique e que, não raro, têm de custear suas edições. Sob essa vertente, ele foi uma espécie de mecenas, um benemérito das letras.

### **Crítico de artes plásticas**

Um dos episódios mais polêmicos na vida de Monteiro Lobato foi a crítica escrita sobre a exposição de pinturas de Anita Malfatti, em 1917. Ela estivera na Europa, beneficiada pelo Pensionato de Artistas financiados pelo Senador Freitas Valle, o Senhor da Vila Kyrial. Em 12 de dezembro de 1917, inaugurou-se a exposição de seus quadros à Rua

Sete de Abril, 111, espaço utilizado para eventos como o Concurso do Sacy.

Lobato escreveu em *O Estado de São Paulo*, edição de 20.12.1917, o artigo “A propósito da Exposição Malfatti” e desqualificou a obra da jovem, que já enfrentava resistência em sua própria família. Consta que muitos de seus quadros foram destruídos em sua própria casa, por parentes que não concordavam com o seu estilo.

Monteiro Lobato escrevia muito bem e a expressão *paranoia ou mistificação* passou a ser o título de um artigo mais alentado, em seguida incluído num livro. Isso teria deprimido Anita, que passou muito tempo reclusa e sem coragem de frequentar sua reduzida roda de amigos.

Os jovens modernistas de então - Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Victor Brecheret - defenderam Anita e despertaram a curiosidade dos paulistanos por sua obra, depois muito festejada.

Interessante observar que Lobato não era inimigo de Anita, a quem, de início - e no mesmo texto detonador - chega a elogiar. Mais tarde, Anita confeccionou capas para os livros de Lobato e os ilustrou. Hoje, mais de um século depois, dir-se-ia ter sido um grande golpe publicitário.

### **O contista**

Os contos de Lobato são verdadeiras obras-primas, utilizadas para ensinar a escrever e para seduzir as pessoas a se tornarem amantes da leitura. São inúmeros e bem conhecidos. Dentre eles, destacam-se *Os animais e a peste*, *O burro juiz*, *O colocador de pronomes*, *O comprador de fazenda*, *Os dois burrinhos*, *Os dois ladrões*, *As duas cachorras*, *As duas panelas*, *A facada mortal*, *A garça velha*, *O gato vaidoso*, *O jabuti e a peúva*, *O Jeca-Tatu*, *A ressurreição*, *O macaco e o coelho*, *Mal maior*, *Pai dos dois bicos*, *O rabo do macaco*, *O Saci* e *Urupês*.

O meu preferido é *Negrinha*, recentemente alvo de uma campanha que me parece equivocada. Lobato era um humanista, um homem sensível,

um espírito superior. Nenhum racismo, nenhum preconceito. Rever obras antigas sem situá-las no contexto em que foram escritas, com critérios supervenientes da discutível censura imposta pelo “politicamente correto”, é excluir do valioso patrimônio cultural brasileiro algumas de suas mais belas expressões.

### **O pré-modernista**

Pode-se dizer que Monteiro Lobato ajudou a deflagrar a celeberrima Semana de Arte Moderna de 1922. Ele é considerado um pré-modernista, autor situado no espaço literário brasileiro entre 1902 e 1922. Tais lindes não são precisos. Dependem de cada crítico ou analista dessa fase.

O Brasil sofria os efeitos de uma intensa imigração, com italianos, alemães e espanhóis, principalmente, chamados a substituir o braço escravo após a Abolição, em 1888. O golpe que derrubou o Imperador, o fenômeno das favelas, a Guerra de Canudos, tudo provocou uma nova onda criativa nos escritores, que passaram a produzir críticas sociais, econômicas e políticas.

É um período de transição, que ainda conserva traços do realismo, naturalismo, parnasianismo e simbolismo e formulador de um nacionalismo crítico. Ao lado de Lobato, podem situar-se nessa fase Lima Barreto e Graça Aranha, autores que flagraram e escancararam as verdades brasileiras. Assim como, no Rio de Janeiro, o Prefeito Passos derrubava a “vila colonial” e procedia como Haussman em Paris e Sir Christophen Wrein em Londres, na literatura a ordem era extirpar o ranço europeu e a assunção da brasilidade, com todas as suas consequências.

Dois traços contribuem para enquadrar Lobato como pré-modernista: o regionalismo e a denúncia da realidade brasileira. Regionalismo situado no Vale do Paraíba, com suas enormes fazendas do ciclo cafeeiro, depauperadas com a pobreza dos “nobres” falidos. Ele conhecia bem a situação, pois falhara como fazendeiro e sentira o frio da desgraça econômica. Quanto à realidade de um Brasil em que a educação

falhara, era a de um país de “Jecas-Tatus”, desnutridos e acometidos de endemia - o que também experimentara em suas lides agrárias.

### **O empreendedor**

Monteiro Lobato acreditava no Brasil e investia no seu país. Não foi apenas um idealista, um sonhador e um patriota, mas um empreendedor. A partir de 1932, fundou e integrou três distintas empresas de prospecção de petróleo. Em sua obra, já figurava o petróleo, que só iria se tornar o líquido tão precioso um pouco mais tarde. Ele narra que, ao jorrar petróleo no Sítio do Pica-pau Amarelo, foi instalada uma placa: “Salve! Salve! Salve! Deste abençoado poço - Caramingá nº 1, de 9 de agosto de 1938, saiu, num jato de petróleo, a independência econômica do Brasil”.

Entre os anos 1934 e 1937, correspondeu-se Lobato com o engenheiro de petróleo Karl Werner Frankie, suíço imigrado em 1920, conhecido no Brasil por “Charley Frankie”. A pesquisadora Kátia Chiaradia conseguiu resgatar cento e quarenta e sete cartas de Lobato e elaborou a tese de doutorado *Edição de textos fidedigna e anotada das cartas trocadas entre Monteiro Lobato e Charles Frankie - (1934-1937): Edição e estudo da correspondência entre Monteiro Lobato, Charles Frankie e alguns companheiros da Campanha Petrolífera, como Edson de Carvalho*.

Desse convívio derivou o arrojo da fundação da Companhia Petróleo do Brasil, à qual se dedicou durante mais de dez anos, e de cujo pioneirismo só colheu infortúnios.

### **O missivista**

Além de todas as atividades, Monteiro Lobato era um zeloso missivista. Não deixava de responder às inumeráveis cartas recebidas. Todavia, tomava a iniciativa de escrever, espontaneamente, aos seus amigos. Um deles era Godofredo Rangel, com quem se correspondeu durante quarenta anos. A epistolografia gerou o livro “A Barca de Gleyre”.

Essa característica reflete ainda a humildade de Lobato. Já consagrado nas letras, nunca deixou uma carta sem amável troco, embora às vezes

tenha recomendado maior zelo na produção escrita e feito críticas construtivas aos que o procuravam.

### **O marido**

Em 28 de março de 1908, casou-se com Maria Pureza da Natividade, conhecida como “Purezinha”. Observa Chalita que “Lobato era, inicialmente, contrário ao casamento. Entendia-o como o fim da liberdade; uma renúncia à vida jovem e “ao demônio e suas pompas”, como vociferou contra um amigo que, antes, havia lhe anunciado uma vida em matrimônio. Mas, intenso que era, ia de um extremo a outro, sem que isso lhe causasse desconforto. E, assim, passou, como ele mesmo dizia, da condição de “horror ao casamento ao casamento”. E isso por conta daquela moça tão linda e tão inteligente que ele conhecera em Taubaté, disputada por tantos. Era Purezinha. E esclarece: “O grande cavalo de batalha contra o casamento é o sacrifício e nossa liberdade – mas para que nos serve a tal liberdade se não para perdê-la nos momentos oportunos? Sem perdermos a liberdade parcial ou totalmente, como sabermos que tal coisa existe? Farto dessa liberdade pessoal, resolvi lançá-la pela janela. Casei-me e pronto.”<sup>2</sup>.

### **O pai**

Maria da Pureza de Gouvêa Natividade e José Renato Bento Monteiro Lobato tiveram quatro filhos: a primeira, Marta, nascida em 03.03.1909; Edgar, em 07.05.1910; Guilherme, que veio à luz em 1912 e, finalmente, Ruth, nascida em 29.02.1916. “Guilherme morre ainda jovem, o que causa muita dor à família”<sup>3</sup>.

Não é preciso dizer que os filhos de Lobato também sofreram as consequências de suas tentativas de empreender – os castigos da ditadura. Passaram por períodos de carência de recursos. Mas todos tinham, e com legítima razão, enorme orgulho de seu pai.

---

<sup>2</sup> CHALITA, Gabriel. *Monteiro Lobato, Pintor de Palavras*. São Paulo: IMESP-APL, 2021, p. 60.

<sup>3</sup> CHALITA, Gabriel. Op. cit., idem, p. 63.

### **O herdeiro**

Seu avô faleceu em 1911 e, com isso, Monteiro Lobato herdou a Fazenda Buquira, para onde se mudou. E tentou honrar a tradição da família, tornando-se fazendeiro. Era a natural vocação das famílias poderosas do Vale do Paraíba, região promissora e fértil para enriquecer o patriarcado imperial. Colecionou glórias que se prolongaram durante a Primeira República, só depois arcando com o insucesso da lavoura cafeeira, convertendo-se em repositório de “cidades mortas”.

### **O fazendeiro**

Embora nascido em propriedade rural, Monteiro Lobato não se deu bem como administrador. Durou pouco a sua experiência de fazendeiro. Em 1917, vendia a fazenda e partia para outras atividades. Sua imaginação criativa e fulgurante não se acostumava com a lida na roça, com a administração de pessoal despreparado, com a incompreensão do governo e com a crescente burocracia, sufocante de qualquer iniciativa conducente à modernização que traria lucro para o setor agrícola.

### **O ambientalista**

Muito antes do surgimento da consciência ecológica, Monteiro Lobato preocupava-se com o extermínio da cobertura vegetal e repudiava as queimadas indiscriminadas. Assim, em 12 de novembro de 1912, era publicada no jornal *O Estado de São Paulo* a carta “Velha Praga”. Criticava as queimadas, além da ignorância ambiental, uma das causas da miséria do caboclo, fator de atraso no desenvolvimento da lavoura brasileira.

Não poderia supor que em pleno século 21, o Brasil assistiria ao recrudescimento dessa prática nefasta, muito distante da “coivara” praticada pelos índios e que serve de argumento para os incendiários. Pensar que até o Pantanal, a região mais úmida do Brasil, chegou a pegar fogo!

### **Criador de revista**

No ano de 1917, passou a residir em Caçapava e ali fundou a revista *Paraíba*, que teve doze números publicados. Entre seus colaboradores, figuram Coelho Neto, Olavo Bilac, Cassiano Ricardo e outros intelectuais.

Em seguida, comprou a *Revista do Brasil*, de cunho evidentemente nacionalista, e tornando-se seu editor, onde também publicava seus artigos. A revista foi convertida em importante núcleo de defesa da cultura nacional.

### **Inventor de mitos**

Talvez a maior contribuição de Monteiro Lobato para o pensamento brasileiro foi a criação do personagem “Jeca Tatu”. O brasileiro típico é o caipira, cuja indolência deriva da falta de educação de qualidade e de cuidados nutricionais e higiênicos, algo que explicaria o atraso da lavoura nacional.

O “Jeca Tatu” motiva a indústria farmacêutica ao impulsionar o Biotônico Fontoura, que combateria a verminose, fator que justificaria a apatia do brasileiro da roça. O mito foi mencionado por Rui Barbosa, que o citou em discurso na campanha presidencial de 1918 como o típico excluído da fruição dos bens da vida numa Pátria injusta.

Monteiro Lobato logrou obter ainda maior fama em virtude dessa figura e alguns entenderam fiel a descrição; outros a consideraram exagerada. Na quarta edição do livro, Monteiro Lobato pediu desculpas ao homem do interior.

### **O falido**

Em virtude da Revolução de 1924, muito pouco estudada no Brasil, talvez porque 1932 despertou maior atenção, Monteiro Lobato faliu com sua Editora “Monteiro Lobato”. Teve de liquidar todo o patrimônio restante, até familiar, para honrar suas dívidas. Posteriormente, em sociedade com Otales Marcondes, fundou a “Companhia Editora Nacional” para imprimir livros didáticos. Radicou-se no Rio de Janeiro.

Em carta a Heitor de Moraes, escrita no Rio em 16.10.1925, dizia: “Meu caro Heitor: só estou arrependido de uma coisa: não ter falido há mais tempo. Tenho a impressão de que voltei, depois de longo exílio numa Itália híbrida, à minha terra natal. O Rio é único e vale a pena falir para cair neste mangue encantado. Tenho um sonho: ganhar dinheiro para construir uma casa em Águas Férreas, ali pelo meio da Rua Cosme Velho. É, positivamente, um encanto! Reúne toda a beleza de Santa Tereza e Tijuca sem as desvantagens desses dois paraísos. Meu medo era que Purezinha não se ajeitasse para cá, amiga do borralho como é. Veio nervosíssima, magra, arrenegando e jurando que não aceitaria nunca a nova terra. Pois em tão poucos dias já esta mudada, está outra e vai acariocando-se rapidamente”<sup>4</sup>.

### **O defensor do petróleo**

Sua luta pelo petróleo foi reconhecida por Washington Luís, que o nomeou, em 1927, adido cultural do Brasil nos Estados Unidos. Impressionou-se com a pujança da indústria americana e quis que o Brasil também progredisse. Afinal, tanto os Estados Unidos como o Brasil começaram a ser colonizados na mesma época, início do século XVI.

Retorna ao Brasil em 1931 e publica suas impressões de viagem no livro *América*. Foi então que fundou uma empresa brasileira para explorar petróleo e ferro. Propagou sua ideia em conferências pelo Brasil todo, insistindo em que o Brasil possuía petróleo, embora técnicos estrangeiros afirmassem que não.

Era evidente que as aspirações de Lobato contrariavam os interesses americanos. A “Itabira Iron” não queria perder o monopólio do ferro brasileiro e pressionava o governo a lhe garantir o privilégio. Em defesa de sua tese, Lobato publicou em 1936 o livro *O Escândalo do Petróleo e do Ferro*.

---

<sup>4</sup> LOBATO, Monteiro. *Cartas Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1964, p. 184-185.

Em 1941, a ditadura Vargas fez com que, a pretexto de atacar o Conselho Nacional de Petróleo, Monteiro Lobato fosse condenado pelo Tribunal de Segurança Nacional a seis meses de prisão.

Durante sua prisão, recebeu a visita de uma juvenzinha corajosa, que estudava Direito no Largo de São Francisco e estava indignada com a prisão do escritor e patriota. Era Lygia Fagundes Telles. Ela narra essa visita com emoção, pois, no dia 19 de abril daquele ano, era surpreendida em sua casa pela chegada de Monteiro Lobato, com um ramalhete de flores.

### **O nacionalista/patriota**

Não seria necessário enfatizar que Monteiro Lobato foi um paradigma do patriotismo. É o que deflui de sua obra multifária. Seja na ficção, nos romances, nos contos, mas também nos ensaios e outros livros alentados, de questões candentes, com enfoque social, político e econômico, seja na literatura infantil e na epistolografia, nas crônicas e artigos esparsos, tudo impregnado de um intenso amor ao Brasil. Enfrentou miríades de questões tormentosas e se propôs a mostrar caminhos rumo à edificação de um outro e melhor País. Basta, para exemplificar, a leitura de *Negrinha* (1920), *A onda verde* (1921) e *O macaco que se fez homem* (1923).

### **O exilado**

A perseguição política fez com que Monteiro Lobato se transferisse para a Argentina, onde permaneceu por um ano. Em 1947, regressou ao Brasil.

Faleceu em São Paulo, no dia 5 de julho de 1948, de problemas cardíacos. O dia 18 de abril, o seu aniversário, foi reservado à celebração do “Dia Nacional do Livro Infantil”.

### **O acadêmico**

Monteiro Lobato foi acadêmico da Academia Paulista de Letras. Ocupou a Cadeira 39. Foi antecedido por Pedro de Toledo e sucedido por José Geraldo Vieira. Entretanto, não pertenceu à Academia

Brasileira de Letras, assim como Clarice Lispector e Carlos Drummond de Andrade.

Consta que foi Menotti Del Picchia quem o dissuadiu de aceitar o convite para integrar a “Casa de Machado”. Indagou-lhe: “Você tem coragem de entrar numa instituição que recebeu Getúlio Vargas?”. Então Lobato declinou e não se tornou acadêmico da Brasileira.

### **O aquarelista**

Belas aquarelas foram produzidas por Monteiro Lobato. Embora ele seja mais conhecido como escritor, confessa em: “No fundo, não sou literato, sou pintor. Nasci pintor, mas como nunca peguei nos pincéis a sério (...) arranjei, sem nenhuma premeditação, este derivativo de literatura, e nada mais tenho feito senão pintar com palavras.”<sup>5</sup>.

Recentemente, a UNICAMP instalou uma exposição de aquarelas de Monteiro Lobato, contando com o auxílio prestativo e obsequioso do acadêmico José de Souza Martins.

### **O despertador do Brasil surdo**

Como a quase totalidade dos mortais, Lobato sofreu vicissitudes e infaustos de toda ordem: familiares, econômicos, políticos, sociais. Mas também colheu glórias, precário galardão que o olvido faz esmaecer. Testemunhos de quem com ele conviveu podem servir para interessar a mocidade a se debruçar sobre sua fabulosa, incomensurável obra.

Ao fazer um retrospecto sobre a São Paulo literária dos anos 20, Menotti Del Picchia assim se manifesta: “Lobato dominava, irônico e esfuziante, o campo da prosa. O formidável escritor criava o próprio monumento como pioneiro de três campanhas básicas para a independência nacional: a do Petróleo, a do Ferro e a do Livro. Não sei de brasileiro com maiores méritos, no Brasil posterior a Mauá, que esse estranho fidalgo-católico, neto de barões com ares de Jeca hipercivilizado, miúdo e estridente, urrando com fôlego de Polifemo para acordar um país de surdos e retardados que dormia “em berço

---

<sup>5</sup> LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1944, p. 163.

esplêndido” sobre as reservas intangidas das suas jazidas de óleo, ferro, manganês e outros minérios preciosos”<sup>6</sup>.

### **Na visão contemporânea: o educador**

Lobato foi um educador. A missão imprescindível para um Brasil de iletrados é a de quem leve a educação a sério. Para Gabriel Chalita, igualmente educador, “Monteiro Lobato foi a ponte entre o educador baiano Anísio Teixeira e o educador paulista Fernando de Azevedo.”<sup>7</sup>. E continua: “Lobato cria um universo ficcional que educa sem se preocupar com questões especificamente pedagógicas. Desconstrói a dualidade escola e família. A aprendizagem se daria em todos os locais. Desmonta qualquer conceito de homogeneização do processo de ensino e aprendizagem; basta ver as características tão variadas de seus personagens que convivem, brigam, resolvem as próprias brigas e, sobretudo, aprendem a arte de viver, de conviver, de conhecer e de fazer.”<sup>8</sup>.

### **O profeta**

Monteiro Lobato vaticinou muitas coisas que aconteceriam no Brasil e no mundo. Talvez a mais emblemática dentre elas tenha sido o livro *O Presidente Negro*, pensando nos Estados Unidos e prevendo que um dia Barack Obama presidiria o Executivo da grande e hegemônica Democracia do Norte.

Visionário, ainda hoje sua obra repercute na consciência brasileira e é motivo de reconhecimento de que também no Brasil florescem inteligências singulares, excepcionais, que nada ficam a dever àquelas que surgem no Primeiro Mundo.

Em síntese, quantos os qualificativos que podem adornar a fascinante e complexa figura de Monteiro Lobato? Num passeio

---

<sup>6</sup> DEL PICCHIA, Menotti. *A longa viagem*. São Paulo: Martins, 1972, p. 110-111.

<sup>7</sup> CHALITA, Gabriel. *Monteiro Lobato, pintor de palavras*. São Paulo: IMESP, 2021, p. 50.

<sup>8</sup> CHALITA, Gabriel. Op. cit., idem, p. 52.

descompromissado por sua ubérrima aventura existencial, conseguiu-se mais do que trinta. Infindáveis outros poderiam ser aplicados. E ainda faltaria muito para um redesenho fiel à personalidade do paulista e brasileiro que é um testemunho da vocação de perfectibilidade da criatura racional.

Mais estudos sobre Monteiro Lobato, sobre seus personagens, sobre seu patriotismo autêntico, devem ser realizados e estimulados. Reproduzir, em criação artístico-literária a trajetória de gênios, ajuda a convencer a nós, os normais, que a genialidade surge em todos os quadrantes deste cada vez menor e mais complexo planeta Terra.



## CAPÍTULO I - A industrialização do Brasil ameaçada pelos “sicários do jornalismo” e a reação de Lobato<sup>9</sup>

Vanete Santana-Dezmann

### Introdução

As primeiras três décadas do século XX foram decisivas para o desenvolvimento - ou atraso - em termos globais. Qualquer nação que pretendesse oferecer a sua população condições apropriadas de vida, com saneamento básico, minimizando os problemas no âmbito da Saúde, e universalização da Educação - ambos dependentes do desenvolvimento econômico -, precisava aderir ao desenvolvimento industrial, o que equivalia à necessidade de conseguir em escala industrial o combustível que aquecia as caldeiras de beneficiamento do ferro - o coque, tão difícil de ser obtido. Nesse contexto, estar em posse de uma técnica que minimizasse a quantidade de coque necessária ao processo de beneficiamento do ferro significava estar livre para crescer sem limites. Ter conhecimento dessa técnica “milagrosa” e possibilidade de acessá-la era passaporte para a solução de todos os problemas cuja solução dependesse de recursos econômicos. Estar a um passo de alcançá-la e ver a oportunidade ser desperdiçada por

---

<sup>9</sup> O conteúdo deste artigo resulta de pesquisa realizada como pesquisadora colaboradora no Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP). Aproveito para agradecer à Taís Diniz Martins, que compartilhou comigo as referências aos artigos do jornal *Diário da Noite*, a carta de Rubem Braga e o livro de Mota Assunção, e ao Paulo Massey, que compartilhou comigo a informação de que as cartas de Lobato a Neiva que fazem parte do acervo da Biblioteca da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro se encontram anexadas à tese de Emerson Tin, “Em busca do ‘Lobato das cartas’: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários”, defendida na Universidade Estadual de Campinas em 2007.

quem poderia recebê-la gratuitamente e utilizá-la certamente exasperaria a quem desejasse o melhor para sua nação. Tal experiência foi vivenciada por Monteiro Lobato no final dos anos 20 do século passado, ensejando uma série de críticas ao Brasil e aos detentores do poder desferida pelo adido comercial do Brasil nos Estados Unidos. Não à toa acabaria preso na década de quarenta. Em sua correspondência com Arthur Neiva, Lobato mostra o papel desempenhado pela imprensa da época, sendo corroborado, sobretudo, por seu contemporâneo Mota Assunção.

## 1. A industrialização do Brasil a um passo

No século XVIII, a forma de produção conheceu avanços até então inauditos. Esta primeira Revolução Industrial, que se registrou na Inglaterra, deu-se devido ao desenvolvimento tecnológico que possibilitou a fabricação de aço, processo no qual o carvão mineral era imprescindível. Nas regiões industriais onde se localizavam reservas de carvão mineral, ferramentas e equipamentos fabricados com aço passaram a substituir a tração animal e a energia hídrica pela energia mecânica e as transformações ocorridas no setor produtivo dessas regiões implicaram transformações no âmbito social que mudaram para sempre a forma de vida e relações sociais. De acordo com Jair Carlos Koppe e João Felipe C. L. Costa, “Por razões naturais associadas ao estabelecimento de melhores condições de vida para o ser humano, este período foi marcado por um rápido crescimento populacional. Países detentores de reservas naturais de minério de ferro e carvão tiveram um poder econômico e político sem igual na sua história.”<sup>10</sup>.

Enquanto a revolução industrial seguia “a todo vapor”, gerado pelos fornos alimentados pelo coque – combustível derivado do carvão betuminoso (hulha), uma variedade de carvão mineral –, descobriu-se no Brasil uma reserva do precioso mineral:

---

<sup>10</sup> SCHNEIDER, 2008, p. 40.

Em 1822, a notícia da descoberta de carvão mineral em Santa Catarina levou autoridades da corte imperial a empreender várias missões de pesquisadores e cientistas à região sul de Santa Catarina. Concluiu-se à época que o carvão mineral encontrado por tropeiros que trilhavam a chamada Serra do Rio do Rastro (então Serra do 12), em Santa Catarina, era de boa qualidade. Isto foi decisivo para atrair investimentos na atividade de mineração de carvão nesta região, o que levou a estudos para a caracterização do minério e da sua viabilidade econômica a partir de amostras enviadas ao continente Europeu. Tal fato levou o Visconde de Barbacena a empreender, em 1876, a primeira tentativa de exploração comercial de carvão mineral no Município de Lauro Müller. Nesta ocasião, foram introduzidos os primeiros conceitos e técnicas empregados na mineração praticada no Velho Continente.<sup>11</sup>

A descoberta de carvão mineral no Brasil coincide, portanto, com a proclamação da independência política em relação a Portugal e sua lavra em escala industrial, meio século depois, contou com a iniciativa de um empreendedor brasileiro, o Visconde de Barbacena, e tecnologia europeia.

Passadas três décadas da empreitada do Visconde de Barbacena, já dentro do sistema republicano, constatamos o envolvimento estrangeiro – por meio do pesquisador norte-americano Israel C. White, convidado do governo brasileiro – nos assuntos relacionados à lavra do carvão mineral em solo nacional. Foi nesta ocasião que o governo federal criou a Comissão de Estudos das Minas de Carvão de Pedra no Brasil. Até meados do século XX, porém, o empreendimento de lavar a hulha, extrair o coque e colocá-lo para aquecer as caldeiras que possibilitariam o beneficiamento do ferro (separação do mineral ferro dos demais sedimentos que compõem a rocha em estado natural), obtendo-se o ferro gusa (matéria prima do aço, que, por sua vez, é a matéria prima da indústria siderúrgica) não havia alcançado sucesso no Brasil.

---

<sup>11</sup> SCHNEIDER, *idem*, p. 40.

No início do século XX, a fim de acelerar a indústria do carvão, o Governo Brasileiro criou a “Comissão de Estudos das Minas de Carvão de Pedra no Brasil”, cujos trabalhos foram confiados ao geólogo do estado de West Virginia (USA), Dr. Israel C. White. No período compreendido entre julho de 1904 e fevereiro de 1906, White produziu um vastíssimo acervo de dados sobre a estratigrafia e paleontologia da bacia do Paraná, assim como dos carvões sul-brasileiros. Estes estudos foram condensados em um monumental relatório sobre a geologia local, propondo a clássica coluna estratigráfica do Gondwana mundial, hoje conhecida como Coluna White.<sup>12</sup>

O início, porém, desse importante negócio envolveu mais do que um pesquisador estrangeiro; envolveu uma empresa britânica: “A lavra de carvão em Santa Catarina teve início no final do século XIX conduzida por empresa de origem britânica. Dada a baixa qualidade do produto, o desenvolvimento da indústria não foi expressivo.”<sup>13</sup>

Enquanto o desenvolvimento na direção da industrialização do Brasil começava a “engatinhar”, a Europa e Estados Unidos experimentavam a II Revolução Industrial, marcada pela produção em série, implantação de linhas de montagem e profissionalização e especialização da mão de obra. No início do século XX, os automóveis ganham as ruas e o fordismo incrementa a capacidade de produção industrial a nível sem precedente. O envolvimento da Inglaterra na I Guerra Mundial e a crescente demanda por carvão geraram a necessidade de incremento da lavra de hulha em outras regiões do mundo. Foi assim que o Brasil teve a oportunidade de aumentar sua produção por meio da ação de empresas privadas brasileiras - a Companhia Carbonífera Urussanga, fundada em 1918, e a Companhia Carbonífera Próspera, fundada em 1921, são alguns exemplos -, chegando à fundação de uma grande estatal em meados do século XX.

---

<sup>12</sup> SCHNEIDER, *idem*, p. 40.

<sup>13</sup> KOPPE; COSTA, 2008, p. 25.

Várias tentativas para consolidar a exploração do carvão local aos padrões internacionais foram tentadas, como em 1914, com a eclosão da 1ª Guerra Mundial, bem como em 1941, em plena 2ª Guerra Mundial, com a criação da Companhia Siderúrgica Nacional [consolidada em 1946?], em Volta Redonda. Em 1954 foi criado o “Plano Nacional do Carvão”...<sup>14</sup>

A siderurgia nacional e a implantação da indústria de base no Brasil, desde seu nascedouro, sob o Governo de Getúlio Vargas, era dependente da importação do aço pronto ou do ferro gusa ou, preferencialmente, do coque ou, ao menos, da hulha<sup>15</sup>. Sem hulha, não se podia obter coque e, sem coque, não se podia beneficiar o ferro das reservas brasileiras para a obtenção do aço, que moveria a indústria de base. Sem indústria de base, o Brasil continuaria tendo que importar o maquinário necessário à produção dos bens de consumo ou os próprios bens de consumo já manufaturados no exterior, enquanto exportava o minério de ferro em estado bruto. As importações eram feitas a preços elevados e a exportação a preços ínfimos. Em síntese, sem coque, mesmo tendo reservas de ferro e mesmo vindo a ter fábricas, o Brasil continuaria refém da importação e, a população brasileira, privada dos benefícios que as duas revoluções industriais já proporcionavam à Europa e aos Estados Unidos.

De acordo com Christian Bogmans e Claire Mengyi Li<sup>16</sup>, o período de maior consumo de hulha se deu entre 1906 e 1934, com o ápice em 1930, conforme demonstram com o gráfico abaixo.

---

<sup>14</sup> SCHNEIDER, 2008, p. 41.

<sup>15</sup> A importação da hulha ou carvão betuminoso ou carvão negro (um tipo de carvão mineral) era, na prática, proibida e assim permaneceu até o Governo de Fernando Collor de Melo: “O governo Collor acabou com a obrigatoriedade do consumo de carvão metalúrgico nacional e quase todas as velhas mineradoras fecharam.” (CHAVES, 2008, p. 14.).

<sup>16</sup> BOGMANS; LI, 2024.



A participação do Brasil na lavra do carvão utilizado no setor industrial ao longo do século XX foi ínfima, pois, de acordo com Arthur Chaves<sup>17</sup>, desde o início, o Brasil enfrentou uma lista de problemas nesse setor: os poucos empresários do setor se mantiveram não graças à sua competitividade, mas devido ao incentivo do governo federal; seus principais clientes eram empresas estatais, que não tinham liberdade de importar o carvão metalúrgico de que necessitavam, o que eliminava os benefícios da concorrência; o preço e os parâmetros de qualidade eram estabelecidos pelo próprio governo federal; o carvão de boa e de má qualidade tinham o mesmo preço, desestimulando-se a preocupação com a qualidade, e, por fim, a hulha extraída no Brasil tem alto teor de cinza, o que a torna mais seca e de baixa aplicabilidade na obtenção do coque.

A importância do coque para a industrialização, somada a sua escassez no Brasil, justificam a empolgação de Monteiro Lobato, adido comercial do Brasil nos Estados Unidos entre 1927 e 1930, quando, imediatamente após sua chegada ao posto de trabalho, William Smith, responsável pelo setor siderúrgico da Ford Motor desde o início do século, oferece a Lobato gratuitamente (sem cobrança de royalties) o acesso à técnica que desenvolvera de separação magnética entre o ferro e os demais sedimentos da rocha de ferro. Tal oferta se estendia para

<sup>17</sup> CHAVES, 2008, p. 14.

além da descrição completa do processo e do fornecimento de todos os esquemas de fabricação do forno leve e portátil empregado no processo; contemplava também o treinamento de técnicos brasileiros, que deveriam ser enviados à Ford Motor para um estágio de formação. Ficamos sabendo desse “negócio da China” por meio de uma carta enviada por Lobato a Arthur Neiva, datada de 09 de setembro de 1927.

Ao elencar algumas das relevantes contribuições de Arthur Neiva (1880-1943) para o Brasil, a Fundação Oswaldo Cruz (Fio Cruz) destaca que ele trabalhou na Inspetoria de Profilaxia da Febre Amarela quando ainda era estudante, auxiliando na campanha de erradicação do mosquito transmissor da doença promovida por Oswaldo Cruz em 1903. Realizou, também, importantes estudos em Manguinhos e pesquisas nos EUA e Europa, destacando-se no estudo da doença de Chagas e “broca do café” – graças à erradicação desta praga que afetava as plantações de café, promovida pelas pesquisas de Neiva, o desenvolvimento da agricultura cafeeira e seus importantes desdobramentos, principalmente no âmbito econômico e social, foram possíveis. No setor administrativo, chefiou a campanha de saúde na abertura da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil; foi responsável pela instalação da Seção de Zoologia Médica do Instituto de Bacteriologia de Buenos Aires; incentivou a criação do Horto Oswaldo Cruz (destinado ao cultivo de plantas medicinais brasileiras e incorporado ao Instituto Butantan em 1918) e dirigiu o Museu Nacional da Quinta da Boa Vista (1923-1927) e o Instituto Biológico do Estado de São Paulo (1927-1933). Ao sintetizar sua importância, a Fio Cruz afirma que Neiva é um dos principais cientistas brasileiros entre os internacionalmente reconhecidos. Devemos acrescentar que, na década de vinte do século passado, Neiva realizou pesquisa sobre saneamento básico no Japão, Noruega, Haváí, Filipinas e Estados Unidos com financiamento da Fundação Rockefeller.

O contato entre Neiva e Lobato foi ensejado – de acordo com o que a correspondência entre ambos permite concluir – pela leitura e comentários recíprocos dos artigos que ambos publicavam no jornal O

Estado de São Paulo no início do século passado e girou, inicialmente, em torno dos problemas de saúde pública e falta de saneamento enfrentados pelo Brasil. Com o passar do tempo, tais temas foram expandidos para os problemas nacionais em geral, com destaque para o apontamento, por parte de Lobato, da colonização portuguesa como origem de todos os males. A influência portuguesa sobre a formação do Brasil teria tornado a economia brasileira dependente do mercado externo e alimentado na classe dirigente a “cultura dos bacharéis” e a incapacidade de enxergar aos reais problemas da população. Como a correspondência se inicia em 1918 e se estende até o fim da vida de Neiva, é possível acompanhar o amadurecimento das discussões e o incremento da confiança e proximidade entre eles. Isso pode ser bem percebido nas cartas em que Lobato apresenta em detalhes suas realizações no mercado editorial e na prospecção de petróleo, ao ponto de citar com precisão cifras despendidas e auferidas em seus negócios. É a partir da mudança de Lobato para Nova Iorque que este demonstra mais confiança em Neiva, ao ponto de tratar com ele o que poderia ser classificado como “segredo de estado”: a já referida oferta de Mr. Smith. Antes da mudança, Lobato havia morado no Rio de Janeiro, onde Neiva também residia na mesma época. Um eventual contato pessoal entre ambos pode justificar os comentários de Lobato sobre sua atuação como adido comercial nos Estados Unidos e sua quase obsessão – perfeitamente justificada pela importância do ferro gusa – pela possibilidade de obtenção da tecnologia de separação magnética do ferro (Técnica Smith). O tema geral que perpassa as cartas de Lobato sobre os problemas nacionais é a importância da ciência para o desenvolvimento do Brasil e solução de seus problemas: “Paiz sem sciencia, hoje, é paiz derrotado.”<sup>18</sup> e “É do que está morrendo o Brasil – falta de sciencia. Falta de sciencia numa epoca em que a sciencia, como vejo aqui, é TUDO.”<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> Carta a Neiva de 20 de junho de 1929. LOBATO, apud TIN, 2007, p. 478.

<sup>19</sup> Carta a Neiva de 28 de agosto de 1929. LOBATO, idem, p. 479.

Foi a proximidade que se desenvolveu gradualmente entre ambos com o passar dos anos que conferiu a Lobato a liberdade de demonstrar a Neiva toda sua exasperação quando toma conhecimento da nota publicada pelo jornal *O Estado de São Paulo* sobre a Técnica Smith e a possibilidade de o Brasil vir a adquiri-la sem o pagamento de *royalties* – o que seria uma grande contribuição de Lobato ao desenvolvimento da siderurgia nacional, com todas suas positivas consequências. “Quando vi no Estado a nota a respeito do processo Smith, confesso que esfriei. ‘Temos encrenca,’ pensei commigo.”, escreve Lobato em 10 de abril de 1928<sup>20</sup> em carta que inicia dirigindo um sonoro “Bem feito!” a Neiva, diante, provavelmente, da reclamação de Neiva de que a imprensa brasileira teria ridicularizado o engenheiro da Ford.

## 2. “Os sicários do jornalismo” e suas *fake news*

É na própria correspondência com Neiva que, em carta datada de 20 de junho de 1929<sup>21</sup>, Lobato relata uma flagrante *fake news* – mentira, em seu “bom português” – da imprensa brasileira e questiona o que levaria um “jornal sério como o Estado [de São Paulo]” a publicar uma invenção como aquela. Relata, então, como jornais dos Estados Unidos ridicularizaram publicamente os “exageros da imprensa do Brasil”. Conclui, por fim, que a imprensa, juntamente com outros *players*, trai o Brasil:

Estou de cara á banda com os telegrammas lidos no Estado a proposito da “recepção que Miss Brasil teve em New York”. Que cynismo de mystificação. Nunca julguei possivel que mentiralha jornalística pudesse chegar a taes extremos. Tudo mentira, meu amigo; tudo inventado para tapear o touxa do brasileiro. Não houve nada. Só houve um tremendo desastre. A menina vestiu sua calcinha

---

<sup>20</sup> LOBATO, idem, p. 471.

<sup>21</sup> LOBATO, idem, p. 478.

de banho em Galveston, alinhada com 40 outras e... foi desclassificada. Não obtive nenhum dos onze premios concedidos. Porque um jornal serio como o Estado não investiga isto? Porque não toma contas aos que tão deslavadamente o empulharam? Bastaria pedir a essa gente que apresentassem os jornaes americanos que deram noticias das maravilhosas festas que elles descrevem. Não houve um, porque não poderiam dar noticia do que não houve. A coisa chegou a ponto que o Time, uma revista weekly, publicou uma nota ironica a respeito dos exageros da imprensa do Brasil. Se encontrar ainda essa nota vou lhe mandar. Pobre Brasil. Como o trahem de todos os lados. Como fazem delle gato e sapato...<sup>22</sup>

Em carta anterior, a já citada carta de 28 de abril de 1928, Lobato revelara a Neiva que seu próprio nome esteve arrolado entre as mentiras propaladas pela imprensa:

É tão mesquinha a nossa imprensa que já appareceram naquelles piolhentos jornaes do Rio varias coisas attribuidas a mim, opiniões, phrases, etc - que eu nunca tive nem comuniquei a ninguem. Até em telegramma já vi uma opinião minha sobre o Instituto do Café, instituição da qual estou virgem de idéas.<sup>23</sup>

O choque entre Lobato e a imprensa parece ter sido bem nítido na época e - a julgar pela quantidade de matérias críticas a Lobato publicadas na década seguinte - estendeu-se por anos, revelando um boicote de parte imprensa aos empreendimentos de Lobato no setor literário, com vistas a, conforme alerta Rubem Braga (em carta abaixo reproduzida), prejudicar suas investidas nos demais setores. As quatro matérias a seguir reproduzidas são do jornal carioca *Diário da Noite*, que se apresenta como “Um vespertino que será sempre o arauto das aspirações cariocas”, e mostram como o governo federal, já representado por Getúlio Vargas, é incitado a se posicionar contra Lobato.

---

<sup>22</sup> Carta a Neiva datada de 20 de junho de 1929. LOBATO, *idem*, p. 478.

<sup>23</sup> Carta a Neiva datada de 28 de abril de 1928. LOBATO, *idem*, p. 471.

Primeira matéria: Insultos ao Brasil em uma obra aconselhada às nossas crianças – O Brasil insultado por brasileiros – Um livro do sr. Monteiro Lobato que merece a imediata atenção das autoridades<sup>24</sup>. Diário da Noite – Rio de Janeiro – Anno VIII – No. 2.568 – Sexta-feira, 13 de março de 1936.

A matéria “O Brasil insultado por brasileiros” apresenta críticas feitas por Lobato ao Brasil em tom de descontentamento ao tratar de questões da época. O texto reflete o sentimento de indignação sobre como algumas figuras públicas e intelectuais interpretavam e representavam o país e debate o impacto de suas percepções. O livro *Geografia de Dona Benta*, lançado por Lobato em 1935 é apresentado como exemplo por, de acordo com a matéria, revelar a visão crítica que o autor tinha sobre o Brasil e sua cultura. No livro, Dona Benta ensina geografia às crianças de maneira lúdica, mas com observações que refletem a insatisfação de Lobato com diversos aspectos do país, como o atraso tecnológico e a dependência econômica.



Em regra, é uma calamidade a Literatura Infantil brasileira. Livros dos mais inconvenientes são entregues às crianças ingenuas, com idéas dissolventes, imagens improprias, conceitos amoraes. Muitos autores confundem, de maneira alarmante, os methods pedagogicos, e, visando certos objectivos, conduzem tudo a resultados incriveis. Outros, transpõem para as historias, destinadas a crianças, toda a ironia e malicia que repontam nos seus trabalhos literários.

<sup>24</sup>[https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=221961\\_01&pasta=ano%20193&pesq=%22Monteiro%20Lobato%22&pagfis=25980](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=221961_01&pasta=ano%20193&pesq=%22Monteiro%20Lobato%22&pagfis=25980)

Este é o caso do sr. Monteiro Lobato, por exemplo. Não se pôde deixar de lamentar que um escriptor de tanto talento, ultimamente, consagrado á producção de livros para crianças, tambem se deixe irreflectidamente arrastar para esse terrivel trabalho de envenenamento da alma infantil.

### A "GEOGRAPHIA DE DONA BENTA"

Mais condemnavel ainda é a acção da empresa editora que lança no paiz inteiro, como uma provocação e um escarneio, taes livros.

A Companhia Editora Nacional acaba de publicar, na collecção, que, por ironia, se chama Biblioteca Pedagogica Brasileira, a "Geographia de Dona Benta", livro separatista, crimosamente collocado nas mãos das crianças brasileiras.

Nessa obra incrível, encontramos dialogos como este:

"- E estou vendo tambem dois trens em marcha, um que vem do Rio, e outro que vem de São Paulo...

"- Então feche os olhos antes que se choquem. Essa estrada diverte-se todos os dias em brincar de choque de trens. E federal..."

### MATTO GROSSO, QUINTAL DE S. PAULO

Mais adeante, o espirito separatista, que anima todo o livro, se denuncia claramente: "São Paulo é um pequeno paiz, capaz de viver por si mesmo, bastando-se em tudo a si proprio, Matto Grosso, que fica lá atrás, não passa de uma dependencia d'elle, especie de fundo de quintal."

Não é só isso. Leia e pasmem:

"O verdadeiro S. Paulo compõe-se de S. Paulo, Paraná e Matto Grosso."

Esse livro faz parte da Bibliotheca Pedagogica Brasileira, é aconselhada sua adopção nas escolas, através da Imprensa e até do radio-educativo.

A respeito da capital da Republica, a "Geographia de Dona Benta" não occulta sua belleza natural, que diz ser unica no mundo... por acaso.

A obra do homem, que não é aqui melhor do que a da natureza, não merece a menor referencia.

O Estado do Rio é uma tapéra, cheia de sapé e de saúvas.

Minas "fala fino", só sabe negociar animaes e fazer poltica.  
Bello Horizonte é uma cidade "que dá somno na gente" e só serve para "os que soffrem dos pulmões".  
A capital mineira "não possue industria nem mostra mostra movimento".

### REPRESSÃO NECESSARIA

"Está claro que não podemos transcrever aqui, toda a "Geographia de Dona Benta".

Basta, como panuo [?] de amostra o que ahi fica. A Companhia Fditora Nacional, que lançou esse livro para crianças, deve ser cohibida pelo governo a retiral-o immediatamente da circulação.

Muitas professoras dedicadas costumam arrancar, nas escolas, varias paginas de livros perniciosos, que a inconsciencia dos nossos falsos technicos em materia de ensino e de educação mandam adoptar.

Em relação, porém, ao do sr. Monteiro Lobato, seria necessario supprimir o Brasil de sua espantosa geographia para crianças. Em quinto, nelle são elevados, exaltados, engrandecidos todos os paizes, so o Brasil é reprimido e achincalhado pelo espirito separatista que o inspirou.

Chamamos para esse livro a attenção dos nossos chefes militares, da mocidade das escolas de guerra, dos patriotas, das associações civicas. Elle é um symptoma alarmante da desagregação subterranea do Brasil.

Segunda matéria: Propaganda criminosa<sup>25</sup> - Diário da Noite - Rio de Janeiro - Anno VIII - No. 2.569 - Sabbado, 14 de março de 1936.

A matéria "Propaganda criminosa" apresenta as atividades de Lobato referidas pelo jornalista como subversivas ou, mesmo, contrárias à ordem pública da época. O texto critica a disseminação de ideias que considera perigosas, ao, ainda de acordo com a matéria, promover atitudes ilegais ou incitar a violência, e conclama as autoridades competentes ou a população civil a evitar esse tal tipo de "propaganda".

---

<sup>25</sup>[https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=221961\\_01&pasta=a no%20193&pesq=%22Monteiro%20Lobato%22&pagfis=25998](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=221961_01&pasta=a no%20193&pesq=%22Monteiro%20Lobato%22&pagfis=25998)



### PROPAGANDA CRIMINOSA

Provocou natural indignação publica e vivos protestos nos meios culturaes, a reportagem que publicamos a respeito do livro do sr. Monteiro Lobato Geographia de Dona Benta crimosamente lançado pela Companhia Editora Nacional, em sua "Bibliotheca Pedagogica Brasileira".

Raras vezes se terá exhibido prova tão grave da anarchia reinante na nossa literatura infantil. O governo deveria, deante della, armar de poderes excepcionaes o ministro da Educação para impedir ultrajes tamanhos à dignidade do ensino publico.

O sr. Gustavo Capanema está precisamente neste momento empenhado na producção de bons livros para crianças. Mas não basta. É preciso destruir os maos.

A Companhia Editora Nacional, acumpliciando-se do sr. Monteiro Lobato na propaganda do separatismo dentro das escolas primarias, perdeu por completo a idoneidade moral para publicar livros infantis.

Na "Geographia de Dona Benta", a exaltação da grandeza de São Paulo é feita á custa do achincalhe de outros Estados, da desmoralização do governo federal, da incorporação ao Estado bandeirante de Matto Grosso, Paraná e Santa Catharina. Minas é tratada com irreverencia e ironia. As nossas leis de ensino deveriam punir de maneira sevéra attentados dessa ordem. Como poderá a Companhia Editora Nacional, depois do que acaba de ser apurado, continuar a editar livros para crianças?

Além da repulsa publica, deveria existir um meio de responsabilizal-a, com o autor do livro, pelo crime praticado.

Terceira matéria: Desagregação subterranea do Brasil - A confissão do sr. Monteiro Lobato - Dona Benta prega o separatismo e a queima do governo<sup>26</sup> - Diário da Noite - Rio de Janeiro - Anno VIII - No. 2.580 - Sexta-feira, 27 de março de 1936.

A matéria “Desagregação subterranea do Brasil - A confissão do sr. Monteiro Lobato - Dona Benta prega o separatismo e a queima do governo” é mais uma da sequencia publicada pelo jornal *Diário da Noite* e inova na tática de agressão ao apresentada na página policial, com a foto de Lobato entre a de um homem que tentou o suicídio e outro que atentou contra a vida da própria irmã.

Ao notar como a imprensa incitava o governo federal e a população contra Lobato, não é de surpreender que sua prisão acabaria por ser decretada. As cartas enviadas por Lobato a Vargas, frequentemente citadas como motivo da prisão, constituíram apenas o pretexto de que Vargas carecia.



O sr. Monteiro Lobato errou a vocação, ao mudar de genero literario. Não deveria nunca escrever livres para crianças, mas pamphletos.

Possue o autor de "Jéca Tatú" o genio da demolição e da caricatura. Sua "Geographia de d. Benta" é veneno puro, instillado na alma infantil, desde o banco das escolas. O autor de "Jéca Tatú" espalha o desanimo, faz "meetings" contra o governo, resume a Brasil em S.

<sup>26</sup>[https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=221961\\_01&pasta=ano%201936&pesq=%22Monteiro%20Lobato%22&pagfis=26169](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=221961_01&pasta=ano%201936&pesq=%22Monteiro%20Lobato%22&pagfis=26169)

Paulo, procura ridicularizar os outros Estados, faz humorismo [ilegível], e, no fim, em sua resposta aos nossos commentarios, com uma bravura digna de elogios, afirma que é isso mesmo que devemos ensinar ás crianças, e mais alguma coisa.

### A CONFISSÃO DO CRIME

No seu artigo, o sr. Monteiro Lobato, tratando dos seus propositos de desmoralizar os serviços federaes nas escolas publicas, repete que a Central do Brasil não vale nada porque não é estrada paulista. Na S. Paulo Railway e na Paulista não há lembrança de desastres, desde a Monarchia.

Não vemos razão para debater, em livro destinado a crianças, assumptos dessa ordem. Mas ao sr. Monteiro Lobato

Não vemos razão para debater, em livro destinado a crianças, assumptos dessa ordem. Mas ao sr. Monteiro Lobato pôde-se dizer que o trafego dessas duas estradas reunidas não dá um terço do movimento de trens da Central.

O autor da "Geographia de d. Benta" tambem reafirma que Matto Grosso não passa de fundo de quintal de S. Paulo: "Mas Matto Grosso é, de facto, uma especie de fundo de quintal de S. Paulo".

E accrescenta que a "Geographia de d. Benta", nesse ponto, está até errada: "O verdadeiro S. Paulo não comprehende só S. Paulo, Paraná e Matto Grosso, mas tambem o Triangulo Mineiro".

Depois de confessar que já foi separatista e que não o é mais, o senhor Monteiro Lobato escreve, agora, esclarecendo melhor as idéas de d. Benta: "Entre S. Paulo e o Ama- zonas ou o Pará, por exemplo, não existe ligação geographica nenhuma, nem interdependencia economica".

Eis um argumento em favor do separatismo, com que mais uma vez se tráe o sr. Monteiro Lobato.

Alliás, um pouco adeante, deparámos com este expressivo periodo: "Esta questão de separatismo e bom que seja esclarecida. Tenho para mim que o separatismo é uma idéa tão defensavel como o unionismo."

O facto é que o sr. Monteiro Lobato continúa a reivindicar a posse de outros Estados para S. Pauto. Na "Geographia de Dona Berta", encontramos mais este commentario mettido na cabeça das crianças: "O Paraná é um Estado paulista, isto é, que está na orbita de S. Paulo, como Santa Catharina está na orbita do Rio Grande. Os

paulistas colonizaram, e tempo houve em que seu territorio fazia parte de São Paulo."

## ATAQUES AO GOVERNO

O sr. Monteiro Lobato não quer, positivamente, ensinar, mas fazer pilheria e fazer politica á custa das crianças. São mais de commentarios do que exposições os seus livros.

A respeito do petróleo, Dona Benta não sabe se, uma vez descoberto, conseguiremos explorá-lo:

- "Não sei, minha filha. É capaz, quando vier o petroleo, que o governo metta nelle o nariz - e, se acontecer isso babáú! Foi assim com o Café. Era a maior riqueza de São Paulo e do Brasil. Um dia, o governo entendeu de "protegel-o". Resultado: o café levou a bréca, e os fazendeiros andam na miseria, cobertos de dividas. O governo queima o café, que elles produzem.

- Como queima?

- Queimando. Não está vendo o céu toldado de fumaça em varios pontos do Estado? Pois são as enormes fogueiras onde o governo queima o café que os fazendeiros produzem. Os coitados têm a trabalhadeira de manter a lavoura, no limpo, combater a bróca, colher o café, puxal-o, secal-o, benefical-o nas machinas, ensacal-o, pezal-o, despachal-o pela estrada de ferro. Depois de tudo isso feito, o governo pega-o e queima-o. Já queimou 35 milhões de sacas, ou uma pilha de 40x40 metros, muito mais alta do que o Pão de Assucar, que o maior arranha-céu dos Estados Unidos, e que a Torre Eiffel, de Paris.

- E por que os fazendeiros não queimam esse governo?

- De medo que venha um ainda peor - um que além de queimar camfé [sic] queime tambem fazendeiros. Este dialogo está illustrado com uma immensa fogueira de café.

## "HISTORIA DAS INVENÇÕES"

Mas não é só esse livro incrível que a Companhia Editora Nacional obteve do sr Monteiro Lobato para entregar ás crianças brasileiras. Na "Historia das Invenções" não se encontram coisas menos alarmantes, como arma de desagregação do Brasil, de desmoralização dos governos.

Mas Isto ficará para outra reportagem.

Parece já fóra de duvida que esses livros, com a insistencia dos seus propositos, obedecem a um plano de propaganda revoltante. As citações aqui feitas deixam ver claramente a intenção do seu autor. Insinua-se o separatismo, discute-se com crianças o transcendente problema do café, procura-se cobrir de ridiculo os outros Estados e dar a Impressão de que o Brasil é só S. Paulo.

Quarta matéria: Negando a gloria de Santos Dumont - Um livro brasileiro, dedicado a crianças, atenta contra o nome e a historia do Brasil - Envenenando o espirito das crianças - A Companhia Editora Nacional e o sr. Monteiro Lobato fazem campanhas dissolventes nas escolas primarias - como se nega a gloria de Santos Dumont - lições erradas<sup>27</sup> - Diário da Noite - Rio de Janeiro - Anno VIII - No. 2.581 - Sabbado, 28 de março de 1936.

Nesta publicação, o *Diário da Noite* dedica a manchete (“Negando a gloria de Santos Dumont”) e o *lead* (Um livro brasileiro, dedicado a crianças, atenta contra o nome e a historia do Brasil) contra Lobato, indicando que ele estaria negando a glória de ninguém menos que Santos Dumont e, ainda na primeira página, destaca o título e subtítulo da matéria aí iniciada: “Envenenando o espirito das crianças - A Companhia Editora Nacional e o sr. Monteiro Lobato fazem campanhas dissolventes nas escolas primarias - como se nega a gloria de Santos Dumont - lições erradas”. O texto, porém, é interrompido, para ser continuado na oitava página, onde novamente um título negativo é destacado: “Envenenando o espirito das crianças”<sup>28</sup>

---

<sup>27</sup>[https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=221961\\_01&pasta=ano%20193&pesq=%22Monteiro%20Lobato%22&pagfis=26184](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=221961_01&pasta=ano%20193&pesq=%22Monteiro%20Lobato%22&pagfis=26184)

<sup>28</sup>[https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=221961\\_01&pasta=ano%20193&pesq=%22Monteiro%20Lobato%22&pagfis=26191](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=221961_01&pasta=ano%20193&pesq=%22Monteiro%20Lobato%22&pagfis=26191)



É difícil conter a natural revolta que se experimenta ao folhear esses livros que a Companhia Editora Nacional, com o prestígio do nome do sr. Monteiro Lobato, vem collocando nas mãos da mocidade brasileira, nas escolas primarias.

Desde a mais tenra idade, as crianças recebem noções perigosas, que se sedimentam na formação de sua intelligencia, de sua vontade, do seu caracter.

As idéas dissolventes, o sentimento separatista, o espirito de indisciplina, de desrespeito ás autoridades, ao governo, e instituições constituem, sem duvida, o (Continuação 8ª. página)





(Conclusão da 1 pagina) peor dos germens lançados no espirito da juventude.

Temos demonstrado aqui que não fazem outra coisa, na sua sombria empreitada, a Companhia Editora Nacional e o sr. Monteiro Lobato.

"Geographia de Dona Benta" um livro de propaganda separatista, que visa apenas exaltar S. Paulo e amesquinhar o resto do Brasil deante desse Estado e do mundo.

Vamos ver, agora, o que se ensina na "Historia das Invenções".

## NEGOCIATAS DO GOVERNO

É realmente preciso que Brasil seja o reino da inconsciencia e da irresponsabilidade para que nas proprias escolas publicas se distribuam e se adoptem livros em que, longe de se instruir, de se educar, só se cuida de demolir, de atacar as instituições, do infiltrar a descrença e a indisciplina no espirito das crianças.

O sr. Monteiro Lobato, que possui o dom da caricatura e da satira, revelados desde "Urupês", escreve livros para crianças, visando desmoralizar tudo.

Na "Historia das Invenções", depois de louvar os pioneiros da descoberta do petroleo, entre os quaes se incluye, e de atacar o que chama a carneirada, o sr. Monteiro Lobato escreve: "Os carneiros gordos. Isto é, os ricos, que herdaram o dinheiro que o pae ganhou, os que se enriqueceram com a valorização das terras (de terras que se valorizaram com o trabalho dos pioneiros) ou com as "grandes negociatas feitas com o governo" esses riem-se dos petroliferos com grande superioridade e negam-lhes qual quer apoio. O governo tambem embaraça os trabalhos de perfuração, porque a função do governo entre nós é essa - embaraçar, crear obstaculos."

Mas isto será materia de ensino publico, ministrado ministrado á custa do governo, nas escolas primarias? Onde andam, em que mundo vivem ou se escondem as nossas autoridades de ensino, directores de instrucção, inspectores, secretarios, que não mandam apprehender taes livros?

Deante de lições dessa ordem, não é possível exigir das crianças que amem a pátria, respeitem a bandeira e cantem o Hymno Nacional.

O livro do sr. Monteiro Lobato continúa, nesse estylo de pamphletario, que elle deveria usar em artigos, em polemicas, em livros para adultos, com a responsabilidade do seu nome, e não insinuando-o occultamente nas escolas publicas, á socapa.

Affirma o seu autor que no dia descobrir petróleo, governo e os ricos "serão os primeiros a avançar nessas riquezas".

### DESMERECENDO A GLORIA DE SANTOS DUMONT

Não param ahy as lições incríveis da "Historia das Invenções".

Até as mais legítimas glorias brasileiras, talvez por que não sejam paulistas, são desmerecidas.

Leia-se que a "Historia das Invenções" consigna a respeito da aviação: "Tambem na America dois homens viviam a estudar o mesmo problema - Os Irmãos Wright; conseguiram voar, ou realizar o primeiro vôo um pouco antes de Santos Dumont.

É incredibile que um brasileiro possa sustentar esse ponto de vista, inteiramente errado, que só interessa á confusão que os norte-americanos procuram crear a respeito da grande descoberta. Os irmãos Wright não conseguiram voar antes de Santos Dumont. Sabe-se mesmo, que o seu primeiro vôo foi conseguido por meio da projecção do aparelho a pequena altura, por uma catapulta, collocada numa elevação artificial do terreno.

Santos Dumont foi, de facto, o primeiro homem que conseguiu voar, isto é erguer, por meios mecanicos, o seu aparelho mais pesado do que o ar do solo e percorrer uma distancia de 80 metros.

### OUTROS ERROS

Embora esse seja o erro mais grave em materia de aviação, não é o unico do livro do sr. Monteiro Lobato.

Para elle, os "zepellins são monstros aéreos feitos de aluminio".

Está errado. São feitos de lona, om pintura prateada, que o sr. Monteiro Lobato tomou por aluminio.

Os aviões, sim, são metálicos, mas não são também de alumínio, que é um metal pesado, mas de dura-alumínio, que é leve.

"Historia das Invenções", além de ser, como a "Geographia de Dona Benta", um livro inciso às crianças, contém erros e desmerece o maior feito de um brasileiro, reconhecido por todo mundo.

Por tudo isso, insistimos por uma providência energética das nossas autoridades em matéria de ensino, e, se estas falharem, da própria mocidade, para impedir que livros impatrióticos como esses continuem entregues à inexperiência das crianças, envenenando-lhes o espírito e o coração.

Por fim, citamos uma carta que demonstra que nem toda a imprensa estava contra Lobato, que, se teve muitos inimigos astutos, também contou com amigos fieis. Na carta, abaixo reproduzida no original e transcrita, o jovem Rubem Braga (1913-1990), então secretário do Jornal da Manhã - o mesmo que publicara *O presidente negro ou o choque das raças* em 1926 - alerta Lobato de que a campanha de desqualificação promovida contra ele pelo jornal Diário da Noite - que vinha publicando críticas a Lobato diariamente - poderia prejudicar seus negócios no setor petrolífero. Braga também coloca seu jornal à disposição de Lobato e lhe pede uma carta em que se defenda, com a intenção de publicá-la.



Rio de Janeiro, 16 de março de 1936<sup>29</sup>

Monteiro Lobato --

Escrevi uma carta e você não respondeu. Então vae outra. Na primeira carta eu punha o Jornal da Manhã á sua disposição para qualquer coisa referente a petroleo-- ou mesmo não referente a petroleo. Pedia tambem alguns colaboração.

Agora acontece que o Diario da Noite aqui do Rio tem feito uma campanha damnada contra você por causa de seu livro "Geographia de Tia Bants". Accusa o seu livro de anti-brasileiro, de separatista.

Não li o livro, nem sei si você é separatista mesmo ou não. Creio que não, mas isso não me interesse. O que ha é que essa campanha de Diario da Noite atrapalha indirectamente a campanha do petroleo. Tende a mostrar que o grande campeão de uma grande campanha nacionalista não é nacionalista.

Convem, portanto, que você diga alguma coisa a respeito. Peco que me mande una entrevista sobre o livro e o sentido delle. E se tiver mais alguma coisa para nosso jornal, tanto melhor. Pego-lhe ainda que mande seu endereço particular, pera a remessa do jornal.

É fineza responder com o endereço de Emil Fará, aqui para a redacção. Fará é o secretario do Jornal.

Muito grato, o velho admirador --

Rubem Braga

A julgar pelas notícias negativas frequentemente publicadas pela imprensa envolvendo Lobato, sua opinião contrária à imprensa pautada em sua carta a Neiva poderia ser considerada suspeita. No entanto, a publicação de Mota Assunção, que reúne nas duas centenas de páginas do livro *Os Sicários do jornalismo*, publicado na primeira metade do século XX, um dossiê detalhado do *modus operandi* da imprensa e sua época, não deixa dúvida sobre o caráter da imprensa apontado por Lobato. Logo na introdução, deparamo-nos com a seguinte descrição:

---

<sup>29</sup> BR UNICAMP IEL/CEDAE MLb 3 2 00381

Já não é segredo para ninguém que o jornalismo asila em seus refolhos uma verdadeira legião de criminosos, que se fazem jornalistas única e exclusivamente para gozarem das franquias e da irresponsabilidade com que essa profissão pode acobertar e proteger uma série infinita de patifarias e latrocínios. Não é a defesa duma ideia, duma opinião ou a propaganda duma doutrina, boa ou má, pouco importa, que leva ao jornalismo esses amorais, mas tão somente o desejo de se aproveitarem duma instituição privilegiada, para darem expansão aos seus instintos criminosos. (...) jogam com os sentimentos, as paixões, as ideias, as opiniões e “tolices” do público com o critério duma arguta patrôa de lupanar, só tendo em mira o resultado pecuniário. (...) Falo com a experiência de mais de 25 anos nos bastidores do jornalismo, em constante observação e estudo. (...)

Quem é que não conhece jornais entregues à especulação mais censurável, ou que exploram rumores caluniosos, ou armam ao efeito com extravagâncias de linguagem escandalosa, ou excitam com desenhos a lascívia dos seus leitores e até oferecem sorteios, brindes e prêmios em dinheiro? (...)

Não sofre dúvida, portanto, que há no jornalismo grande número de malfetores, que escolheram essa profissão ou por ela foram atraídos apenas para mais comodamente desenvolverem a sua acção antissocial. E é tão grande a irresponsabilidade do jornalismo, que só na sua temibilidade encontra paralelo. “Jornalistas levianos e sem consciência têm preparado e deflagrado revoluções e guerras, que semearam a desgraça e a devastação em nações estrangeiras e no seu próprio país. Se fossem reis – prossegue [Max] Nordau – teriam sido destronados; se fossem ministros, seriam sujeitos a um processo capital; mas porque eram jornalistas ninguém os incomodou e só eles ficaram sem perder nada no meio da ruína geral que provocaram. Não causa estranheza que se suporte tal arbítrio, tal despotismo sem a mais leve revolta, ao mesmo tempo que se combatem com paixão todas as outras formas de tiranias?”<sup>30</sup>

Ao buscar traçar o “mais perfeito retrato da imprensa carioca”<sup>31</sup>, Assunção não poderia deixar de citar o memorável *Memórias do*

---

<sup>30</sup> ASSUNÇÃO, s/d, p. 5-8.

<sup>31</sup> ASSUNÇÃO, idem, p. 44.

*escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto, como, reproduzindo o seguinte excerto:

“A imprensa! Que quadrilha!” (...) Nada há tão parecido com o pirata antigo do que o jornalista moderno: a mesma fraqueza e meios servida por uma coragem de salteador; conhecimentos elementares do instrumento de que lança mão e um olhar seguro, uma adivinhação ou faro para achar a presa e uma insensibilidade, uma ausência do senso moral a toda a prova... E assim dominam a tudo, aterram, fazem com que todas as manifestações da nossa vida colectiva dependam do seu assentimento e da sua aprovação... Todos nós temos que nos submeter a eles, adúlá-los, chamar-lhes gênios, embora intimamente o sintamos parvos, imorais e bestas... Só se é geômetra com o seu placet, só se é calista com a sua confirmação, e se o sol nasce é porque eles afirmam tal coisa... E como eles aproveitam esse poder que lhes dá a fatal estupidez das multidões! Fazem de imbecis gênios, de gênios imbecis; trabalham para a seleção das mediocridades, de modo que...”<sup>32</sup>

Já não se trata, então, de apenas Lobato e Assunção desnudando a imprensa. Além de Lima Barreto, que se vale da literatura para tecer suas críticas ao, talvez já há um século, “quarto poder”, juntam-se a eles Max Nordau (1949-1923), citado por Assunção, como se pôde ler acima, e até o Mr. Smith, que teria dito a Lobato que não divulgou sua técnica à imprensa porque “as grandes coisas que nós fazemos aqui se resolvem entre os leaders da industria e da technica antes que o povo venha a saber para evitar-se o ‘criticism’ da imprensa e **outras cousas**.”<sup>33</sup>. Em carta de 05 e abril de 1929<sup>34</sup>, Lobato revelaria que os outros motivos, além da crítica da imprensa, que impediram Mr. Smith de divulgar sua técnica era a necessidade de previamente registrar a patente de sua técnica nos países com os quais pretendia compartilhá-la. Esta lista, no entanto, não incluía o Brasil -

---

<sup>32</sup> ASSUNÇÃO, *idem*, p. 45-46.

<sup>33</sup> Carta de Lobato a Neiva datada de 09 de setembro de 1927, destaque nosso. LOBATO, *apud* TIN, 2007, p. 468-470.

<sup>34</sup> LOBATO, *idem*, p. 474-476.

substituído pelas “Índias” devido à demonstração de desinteresse por parte das autoridades governamentais brasileiras e, quiçá, pela ridicularização empreendida pela imprensa nacional.

O ferro Smith, que foi tão impugnado no Brasil, já começa a vencer na America. Todas as barreiras que os capitais invertidos no alto forno lhe opuzeram começam a cair. Numa revista metalurgica que acabo de receber de Detroit vem um um longo estudo sobre isso, com a noticia que o carro Chrysler para 1935 já adotou varias peças feitas de esponja, sem fusão, apenas moldadas e aquecidas (sintered), com grande vantagem de qualidade e preço. A primeira aquisição da Chrysler foi de 7 milhões de peças. As outras companhias de auto querem imita-la e a procura da esponja cresce. Como não ha esperança de que venha esponja do Brasil, Mr Smith e mais interessados estão-se voltando para as Indias.<sup>35</sup>

A última referência a Mr. Smith que encontramos nas cartas conservadas de Lobato a Neiva constantes do acervo da Biblioteca da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro data de *05 de março de 1936*, quando o que está em questão já são os empecilhos criados pelo Governo de Getúlio Vargas à perfuração de poços de petróleo pela companhia de Lobato.

O Odilonzinho recuou; desistiu de federalizar geofisicamente o Riacho Doce; diz que vai começar da fronteira pernambucana para o sul. Quando ele vier se aproximando de Riacho Doce, pode acontecer uma coisa muito interessante. Pode um grupo de cangaceiros assaltar a turma, moer a marreta a balancinha de torção, o sismografo e o magnetometro da turma federal e dispersar a coices os manobreadores daquilo. Depois, somem-se - e os jornais noticiam: “A gente do Lampeão destruiu a comissão geofisica federal.” E quero ver Odilon, Getulio, ou quem quer que seja, ir prender Lampeão como eles prendem comunistas...

Chegamos a tal ponto neste país que temos de botar Lampeão no petroleo - e po-lo-emos. Vai ser um suco. Contra o cangaço federal, temos ainda o recurso ao cangaço sertanejo, muito mais limpo.

---

<sup>35</sup> Carta de Lobato a Neiva datada de 22 de fevereiro de 1935. LOBATO, idem, p. 490-491.

Acho muita graça nesse gente com quem o sr. discute incriminar-se por ter tentado introduzir no Brasil o processo Smith. Que ignorantes são! Esse processo está plenamente vitorioso e vai ser a base da metalurgia de amanhã - e da nossa, também. Os productos da Cia de Ferro Puro, com base no forno Raefray (modalidade do de Smith) cuja patente foi tirada por mim, estão uma pura maravilha, e os preços oferecidos na America por toda a produção da futura fabrica sobem a 7 vezes o preço do custo. Agora estamos ultimando o pega de Ipanema, com minas, fabrica e tudo mais, afim de montar lá a usina definitiva. O papelorio do Ministerio da Guerra, que o que controla o Ipanema, não tem fim, mas estamos no fim, com todos os pareceres favoraveis. Esses meus oponentes e difamadores hão de ver quem [sorri] por ultimo.<sup>36</sup>

### 3. A reação de Lobato

A leitura das cartas de Lobato a Neiva do período compreendido entre setembro de 1927, quando o adido comercial acabara de se instalar em Nova Iorque, e fevereiro de 1935, quando Neiva é comunicado do desinteresse de Mr. Smith pelo Brasil, permite-nos acompanhar em detalhes os esforços empreendidos por Lobato para que o Brasil abraçasse o que ele via como a maior oportunidade que até então se lhe apresentara de entrar para o *hall* dos países desenvolvidos e, assim, ofertar a seu povo a mesma qualidade de vida que tanto o deslumbrara em sua chegada aos EUA:

Que estrads, que culturas, que gado, que cidades, que riqueza generalisada que povo immensamente feliz! Nem um pobre pelo caminho a pedir esmola pelo amor de Deus, nem um estropiado, nem um esfarrapado. Todos felizes, todos nos seu job bem remunerado. Isto é positivamente um assombro. Leio o Times e vejo na grande Inglaterra mais de um milhão de semtrabalho pesando nos encargos do estado. Vejo a Allemanha arcando com terriveis problemas , vejo a França a bracejar, vejo por toda a parte o eterno quadro da miseria ao lado da riqueza. Mas aqui vejo todos os problemas resolvidos e uma media de felicidade individual que

---

<sup>36</sup> Carta de Lobato a Neiva datada de 05 de março de 1936. LOBATO, idem, p. 499.

nunca nenhum sociólogo julgou possível. É positivamente o primeiro paiz que acertou a mão na sciencia do viver colectivo.<sup>37</sup>

No início de 1928, quando ainda dependia apenas do Brasil aceitar a oferta de Mr. Smith e a imprensa brasileira entra em cena, ridicularizando e desqualificando o responsável pelo desenvolvimento da Ford Motor e sua técnica, conforme a carta de Lobato de abril do mesmo ano – reproduzida a seguir na íntegra – permite inferir, Lobato, como já destacamos, insurge-se contra Neiva, uma vez que este deixara seus planos chegarem a algum jornalista, mas também não poupa a imprensa – razão pela qual esta correspondência se tornaria famosa quase um século depois, em um contexto em que a imprensa e outros famosos *players* se unem para desqualificar Lobato, sua obra e suas atitudes sob a acusação de racismo.

New York, 10-4-28<sup>38</sup>  
Lobato está apenas exaltado  
Dr Neiva,

Bem feito! Quem o mandou desconhecer a terra onde mora até esse ponto? Já que descobriu a formula de que é preciso adivinhar, porque não adivinhou que dentro de todo brasileiro ha um mineiro miudo, mesquinho, malevolo e desconfiado?

Quando vi no Estado a nota a respeito do processo Smith, confesso que esfriei. “Temos encrenca,” pensei commigo. O brasileiro, que no fundo não passa de portuguez degenerado, não comprehende os Estados Unidos, não acredita nelles, a ponto de ter inventado a definição classica que só define o definidor: “Aquillo é um bluff.” Bluff quer dizer uma coisa que parece que é mas não é. o Woolworth parece que tem 58 andares, mas não tem, é mentira. O Ford finge que faz tantos mil carros por dia, mas não faz. O Rockefeller banca o beifeitor do mundo, mas não é nada disso. Tudo mentira, exagero, bluff. Ora, com taes portuguezes quem se mette sae mijado, e porisso

---

<sup>37</sup> Carta de Lobato a Neiva datada de 09 de setembro de 1927. LOBATO, idem, p. 468-470.

<sup>38</sup> Carta de Lobato a Neiva datada de 09 de setembro de 1927. LOBATO, apud TIN, 2007, p. 471-473.

eu limitei-me a mandar o relatório de Mr Smith ao Washington, já que o autor queria que eu o transmittisse ao governo, e não piei a respeito em jornaes nem para ninguem, excepto, incidentalmente, na carta que lhe escrevi. Mas o seu ardor patriótico (que a derrota de Ruy não foi sufficiente para curar) deu publicidade á coisa - e veja como já está se aborrecendo. No Brasil só não se aborrece o egoista que só cuida de si e nina-se para o resto.

É tão mesquinha a nossa imprensa que já appareceram naquelles piolhentos jornaes do Rio varias coisas attribuidas a mim, opiniões, phrases, etc - que eu nunca tive nem communiceia ninguem. Até em telegramma já vi uma opinião minha sobre o Instituto do Café, instituição da qual estou virgem de idéas.

Mas eu não me admiro do brasileiro não comprehender o phenomeno americano, quando vejo a mesma incomprehensão por parte dos europeus. Estados Unidos estão na berlinda. Não ha assumpto mais estudado e debatido hoje. Depois que elles arrancaram varios sceptros da Europa, a infallivel, e está em via de arrancar outros, senão todos, ha uma furia de estudar este mamute inedito no mundo e abhorrante de todas as fôrmas por onde se moldavam paizes. Francezes, inglezes, allemães, slavos, não ha quem não venha ver de perto o bicho e não escreva tratados tendentes a provar que isto vae mal, que isto rebenta, que isto não pode ser, que isto é um absurdo. Os francezes, sobretudo, revelam-se crueis e não perdoam a America o não ter... patina. A grande cousa da Europa é a patina que o tempo lhe deu. Como fruta madura que é e já quasi podre, tem o sabor requintado das frutas maduras, e tem os corados lindos da maçã e o perfume; em summa, a patina da idade. E como os Estados Unidos não podem ter isto, porque não teem idade para isto, riem-se e ironisam. Mas o colosso segue o seu caminho e vae vencendo uma por uma todas as suas batalhas e ficando na situação menos de um paiz no mundo que de um mundo dentro do mundo. Elle sozinho já consome 3/4 da borracha produzida, 2/3 da seda, 1/4 do assucar. O ouro do mundo já se mudou para aqui. A Broadway, rua de 18 milhas, tem a propriedade predial que a bordeja avaliada em 7 bilhões de dollares. A riqueza do Brasil é de 10 milhões de contos. Quer dizer que o Brasil vale a setima parte da Broadway. Segundo um recente artigo que lord Rothermere só tres estados americanos, New York, New Jersey e Pennsylvania já excedem a Grã Bretanha

em riqueza.

Ora, o paiz que fez isto em tão pouco tempo e em vez de dormir sobre os louros estâmais que nunca trabalhando para se aperfeiçoar sob todos os aspectos, não pode mesmo ser compreendido ou pelos velhos paizes cacheticos e sclerosados ou por paizes que nasceramerrados ethnicamente e cumprem o destino do dictado do quem nasce para dez reis não chega a vintem.

Deversos amigos me dizem: Porque não escreve suas impressões? E eu respondo: Porque é inutil e seria cahir no ridiculo. Escrever é apparecer no tablado de um circo muito mambembe, chamado imprensa, e exhibir-se deante de una assistencia de moleques feeble-minded e despidos da menor noção de seriedade. Mulatada, em summa. Paiz de mestiços onde o branco não tem força para organizar uma Kux-Klan, é paiz perdido para altos destinos. André Siegfried resume numa phrase as duas attitudes. “Nós defendemos o front da raça branca - diz o Sul - e é graças a nós que os Estados Unidos não se tornaram um segundo Brazil.” Um dia se fará justiça ao Klux Klan; tivessesmos ahi uma defeza desta ordem, que mantem o negro no seu lugar, e estariamos hoje livres da peste da imprensa carioca - mulatinho fazendo o jogo do gallego, e sempre demolidor porque a mestiçagem do negro destróe a capacidade constructiva<sup>39</sup>.

Mas... voltemos ao nosso caso. Vou lhe mandar a copia que conservei do processo de Mr Smith. Não deve estar pura de deslises porque o meu secretario não é forte em copia fiel, mas serve. Não pude conservar copia dos desenhos e plantas, mas o texto está completo. Essa copia está com o dr Fortunato Bulcão, um capitalista brasileiro interessado em metallurgia e ora aqui a negocios. Já lhe pedi que a remetta para a rua Florisbella. Tambem vou escrever a Mr Smith pedindo mais informes, e com muita habilidade, pois preciso esconder a razão: o Brasil tel-o como um novo ramo do bluff americano. Sei que elle incorporou uma grande companhia para trabalhar ferro pelo seu

---

<sup>39</sup> Lobato defende que a pureza étnica do negro mantém sua capacidade construtiva e que sua miscigenação a destrói. Lobato parece se posicionar contra a miscigenação, não contra o negro (atualmente denominado “preto”). Tal tese é defendida por sua personagem Miss Jane em *O presidente negro ou o choque das raças*. Para uma análise do tema, vide, SANTANA-DEZMANN, 2021, p. 51-79.

processo e a última carta que delle recebi já vinha em papel da nova empresa. O processo delle não é um processo theorico ou ainda em estagio experimental de laboratorio. Seu forno funciona na Ford e quem sabe se o Uchôa e outros incréus já não viajaram por ahi em fordecos cujo metal foi obtido no forno Smith?

Acho óptima a sua idéa de americanizar o Arthurzinho. Elle vencerá aqui, ao passo que na Allemanha terá de arcar com a sua quota de derrota ambiente. A Allemanha está em excesso handicaped - alem do handicap europeu, commum a tudo que é europeu, o handicap allemão,consequente á guerra. Aqui elle se beneficiará com a quota, de victoria ambiente. Caminharásur des roulettes, sobre mancaes de bolinhas. Cada vez que vou ao Gimbel ou ao Macy e passo de um floor a outro, utilizando-me da escada que sobe em vez de ser subida, sinto que está alli a imagem da América. Parado, immovel, subo; se estou com excesso de energias e impaciente, sommo a minha subida muscular com a da escada e chego ao topo em metade do tempo. Quero dizer que neste paiz quem corre, chega ao destino com uma rapidez fulminante. Quem não gosta de correr, porque é comtemplativo, tambem chega, em mais tempo mas chega, porque o paiz o conduz. No Brazil (excluindo um bocado S. Paulo) a escada tambem não é fixa, move-se - mas para baixo. Quem quer chegar tem que fazer cabriolas incriveis e não raro desanda e racha a cabeça, como eu. Não conheço o temperamento do seu filho. Mas se elle tem algo da abelha e admira acolmeia e é futurista, isto é, olha mais para a frente que para traz ou para o presente, ha de dar-se maravilhosamente bem aqui. Ou melhor, se é moço. Terra de mocidade, onde até o Rockfeller e o Ford são perfeitamente moços, quem nasceu moço encontra aqui a sua verdadeira patria mental e moral. Mas se nasceu velho, se gosta de ficar com o olho parado num muro velho, e contemplar ruinas e ver lagartixas subindo sobre pedras limosas de um castello onde em 1123 um conde normando matou um barão do Poitou, então que vá para a Europa.

Recebi o seu livro e vou lel-o com o prazer com que sempre leio coisas pensadas - genero tão raro nas nosas letras. Adeus. Quando tiver outras novidades de Detroit, escreverei. Muitas lembranças ao famoso rebento e recommendações á sua senhora.

Do Lobato

É interessante notar que à mesma imprensa e demais *players* que se dedicam a pinçar frases descontextualizadas e reproduzi-las como troféu por sua vitória no jogo de transformar Lobato em racista não escandalizou o fato de que o Brasil – por ação deliberada ou inação premeditada daqueles que deveriam zelar pela nação brasileira –, conforme a correspondência de Lobato a Neiva o demonstram, perdeu todas as oportunidades de “embarcar no bonde” do desenvolvimento, chegando ao século XXI cometendo o mesmo erro que o condenava ao subdesenvolvimento e dependência de outros países: a exportação de matéria prima (com baixo valor no mercado internacional) e a importação da mesma matéria beneficiada e dispendiosa. De quanto sofrimento a população brasileira poderia ter sido poupada se tivesse alcançado o desenvolvimento industrial há um século e empregado os recursos financeiros no saneamento e melhoria de condições gerais de vida da população é uma pergunta para a qual a resposta não os escandaliza. Conviver em pleno século XXI com doenças da Idade Média e ter os dois principais rios da cidade mais desenvolvida do país cortando-a como um imenso esgoto a céu aberto também não os escandaliza. O que os escandaliza é um desabafo de alguém que estava farto de ver a imprensa, sub-repticiamente, posicionar-se contra os interesses nacionais, “fazendo o jogo do galego” ao boicotar as oportunidades de desenvolvimento que se lhe apresentavam. O que os escandaliza é o uso feito por Lobato da máxima expressão da Ciência de sua época para expressar sua revolta contra as atitudes dos “sicários do jornalismo”, para usar a expressão de Assunção. Embora possa se configurar como xingamento – frise-se bem, a-tu-al-men-te – de inegável caráter racista, as palavras de Lobato não se caracterizam como impropérios – uma vez que utilizadas em correspondência privada dirigida a Neiva – nem podem nem ser consideradas como xingamento – uma vez que, novamente ressaltamos, reproduziam a máxima expressão da ciência da época e, acrescentamos, política de estado, conforme o próprio Assunção esclarece, citando Oliveira Viana:

Como se infere, eloqüentemente, destas palavras de Silvio Romero, o ideal racial do povo brasileiro não é lavar-se do sangue português, como pretende a *Brasília*: é sim, muito pelo contrário, lavar-se do sangue negro-indio, que constitue um factor de inferioridade e degenerescência. A demonstrar esta afirmação, hoje indiscutível e dogmática no terreno científico, podia juntar aqui o testemunho dos mais famosos autores; mas superior a tudo quanto os sábios estrangeiros pudessem dizer, está o que se lê na obra do moderno e grande sociologo brasileiro Sr. Oliveira Viana, que reúne a vantagem de falar em nome dos últimos resultados da ciência e do próprio governo, porque o seu livro *Evolução do povo brasileiro* foi publicado em primeira mão como prefácio ao recenseamento de 1920. Vejamos, portanto, como o fecundo e sábio escritor responde a nossa pergunta e deslinda a questão:

"O negro puro nunca poderá, com eleito, assimilar completamente a cultura ariana, mesmo os seus exemplares mais elevados: a sua capacidade de civilização, a sua *civilizabilidade* não vai além da imitação, mais ou menos perfeita, dos hábitos e costumes do homem branco. Entre a mentalidade dêste e a do homem africano puro há uma diferença de estrutura substancial irreductível, que nenhuma pressão social ou cultural, por mais prolongada que seja, será capaz de vencer e eliminar. Os próprios negros americanos, muito superiores, aliás, nos nossos, em virtude da selecção imposta pelas contingencias da luta com um adversário-temível, como é o anglosaxão, ficam muito abaixo do teôr médio da civilização norteamericana: mesmo os seus tipos superiores, como Booker Washington, não são negros puros, mas perfeitos mestiços, autênticos mulatos, cuja superioridade deriva unicamente do sangue ariano que trazem nas veias."<sup>40</sup>

Os fatos de a superioridade da etnia branca ter sido um dia considerada inquestionável pela ciência e empregada como política de estado - para vergonha e arrependimento da raça humana - não transformam tal excrescência em verdade.

Se Lobato concordava com o que a ciência Sociologia de sua época propalava, sua biografia e produção literária podem auxiliar na resposta. Citemos, então, alguns poucos dados para embasar a resposta.

---

<sup>40</sup> VIANA, apud ASSUNÇÃO, s/d, p. 128-129.

Em abril de 1917, Lobato publica espontânea e gratuitamente na *Revista do Brasil* uma despreziosa nota sobre Manuel Querino (1851-1923), uma espécie de propaganda disfarçada de matéria jornalística do livro que Querino acabara de publicar. Este foi o modo que Lobato encontrou para divulgar o livro e auxiliar nas vendas, porém, conhecendo a história como conhecemos, podemos afirmar que não houve nenhum exagero ou falta de verdade por parte de Lobato ao anunciar o trabalho do biógrafo e catalogador de arte baiano.



Manuel Querino<sup>41</sup>

“Manuel Querino é membro do Instituto Histórico da Bahia e é preto, como no-lo revela o seu retrato. Isto só lhe acrescenta valor. Ser preto é ser humilde, partir do nada, encontrar na vida todos os óbices do preconceito social e despender para obtenção das coisas mínimas um esforço duplo do requerido pelos que nascem limpos de pigmentos. Honra lhe seja pela árdua tarefa levada a cabo com tanta modéstia e discernimento. Não é nem faz obra de crítico, amontoa simplesmente material para que os Taines maiores e menores da terra impem de sábios à custa de esforço alheio. Subintitula o seu livro de Indicações biográficas – e reúne tudo quanto em anos de labor conseguiu colher relativo aos escultores, pintores e músicos baianos. Na escultura biografa 27 artistas, alguns escultores, a maioria simples santeiros.”<sup>42</sup>

---

<sup>41</sup> Retrato publicado no livro *Artistas bahianos: indicações biográficas*. 2ª. ed. melhorada e cuidadosamente revista. Bahia: Oficinas da Empresa “A Bahia”, 1911. Retrato acessível em <http://www.dicionario.belasartes.ufba.br/.../manuel.../>

<sup>42</sup> LOBATO, 2009, p. 153.

Em 1919, Lobato edita *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, de Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), filho, neto, bisneto, tataraneto e tudo o mais de pessoas que foram escravizados. Lima Barreto já era um famoso escritor, devido à publicação de *Triste fim de Policarpo Quaresma* pelo *Jornal do Commercio* em 1911 e pela impressão do romance em 1915 paga pelo próprio escritor, a despeito de sua carência e recursos. Em 1918, porém, quando negociou com Lobato a publicação de seu novo romance, Lima Barreto foi tratado com toda a dignidade que um escritor com seu valor merecia – independentemente da cor de sua pele. Quando Lobato soube que passava por necessidades, solicitou-lhe algo que pudesse publicar e lhe pagou generosamente e adiantado. Quando o livro encalhou, Lobato asseverou que os motivos foram a capa pouco comercial e o título longo demais<sup>43</sup> e arcou com o prejuízo sem reclamar. As negociações para a publicação deram ensejo a uma amizade que se estendeu até o falecimento precoce do escritor carioca.

Entre 1920 e 1921, portanto há aproximadamente um século e pouco mais do que 30 anos da proibição da escravidão no Brasil – quando a maioria dos filhos negros desse solo ainda tinha bem vivos os horrores da escravidão –, Lobato publica os contos *Negrinha*<sup>44</sup> e *Os negros*<sup>45</sup>. Sensível à situação dos negros, que, por lei, não podiam mais ser escravizados, mas que, na prática, continuavam sofrendo os mesmos abusos e preconceitos que antes, por meio de uma narração detalhada e precisa, Lobato comove o leitor com a dor dos personagens desfavorecidos ao trazer para primeiro plano seus sofrimentos e dores, seu caráter frágil e humano e a implacabilidade das injustiças que lhes eram impingidas. Sua contundente, porquanto literária, condenação à escravidão e ao racismo reflete seu vanguardismo ao levar para a ficção a sofrida estória desses personagens que não deixa de ser a história de tantas “negrinhas” e “liduínas” que ainda vagam pelo Brasil. Este foi um

---

<sup>43</sup> Cf. LAMEGO, 2017, p. 11.

<sup>44</sup> LOBATO, 1920.

<sup>45</sup> LOBATO, s/d.

dos maios mais efetivos que Lobato encontrou para despertar em seus agressores, pela via do coração, a consciência de que as pessoas negras não são menos humanas do que o leitor ao qual os contos se dirigiam. É assim que a literatura de Lobato cumpre não apenas um papel social, mas um papel humanitário. Por seu intermédio, Lobato faz pela literatura e sociedade brasileira o mesmo que Tony Morrison, nos Estados Unidos. Ela recebeu o Pulitzer e o Nobel de Literatura, demonstrações do reconhecimento de seu trabalho empenho em prol da justiça social.

Em 1939, ao publicar *A reforma da natureza*, Lobato deixa a via do coração para atingir diretamente o intelecto ao anunciar que uma mulher negra, analfabeta, idosa, brasileira e pobre fora convidada a participar da reunião da Liga das Nações organizada ao final da II Guerra Mundial para aconselhar os homens mais poderosos da época, estadistas da Europa e Estados Unidos – todos homens brancos, cultos, vigorosos e ricos –, sobre como bem governar o mundo devido a seu bom senso<sup>46</sup>. E já que passou a ser válido no universo acadêmico a citação de excertos isolados e descontextualizados de correspondência alheia como comprovação de teses, por que não citarmos um ou dois, para aderir à moda? Ei-los, então:

O nosso livro de contos será o contrario disso. Todo cheio de novidades, na forma e no entrecho. E nada de amorécos e adulteriosinhos de Paris. Isso já fede. Será como os de Kipling com paisagem, arvores, ceu, passarinhos, **negros... Eu gosto muito dos negros, Rangel. Parecem-me tragediás biológicas. Ser pigmentado, como é tremendo!**<sup>47</sup>

Entusiasmaram-se todos com a ideia da arte regional. O saci, sobretudo, impressionou-os muito, e eles (quasi todos italianos ou de outras terras) vêm consultar-me sobre o saci, como se eu tivesse alguma criação de sacis na fazenda, Finjo autoridade, pigarreio e invento – e eles tomam notas. Mas na realidade nada sei do saci –

---

<sup>46</sup> LOBATO, 2019, p. 11.

<sup>47</sup> Carta de Lobato a Rangel datada de 27 de junho de 1909, destaque nosso. LOBATO, 1944, p. 158.

jamais vi nenhum, e até desconfio que não existe. Manda-me as tuas luzes. Como é o saci em Minas? Minha ideia é de que se trata dum molecote pretinho, duma perna só, pito aceso na boca e gorro vermelho. O Correia jura que já viu um, mas de duas pernas, embora andasse só com uma, aos pulinhos, como tico-tico – mas como posso acreditar no Correia depois de o ter pilhado em tantos exageros? Diz também que tem olhos de fogo – outra impossibilidade. Minha ideia de menino, segundo ouvi das negras da fazenda de meu pai, é que o saci tem olhos vermelhos, como os dos beberões; e que faz mais molecagens do que maldades; monta e dispara os cavalos á noite; chupa-lhes o sangue e embaraça-lhes a crina. **Consulte os negros velhos daí, porque já notei que os negros têm muito melhores olhos que os brancos. Enxergam muito mais coisas.**<sup>48</sup>

No livro *O choque das raças ou o presidente negro – um romance do ano 2228*, publicado em 1926, Lobato tece, por meio do narrador, uma série de comentários sobre Jim Roy – que viria a ser o presidente negro – e as pessoas negras que foram traficadas para os Estados Unidos como escravizados. Sua leitura poderá esclarecer as características e lugar reservado a Jim Roy e aos negros ao longo da estória desta que se encontra entre as três primeiras distopias produzidas na história da literatura ocidental.

### Excertos 1 a 3: descrição de Jim Roy

Era Jim Roy, na realidade, um homem de imenso valor. Nascera fadado a altos destinos, com a marca dos condutores de povos impressa em todas as facetas da sua individualidade.

Como organizador e *meneur*, talvez superasse os mais famosos organizadores surgidos entre os brancos. A história da humanidade poucos exemplos apresentava de uma eficiência igual à sua. Consagrara-se desde muito jovem à execução dum plano de gênio,

---

<sup>48</sup> Carta de Lobato a Rangel datada de 10 de janeiro de 1917, destaque nosso. LOBATO, 1944, p. 344.

traçado nas linhas mestras com a mais perfeita compreensão do material humano sobre que pretendia agir.<sup>49</sup>

Ia realizar um ideal. O problema negro da América teria com ele no governo a única solução justa.<sup>50</sup>

E Jim sonhava o maior sonho que ainda se sonhou na América.<sup>51</sup>

#### Excerto 4

Às 9 e 45, aproximou-se da janela e espalhou o olhar pelo casario de Washington. O panorama que viu, entretanto, foi bem diverso. Descortinou todo o lúgubre passado da raça infeliz. Viu, muito longe, esfumado pela bruma dos séculos, o humilde *kraal* africano visado pelo feroz negreiro branco, que em frágeis brigues vinha por cima das ondas, qual espuma venenosa do oceano. Viu o assalto, a chacina dos moradores nus, o sangue a correr, o incêndio a engolir as palhoças. Depois, o saque, o apresamento dos homens e mulheres válidos, a algema que lhes garroteava os pulsos, a canga que os metia dois a dois em comboios sinistros, tocados a relho para a costa. Viu, como goelas escuras, abrirem-se os porões dos brigues para tragar a dolorosa carne de eito. E recordou o interminável suplício da travessia... Carga humana, coisa, fardos de couro negro com carne vermelha por dentro. A fome, a sede, a doença, a escuridão. Por sobre as cabeças da carga humana, um tabuado. Por cima do tabuado, rumores de vozes. Eram os brancos. Branco queria dizer uma coisa só: crueldade fria...

Viu depois o desembarque. Terra, árvores, sol - não mais como em África. Nada deles, agora - nem a terra, nem as árvores, nem o sol. Caminha, caminha! Se um tropeça, canta-lhe o látigo no lombo. Se cai desfalecido, trucidam-no. A caravana marcha, trôpega, e penetra nos algodoais...

Viu Jim viçarem luxuriosos os algodoais da Virgínia depois que o negro chegou. Além das chuvas, havia a regá-los, agora, o suor africano - suor e sangue.

---

<sup>49</sup> LOBATO, 2021, p. 259.

<sup>50</sup> LOBATO, apud, p. 316.

<sup>51</sup> LOBATO, apud, p. 316.

Viu dois séculos de chicote a lacerar carnes e ouviu dois séculos de lágrimas, gemidos e lamentos uivos de dor. E viu a América ir saindo dessa dor, como a pérola, filha do sofrimento do molusco, nasce na concha...

Viu, depois, a Aurora da noite de duzentos anos: Lincoln. O branco bom disse: Basta! Ergueu exércitos e das unhas de Jefferson Davis arrancou a pobre carne-coisa.

As algemas caíram dos pulsos, mas o estigma ficou. Às algemas de ferro se substituíram as algemas morais do pária. O sócio branco negava ao sócio negro a participação de lucros morais na obra comum. Negava a igualdade e negava a fraternidade, embora a Lei, que paira serena acima do sangue, consagrasse a equiparação dos dois sócios.

E viu Jim que Justiça não passava de uma pura aspiração – e que só há justiça na terra quando a força a impõe.

Jim: “Hei de fazer-me força e impor a justiça”, murmurou o grande negro.

Em sua testa larga, profunda ruga se abriu. Seus olhos se cerraram e Jim permaneceu imóvel, como siderado por uma ideia de gigante.<sup>52</sup>

## Excerto 5

Lentamente despertava a massa negra do longo letargo de submissão, e tremia, de narinas ao vento, como o tigre solto na *jungle*. Toda a barbárie atávica, todos os apetites em recalque, rancores impotentes, injustiças padecidas, todas as vergastadas que laceraram a sua pobre carne até o advento de Lincoln e, depois de Lincoln, todas as humilhações da desigualdade de tratamento – essa legião de fantasmas irrompeu da alma negra como serpes de sob a laje que não imprudente levanta. E a raça maior, que através dos séculos não se atrevera a sonho maior que o da mesquinha liberdade física, passou a sonhar o grande sonho branco da dominação... (...) Amava Jim a América. Nos alicerces do colossal edifício, o cimento ligador dos blocos fora amassado com o suor dos seus ancestrais. A América surgira do esforço braçal de um dirigido pelo esforço mental de outro, e, pois, tanto lhe falava ao sangue como ao do mais orgulhoso neto dos pioneiros louros.<sup>53</sup>

---

<sup>52</sup> LOBATO, apud, p. 279-280.

<sup>53</sup> LOBATO, apud, p. 288-289.

## Excerto 6

Jim sentia no ar as ondas de fluidos explosivos, um perfeito ambiente de pólvora. O solo latejava pulsações vulcânicas.

Tremeu o negro diante da sua obra - e, sem vacilar, foi ao encontro do Kerlog. O momento impunha a conjugação da sua força com a do líder branco.

Defrontaram-se os dois chefes como duas forças da natureza, contrárias nos seus destinos, inimigas pela voz do sangue, mas irmanadas no momento por um nobre objetivo comum.<sup>54</sup>

## Excerto 7

No primeiro ímpeto, Kerlog apostrofou o chefe negro.

Kerlog: “Vê tua obra, Jim! A América transformada num vulcão e ameaçada de morte!”

O negro cravou no líder branco os olhos frios, por um instante animados de estranho fulgor.

Jim: “Não minha, presidente Kerlog! Não é minha esta obra. É sua, é dos seus, é de Washington, é de Lincoln. Vós, brancos mentistes na lei básica. E ou confessais que mentistes ou reconheceis que a situação é perfeitamente normal. Que aconteceu, presidente Kerlog? Houve um pleito e as urnas libérrimas conferiram a vitória a um cidadão elegível. Acha o presidente Kerlog que o pacto Constitucional sofreu lesão?”

Naquele peito a peito, Jim Roy dominava o adversário.<sup>55</sup>

## Excerto 8

Jim: “Mas não se trata disso”, continuou ele. “O momento não é para recriminações - e nesta matéria o presidente Kerlog bem sabe que jamais um branco venceria um negro... O fato está consumado e, como chefes supremos das duas raças, a nós só incumbe atender à salvação comum. Se não contivermos de rédeas presas - eu, o monstro da ebriedade negra, o presidente Kerlog, o monstro do orgulho branco, a chacina vai ser espantosa...”

---

<sup>54</sup> LOBATO, apud, p. 289.

<sup>55</sup> LOBATO, apud, p. 289.

Kerlog: “Ninguém sabe disso melhor que eu”, retrucou o chefe da nação. “Nos estados do Sul já lava o incêndio...”<sup>56</sup>

### Excerto 9

O negro deu um salto.

Jim: “Jim o apagará! Jim manterá em cadeia de aço a pantera africana. Ele a domina com os olhos, como o soba a dominava no *kraal* donde a rapina dos brancos a tirou. Jim é rei!”

Era tal a firmeza com que emitia o grande negro aquelas palavras que o tom de superioridade do líder branco se demudou em admiração.

Viu Kerlog que tinha diante de si não um feliz aventureiro político, mas uma dessas incoercíveis expressões raciais a que chamamos condutores de povos. Pela primeira vez, enfrentava um homem que era algo mais que um homem. E, do fundo do coração, lamentou Kerlog que a incompatibilidade racial o separasse de tamanho vulto.<sup>57</sup>

### Excerto 10

Jim prosseguiu:

Jim: “Mas só o farei se o Presidente Kerlog, do seu lado, açaimar o orgulho branco. Eu domino com o olhar e a palavra terrível. O Presidente Kerlog domina com a força do estado. Em nossas mãos está, pois, a paz da América.”

O líder branco baixou a cabeça. Meditava.

Kerlog: “Pois salvemos a América, Jim!”, disse erguendo-se. “Açaima tu a pantera negra que meterei luvas de ferro nas unhas da águia loura.”

Um leal aperto de mão selou aquele pacto de gigantes.<sup>58</sup>

---

<sup>56</sup> LOBATO, apud, p. 289.

<sup>57</sup> LOBATO, apud, p. 289.

<sup>58</sup> LOBATO, apud, p. 290.

## Excerto 11

Kerlog: “Mas a pantera que conte com o revide da águia!”, concluiu o líder branco depois que as mãos se despertaram. “A águia é cruel...”

Jim Roy retesou-se de todos os músculos, como a fera que se põe em guarda.

Jim: “Ameça-nos como sempre? Ameça-nos até no momento em que a América ou rasga a sua Carta e afoga-se num mar de sangue ou submete-se à minha direção?”<sup>59</sup>

## Excerto 12

Kerlog olhou-lhe firme nos olhos e murmurou com nitidez de lâmina:

Kerlog: “Não ameaço. Previno lealmente. Vejo em ti uma força demasiado grande para que eu a enfrente com palavras. Estamos, face a face, não dois homens, sim duas almas raciais arrostadas num duelo decisivo. Não fala neste momento o presidente Kerlog. Fala o branco de crueldade fria, o mesmo que vos arrancou do *kraal*, o mesmo que vos torturou nos brigues, o mesmo que vos espezinhou nos algodoais. Como há razões de estado, Jim, há razões de raça. Razões sobre-humanas, frias como o gelo, cruéis como o tigre, duras como o diamante, implacáveis como o fogo. O Sangue não raciocina, como os filósofos. O Sangue sidera, qual o raio. Como homem, admiro-te, Jim. Vejo em ti o irmão e sinto o gênio. Mas, como branco, só vejo em ti o inimigo a esmagar...”<sup>60</sup>

## Excerto 13

O largo peito de Jim Roy arfava. A fera ancestral contida nele transpareceu no fremir das ventas grossas.

Jim: “E não trepidará o branco em esmagar a América se for condição para esmagar o negro?”, rugiu.

Kerlog retrucou calmamente, como se pela sua boca falasse o próprio deus do Orgulho:

---

<sup>59</sup> LOBATO, apud, p. 290.

<sup>60</sup> LOBATO, apud, p. 290.

Kerlog: “Acima da América está o Sangue.”<sup>61</sup>

#### Excerto 14

Jim abaixou a cabeça. Viu aberto à sua frente o eterno abismo. O dolicocefalo louro tinha a dureza do diamante. Armado de mais cérebro, dos vales dos Ganges partira para a atrevida aventura conquistadora e vencera sempre, e não cedera nunca. Era o nobre, o duro, o eterno senhor cujo raio fulmina. Era o criador. Do rude instinto de matar do troglodita, extraíra a sua grande arte, a Guerra. Forjara a espada, dominara o gás que explode, violara o profundo das águas e a amplidão dos ares. E, com esse feixe de armas incoercíveis, rodeara, como de baionetas, o diamante do seu Orgulho.<sup>62</sup>

#### Excerto 15

Tudo isso, num clarão, viu Jim Roy naquele homem que, sereno, o arrostava. E o que ainda havia de escravo no sangue do grande negro vacilou. Jim sentiu-se retina ferida pelo sol. Mas sem demora reagiu. Ergueu-se e, mais firme que nunca, disse, com durezas de rocha na voz:

Jim: “Seja! E porque assim é, dei o supremo golpe. A América é tão sua como minha. Tenho-a nas mãos. Vou dividi-la.”

Kerlog: “A justiça está contigo, Jim. Manda a justiça dividir a América. Mas o Sangue está acima da justiça. O Sangue tem a sua justiça. E, para a justiça do Sangue Ariano, é um crime dividir a América.

Jim baixou a cabeça novamente e emudeceu. Pela segunda vez, sentia-se retina ofuscada pelo sol.<sup>63</sup>

#### Excerto 16

O presidente Kerlog aproximou-se dele e, com as mãos nos seus ombros largos, disse:

---

<sup>61</sup> LOBATO, apud, p. 290.

<sup>62</sup> LOBATO, apud, p. 290.

<sup>63</sup> LOBATO, apud, p. 291.

— “Vejo-te grande como Lincoln, Jim, e é com lágrimas nos olhos que contemplo tua figura imensa, mas inútil... Adeus. Atendamos ao instante, açaimemos as nossas raças, mas não fique entre nós sombra de mentira. O teu ideal é nobilíssimo, mas à solução de justiça com que sonhas só poderemos responder com a eterna resposta do nosso orgulho: Guerra!”

E os dois seres humanos, subsistentes no imo dos dois líderes raciais, abraçaram-se com lágrimas...

Miss Jane fez uma pausa, atenta à minha comoção. Aquele duelo de gigantes agitara fundo o meu ser. Tive a impressão de que jamais a história oferecera lance mais augusto - nem mais cruel. Vi claros inúmeros pontos até ali obscuros na marcha da caravana que do fundo das idades vem vindo a entredegolar-se com sanhudos ódios. Vi um sonho de Ariel esfumado nas alturas, a Justiça Humana, e vi na terra, onipotente, a Justiça do Sangue, um raio cego...

Ayrton: E depois?, perguntei. Reentrou na paz a América?

Jane: Sim, respondeu Miss Jane. Os dois líderes entraram a agir de pronto. A ação de um foi tão rápida e segura como a do outro. A pantera negra recolheu as garras e a águia loura enluiu as unhas.

Mas o beluário negro sentia-se ferido. As palavras que a raça branca pusera na boca de Kerlog cravaram-se-lhe no coração como as zagaias dos seus avós no peito dos fulvos leões africanos - mortalmente...<sup>64</sup>

Continuando no mesmo livro, citamos a personagem Miss Jane, declarando que a autenticidade é um valor respeitável, Embora as falas e atitudes dos personagens e narradores que qualquer obra literária não represente necessariamente o ponto de vista do autor que os conceber, é por meio deles que o autor problematiza questões, destacando-as para a análise e reflexão do leitor. Quando Miss Jane a firma que “Estilo é como o rosto: cada qual possui o que Deus lhe deu. Procurar ter um certo estilo vale tanto como procurar ter uma certa cara. Sai máscara fatalmente - essa horrível coisa que é a máscara...” (Lobato, 2021, p. 324.), Lobato, por seu intermédio, traz a possibilidade de o leitor - branco e não branco - refletir sobre o valor de suas características -

---

<sup>64</sup> LOBATO, apud, p. 290.

valor este amparado pela autenticidade –, independentemente de quais sejam elas.

Para concluir a lista, ainda do mesmo livro, após antecipar em 40 anos a Teoria das Cordas – na metáfora de Lobato, éter – e nela introduzir o conceito de Deus para que faça sentido, Lobato coloca na voz do sábio cientista – o mais sábio de todos os personagens que criou –, as seguintes afirmações: “A vida na terra [e tudo mais] é um movimento de vibração do éter, do átomo, do que quer que seja uno e primário”<sup>65</sup> e “A vida, a pedra, a luz, o ar, as árvores, os peixes, a sua pessoa, a firma Sá, Pato & Cia.: modalidades da vibração do éter. Tudo isso foi, é e será apenas éter.”<sup>66</sup>, possibilitando ao leitor a conclusão de que, em essência, **somos todos iguais**, independentemente de nossa etnia, sexo, gênero, faixa etária, ideologia, nacionalidade, classe social, nível de formação e qualquer outra característica que venha a nos distinguir.

---

<sup>65</sup> LOBATO, 2021, p. 221.

<sup>66</sup> LOBATO, 2021, 222.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUNÇÃO, Mota. *Os sicários do jornalismo. (Criminologia - Defesa pessoal - Sociologia)*. São Paulo.

BOGMAN, Christian; LI, Claire Mengyi. “A transição para alternativas ao carvão é o começo de um futuro mais verde”. In: *Blog do FMI*. 2020. Disponível em:

<<https://www.imf.org/pt/Blogs/Articles/2020/12/08/blog-a-greener-future-begins-with-a-shift-to-coal-alternatives>> Acesso em 20.08.2024.

CHAVES, Arthur P. “Os problemas do carvão em geral e do carvão brasileiro em particular”. In: SOARES, Paulo S. M.; SANTOS, Maria. Dionísia da C.; POSSA, Mário Valente C. (orgs.). *Carvão brasileiro: tecnologia e meio ambiente*. Rio de Janeiro: CETEM/MCT, 2008, p. 13-24.

O Brasil insultado por brasileiros. *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 13.03.1936. Disponível em:

<[https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=221961\\_01&pasta=ano%20193&pesq=%22Monteiro%20Lobato%22&pagfis=25980](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=221961_01&pasta=ano%20193&pesq=%22Monteiro%20Lobato%22&pagfis=25980)>. Acesso em 20.08.2024.

Propaganda criminosa. *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 14.03.1936. Disponível em:

<[https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=221961\\_01&pasta=ano%20193&pesq=%22Monteiro%20Lobato%22&pagfis=25988](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=221961_01&pasta=ano%20193&pesq=%22Monteiro%20Lobato%22&pagfis=25988)> Acesso em 20.08.2024.

Desagregação subterranea do Brasil - A confissão do sr. Monteiro Lobato - Dona Benta prega o separatismo e a queima do governo. *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 27.03.1936. Disponível em:

<[https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=221961\\_01&pasta=ano%20193&pesq=%22Monteiro%20Lobato%22&pagfis=26169](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=221961_01&pasta=ano%20193&pesq=%22Monteiro%20Lobato%22&pagfis=26169)> Acesso em 20.08.2024.

Negando a gloria de Santos Dumont”. *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 28.03.1936. Disponível em (primeira página):

<[https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=221961\\_01&pasta=ano%20193&pesq=%22Monteiro%20Lobato%22&pagfis=26184](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=221961_01&pasta=ano%20193&pesq=%22Monteiro%20Lobato%22&pagfis=26184)> Acesso em 20.08.2023.

Disponível em (continuação):

<[https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=221961\\_01&pasta=ano%20193&pesq=%22Monteiro%20Lobato%22&pagfis=26191](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=221961_01&pasta=ano%20193&pesq=%22Monteiro%20Lobato%22&pagfis=26191)> Acesso em 20.08.2024.

FIO CRUZ. Personalidades. Arthur Neiva. Disponível em:

<<https://www.ioc.fiocruz.br/personalidades/arthur-neiva>> Acesso em 20.08.2024.

KOPPE, Jair Carlos; COSTA, João Felipe C. L. “A lavra de carvão e o meio ambiente em Santa Catarina”. In: SOARES, Paulo S. M.; SANTOS, Maria. Dionísia da C.; POSSA, Mário Valente C. (Orgs.) *Carvão brasileiro: tecnologia e meio ambiente*. In: SOARES, Paulo S. M.; SANTOS, Maria. Dionísia da C.; POSSA, Mário Valente C. (editores). *Carvão brasileiro: tecnologia e meio ambiente*. Rio de Janeiro: CETEM/MCT, 2008, p. 25-38.

LAMEGO, Valéria. “Apresentação - Uma carta para você, caro leitor”. In. CAVALHEIRO, Edgard. *A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora. 2017

LOBATO, José Bento Monteiro. *Negrinha*. São Paulo: Revista do Brasil, 1920.

\_\_\_\_\_. *Os negros*. São Paulo: Sociedade Editora Olegario Ribeiro, s/d.

\_\_\_\_\_. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1944.

\_\_\_\_\_. *Críticas e outras notas*. São Paulo: Editora Globo, 2009.

\_\_\_\_\_. *A reforma da natureza*. São Paulo: FTD, 2019.

\_\_\_\_\_. *O choque das raças ou o presidente negro*. In: SANTANA-CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO ALEXANDRE EULÁLIO. - UNICAMP. Fundo/Coleção: Monteiro Lobato; Série 3: Correspondência; Subsérie 2: Passiva. MLb 3 2 00381

SANTANA-DEZMANN, Vanete. *Entre metafísica, distopia e mecenato*. São Paulo: Os Caipiras, 2021, p. 201-325.

\_\_\_\_\_. “Tratado de sociologia”. In: SANTANA-DEZMANN, Vanete. *Entre metafísica, distopia e mecenato*. São Paulo: Os Caipiras, p. 51-79.

SCHNEIDER, Carlos Henrique. “Evolução da gestão ambiental na indústria carbonífera em Santa Catarina: um caso de sucesso. In: SOARES, Paulo S. M.; SANTOS, Maria. Dionísia da C.; POSSA, Mário Valente C. (orgs.). *Carvão brasileiro: tecnologia e meio ambiente*. Rio de Janeiro: CETEM/MCT, 2008, p. 39-56.

TIN, Emerson. Em busca do “Lobato das cartas”: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários. Tese (Letras) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

## CAPÍTULO II - Lobato, Amado e *Mar morto*: duas cartas, duas admirações

Filipe Augusto Chamy Amorim Ferreira

Para além do Monteiro Lobato mais exposto ao conhecimento público, o intelectual quase institucional que se manifestava abertamente, que dava entrevistas e publicava falas, editava livros, escolhia novos autores, traduzia outros tantos, imprimia sua marca na vida cultural e política brasileira, enfim, havia um Monteiro Lobato mais privado, que conhecemos hoje em parte por sua vasta vida de missivista.

As cartas de Lobato, seja as que publicou em vida – *A barca de Gleyre* é por direito e merecimento um dos mais célebres volumes de correspondência ativa da bibliografia epistolar brasileira –, seja as que amigos, sócios e destinatários diversos receberam ao longo de ao menos três décadas, notabilizam-se por revelarem outras facetas, menos visíveis, do polígrafo paulista.

Ultrapassando os limites publicizados da *persona* lobatiana, suas cartas possuem chaves para o conhecimento do que Lobato “mais pensava do que fazia”: estão ali a ironia clássica lobatiana, seu sarcasmo sempre arguto, a ubíqua irreverência a postos; mas igualmente estará ali o Lobato que desvela os bastidores de suas empresas, os conflitos pessoais com outros entes da cena cultural, artística e política brasileira, as preferências íntimas que o escritor não enxergava por onde fazer fluir em seus canais oficiais – ou seja, o Lobato que não aparecia a descoberto à vista de todos.

Essas cartas, que Lobato não considerou de interesse significativo, a ponto de não as compilar em um dos tomos de suas *Obras Completas*, organizadas por ele próprio e publicadas pela Brasiliense a partir de 1946, cerca de dois anos antes de seu

passamento, permaneceram secretas e, em boa medida, desconhecidas até a morte do autor. Em 1959, Edgard Cavalheiro, seu amigo e biógrafo, compilou uma considerável quantidade delas em dois volumes que foram enxertados como adendos póstumos à coleção da obra geral (ou adulta) lobatiana.

Nesses dois tomos, que se revelaram cruciais para o dimensionamento da biografia e pensamento lobatianos, Cavalheiro expôs ao público o Lobato que se correspondeu por anos, perfazendo décadas, com a mãe, as irmãs, os cunhados e outros parceiros próximos, do círculo da família, conhecidos, colegas de turma e estudos.

O Lobato oculto, entretanto, não se esgota nas comunicações domésticas, como resta evidente na análise simples de sua carreira como publicista e empresário; assim, nas cartas também encontraremos o inquieto empreendedor e figura pública a contatar entes de destaque no Brasil da primeira metade do século XX, tais quais Assis Chateaubriand, Alarico Silveira, Getúlio Vargas. E escritores, como Rachel de Queiroz, Gastão Cruls, o próprio Edgard Cavalheiro. E Jorge Amado.

Jorge Amado, uma das figuras mais icônicas da cultura brasileira no século XX, era um jovem escritor quando despontou nos circuitos literários no início dos anos 1930, após sua estreia com *O país do Carnaval* (1931). Até o ano da morte de Lobato, 1948, publicou impressionante corpo de obra: nove romances, dois relatos biográficos (dedicados a Castro Alves e ao também correspondente de Lobato Luís Carlos Prestes), um guia sobre a Bahia, uma peça de teatro e um livro de poesia. Já era então um autor reconhecido e renomado.

No início da década de trinta, quando começava a chamar a atenção por sua peculiar produção ficcional, um de seus atentos leitores foi Monteiro Lobato. Jorge Amado não fora publicado por alguma editora relacionada a Lobato, o que indica logo de princípio um fato relevante: aparentemente não havia, da parte de nenhum dos dois

autores, cálculo editorial<sup>67</sup> ou grande interesse comercial por trás do contato<sup>68</sup>.

Amado era então publicado pela José Olympio Editora, com sede no Rio de Janeiro, e Lobato era um dos nomes mais importantes da Companhia Editora Nacional, sediada em São Paulo. A carta, que referenciaremos adiante como CJA1 (Carta a Jorge Amado nº 1), foi assim publicada no segundo tomo das *Cartas escolhidas*<sup>69</sup>

Jorge Amado (1)<sup>70</sup>

Recebi o ‘Mar Morto’ que me ofereceu. Li-o em três assentadas, com a mesma emoção trágica que seus livros sempre me despertam. Em novembro do ano passado estive por várias vezes naquele cais, perto da Igreja da Conceição da Praia, vendo os saveiros atracados e os que vinham vindo de velas abertas – e pensei em você!

‘Qualquer dia o Jorge Amado presta atenção e pinta os dramas que devem existir aqui’. Adivinhei.

---

<sup>67</sup> Caso tenha havido, quanto a isso podemos apenas especular; não há proposições no texto que levem a uma tal conclusão nem temos ciência de futuras tentativas envolvendo negociações de publicação de Jorge Amado por parte de Monteiro Lobato. Até a data em que este texto foi escrito (fev./mar. 2023), a obra de Amado não está em domínio público e nenhuma editora de Lobato jamais a publicou. A Livraria Martins Editora, que passaria a publicar Amado na década de 1940, chegou a publicar Lobato na mesma década.

<sup>68</sup> Novamente, restam especulações: se Amado queria a “validação” do veterano escritor e experiente editor para usar na propaganda de veiculação de suas obras, disso não temos notícia nem evidências. Possivelmente a “chancela” de um intelectual como Lobato permitisse mais comodidade no trânsito das esferas culturais que Amado frequentava.

<sup>69</sup> Por razões de clareza, fidelidade, comentários e comparação, optou-se por preservar a pontuação e a grafia da edição *princeps*; esclarece-se ainda que o *post scriptum* original é apresentado em fonte diminuída e ambas as notas, escritas presumivelmente por Edgard Cavalheiro, constam com o número “(1)” pois apresentadas em páginas diferentes.

<sup>70</sup> “Mar Morto, de Jorge Amado foi publicado em 1936, ano em que, com tãda a certeza, Monteiro Lobato escreveu esta carta a seu autor.” CAVALHEIRO, 1959b, p. 14.

Seus livros da Bahia revelam-me mais que um escritor, que um romancista, que um artista. Revelam-me uma força da natureza, uma espécie de harpa eólia que ressoa à passagem dos ventos dos dramas da miséria. Daí a especialíssima impressão que causam – única inconfundível e TRÁGICA. Trágica no sentido grego da palavra. Na planura da literatura brasileira, Jorge Amado vai ficar com um bloco súbito de montanha hispida, cheia de alcantis, de cavernas, de precipícios, de massas brutas da natureza.

Difícil definir seus livros, meu caro Jorge. Eles desgarram todos os moldes assentes – são livros de dar dor de cabeça aos acadêmicos, aos seguidores de regras de arte.

Livros dolorosamente terríveis porque contêm verdades demais. E contém verdade demais porque, como harpa eólia que você é, eles são a própria verdade circulante no ar como ondas captadas por uma antena potentíssima.

As antenas que você possui vão-se aperfeiçoando em potência. ‘Jubiabá’ me pareceu que seria o pico culminante. ‘Mar Morto’ sobe mais.

Vou retribuir seu livro com um meu – o último. Ambos traem a nossa visão desesperada da miséria brasileira (1)<sup>71</sup>.

Você pinta-lhe os quadros mais dramáticos. Eu ingênuamente aponto um remédio. Diferença de idade. Talvez com a minha idade você também cometa a ingenuidade de apontar remédios...

Adeus. Seus livros me deixam triste por vários dias e descrente até dos meus exaltados remédios. Quando vier a São Paulo lembre-se de me procurar. Saberá do meu paradeiro pela Editôra Nacional. Tenho muita vontade de arregalar os olhos diante do meu entristecedor...

Adeus.

MONTEIRO LOBATO

P.S. – Aquê! Guma! A cena da morte de Guma! A Rosa Palmeirão! Tudo! Que ódio secreto não há de ter você à gente da planície – a você o perturbador da planície com esse semente de picos...

M.

---

<sup>71</sup> “O livro a que Monteiro Lobato se refere é *O Escândalo do Petróleo*, também aparecido em 1936”. CAVALHEIRO, 1959b, p. 15.

A primeira consideração a ser feita é que se trata de uma carta-resposta; Lobato se pronuncia logo após “receber a obra” via o próprio Amado, que lhe “ofereceu” o livro. Responsabilizamo-nos pela afirmação, sem muita audácia, que sempre foi método corrente, ao menos nas práticas editoriais brasileiras a partir das décadas iniciais do século XX, o autor, sobretudo se jovem e pouco conhecido, ofertar exemplares de sua obra a pessoas influentes, intelectuais renomados e afins<sup>72</sup>. Parece ser o caso: a biógrafa de Amado Joselia Aguiar diz que “provavelmente porque enviou seus livros, receberia resposta de dois escritores de peso, nomes que ainda faltavam em sua fortuna crítica: Mário de Andrade e Monteiro Lobato” (2018a: 107).

Lobato, como ele próprio afirma, já conhecia a obra de Amado. Não era o primeiro romance do autor que havia lido, e declara-se espontaneamente admirador de sua carreira – que enxerga então num crescendo, elegendo *Jubiabá*, o quarto romance do escritor baiano, como o melhor de sua lavra; *Mar morto* é o imediatamente seguinte, sendo portanto o quinto romance amadiano por ordem cronológica.

Não temos informação da edição enviada a Lobato, ou mesmo de uma carta ou bilhete enviado a ele na mesma remessa do livro. Desconhecemos, tampouco, de qual documento dispôs Edgard Cavalheiro para transpor a carta no volume lobatiano do fim da década de 1950. As conjecturas são múltiplas: teria Cavalheiro entrado em contato com Jorge Amado? Ou descobrira no arquivo de Lobato, a ele (Cavalheiro) legado, uma cópia da carta enviada a Amado?

Tais indagações podem ficar perpetuamente sem adequado esclarecimento.

Este pesquisador, não obstante, localizou na Casa do Rio Vermelho, onde Amado morou com sua esposa Zélia Gattai, outra versão da mesma carta. A carta está num pequeno acervo aberto à consulta, protegido por vidros, junto a outras cartas enviadas a Amado

---

<sup>72</sup> Cf. nossa segunda nota, acima.

por remetentes célebres, do porte de Carlos Drummond de Andrade e Oscar Niemeyer.

Transcreve-se a seguir a carta<sup>73</sup>, doravante referenciada como CJA2 (Carta a Jorge Amado n.º 2):

23,8,936

Jorge Amado

Recebi o ‘Mar Morto’ que me ofereceu. Li-o em tres assentadas, com a mesma emoção tragica que seus livros sempre me despertam. Em novembro do ano passado estive por várias vezes naquele caes, perto da igreja da Conceição da Praia, vendo os saveiros atracados e os que vinham vindo de velas abertas - e pensei em você. ‘Qualquer dia o Jorge Amado presta atenção e pinta os dramas que devem existir aqui’. Adivinhei.

Seus livros da Baía revelam-me mais que um escritor, que um romancista, que um artista. Revelam-me uma força da natureza, uma especie de harpa eolea que ressoa á passagem dos ventos dos dramas da miseria. Daí a especialissima impressão que causam - unica, inconfundivel e tragica. Tragica no sentido grego da palavra. Na planura da literatura brasileira Jorge Amado vai ficar como um bloco subito de montanha hispida, cheia de alcantis, de cavernas, de precipicios, de massas brutas de natureza.

Dificil definir seus livros, meu caro Jorge. Eles desgarram de todos os moldes assentes - são livros de dar dor de cabeça aos academicos, aos brochas, aos seguidores de regras de arte, aos onanistas da forma. Livros dolorosamente terriveis porque contem verdade demais. E contem verdade demais porque, como harpa eolea que voce é, eles são a propria verdade circulante no ar como ondas e captadas por uma antena potentissima.

---

<sup>73</sup> Assim como ocorrido com a carta anterior, preserva-se a ortografia original, bem como a acentuação da carta - inteiramente datilografada em tinta azul, exceto pela assinatura, manuscrita em tinta vermelha. O pesquisador faz reparo que Monteiro Lobato dificilmente coloca espaços após vírgulas, fazendo uso, talvez por pressa, de construções como “mais que um romancista, que um artista” - o que ora se modifica. Também as notações das exclamações segunda e terceira do inominado “post scriptum” são manuscritas, não à máquina.

As antenas que você possui vão se aperfeiçoando em potência. Cada novo livro, cada nova captação trae o aumento da potência. Jubiabá me pareceu que seria o pico culminante, Mar Morto sobe mais.

Vou retribuir seu livro com um meu - o último. Ambos traem a nossa visão desesperada da miséria brasileira. Você pinta-lhe os quadros mais dramáticos. Eu ingenuamente aponto um remédio. Diferença de idade. Talvez com a minha idade você também cometa a ingenuidade de apontar remédios...

Adeus. Seus livros me deixam triste por vários dias e descrente até dos meus exaltados remédios. Quando vier a S. Paulo, lembre-se de me procurar. Saberá do meu paradeiro pela Editora Nacional. Tenho muita vontade de arregalar os olhos diante do meu entristecedor...

Adeus

[Assinatura manuscrita]

Monteiro Lobato

Aquele Guma! A cena da morte de Guma! A Rosa Palmeirão! Tudo! Que odio secreto não ha de ter de você a gente da planície - a você, o perturbador da planície com esse semente de picos...

As cartas são, em essência, muito parecidas. Porém há diferenças tais que a teoria que passaremos a adotar é de que estamos diante de dois documentos diferentes, advindos de fontes também diversas - descartando, logo, nossa teoria inicial de que Edgard Cavalheiro teria entrado em contato com Jorge Amado para obter a carta para o livro póstumo de cartas lobatianas.

Vamos analisar alguns elementos comparativos das cartas, a maior parte dos quais nos faz endossar tal conclusão.

Na Carta a Jorge Amado nº 1 (CJA1) o primeiro parágrafo da Carta a Jorge Amado nº 2 (CJA2) encontra-se dividido em dois. Não podemos concluir se foi deliberação de Edgard Cavalheiro, por razões de conveniência editorial, separando e dando destaque, em um parágrafo isolado, ao discurso direto que Lobato atribui a si mesmo.

A supor que ambas as cartas tiveram um “modelo anterior comum”, Cavalheiro modificou também a pontuação de Lobato, como

podemos verificar no ponto exclamativo após a frase “pensei em você” em CJA1, que não existe em CJA2, onde a sentença termina com um ponto final; como com essa frase o primeiro parágrafo da CJA1 é encerrado, acreditamos que o ponto de exclamação e a quebra do parágrafo único de CJA2 em dois parágrafos na CJA1 sejam deliberações de Cavaleiro, não de Lobato.

Seguindo ao próximo parágrafo da CJA2 – e considerando por suposição deveras provável que seja este o documento mais antigo ou anterior das duas cartas –, verificamos que Cavaleiro, além de atualizar a ortografia de certas palavras ou expressões (“Baía”, constante no respectivo parágrafo da CJA2, vira “Bahia” na CJA1), fez ainda escolhas de transcrição que lhe pareceram mais adequadas (por exemplo, “massas brutas de natureza” da CJA2 passa a “massas brutas da natureza” na CJA1), escolhas que não chegam a alterar o sentido nem a substância do texto.

O “P.S.” da CJA1, que não aparece identificado e nem com fonte reduzida na CJA2, apenas sem recuo de parágrafo, cria um ruído na inteligência do sentido, por aparente equívoco na transposição textual feita por Edgard Cavaleiro: a frase “Que odio secreto não ha de ter de você a gente da planície”(CJA2) passa a “Que ódio secreto não há de ter você à gente da planície” (CJA1). O sentido sofre incrível confusão nesse erro simples de revisão: na CJA2 fica claro que “a gente da planície” é o sujeito a ter “ódio secreto” de Jorge Amado, enquanto na CJA1 o texto truncado informa que é o justo contrário, Jorge Amado é quem odeia secretamente a gente da planície. Nossa suposição é que para deixar mais palatável o texto lobatiano, mexendo em sua pontuação, Cavaleiro confundiu-se com a sintaxe, a ocorrência de crase e o hipérbato que Lobato construiu – “o ódio que a gente da planície tem” em lugar de “a gente da planície odeia”.

A frase “Cada novo livro, cada nova captação trai o aumento da potência”, da CJA2, está inteiramente ausente da CJA1. Talvez um problema filológico recorrente: na transposição de textos, o escriba “perde” uma frase e transcreve apenas dali para frente, sem perceber.

No entanto, se for válida nossa hipótese de que CJA1 e CJA2, apesar de obviamente disporem de um mesmo tronco comum, são advindas de fontes diferentes, talvez no documento a que Cavalheiro teve acesso nunca tenha havido tal frase para ser transposta.

O parágrafo que na CJA2 tem por início “Vou retribuir” na CJA1 encontra-se, como havia ocorrido com o parágrafo inicial, dividido em dois. Possivelmente escolha de estilo de Cavalheiro, que no primeiro caso encerrou o primeiro dos dois parágrafos com um ponto de exclamação e, aqui, com a incidência de uma nota de rodapé a consultar.

Na primeira nota da CJA1, presumivelmente escrita por Cavalheiro, o organizador do volume “supõe” a datação de 1936 para a carta, por ser a data de publicação de *Mar morto*, alojando inclusive a carta na seção do livro lobatiano dedicada a esse ano. Está correto, e correta também a segunda nota, que alude a *O escândalo do petróleo*, pois como Katia Chiaradia apontou, “a primeira edição de *O escândalo do petróleo* é datada de agosto de 1936 e este é um dos poucos apontamentos claros e definidos (se não, o único) que se pode fazer acerca deste livro de Monteiro Lobato”<sup>74</sup>. Porém, e este é o ponto verdadeiramente crucial aqui, se Cavalheiro tivesse tido acesso à CJA2, um documento físico, datilografado e assinado, não poderia ter de qualquer forma a dúvida da data da carta: CJA2 exhibe bem legível a data datilografada de 23 de agosto de 1936 (“23, 8, 936”), o que a coloca sem hesitação cabível no mesmo mês de lançamento de *O escândalo do petróleo*. Cavalheiro não teria um tal questionamento exceto se não dispusesse da CJA2, razão para acreditarmos que não teve acesso a ela.

Por fim, e no que nos parece o argumento capital para considerar CJA1 e CJA2 provindas de um documento uno mas sendo basicamente dois textos diversos, o parágrafo iniciado tanto na CJA1 como na CJA2 pela introdução “Difícil definir seus livros” possui na CJA2 termos ainda mais virulentos contra os prováveis críticos de

---

<sup>74</sup> CHIARADIA, 2014, p. 283.

Amado: “brochas” e “onanistas da forma”. É tentador considerar que são pura e simplesmente censuras de Edgard Cavalheiro; não nos parece o caso porque esse tipo de comentário, envolvendo baixo calão sexual, aparece em outros momentos nas *Cartas escolhidas* e foram conservados por Cavalheiro. Por que só neste ponto do livro haveria repressão a eles?

Como ilustração cabal, vejamos no volume anterior (o primeiro tomo das *Cartas*) o seguinte trecho de uma carta a Heitor de Moraes, seu cunhado e parceiro comercial em algumas empreitadas:

Hoje, por exemplo, quando um rapaz chega à idade do amor e sente incoercível a pressão do sexo, vê-se barrado pela moral dominante e forçado a optar entre três soluções escusas, que a Moral condena, e uma solução que a Moral preceitua, mas a Natureza refuga. Tem que optar entre o onanismo, a putaria e a amigação temporária. Só mais tarde, quando a sua situação econômica lhe permite, pode êle entrar no trilho casando. Ou então fazer o que a Moral manda, guardar a castidade.<sup>75</sup>

Notemos que até mesmo uma das palavras “desaparecidas” da CJA1, “onanismo” (ou mais propriamente “onanistas”), aparece sem censura alguma no primeiro volume das *Cartas*, vindo à luz no mesmo ano do segundo. Indo mais além, na carta a Moraes o assunto é efetivamente sexual, fisiológico, enquanto os “brochas” e “onanistas da forma”, na carta a Amado, são claramente figuras metaforizadas, absurdas, não literais.

Não há como extrair conclusões seguras das conjecturas acima explicitadas. Suposições, suspeitas, teses são facultadas, todavia. Houve mesmo um “documento-mãe” dos quais as cartas CJA1 e CJA2 foram extraídas? Caso afirmativo, onde está, quem o detém? A CJA1 é localizável em algum acervo? É mesmo uma cópia transcrita imperfeitamente e censurada da CJA2 ou Cavalheiro se manteve fiel a ela o quanto conseguiu? A CJA1 foi datilografada e assinada por

---

<sup>75</sup> LOBATO, 1959a, p. 255.

Monteiro Lobato, como a CJA2 parece sem dúvidas ter sido? Conseguimos apenas seguir pela via das probabilidades.

Temos notícia certa, contudo, que Jorge Amado gostou muito da resposta de Lobato a seu envio de *Mar morto*. Isso não é explicado apenas pela conservação da carta em seu museu familiar, mas por este comentário de Joselia Aguiar, citando uma frase lobatiana: “E [Lobato] proclamava, na frase que se tornou das preferidas de Jorge até seu último quartel: ‘Na planura da literatura brasileira [Jorge Amado] vai ficar como um bloco súbito de montanha hípida, cheia de alcatis [sic], de cavernas, de precipícios, de massas brutas na natureza”<sup>76</sup>.

Da parte de Lobato, a admiração também não esmoreceu. Indagado anos adiante, entre os anos de 1941 e 1944, pelo periódico *Mocidade Paulista*, o escritor diria:

– Qual, na sua opinião, o melhor poeta e o melhor romancista da nova geração?

– Quem responde a uma pergunta destas merece um bom par de orelhas de jumento. Destacar um entre dez apreciabilíssimos poetas é criar nove eventuais inimigos; e quem faz a mesma coisa entre dez romancistas, eleva eventualmente seus inimigos a dezoito – nove em verso e nove em prosa. Entre os romancistas, por exemplo, como é difícil hoje dar a palma de melhor a este ou aquele, quando estamos com um grupo tão bom de belos romancistas – José Lins, Jorge Amado, Erico Veríssimo, Armando Fontes e tantos outros!<sup>77</sup>

Assim como dissera de Erico Verissimo, a quem conhecera e quisera dar “uma prova de que, cá por São Paulo, damos valor à opinião dele”, conforme anotou Brito Broca<sup>78</sup>, Lobato também não perdia a obra do baiano Amado de vista – e queria deixar claro que, igual ao que ocorria com o gaúcho Verissimo, a gente de São Paulo também dava valor à opinião dele, a ele e a suas obras.

---

<sup>76</sup> AGUIAR, 2018a, p. 108.

<sup>77</sup> LOBATO, 2009, p. 169.

<sup>78</sup> BROCA, apud BIGNOTTO, 2018b, p. 422.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Joselia. *Jorge Amado: uma biografia*. São Paulo, Todavia, 2018a.
- AMADO, Jorge. *O país do Carnaval*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1931.
- \_\_\_\_\_. *Jubiabá*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1935.
- \_\_\_\_\_. *Mar morto*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1936a.
- \_\_\_\_\_. *ABC de Castro Alves*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1941.
- \_\_\_\_\_. *O cavaleiro da esperança (vida de Luiz Carlos Prestes)*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1945.
- BIGNOTTO, Cilza Carla. *Figuras de autor, figuras de editor*. São Paulo: Editora Unesp, 2018b.
- CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955 (2 vols.).
- CHIARADIA, Katia. “Literatura, política, petróleo e escândalos: O escândalo do petróleo”. In: *Monteiro Lobato, livro a livro: obra adulta*. São Paulo: Editora Unesp: Imprensa Oficial, 2014.
- LOBATO, Monteiro. *O escândalo do petróleo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.
- \_\_\_\_\_. *Cartas escolhidas, 1º. tomo. Organizadas por Edgard Cavalheiro*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959a.
- \_\_\_\_\_. *Cartas escolhidas, 2º. tomo. Organizadas por Edgard Cavalheiro*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959b.
- \_\_\_\_\_. *Prefácios e entrevistas*. São Paulo: Globo, 2009.
- \_\_\_\_\_. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Globo, 2010.
- MEMORIAL CASA DO RIO VERMELHO. *Jorge Amado e Zélia Gattai*. Salvador, visita em maio de 2022.

## CAPÍTULO III - As ideias sacizantes de Monteiro Lobato: o espaço do Sítio do Picapau Amarelo

Daniel Fernandes da Silva  
Patrícia Aparecida Beraldo Romano

### 1. Monteiro Lobato: Histórias para crianças e o espaço rural do Brasil

A obra literária de Monteiro Lobato resguarda diversos aspectos singulares, principalmente sua parte que foi destinada para o público infantil e juvenil. Assim, essa está para além das possibilidades dos usos paradidáticos de suas obras no ensino básico de alguma disciplina escolar. A obra infantil de Lobato pode ser lida pela Teoria Literária através da categoria do *espaço*, para as quais o “Sítio”, tanto espaço ficcional quanto saga de aventuras, de alguma forma perpassa, ou acompanha, aspectos do tempo de vida do autor.

Ao pensarmos Monteiro Lobato como *um homem de seu tempo*, também precisamos pensar nele como *um homem de seu espaço*. Aliás, com isso não buscamos limitá-lo ao contexto histórico em que viveu para apresentar justificativas para suas polêmicas, por exemplo. O que buscamos é uma possibilidade de leitura do seu contexto histórico e sua busca aparente de causar transformações no espaço em que vivia.

Nessa perspectiva, tomamos em nossas leituras as reflexões advindas da cosmologia do espaço em que as relações sociológicas, históricas, literárias e psicológicas são essenciais, pois essas evidenciam a interação do homem nos afazeres da vida e no espaço em que habitam. Nesse sentido, Marco Aurélio Saquet e Sueli Santos da Silva (2008), ao discorrerem sobre a questão do espaço, retomam as concepções de Milton Santos (1979). Afirmam Saquet e Silva que:

O espaço pode ser definido pelo conjunto de lugares compreendidos como porções do espaço produtivo e de consumo. Como já vimos na obra anterior, forma, função e estrutura são fundamentais para a compreensão da totalidade e do espaço; são aliadas na formação espacial junto com outros elementos que podemos destacar: divisão social do trabalho, urbanização e sistemas de fluxos, pois todos esses fatores têm influência na forma como o espaço é organizado.<sup>79</sup>

Para complementarmos essa afirmação voltamos ao texto de Santos (1979), em que ele discorre sobre a conceituação do espaço para a geografia, afirmando que o espaço existe como uma matéria a ser trabalhada, dando existência a um sistema de objetos sociais com maior imposição do próprio homem sendo que essa é criada por ele. Dessa maneira, o espaço se constitui como parte do cotidiano da vida do homem em sua casa, o local de trabalho e os pontos de encontro dos indivíduos, como os caminhos que passivamente condicionam as atividades do homem, exercendo o comando sobre as suas práticas sociais.

Marisa Lajolo, uma das mais respeitadas pesquisadoras de Lobato na atualidade, depois de percorrer a obra e a fortuna crítica do escritor, aponta que a característica primordial de Monteiro Lobato era o seu caráter contraditório<sup>80</sup>. E, de fato, são inúmeras as passagens na trajetória do criador do *Sítio* que dão margens para interpretações errôneas e conflituosas, afinal, Lobato foi alguém que abraçava com ardor as causas que considerava justas, ou necessárias, e com vigor defendia seu ponto de vista. Muitas dessas causas perpassavam várias questões referentes aos espaços da vida nacional no início do século XX.

Segundo Evandro do Carmo Camargo (2006), Monteiro Lobato tinha uma outra propriedade fundamental que era o seu nacionalismo<sup>81</sup>,

---

<sup>79</sup> SAQUET; SILVA, 2008, p. 11.

<sup>80</sup> LAJOLO, 2000 apud CAMARGO, 2006, p. 21.

<sup>81</sup> É importante esclarecer que o pesquisador inicia sua investigação da trajetória intelectual de Lobato com os textos “Uma velha praga” e “Urupês”, tensionando

“uma breve passada de olhos sobre o currículo lobatiano no que concerne a assuntos de interesse nacional é suficiente para dar a medida da enormidade de sua fixação, de sua verdadeira ‘paranóia’ pelas coisas do Brasil”<sup>82</sup>. De fato, Monteiro Lobato representou, a seu modo, um ímpeto pioneiro, criador e renovador que o fez tomar diversas iniciativas fecundas e ousadas que, em certa medida, formataram o Brasil moderno.

Nesse sentido, Elisangela da Silva Santos (2013) afirma que as discussões nas obras de Lobato tinham como prioridade a formação da nação: “vemos que em Lobato existe o forte argumento pela necessidade do progresso, visto como sinônimo de conquistas geográficas e técnicas. Alerta sobre o perigo da passividade brasileira, por enxergar a perda de seu território sem agir, e faz um chamado para que o povo comece a sair da zona de conforto para a ação”<sup>83</sup>. Podemos perceber que Monteiro Lobato foi um escritor atento com a peculiaridade analítica da sociedade do início do século XX, e estava interessado nos problemas de seu espaço e do seu tempo.

Desse modo, podemos considerar a possibilidade de que suas obras abrangiam temáticas que visavam o mesmo objetivo: escrever uma proposta para o futuro de nossa/sua nação. Logo, parece que Monteiro Lobato fez o possível para apontar os problemas e suas possíveis soluções, levando em consideração os conhecimentos que havia em sua época. Entretanto, sua trajetória confirma a impossibilidade de escrever uma solução que pudesse solucionar todos os problemas que ainda permanecem nas raízes do Brasil.

O escritor nasce um pouco antes da abolição da escravidão, sua infância e adolescência ocorrem durante um tempo e espaço que

---

suas análises sobre esses textos de Lobato, sob o viés do campo ideológico de Monteiro Lobato como um “nacionalista”, contraposto à revisão da trajetória do termo “nacionalismo”, no século XX, feita em um ensaio por Antonio Candido que foi chamado de “Uma palavra instável (nacionalismo)”, publicado em 27 de agosto de 1995, na *Folha de S. Paulo*.

<sup>82</sup> CAMARGO, 2006, p. 21.

<sup>83</sup> SANTOS, 2013, p. 16.

apresentam a dicotomia de mudanças nos pensamentos sociais. Desde cedo Lobato estava munido de leituras de livros e dos periódicos, também começou cedo a contribuir com os jornais estudantis. Quando adulto, o primeiro emprego foi o de promotor público em uma cidadezinha interiorana do Vale do Paraíba - Areias. Lá se descobriu um advogado sem vocação, mas para manter a mente sã, continuou com suas contribuições literárias e tradutórias com os periódicos da época.

Pouco tempo depois, com a morte do avô visconde, herdou suas terras e, inventivo como era, tentou inovar no manejo delas registrando sua experiência como fazendeiro. Suas tentativas, contudo, para a inovação agropecuária da fazenda foram relativamente desastrosas e o fracasso fez com que Monteiro Lobato expurgasse sua frustração através da escrita com “Uma velha praga” e “Urupês”. Ambos os textos foram enviados e publicados na seção de reclamações do *O Estado de S. Paulo*, jornal em que Lobato já colaborava há algum tempo, porém não tinha o reconhecimento da imprensa paulista, ou da imprensa nacional.

Como observado por Camargo (2006), os textos “Uma velha praga” e “Urupês” são o resultado do rompante de cólera do escritor sobre o que vivenciou como dono de um latifúndio, mas também de alguma forma esses artigos denotam um rompante das suas inquietações literárias.

O escritor estava em contato direto com a população rural paulista, mais especificamente a do Vale do Paraíba, desde 1911, ano em que herdara do avô, o Visconde de Tremembé, a fazenda Buquira, e cada vez mais o irritava certo regionalismo, ou, como ele mesmo classificaria, o “caboclismo”, com suas narrativas repletas de lindas moreninhas cor de jambo e de audazes “caboclos” de sentimentos elevados e nobres. A estocada euclidiana abalara os alicerces, mas não derrubara por completo a complexa estrutura, e havia quem lhe tentasse remendar os estragos, minorar as avarias, vendendo, 12 anos depois de *Os Sertões*, uma imagem romanticamente idealizada e completamente obsoleta do caipira. Como observa o próprio

Lobato, exauridas as fontes do nosso indianismo, o que se fez foi mudar o sujeito da “investigação” humana e estética empreendida pelos nossos literatos com o propósito de revelar ao país o país. Sai de cena o índio e entra o caipira. Muda-se a indumentária, o ambiente, a linguagem; mas o estofo psicológico continua o mesmo. Troca-se o cauim pela cachaça, o cocar pelo chapéu de palha, o arco e flecha pela espingarda e assim por diante. Porém, o caipira, assim como o índio, é dotado apenas de virtudes, tendo obliteradas quaisquer falhas de caráter, fraquezas ou hesitações.<sup>84</sup>

Em 1916, dois anos depois de Lobato ter sido alçado para o sucesso com a publicação dos textos sobre o Jeca Tatu, o escritor

---

<sup>84</sup> CAMARGO, 2006, p. 30. Camargo (2006) cita *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha, para demonstrar que, quando Lobato escreve “Uma velha praga” e “Urupês” esses textos podem ser considerados como a “estocada” seguinte para mudar a visão idílica da realidade nacional no início do século XX, apesar de podermos perceber que havia alguns equívocos por parte dele em sua visão sobre o caboclo e o caipira. Além disso, embora Camargo (2006) não mencione, coincidentemente, Lobato comentou em duas cartas as suas leituras de obras de Euclides da Cunha. Na primeira, menciona a leitura de *Inferno Verde*, em uma carta de 6 de julho de 1909 enviada de Areias para Rangel: “*Inferno verde* é bom, mas não é essas coisas que o Ricardo anda dizendo. É um livro que seria original, se não existisse Euclides da Cunha, mas não é obra-prima. O homem concentra coisas demais em cada frase, o que impõe ao leitor um grande esforço de atenção – e isso cansa. Coelho Neto precisa podar palavras. Alberto Rangel precisa desdobrar frases. O Ricardo não entendeu muita coisa do livro e por isso exaltou-o tanto. Eu também não entendi, mas tenho a coragem de não esconder a minha insuficiência atrás do tamanho do homem. E adeus.” (LOBATO, 2010, p. 103.). Na segunda carta de 7 de junho de 1909, também enviada de Areias para Rangel, Lobato mencionou a leitura da obra de Euclides, como material de “estudo”: “Euclides da Cunha foi um grande leitor de léxicos. Nos *Sertões* eu notei como ele fugia à vulgaridade sem cair no abstruso, por meio do emprego de palavras que o jornalismo não estafou (porque a cachamorra que achata todas as palavras da língua é sempre o jornalismo). Em vez de prematuro, imaturo. Implexo por complexo etc. Uma variação dos prefixos habituais da imprensa – e a frase fica mais fina, toda petulante de distinção. A desgraça em tudo é a vulgaridade – o “toda gente”. Estou lendo e marcando as palavras úteis para o meu caso, os sentidos figurados aproveitáveis nesta “nossa” literatura etc. Ainda estou no “A” e já tenho belos achados. É um verdadeiro mariscar de peneira. Deves fazer a mesma coisa, e depois trocaremos as notas.” (LOBATO, 2010, p. 104.).

mostrava-se entusiasmado com o mundo das Letras. Além disso, por causa da criação e educação literária de seus próprios filhos, Lobato tinha percebido a falta de literatura direcionada para as crianças e, anos antes da publicação do primeiro livro infantil, já comentara tal fato com Rangel como registrado através de uma carta enviada da Fazenda Buquira, em 8 de setembro de 1916.

Ando com várias ideias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. Veio-me diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha lhes conta. Guardam-nas de memória e vão recontá-las aos amigos – sem, entretanto, prestarem nenhuma atenção à moralidade, como é natural. A moralidade nos fica no subconsciente para ir se revelando mais tarde, à medida que progredimos em compreensão. Ora, um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa. As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora-do-mato – espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta. Como tenho um certo jeito para impingir gato por lebre, isto é, habilidade por talento, ando com ideia de iniciar a coisa. É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos. Mais tarde só poderei dar-lhes o *Coração* de Amicis – um livro tendente a formar italianinhos...<sup>85</sup>

No início de 1917, embora o escritor tenha começado a tecer o embrião da história de Narizinho, na qual a personagem se chamasse Nenê e o desenrolar da narrativa fosse por caminhos diferentes ao que ficou conhecido, o escritor não publicou um livro para crianças. Como aponta Santos (2013), no período em questão, o Brasil estava na encruzilhada entre o agrário e o industrial, perpassando pelas indefinições dessa situação e da efervescência da gênese das ideias modernistas. Tais fatos fizeram com que Lobato, como outros autores do período, conduzisse à formulação de ecléticos temas em seus textos

---

<sup>85</sup> LOBATO, 2010, p. 183.

como cultura, sociedade, arte, economia, política e conflitos políticos. Desse modo, o escritor observou a ebulição das ideias modernas e julgou que essas pareciam não se importar com a cultura nacional, por estarem demasiadamente inspiradas pelas formas estrangeiras. Assim, Lobato buscou combatê-las ao voltar sua atenção para um assunto que lhe despertava curiosidade: a figura folclórica do Saci-pererê.

O que nos chama a atenção para o espaço do Sítio não é somente o fato de ele abarcar a magia e a fantasia, mas como um espaço rural, para o qual a ideia primeira sobre o estilo de vida seria o rústico (se pensarmos principalmente no período de sua origem), poderia ser o lugar para aventuras tão peculiares e por que isso ainda poderia encantar os leitores, apesar dos 100 anos de sua criação? Para iniciarmos as reflexões sobre espaço, buscamos apoio no geógrafo Milton Santos (2006) quando, ao explanar sobre o conceito, esclarece que a principal forma de relação entre o homem e o meio é dada pela técnica.

Segundo as explanações do estudioso, as técnicas seriam um conjunto formado por meios instrumentais e sociais usados pelos homens enquanto realizam suas vidas, produzindo e, ao mesmo tempo, criando espaços. Como complementa Santos (2006),

A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima. A configuração territorial, ou configuração geográfica, tem, pois, uma existência material própria, mas sua existência social, isto é, sua existência real, somente lhe é dada pelo fato das relações sociais. Esta é uma outra forma de apreender o objeto da geografia.<sup>86</sup>

Além disso, o geógrafo ainda nos explica que o conhecimento é constitutivo das forças produtivas desse encontro do homem com a natureza, portanto trata-se de uma relação cultural, política, técnica etc. Embora esse conceito seja da área de estudos da geografia, sua

---

<sup>86</sup> SANTOS, 2006, p. 16.

amplitude possibilita que possamos aproximá-lo dos estudos literários, uma vez que o espaço sítio nas obras infantis de Lobato possibilita diferentes níveis de entendimento das relações das forças produtivas do autor sobre o espaço à medida que as personagens se desenvolvem a cada aventura e a cada expansão do Sítio do Picapau, mostrando que essas também estão criando forças produtivas sobre esse espaço.

Para fazermos uma transição dessa ideia com as possibilidades de uso e de aproximações com teorias literárias, buscamos auxílio nos textos de Bakhtin nos quais podemos localizar duas concepções que tratam da questão do espaço-tempo, o cronotopo e a exotopia. Como resume Amorim (2012), essas ideias são apresentadas de forma distinta, uma vez que o cronotopo é concebido para o âmbito estrito do texto literário e a exotopia pode referir-se às atividades criativas em geral.

Entretanto, o que nos interessa é o cronotopo, composto pelas palavras gregas *chronos*: tempo, e, *topos*: lugar, o qual aponta “à interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura, [que] chamaremos de cronotopo”<sup>87</sup>. Neste ponto, retomamos as concepções do teórico russo que, ao procurar compreender as possíveis relações de entrelaçamento dos vestígios, ou, indícios culturais e históricos que podem ser pautados sob a ótica da cronotopia, chegou à conclusão de que a cultura seria um sistema “[...] em um nível mais alto de unidade orgânica: aberta, em formação, não resolvida nem previamente resolvida, capaz de morte e renovação, que transcende a si mesma”<sup>88</sup>.

De fato, a obra adulta, infantil e juvenil de Monteiro Lobato parece-nos subverter a ideia sobre o espaço rural, sobretudo a sua obra para crianças e jovens ao nos revelar todo o potencial em aventuras e aprendizagens nele escondidos. O espaço do sítio de Dona Benta também pode ser lido através da topoanálise, conceito cunhado primeiramente por Bachelard e na sua expansão com as contribuições de Oziris Borges Filho (2008), que sob uma revisão extensiva do

---

<sup>87</sup> BAKHTIN, 2002, p. 211.

<sup>88</sup> BAKHTIN, *idem*, p. 370.

conceito aponta que esse abarca muito mais que a dimensão psicológica que apontou Bachelard.

Segundo Borges Filho (2008), a toponálise considera as variadas funções do espaço na literatura, perpassando pela caracterização em relação ao meio psicológico, fantástico, histórico, social, entre outros. Nesse sentido, Ariel Sessa (2015) esclarece que dentre os aspectos que podem ser observados sobre o viés da toponálise:

Estão a influência do espaço sobre os personagens, acarretando determinadas ações; a ideia de situar o personagem; a representação dos sentimentos dos personagens por meio dos espaços em que se encontram; o modo como o espaço pode propiciar ao leitor a percepção de contraste em relação ao personagem; a capacidade que o espaço tem de poder antecipar a ação para o leitor; a divisão espacial em três gradações ficcionais: realista, imaginativa e fantasista; o encadeamento do espaço para compor o enredo da obra; e a maneira como se devem levantar os espaços na obra (ou seja, em sua segmentação, macroespaços, microespaços, cenário, natureza, ambiente, paisagem e território).<sup>89</sup>

O pensamento geográfico-nacionalístico-ideológico que perpassa as aventuras criadas por Monteiro Lobato para as crianças no Sítio de Dona Benta pode ser lido e compreendido, simultaneamente, com as concepções do cronotopo e da toponálise. Uma vez que o espaço do Sítio do Picapau Amarelo é responsável por ser a terra base de onde “uma narrativa [que] é uma viagem que nos remete ao território de outro ou de outros, uma maneira, então, de expandir os limites de nossa experiência, tendo acesso a um fragmento de mundo que não é nosso”<sup>90</sup>. Complementando ainda essa afirmação, Lobato faz com que o seu leitor seja parte também desse mundo quando o aproxima de elementos que ainda são bastante presentes nas formas de espaço rural que temos no Brasil.

---

<sup>89</sup> SESSA, 2015, p. 46-47.

<sup>90</sup> ANDRUETTO, 2012, p. 54.

## 2. Inquérito: Lobato e a temática do Saci-pererê

A figura do Saci surge na obra lobatiana quando o autor, movido por sua defesa/valorização da cultura do Brasil e a sua curiosidade sobre a criatura folclórica, propõe a abertura de um inquérito para recolher os depoimentos sobre a figura do duende brejeiro e libertário. Para Ceccantini (2009), além dos dois artigos que trouxeram a Lobato projeção, a sua celeuma traz à tona a pauta que se tornou recorrente em sua obra: o *atraso* econômico e a dinâmica social do espaço rural brasileiro.

Sobretudo, Lobato apontava para o discurso ufanista no âmbito do governo que estava em vigência e problematizava as produções artísticas do período em sua crítica. Monteiro Lobato sempre teve um interesse pelas coisas do Brasil e escreveu sobre elas, enfatizando-as pelas suas singularidades positivas e/ou negativas. Afinal, o Brasil do início do século XX passava por transformações que ensejavam debates e representações sobre o tema cultura nacional e quais seriam suas raízes.

Essas discussões muito interessavam a Lobato que as endossava em suas cartas a Godofredo Rangel ao comentar sobre as leituras de livros, de artigos em jornais e de revistas, como a *Revista do Brasil*. Segundo a pesquisadora Gabriela Pellegrino Soares (2015):

Em 1916, estabelecido em São Paulo, Lobato chocou-se com as esculturas de anõezinhos à alemã que decoravam o Jardim da Luz. Publicou na ocasião um artigo na *Revista do Brasil*, denunciando o nosso desenraizamento cultural e o hábito brasileiro de imitar o modelo europeu.<sup>91</sup>

Em 1916, Lobato ainda não estava estabelecido na capital São Paulo, contudo já mostrava sua insatisfação com o que estava sendo publicado e produzido por lá. Porém, como averiguado por Amaya Obata M. de Almeida Prado (2016), o termo “saci” surge na

---

<sup>91</sup> SOARES, 2015, p. 441.

correspondência de Monteiro Lobato em uma carta em que agradecia sua irmã - Teca -, pelo envio de uma partitura musical intitulada “O Sacy”. A pesquisadora traz à luz a informação de que “a carta refere-se a um ‘tanguinho’ de autoria de Marcelo Tupinambá e José Eloy”<sup>92</sup>.

Entretanto, foi sob um acontecimento terrível que ocorreu em outubro de 1916, o suicídio de seu amigo de longa data, o poeta Ricardo Gonçalves, que Lobato se motivou a escrever o texto “A poesia de Ricardo Gonçalves”, para a seção de “resenhas do mês” da *Revista do Brasil*, edição de novembro. Em seu texto, Lobato homenageava o amigo e argumentava como a poesia feita por Ricardo não estava alienada pela influência europeia. Também foi nesse texto a primeira vez que o escritor tratou apropriadamente da figura de tradição popular Saci-pererê.

Vae um pobre mortal espaiecer ao jardim e lá, em vez d'uma nesga da nossa natureza tão rica, é sempre o volapuk que se lhe depara. Pelos canteiros de grama ingleza ha figurinhas de anões germânicos, gnomos do Rheno, a sobraçarem garrafas de *beer*: Porque taes niebelungices, mudas á nossa alma, e não sacys-serêrêes, caaporas, mães d'agua, e mais duendes creados pela imaginação popular? O próprio arvoredo é por metade coisa alheia.<sup>93</sup>

Embora a primeira vez que Lobato mencionou a figura do Saci-pererê seja rápida e em um contexto que esse não era o foco, a criatura das estórias de tradição oral se tornaria alvo de curiosidade do escritor e de outras pessoas que leram seu texto. Dessa forma, dias antes de lançar a pesquisa sobre o sátiro brasílico, Lobato escreveu para o jornal *O Estado de S. Paulo* o artigo “A criação do Estilo”, publicado em 06

---

<sup>92</sup> PRADO, 2016, p. 38.

<sup>93</sup> LOBATO, 1916, p. 299. Transcrevemos o trecho do texto original da publicação de 1916, por isso optamos por manter a ortografia igual. A palavra “volapuk” usada por Lobato em sentido metafórico para “artificial”, “alienígena” ou “não natural”. Além disso, segundo Roberto Garvía (2012), o termo “Volapük” foi criado e usado para denominar a língua artificial construída entre 1879-1880, por Johann Martin Schleyer, um padre católico que viveu em Litzelstetten, sul da Alemanha.

de janeiro de 1917. No texto, tratou de muitos assuntos, contudo discorreu extensivamente sobre questões de arquitetura e o emaranhado de influências alienígenas.

Para Lobato, o Liceu de Artes e Ofícios tinha por papel fundamental a educação de mão-de-obra envolvida com arquitetura brasileira, para que dali pudesse sair o vicejar da cultura nacional com temas e formas brasílicas.

No Liceu, a seção de modelagem, por exemplo, tem elementos para influenciar fundamente o gosto popular. Aquelas primorosas terras cotas de Bertozzi e seus alunos, onde por enquanto só figuram faunos, ninfas, sátiros e bacantes, poderão penetrar em todas as casas burguesas como portadoras da infinidade de temas nacionais menosprezados. Há em derredor de nós todo um eldorado de temas virgens. A máscara afivelada pelo mau gosto empece-nos a visão. Passamos por eles sem os enxergar. Tal qual o galo da fábula com a pérola. Um exemplo. **Nós temos um satirozinho de imenso pitoresco que não penetrou nos domínios da arte, embora já se cristalizasse na alma popular, estilizado ao sabor da imaginativa sertaneja: o saci.** No entanto, para animar os gramados do Jardim da Luz, importamos nibelungos alemães, sacis do Reno!... Temos ninfas, ou correspondente disso, puramente nossas; a Iara, a Mãe-d'Água, a Mãe do Ouro. Temos Marabá, a perturbadora criação indígena — mulher loura de olhos azuis, filha de estrangeiro e mãe aborígine, pelos nativos desprezada e odiada como inimiga natural. Temos caiporas, boitatás e tantos **outros monstros cujas formas inda em estado cósmico nenhum artista procurou fixar.** Se há nas matas uma riqueza inaudita de motivos vegetais suscetíveis de estilização, por que deter-nos toda a vida no arqui-surrado acanto? Como penetrou na arte acanto? Calímaco, um dia, abaixou-se, colheu uma folha de plantinha modesta, vulgar no solo grego, impressionou-se com o seu recortado, estilizou-a e pô-la em pedra. O gesto de Calímaco será acaso uma prerrogativa sua? Não poderá ser repetido por todos os artistas de talento? Nossas flores silvestres, nossos acantos, serão porventura indignos de se ordenarem em festões? Nossa fauna será tão pobre que necessitemos fincar nas pontas das ripas do belvedere da avenida cabecinhas de caneiros gregos? Não é irrisório vivermos às voltas com palmetas napoleônicas, folhas de espadanas, conchas bivalvas, saracoteios, rocalhas, amores, graças, pastores, anjinhos e tudo o mais que nasceu fora daqui e já teve sua

época? Ora, pois, concluamos: está o Liceu em maravilhoso pé de oportunidade para iniciar a organização do nosso 7 de Setembro estético. Se há glória em erguer um estabelecimento de ensino popular àquela altura, que expressão de louvor teremos para quem, à formação de um simples artesão, curar da formação da operário-artista capaz de estilo?<sup>94</sup>

Nesse artigo Lobato recupera um fragmento da essência que apresentara no texto em homenagem ao seu amigo, Ricardo, que também avançou em sua discussão nacional, enfatizando que a arte brasileira do período necessitava ter como inspiração temas nacionais. Sobretudo, o Saci ganha um pouco mais de destaque na escrita de Lobato, assim como para quem lera o texto. Aliás, tal fato foi comentado por Lobato em uma carta datada de 10 de janeiro de 1917 enviada da fazenda para Rangel, na qual o escritor busca a ajuda do amigo a fim de saber mais as origens do Saci.

Tens lido os meus artigos? Produziram efeito interessante: um despertar de consciência adormecida. E por causa deles relacionei-me com uma porção de artistas daqui, escultores e pintores. Entusiasmaram-se todos com a ideia da arte regional. **O saci, sobretudo, impressionou-os muito, e eles (quase todos italianos ou de outras terras) vêm consultar-me sobre o saci, como se eu tivesse alguma criação de sacis na fazenda. Finjo autoridade, pigarreio e invento - e eles tomam notas. Mas na realidade nada sei do saci - jamais vi nenhum, e até desconfio que não existe. Manda-me as tuas luzes. Como é o saci em Minas? Minha ideia é de que se trata dum molecote pretinho, duma perna só, pito aceso na boca e gorro vermelho.** O Correia jura que já viu um, mas de duas pernas, embora andasse com uma só, aos pulinhos, como o tico-tico - mas lá posso acreditar no Correia depois de o ter pilhado em tantos exageros? Diz também que tem olhos de fogo - outra impossibilidade. Minha ideia de menino, segundo ouvi das negras da fazenda de meu pai, é que o saci tem olhos vermelhos, como os dos beberões; e que faz mais molecagens do que maldades; monta e dispara os cavalos à noite; chupa-lhes o sangue e embarça-lhes a crina. **Consulte os negros velhos daí, porque já notei que os negros**

---

<sup>94</sup> LOBATO, 2008a, p. 45-46, destaques nossos.

**têm muito melhores olhos que os brancos. Enxergam muito mais coisas.** Tens lido o Frango Sura? É o próprio conselheiro Acácio que ressurge de gaforinha e bacharel em ciências jurídicas e sociais. Lê o que ele anda a expluir pelo *Estadinho*.<sup>95</sup>

A carta também revela que apesar de Lobato defender a cultura de tradição oral do Brasil nas artes, tal como a passagem do seu texto no jornal, o Saci ainda estava em um estado cósmico e o escritor buscou na correspondência com o amigo saber se a figura diferia na sua origem. Ainda, como se observa no trecho transcrito da carta, o contato que Lobato tivera com a figura do Saci ocorreu na sua infância, sendo que a lembrança evocada desse “sátiro” tinha por base estórias, ou “causos”, contados pelas mulheres negras que viviam na fazenda de seu avô.

Também nesse trecho da carta se observa uma atenção de Lobato para o que diz a respeito a uma valorização do elemento afro-brasileiro da literatura de tradição oral nossa, quando o escritor pede para que Rangel busque consultar as pessoas negras mais velhas, ali da cidade em que mora, no Estado de Minas Gerais, a fim de coletar informações sobre o Saci através dos relatos orais. Nesse sentido, Camargo (2006) observa que:

[...] a concepção que o escritor taubateano trazia do saci antes da pesquisa não diferiria muito daquela expressa pelos relatos que seriam escritos em resposta ao inquérito, se bem que estes enriqueceriam, e muito, as discussões acerca do duende brejeiro. Concluindo, observamos que Rangel poderia ter sido o primeiro virtual colaborador do inquérito de Lobato, já que as perguntas que comporiam a pesquisa que dali a poucos dias seria inaugurada no *Estadinho* eram mais ou menos as mesmas que o escritor paulista lhe faz.<sup>96</sup>

De alguma forma, ele havia percebido que os mitos e as histórias de tradição oral variavam de acordo com a localidade, afinal até o

---

<sup>95</sup> LOBATO, 2010, p. 191, destaques nossos.

<sup>96</sup> CAMARGO, 2006, p. 80-81.

momento Lobato só havia morado no estado de São Paulo, transitando majoritariamente entre a capital e Taubaté. Desse modo, pode-se levar em consideração a hipótese levantada por Camargo (2006) de que Lobato, usando de Rangel como o primeiro colaborador, em sua pesquisa sobre o duende, possivelmente baseou-se com o que lhe foi relatado para publicar “O Saci”, artigo que dava por aberto o inquérito, publicado em 24 de janeiro de 1917, na edição vespertina do *O Estado de S. Paulo*.

O medinho contagioso abrir-lhe-á todas as válvulas da compreensão. E saberá pela boca ingenuamente crédula do Jeca Tatu que tempera a viola que o Saci é um molecote daninho, cabrinha malvado, amigo de montar em pêlo nos ‘alimais’ soltos no pasto e sugar-lhes o sangue enquanto os pobres bichos se exaurem em correria desapoderada, às tontas, loucos de pavor. E que em dias de vento ele passa pinoteando nos redemoinhos de poeira. E que nessa ocasião basta lançar no turbilhão um rosário de caiapiá para tê-lo cativo e a seu serviço como um criadinho invisível. E saberá mil particularidades mais, ouvirá ‘causos’ de mil diabruras pelos campos, ou dentro de casa se uma cruz na porta principal não a protege do capeta. E ficará encantado com a psicologia do pernetinha, cuja mania é atazanar a vida do sertanejo com molecagens de todo gênero, sem entretanto cair em excessos de perversidade. Não tem maus bofes, o Saci. O que quer é divertir-se à custa do caboclo e quebrar a vida monótona do sertão.<sup>97</sup>

Ao final desse texto, Lobato assinou somente com as iniciais M. L., já ensaiando uma aura de mistério sobre a figura do Saci e também daquele que o delatava para as páginas do jornal. Nesse trecho, observa-se que o Saci ganha novas características que levemente o diferenciam da primeira descrição feita por Lobato, também já apresentando um método para capturá-lo. Dessa maneira delimita as linhas gerais para um inquérito. Segundo Prado (2016), esse artigo de Lobato foi veiculado somente uma vez no jornal e depois foi recuperado para ser

---

<sup>97</sup> LOBATO, 2008b, p. 33.

publicado no livro, no início de 1918, junto com os relatos dos leitores que contribuíram com a pesquisa.

Nessa inquietude Lobato escreveu um novo texto em que retornava para as questões arquitetônicas na cidade de São Paulo, publicando em 25 de janeiro de 1917 o artigo “A Questão do Estilo”, no jornal *O Estado de S. Paulo*. O alvo principal de sua revolta era a construção da Catedral da Sé que seguia o estilo Gótico. Lobato criticava que, ao invés de se inspirarem ou levarem em consideração os elementos da cultura nacional, os construtores dessa igreja tinham optado por construí-la em estilo gótico, o que para o escritor não passava de uma imitação das “coisas” europeias.

Dessa forma, tais fatos como os textos para Ricardo na *Revista do Brasil*, os artigos para o jornal e a carta para Rangel – e possível resposta desta carta –, podem ser apontados, junto com a ideia de “nacionalismo”, como os propulsores que motivaram Lobato a abrir a pesquisa no *Estadinho*. O escritor comenta a abertura do inquérito, em nova carta enviada da cidade de São Paulo, para Rangel, datada de 27 de janeiro de 1917.

**Abri no *Estadinho* um concurso de coisas sobre o Saci-Pererê e convido-te a meter o bedelho – você e outros sacizantes que haja por aí. Dá o toque de rebate. A *Revista* traz o teu *Fialho*. Deves fazer coisa idêntica sobre material nosso. A *Revista* está se afastando do seu programa. Neste número só falamos de coisas nossas, o Medeiros e eu. Tudo mais é coisa forasteira. Anda a nossa gente tão viciada em só dar atenção às coisas exóticas, que mesmo uma “revista do Brasil” vira logo revista de Paris ou da China. Nascida para espelho de coisas desta terra, insensivelmente vai refletindo só coisas de fora. Estou me preparando para um ensaio sobre lendas e mitos, e um dia te mandarei o programa para que colabores. O *Queijo de Minas* ressuscitou na *Vida Moderna*. Foi o meio que achei de colaborar naquela indecência. O último número da *Revista do Brasil* está “canino”; aparece você, o Ricardo, o Albino e eu. O Pinheiro tem a mania das “enquetes”. Quer abrir lá uma “enquete”, mas não acha sobre o quê, e pediu-me a opinião. Sobre que**

enquetear, Rangel? Cutuca o cérebro a ver se sai o piolho duma ideia.<sup>98</sup>

A carta de Lobato para o amigo é curta, porém nos revela as intenções do escritor para seguir com a sua defesa do que ele acreditava ser a cultura nacional. Os textos mencionados demonstram como o Saci e a ideia lobatiana de cultura brasileira tornaram-se uma constante crescente para o escritor. Desse modo, em menos de duas semanas depois da abertura do inquérito, Lobato voltou às páginas do jornal com o artigo “O saci”<sup>99</sup>, publicado na edição matutina de *O Estado S. Paulo*, em 05 de fevereiro de 1917. Nesse também assinou somente com iniciais como no artigo anterior.

O artigo trazia uma espécie de relatório preliminar com os depoimentos que foram produzidos pelo próprio promotor da investigação sobre o Saci. Esse balanço que Lobato trouxe mostra uma organização prévia para os resultados da pesquisa, mas já apresenta mais detalhes sobre a criatura e, além disso, destaca todos os pontos que coincidem a respeito dos aspectos físicos, comportamento e costumes.

Como averiguado por Camargo (2006) e Prado (2016), para o aspecto físico, a aparência do Saci tem como característica principal a predominância da pele negra, uma perna só, usa carapuça vermelha, tem olhos singulares - vermelhos ou faiscantes como brasa -, sendo que a altura e peso variam. Ainda para o que diz respeito aos comportamentos e costumes, os depoimentos não diferem tanto do que já havia sido apresentado em seu primeiro texto, também não diferem para o que se sabe na contemporaneidade. Como foi listado por Prado (2016):

---

<sup>98</sup> LOBATO, 2010, p. 192-193, destaques nossos.

<sup>99</sup> Esse texto, embora tenha o mesmo título do que foi publicado em 24/01/1917, apresenta conteúdo diferente, pois se trata de um texto de organização prévia do material recebido após a abertura do inquérito. Esse texto consta no livro *Ideias de Jeca Tatu*.

A contabilidade revela que seu assobio é zombeteiro, assim como suas gargalhadas constantes. Anda aos pulos e a falta de uma perna não prejudica sua agilidade, chegando ao extremo de poder tornar-se invisível, como relata um depoente. Em alguns depoimentos faz caretas, noutros dança. Vê-se ainda que as principais vítimas do duende são os homens, sem distinção de raça, cor, idade ou situação social. Todos eles sofrem com diabruras as mais diversas: surras, sustos, vinganças, sumiço de objetos. Em seguida os animais que fazem parte da vida do caipira são perseguidos, às vezes até a morte.<sup>100</sup>

Os depoimentos ainda revelam que o Saci tem por preferência viver no espaço da zona rural, onde pode saltitar livremente para fazer suas travessuras como invadir casas para bagunçar as cozinhas e os monjolos, tampouco escapam as crianças da traquinagem do Saci, que pode surrá-las, persegui-las ou até mesmo raptar as mais levadas. Também é conhecido pelo seu costume de montar os animais, ou mesmo de assaltar viajantes e cavaleiros pelas estradas rurais.

O inquérito promovido por Monteiro Lobato recebeu muitos depoimentos, o que possibilitou que o escritor mantivesse uma coluna no *Estadinho*, intitulada de “Mitologia Brasileira”, para a qual sempre apresentava um balanço da pesquisa atualizando as características da figura folclórica. Essa coluna durou até o mês de março de 1917. A pesquisa sobre o Saci-pererê mostrou-se muito rica na coleta de dados, inclusive Lobato voltou a mencioná-la em sua correspondência com Rangel, em uma carta enviada da Fazenda e datada de 10 de maio de 1917.

[...] Também preparo para o chumbo o *Inquérito do Saci*, que fiz no *Estadinho*. Dá trezentas páginas, mas não aparece com meu nome. *Demonólogo Amador*, é como assino. Será livro popular e de vender bem. De modo que a minha estreia será um livro não assinado e feito com material dos outros. Meu, só os comentários, prefácios, prólogos, epílogos – os adminículos, diria o Frango Sura. Hoje escrevi à *Revista* (como por ordem tua) que ou publicassem a

---

<sup>100</sup> PRADO, 2016, p. 42.

*Vida* ou devolvessem os originais. Estão a mangar contigo aqueles paredrecos. Tiro-a de lá e publico-a em rodapé no *Estadinho*.<sup>101</sup>

Lobato manteve-se com as colaborações com a *Revista do Brasil* e o jornal *O Estado de S. Paulo*; entretanto, observa-se que o *Inquérito* levava o escritor para uma nova área. Dessa maneira, “o chumbo” que menciona trata-se do trabalho de edição da publicação de seu primeiro livro. Esse fato toma concretude quando Lobato, que se encontrava em Caçapava, anuncia para Rangel em correspondência, datada de 24 de setembro de 1917:

Para fazer alguma coisa, resolvi tornar-me editor. Começo publicando os contos do Valdomiro Silveira, outros do Agenor Idem e o *Saci-Pererê*. Faço a experiência com esses três livros e, conforme correrem as coisas, ou continuo ou vou tocar outra sanfona. O *Saci* é um livro *sui generis* – para crianças, para gente grande fina ou burra, para sábios folclóricos; ninguém escapa. Dará dinheiro. Depois edito você. Faço tal reclame de você que todo mundo em São Paulo está de olho em Santa Rita. Isso aí já nem é cidadinha mineira: é aquela sarça ardente da Bíblia que Moisés olhava de olho arregalado. Jeovah Shammah!...<sup>102</sup>

O escritor-editor volta a comentar o assunto da publicação do *Inquérito* e adicionalmente menciona que irá também publicar Ricardo, aquele que indiretamente apresentava-o para a temática do Saci. A essa altura Lobato já havia vendido a Fazenda Buquira e estava estabelecido em São Paulo, de onde envia uma carta para Rangel datada de 04 de novembro de 1917.

Lá pela *Revista do Brasil* tramam coisas e esperam deliberação da assembleia dos acionistas. Querem que eu substitua o Plínio na direção; mas minha ideia é substituir-me à assembleia, comprando aquilo. Revista sem comando único não vai. Mas a coisa é segredo – nada contes aos vereadores de Santa Rita; pode trazer complicações

---

<sup>101</sup> LOBATO, 2010, p. 195.

<sup>102</sup> LOBATO, idem, p. 200.

diplomáticas e ocasionar algum desvio na rota de Saturno. O *Saci* está no prelo; depois, Ricardo!<sup>103</sup>

Finalmente, depois de um mês e alguns dias, Lobato enviou nova carta para Rangel, na qual parabeniza-o por seu aniversário e aproveita para reportar-lhe que havia completado o *Inquérito* e este aguardava a impressão. A carta em questão foi enviada de São Paulo e datada de 08 de dezembro de 1917.

Parabéns pelos 33 do dia 21. Sou ano e meio mais velho. Meu *Saci* está pronto, isto é, composto; falta só a impressão. Meto-me pelo livro adentro a corcovear como burro bravo, em prefácio, prólogo, proêmio, dedicatória, notas, epílogo; em tudo com o maior desplante e topete deste mundo. Ontem escrevi o Epílogo, a coisa mais minha que fiz até hoje - e concluo com a apologia do Jeca. Virei a casaca. Estou convencido de que o Jeca Tatu é a única coisa que presta neste país.<sup>104</sup>

Desse modo, o *Saci-pererê: Resultado de um Inquérito* foi lançado em meados de janeiro de 1918. Segundo observado por Prado (2016), “o lançamento de *OSPRI*<sup>105</sup> deu-se em “princípios de janeiro” de 1918? Levando-se em consideração a imagem acima e outra na qual a *RB* informa, como veremos algumas páginas adiante, que em fevereiro desse ano o livro já estava à venda na sede da revista, podemos aceitar uma resposta afirmativa.”<sup>106</sup>. Não há uma data específica sobre a primeira vez que o texto veio a público, levam-se em consideração os anúncios feitos na edição de novembro da *Revista do Brasil*, do ano anterior 1917, e, por conseguinte, no *O Estado de S. Paulo*. Ainda na edição de fevereiro de 1918 da *Revista*, o livro já consta com a autoria

---

<sup>103</sup> LOBATO, idem, p. 203.

<sup>104</sup> LOBATO, idem, p. 204.

<sup>105</sup> A pesquisadora adotou a abreviação para designar a obra *O Saci Pererê: Resultado de um inquérito*. Assim como *RB* usada na citação é para denominar a *Revista do Brasil*.

<sup>106</sup> PRADO, 2016, p. 65.

de Monteiro Lobato, que antes estava atribuído a um Demonólogo Amador.

O livro foi amplamente divulgado por ambas as edições do jornal *O Estado S. Paulo* e pela *Revista do Brasil*. Em junho de 1918, a *Revista do Brasil* já estava sob o comando de Lobato que seguia divulgando o *Inquérito* e seu livro de contos *Urupês* – em agosto já estava em sua 2ª. edição e no mês seguinte, na 3ª –, como observado por Prado (2016), no livro sobre o Saci não constava o número de edições que tivera em seu ano de publicação. Porém, a jornada que Lobato tinha atribuído para si havia se consagrado com um grande sucesso de venda para ambos os livros.

O Saci continuaria em voga para Lobato, sendo escolhido para dar seguimento ao universo que ele criou ao escrever *A menina do narizinho arrebitado*, publicado em 1920. Em 1921, o escritor publicou *Narizinho Arrebitado* e usaria do riquíssimo material reunido com o inquérito para publicar *O Saci*, a fim de difundir entre o público infantil a literatura de tradição oral e nacional. Assim, com Pedrinho, o outro neto de Dona Benta, saíam ambos, juntos, em uma aventura (Pedrinho e o próprio Saci-pererê), depois de ser instruído com os conhecimentos advindos do saciólogo Tio Barnabé.

### 3. Não só realidade ou fantasia: O Sítio do Picapau Amarelo

A fantasia é elemento primário para o surgimento das narrativas e em várias delas, ela se apresenta como um aspecto quase palpável. Pois é através da fantasia que se torna possível que Branca de Neve seja salva pelo beijo do príncipe; que Bela, com seu amor, beije e quebre a maldição da Fera; que Wendy vá para a Terra do Nunca e Dorothy para a Cidade Esmeralda de Oz; ou ainda que Alice chegue ao País das Maravilhas.

Ainda é a fantasia a responsável pelo fato de Narizinho poder respirar debaixo d'água em sua passagem pelo Reino das Águas Claras; também a responsável por trazer à vida a boneca Emília, originalmente

um brinquedo de pano feito por Tia Nastácia. É ela também que está por trás do pó-de-pirlimpimpim que permite aos usuários se teletransportar através do tempo e do espaço. Esses acontecimentos inscrevem o Sítio do Picapau Amarelo no mapa do “Mundo das Maravilhas”, segundo Alberto Manguel (2003):

SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO. Propriedade rural de não mais de cem alqueires de terra rica em petróleo, situada em lugar bonito do interior do Brasil. Sabe-se que dista légua e meia da vila mais próxima, mas sua localização exata é desconhecida, pois a proprietária, dona Benta Encerrabodes de Oliveira, impede a divulgação do endereço. (...) O Sítio do Pica-Pau Amarelo costuma a ser visitado por personagens das fábulas, da mitologia, do folclore e da literatura infantil, bem como por nobres da estirpe de Don Quixote de la Mancha. Recentemente, dona Benta adquiriu mais 1200 alqueires de terras vizinhas para ali instalar o Mundo da Fábula.<sup>107</sup>

Entretanto, a fantasia na obra de Monteiro Lobato apresenta um sub elemento, ou característica, que é a forte articulação com o tempo-espaço histórico, o que deixa as fronteiras entre a realidade e a fantasia bastante tênues e, por vezes, praticamente inexistentes. Um fato interessante é que quase todas as obras infantis de Monteiro Lobato têm como referência o Sítio do Picapau Amarelo, sendo que esse espaço ficcional pode ter sido criado/construído com bases em partes de suas memórias de infância vividas em Taubaté.

Nesse sentido, Nelly Novaes Coelho aponta que Lobato aproveita-se:

Com a mistura do imaginário com a realidade concreta, ele mostra, no mundo prosaico do cotidiano, a possibilidade de ali acontecerem

---

<sup>107</sup> MANGUEL, 2003, p. 397-398. O trecho vem do *Dicionário de Lugares Imaginários*, de Alberto Manguel e Gianni Guadalupi, ao final do verbete são apontadas as seguintes referências: José Bento Monteiro Lobato. *O Saci*. São Paulo: 1921; *Reinações de Narizinho*, São Paulo, 1931; *O Picapau Amarelo*, São Paulo, 1939.

aventuras maravilhosas que, em geral, só eram possíveis nos contos de fadas ou no mundo da fábula... e mesmo assim, vividas por seres extraordinários.<sup>108</sup>

Entretanto, Coelho (1991) especifica em seu comentário que, em seu primeiro livro para crianças, Lobato não faz a fusão efetiva do maravilhoso com o real, esses dois elementos estão presentes na obra e constituem mundos perfeitamente delimitados, possuindo cada um características próprias e natureza peculiar. Nesse sentido, aponta-se que tais características específicas também resguardam diferentes valores e leituras sobre os espaços em que ocorrem as aventuras, demonstrando aspectos cronotópicos e topo-analíticos.

Para o que diz respeito às camadas cronotópicas e índices de topoanálise da obra de Lobato, toma-se uso da afirmação de Giaretta (2008) que, ao analisar o pensamento geográfico que perpassa a criação do espaço *Sítio*, aponta que,

Ao mesmo tempo em que criou um mundo rural ficcional inspirado em sua infância, Lobato importou para esse mundo modernas concepções das primeiras décadas do século XX, como a nova visão da infância e da educação que existia, principalmente, em meio à classe burguesa que habitava o espaço urbano. Assim, percebe-se que a ambiguidade entre o arcaico, relacionado ao rural, e o moderno, relacionado ao urbano é um dos aspectos da obra infantil de Lobato que vigorou nos debates sobre o Brasil ocorridos naquele período. O Sítio também foi, para Lobato, o cenário ideal para expor seus projetos e campanhas e revelar sua visão do mundo de membro da burguesia industrial, elaborada com base nas correntes de pensamento vigentes no país no início do século XX. Dessa forma, seu projeto de criar uma nova nação estava pautado, principalmente, nas ideias materialistas, positivistas e evolucionistas sociais.<sup>109</sup>

Segundo Zilberman e Lajolo (1988), o Sítio do Picapau Amarelo privilegia os espaços rurais, aqueles mais interiorizados, e com

---

<sup>108</sup> COELHO, 1991, p. 359.

<sup>109</sup> GIARETTA, 2008, p. 61.

isso demonstra uma possível representação da economia agrícola do país e da dicotomia da construção da identidade nacional brasileira. Nessa perspectiva, diferente de outros autores dos períodos pré-modernista e modernista, Lobato buscou criar a sua narrativa infantil tendo em mente os espaços a que facilmente poderiam remeter e serem ocupados por protagonistas que são crianças e idosas, além de humanos e não-humanos.

Para Zilberman e Lajolo (1988),

[...] pela necessidade estratégica de centralizar a ação nas aventuras das crianças, a literatura infantil tem dificuldades em representar a esfera do poder. Lidando com personagens marginalizadas pelas classes dirigentes - crianças e velhos - e com a imagem estereotipada desses seres, ela tende a escolher o ângulo de representação, tornando-o pouco significativo, se o pensamos como ponto de partida para o conhecimento da realidade circundante.<sup>110</sup>

Ao que parece, o Sítio, desde seu início, foi criado com uma atmosfera mítica e onírica, apesar de em *A menina do narizinho arrebitado* (1920) o narrador dizer, ao final da estória, que tudo o que acontecera no Reino das Águas Claras teria sido um sonho de Lúcia (Narizinho) e a fantasia não se constitua como inerente ao espaço, inicialmente. Tudo isso mudará ao longo da década de 20, anos em que Lobato publicará várias narrativas que darão continuidade às aventuras da turminha culminando, em 1931, com o encontro entre o universo da realidade e da fantasia em *As Reinações de Narizinho*, e que se fundirão, finalmente, nas obras das décadas de 30 e 40.

De tal modo, parece que o Sítio desde o início demonstra que esse espaço foi projetado para ser um lugar diferenciado, além de ser capaz de permitir que nele a fantasia se concretize. Sobretudo, o Sítio do Picapau Amarelo é um espaço que evidencia a valorização dos

---

<sup>110</sup> ZILBERMAN; LAJOLO, 1988, p. 67.

aspectos positivos da vida rural, pois “no Picapau Amarelo tudo ocorre no melhor dos mundos possíveis”<sup>111</sup>. Para Helena Vieira Gomes (2008),

“Mundo das Maravilhas” ou “País-das-Maravilhas” é um conceito que faz parte do vocabulário descritivo utilizado pelas personagens do *Sítio* e pelo narrador, para denominar o território infinito e indefinido ocupado por personagens da literatura universal que, de uma maneira ou de outra, experimentam acontecimentos que desafiam o real.<sup>112</sup>

Logo, a fantasia torna-se o fio condutor que permite às personagens adultas desse universo também passarem a vivenciar o mesmo que as crianças. Uma vez que a cada nova aventura das personagens do *Sítio* esse espaço parece demonstrar os limites entre essas instâncias, o mundo real e o mundo da fantasia, em algum momento, as fronteiras entre eles desaparecem completamente e o que existe em um também passa a existir no outro.

Dessa maneira, a casa de Dona Benta se caracteriza como o centro desse espaço tendo em seu entorno um terreiro, um jardim, um pomar, uma mata virgem, pastos e o ribeirão. Contudo, a fantasia já pode ser observada desde a casa de onde ela faz a leitura das histórias dos livros e recebe a visita de figuras do cinema, bem como ali na mata virgem em que moram as figuras da literatura de tradição oral, como a Cuca e o Saci, assim como a área dos pastos que depois passa a ser usada para a habitação de figuras do Mundo das Maravilhas.

Ainda se observa que esse desaparecimento, ou quase, das fronteiras entre o que seria considerado o mundo real e o da fantasia possibilitou que o espaço *Sítio* pudesse conter diferentes representações através das personagens para segmentos da sociedade brasileira da Primeira República. Como aponta Giaretta (2008), “esses personagens estavam inseridos em um modelo de família matriarcal e sem figuras

---

<sup>111</sup> CAVALHEIRO, 1962, p. 587.

<sup>112</sup> GOMES, 2008, p. 15.

autoritárias (pai e mãe), diferenciando-se da família patriarcal que predominava naquele contexto social”<sup>113</sup>.

Em 1931, ao publicar o livro *As Reinações de Narizinho*<sup>114</sup>, Lobato caracterizou e firmou definitivamente o núcleo de personagens de sua saga - Dona Benta, Tia Nastácia, Narizinho, Emília, Rabicó, Pedrinho, Visconde de Sabugosa - e, com isso, também estabeleceu a “terra base”: o Sítio do Picapau Amarelo, tornando-o o espaço das histórias e o local de onde as personagens partem para as aventuras fantásticas.

Nesse sentido, Bertolucci (2009) observa que:

Narizinho participa de todas as aventuras, que se encadeiam para dar origem a uma grande história. [...] **Todos os acontecimentos narrados nesses episódios partem invariavelmente do sítio e para lá convergem.** A motivação para as várias aventuras parece sempre nascer do desejo das personagens de realizar experiências fantásticas que se misturam à realidade.<sup>115</sup>

Complementa-se essa observação apontando que esse fato não ocorre somente nas *Reinações*, mas também nas demais obras, pois as aventuras começam com uma personagem com maior evidência (protagonismo) e o ponto em comum é que todas as aventuras

---

<sup>113</sup> GIARETTA, 2008, p. 61.

<sup>114</sup> Embora apontemos no primeiro capítulo de nossa dissertação o ano de publicação de cada uma das obras infantis para podermos traçar um método para contar a biografia do autor, não discutimos que cada livro teve muitas edições e em cada uma delas Lobato fazia alterações. Nesse ponto se observa que o Sítio enquanto uma saga de aventura desenha-se com as alterações da 3ª ou 4ª edição de *As Reinações de Narizinho*, segundo o que observa José Carlos Marinho (1982), “é aos poucos, em surtos episódicos, que vão se amiidando, que a verdadeira vocação de Lobato irá se arrimar, culminando com o ano de 1934, quando decide, aos cinquenta e dois anos, construir a saga do Pica-Pau, como um todo coerente e como centro de sua atividade literária.” (MARINHO, 1982, p. 182). Inclusive, a obra sofreu alterações nas edições seguintes até que o artigo definido “as” foi retirado do título da obra, tornando-se *Reinações de Narizinho*.

<sup>115</sup> BERTOLUCCI, 2009, p. 192-193, estaques nossos.

começam no sítio para então se expandirem para outros espaços e retornarem ao Sítio.

Como aponta Marinho (1982),

O realismo é também uma característica da saga. Lobato consegue o acasalamento maravilha-realidade; usando de recursos do "maravilhoso", nunca deixa de, no conjunto, fazer com que a tônica principal de suas histórias seja o mundo real. Real como real, e o maravilhoso como real. A disposição das cenas e a psicologia dos personagens nunca se afastam do universo concreto. Muitos têm classificado sua obra com o adjetivo de "fantasia", o que é errado. O traço realista é predominante, a partir do realismo constrói a fantasia e, por isso, a criança lê a saga do Pica-Pau como se fosse uma história verdadeira e não como uma proposição de acompanhar o autor no mundo do sonho.<sup>116</sup>

Portanto, o *Sítio* enquanto espaço demonstra toda sua capacidade paradoxal em que ele mesmo é a realidade e a fantasia, ou mesmo a exceção da ficção científica e/ou a pura alegoria; que contém uma verdade que pode estar ali para observação ou para além de sua base. Afinal, o Sítio passa a compor um espaço com paisagem semelhante ao de uma propriedade rural do Brasil do século XX, porém, além de ter como vizinhas outras propriedades rurais, também entra em relação de vizinhança com outros coletivos ficcionais em que a fantasia predomina. E assim o Sítio do Pica-pau Amarelo, como espaço de realidade e ficção, se consolida como metáfora de vida em harmonia e diversão garantida, seja nas tramas das contações de estórias de Dona Benta, seja no pirlimpimpim das aventuras vividas por todos os personagens.

---

<sup>116</sup> MARINHO, 1982, p. 185.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. *Questões de Literatura e de Estética: A Teoria do Romance*. (tradução do russo de Aurora Fornoni Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Goés Júnior, Helena Spryndis Nazário, Homero Freitas de Andrade). 5 ed. São Paulo: HUCITEC: Annablume, 2002.

BERTOLUCCI, Denise M. P. “Reinações de Narizinho: um livro ‘estupendo’”. *In: LAJOLO, Marisa; CECANTINNI, João Luís T. Monteiro Lobato, livro a livro: Obra Infantil* (orgs.). São Paulo: Editora Unesp: Imprensa Oficial do Estado S/A - IMESP, 2009.

BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e Literatura: introdução à topoanálise*. *In: XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências*. USP, São Paulo, 2008.

BORGES FILHO, Oziris. *Poética do Espaço Literário*. São Paulo: Claraluz, 2009.

CAMARGO, Evandro do Carmo. “Algumas notas sobre a trajetória editorial de *O Saci*”. *In: LAJOLO, Marisa; CECANTINNI, João Luís T. Monteiro Lobato, livro a livro: Obra Infantil* (orgs.). São Paulo: Editora Unesp: Imprensa Oficial do Estado S/A - IMESP, 2009.

CAMARGO, Evandro do Carmo. *Um estudo comparativo entre O Sacy-Perêrê: resultado de um inquérito (1918) e O Saci (1921), de Monteiro Lobato*. 2006. 493 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/94134>>. Acesso em 15.08.2023.

CANDIDO, Antonio. “Uma palavra instável”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, Disponível em:

< <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/8/27/mais!/27.html>>. Acesso em 26.09.2022.

CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato - Vida e Obra (2.º Tomo)*. 3ª. ed.. São Paulo: Brasiliense, 1962.

- COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo*. São Paulo: Ática, 1991. (Série Fundamentos, 88).
- FURTADO, Felipe. *A construção do Fantástico na Narrativa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.
- GARVÍA, R. . “A batalha das línguas artificiais (volapük, o primeiro ator)”. *Tempo Social*, Vol. 24, no. Tempo soc., 2012 24(2), nov. 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-20702012000200004>>. Acesso em 29.01.2023.
- GIARETTA, Liz Andréia. *Monteiro Lobato e o Sítio do Picapau Amarelo: uma análise do pensamento geográfico*. 2008. 158 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Rio Claro, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/99185>>. Acesso em 29.11.2022.
- GOMES, Helena Vieira. *O Sítio do Picapau Amarelo: cartografia de uma cosmologia ficcional*. 2008 (Dissertação Mestrado) - UFRJ / Museu Nacional / Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <[https://minerva.ufrj.br/F/?func=direct&doc\\_number=000694129&local\\_base=UFR01](https://minerva.ufrj.br/F/?func=direct&doc_number=000694129&local_base=UFR01)>. Acesso em 12.12.2022.
- LOBATO, José Bento Monteiro. *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo: Globo, 2008a.
- \_\_\_\_\_. *O Saci-pererê: resultado de um inquérito*. São Paulo: Globo, 2008b.
- \_\_\_\_\_. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Globo, 2010.
- \_\_\_\_\_. “A poesia de Ricardo Gonçalves”. *In: Revista do Brasil*, ano I, Vol. III, no. 11, p. 298, 299, 1916. Disponível em: <<http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26236>>. Acesso em 29.01.2023.
- MANGUEL, Alberto; GUADALUPI, Gianni. *Dicionário de lugares imaginários*. (Ilustrações de Grahah Greenfield e Eric Beddows; mapas e plantas James Cook tradução de Pedro Maia Soares). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MARINHO, João Carlos. “Conversando com Lobato”. *In*: DANTAS, Paulo (Org.). *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.

PRADO, Amaya Obata Mourião de Almeida. *O inquérito sobre o saci: no jornal e no livro, o trabalho de edição de Monteiro Lobato*. 2016. 214 f. Tese (Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. Disponível em: <<http://dspace.mackenzie.br/handle/10899/25177>>. Acesso em 28.07.2022.

SANTOS, Elisângela da Silva. *A nação escrita entre a prática e o ideal: os projetos de Monteiro Lobato e de José Enrique Rodó*. 2013. 277 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/101016>>. Acesso em 28.07.2023.

SANTOS, Milton. *Espaço e Sociedade*. Vozes: Petrópolis, 1979.

\_\_\_\_\_. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SAQUET, Marco Aurelio; SILVA, Sueli Santos da. *Minton Santos: concepções de geografia, espaço e território*. *Geo UERJ* - Ano 10, Vol. 2, no. 18, 2º. semestre de 2008. p. 24-42.

SESSA, Ariel. *A topoanálise em A ceia dominicana: romance neolatino de Reinaldo Santos Neves / Ariel Sessa*. 2015. 141 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br/handle/10/1983>>. Acesso em 06.01.2023.

SOARES, Gabriela Pellegrino. “Monteiro Lobato, Juan P. Ramos e o papel dos inquéritos folclóricos na formação cultural e política da nação”. *Varia História*, Vol. 31, no. 56, p. 423-448, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0104-87752015000200006>>. Acesso em 27.01.2023.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças - Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos*. 3ª. ed. São Paulo: Global, 1988.

## CAPÍTULO IV - Entre palavras e línguas: Monteiro Lobato como tradutor e traduzido

Patricia Didoné

Monteiro Lobato é uma das figuras mais importantes no fazer tradutório e na historiografia da tradução no Brasil, pois se envolveu praticamente por toda sua vida profissional nessas atividades<sup>117</sup>. A primeira atividade intelectual remunerada de Monteiro Lobato foi a tradução<sup>118</sup> e a primeira menção de Lobato à atividade tradutória data de 1904 quando, ainda em Taubaté, escreve em uma carta ao amigo Godofredo Rangel sobre seu interesse em traduzir *O Príncipe*, de Maquiavel, destacando os ganhos sociais e culturais provenientes da tradução: Ando com ideia de traduzir o Príncipe de Machiavel. Nossos tempos são corruptos sem estilo e sem filosofia. Com Machiavel bem difundido, teríamos tradado de xadrez para uso destes reles amadores<sup>119</sup>.

Durante seu período como promotor público em Areias, realizava traduções de artigos da revista norte-americana *Weekly Times* e as submetia ao *Estado de São Paulo*<sup>120</sup>. Ao regressar dos Estados Unidos, onde foi adido comercial do Brasil de 1927 a 1931, Lobato dá início às atividades de tradutor como meio de vida, tornando-se financeiramente dependente das traduções e dos *royalties* de seus livros<sup>121</sup>.

Arthur Neves, em seu estudo sobre Monteiro Lobato, destaca que uma parcela significativa de importantes títulos da literatura inglesa e americana foram traduzidos para nossa língua pelas mãos de Lobato,

---

<sup>117</sup> MARTINS, 2021, p. 211.

<sup>118</sup> CAVALHEIRO, 1955, p. 533.

<sup>119</sup> LOBATO, 1964, p. 55.

<sup>120</sup> cf. MILTON, 2019, p. 27.

<sup>121</sup> CAVALHEIRO, 1955, p. 533; MILTON, 2019, p. 25.

o primeiro escritor de renome a reabilitar esse gênero de trabalho intelectual, até então encoberto pelo anonimato ou discretamente velado por pudicas iniciais:

Lia-se, no frontispício dos livros traduzidos, tradução de J. M., tradução de F. C., ou não se lia coisa alguma, na maioria dos casos. Lobato acabou com tal comportamento e seu nome veio a dar um novo prestígio à tradução, erguendo-a quase ao mesmo nível da produção original<sup>122</sup>

Lobato traduziu para a língua portuguesa quase uma centena de obras, em sua grande maioria, norte-americanas ou inglesas, no entanto também traduziu indiretamente obras de autores alemães, franceses e italianos através de suas versões em língua inglesa e francesa<sup>123</sup>. Segundo Milton<sup>124</sup>, Lobato traduzia muito e se orgulhava de sua produção, o que muitas vezes suscitava dúvidas sobre se de fato era ele o tradutor, ou se apenas assinava traduções de outros. Em outra carta ao amigo Rangel, escrita em 1934, Lobato se refere a seu grande volume de traduções, seu prazer em realizá-las e, ao final, aborda seu posicionamento em relação aos rumores acerca de suas traduções:

Tenho empregado as manhas a traduzir, e num galope. Imagine só a batelada de janeiro até hoje: Grimm, Andersen, Perrault, Contos de Conan Doyle, O homem invisível de Wells e Pollyana moça [...] estou agora a concluir um Jack London, que alguém daqui traduziu massacradamente. Gosto imenso de traduzir certos autores. É uma viagem por um estilo. E traduzir, Kipling então? Que esporte! Que alpinismo! Que delícia remodelar uma obra d'arte em outra língua! [...] Eu as vezes até me revolto de dar é bola em certos trechos de difícil tradução, ao lembrar-me do que é a média do público. Mas sou visceralmente honesto na minha literatura. Duvide quem quiser dessa honestidade. Eu não duvido e nem você.<sup>125</sup>

---

<sup>122</sup> NEVES, apud LOBATO, 1950, p. 34.

<sup>123</sup> CAVALHEIRO, 1955, p. 534.

<sup>124</sup> 2019, p. 28.

<sup>125</sup> LOBATO, 1969, p. 327-328.

Ao ser questionado por Arthur Neves acerca dos rumores, o próprio Lobato revela o segredo de tão prolífica produção:

Certa vez perguntei ao escritor se não se aborrecia com as insinuações feitas por alguns críticos sobre a autenticidade de suas traduções. Respondeu-me ele: “posso ensinar meu método a esses moços. A questão toda é ir para a máquina de escrever logo que chegue o letreiro e não parar até a hora do almoço, Eles que experimentem...”<sup>126</sup>

Segundo Cavalheiro (1955, p. 534.), Lobato não apenas traduziu muito, como também quebrou tabu e deu novo prestígio à tradução, elevando-a ao mesmo nível da produção original. Milton<sup>127</sup> acrescenta que, no Brasil das décadas de 1920 e 1930, a profissão de tradutor tinha pouco prestígio e que Lobato foi o primeiro escritor brasileiro a superar esse preconceito.

É possível compreender o modo como Lobato aborda a tarefa de traduzir em uma carta escrita a Godofredo Rangel em 1921 onde o aconselha sobre tradução “[...] vai traduzindo os contos shakespearianos, em linguagem bem simples, sempre na ordem direta e com toda a liberdade. Não te amarres ao original em matéria de forma – só em matéria de fundo [...]”<sup>128</sup>.

Ao analisar a tradução realizada por Monteiro Lobato da obra *Farewell to Arms* (1929), de Ernest Hemingway, Denise Mendes explica como a tradução proposta por Lobato vai ao encontro de seu pensamento tradutório revelado em cartas:

Ao examinarmos a tradução lobatiana de *A Farewell to Arms*, de Ernest Hemingway, que recebeu o título em português de *Adeus às Armas*, notamos a proximidade entre as posturas teóricas de Monteiro Lobato e a sua prática tradutória. De fato, Lobato tomou o texto de Ernest Hemingway como ponto de partida e se sentiu livre o bastante para reescrevê-lo, modificando-o sintática e

---

<sup>126</sup> NEVES, apud LOBATO, 1969, p. 33.

<sup>127</sup> 2019, p. 26.

<sup>128</sup> LOBATO, 1969, p. 232.

semanticamente [...]. Nesse sentido, ele se aproximou dos ideais antropofágicos que emergiram da Semana de Arte Moderna de 1922, devorando a tradição europeia, encarnada pelo norte-americano Ernest Hemingway, a partir do arsenal que sua língua e que a cultura da mesma lhe deixou à disposição.<sup>129</sup>

Geovana Campos<sup>130</sup>, ao analisar a tradução de Lobato de outra obra do mesmo autor, *For Whom the Bell Tolls*, aponta características da tradução realizada por Lobato – que a autora chama de reescritura –, tais como a manutenção dos nomes das personagens e cidades, dos temas e, em parte, do estilo de Hemingway:

O leitor de *For whom the bell tolls* entra em contato com o mundo espanhol, seu solo, seu povo, suas características. Na tradução de 1941, intitulada *Por quem os sinos dobram*, o leitor tem a oportunidade de vivenciar esse universo, bem como os temas abordados por Hemingway. Na reescritura de Lobato, os nomes das personagens foram mantidos (Robert, Maria, Pilar, Pablo etc.), os temas não foram alterados (a guerra civil espanhola, o amor de Robert e Maria, incluindo a relação sexual entre eles, a covardia e a traição de Pablo, a morte honrosa de Robert) e os locais mencionados por Hemingway permaneceram os mesmos (Ávila, Valência, Segóvia etc.). Além disso, fazia parte do estilo de Hemingway colocar nas falas de suas personagens não-americanas palavras e sentenças na língua materna delas, deixando evidente sua procedência. Foram encontradas no romance muitas ocorrências de expressões em língua espanhola, inclusive a menção a paella, prato típico da Espanha, que foram mantidas por Lobato em sua tradução.<sup>131</sup>

Taís Martins<sup>132</sup>, em sua pesquisa historiográfica acerca da tradução de *For whom the bell tolls*, pontua que Lobato não revela detalhes a respeito da origem do texto, mas releva que é uma

---

<sup>129</sup> MENDES, 2001, p. 55.

<sup>130</sup> 2008, p. 110.

<sup>131</sup> CAMPOS, 2008, p. 110.

<sup>132</sup> 2021, p. 215-216.

retradução e nos traz observações de Lobato acerca dos erros encontrados na tradução que antecede a sua:

E meu último trabalho - ou “trabalheira” - foi retraduzir uma tradução do tremendo *For whom the bell tolls*, do Hemingway. Encontrei “perolas” do Agripino nessa tradução. E das mais preciosas. Esta, por exemplo, “*what’s this?*” um cabra quando Jordan tira do bolso a frasqueira de absinto. E Jordan responde: “that is the real absinthe. That is wormwood”. *Wormwood* é o nome inglês da nossa velha losna, o ingrediente do absinto, mas como se trata de uma palavra composta - *worm*, verme; e *wood* pau, madeira - lá o tradutor tomou a pobre losna como bicho de pau podre e verteu assim: “Isto é absinto, uma bebida feita de bicho de pau podre”. E acrescentou: “no verdadeiro absinto há verme de pau cupim...”<sup>133</sup>

Em relação à tradução de obras infanto-juvenis, chama-nos a atenção a tradução de *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carrol, em que, ao contrário das intervenções realizadas em *For whom the bell tolls*, Lobato acrescenta e retira informações da obra de partida. O tradutor/autor justifica sua postura já no prefácio do volume ao afirmar que fez o que pôde, mas pede aos pequenos leitores que não o julguem, pois as diferenças das línguas e mentalidades, inglesas e brasileiras, são grandes, escolhendo desde o princípio do seu trabalho afirmar que a tradução possui muitas características peculiares que a tornam diferente do texto de partida:

A tradução apresenta uma tendência de simplificar o texto, o que reflete a opção de domesticação patente na obra traduzida. Por outras palavras, o tradutor procura adaptar o texto à realidade brasileira, quer retirando alguns elementos próprios da cultura inglesa quer acrescentando alguns da cultura brasileira. É o que ocorre com a substituição da paródia ao poema “*How doth the little busy bee*” pela paródia de parte da “Canção do Exílio”, poema de Gonçalves Dias e texto canônico da literatura brasileira.<sup>134</sup>

---

<sup>133</sup> LOBATO, 1950, p. 334, apud MARTINS, 2021, p. 216.

<sup>134</sup> DUARTE, 2014, p. 119.

Há inúmeros fatores que podem ter influenciado as estratégias tradutórias de Monteiro Lobato. O tipo de tradução por ele realizada, chamada de “tradução de fábrica” por John Milton (2002, p. 86.), era realizada a toque de caixa, pois havia metas a cumprir. Os prazos de entrega, o montante de vendas, os preços dos livros e o número de páginas eram calculados para garantir o sucesso comercial das publicações. Milton observa ainda que “apenas recentemente podemos encontrar traduções de romances clássicos que respeitem traços estilísticos do original” (MILTON, 2002, p. 59.). Na época, o inglês começava a desbancar o francês como língua estrangeira mais influente no Brasil, fato que só se consolidaria após a Segunda Guerra Mundial.

A despeito do sucesso da obra lobatiana publicada no Brasil, poucos contos do autor foram publicados no idioma inglês. O nome de Monteiro Lobato surge nos Estados Unidos da América pelas mãos de Isaac Goldberg. Em sua obra *Brazilian Literature*<sup>135</sup>, de 1922, publicada por Alfred A. Knopf Inc. O livro é dividido em duas partes. A primeira, *An Outline History Of Brazilian Literature*, menciona Lobato por diversas vezes. O autor primeiramente se refere ao Lobato editor ao falar da *Revista do Brasil*, que considera “Importante mensário publicado em São Paulo, então sob a direção dos Srs. Afrânio Peixoto e Monteiro Lobato”.

Em seguida, ao debater as influências pós-guerra na literatura brasileira, Goldberg afirma que uma tendência é o fortalecimento do espírito nacional, e menciona “um grupo de jovens paulistas liderado pelo diligente Monteiro Lobato que parece demonstrar um retorno parcial ao regionalismo”. Ao mencionar *Problema Vital*, livro publicado por Lobato em 1918 que reúne uma série de 14 artigos veiculados pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, Goldberg faz um paralelo entre as ideias de Sylvio Romero e Monteiro Lobato:

---

<sup>135</sup>[https://www.gutenberg.org/cache/epub/49605/pg49605-images.html#FNanchor\\_14\\_15](https://www.gutenberg.org/cache/epub/49605/pg49605-images.html#FNanchor_14_15)

Um resultado da guerra recente tem sido, no Brasil, fortalecer o espírito nacional, e em São Paulo, particularmente, um grupo jovem encabeçado pelo trabalhador Monteiro Lobato parece mostrar um retorno parcial ao regionalismo. [...] Romero, anos atrás, dizia que o que o Brasil precisava mais do que qualquer outra coisa era um regime para sua vida cotidiana. Ainda ontem, Lobato, no seu *Problema Vital*, estudou o problema daquilo a que chama o mal de todo um país, procurando antes de mais nada convencer a nação de que estava doente<sup>136</sup>.

Na parte II de seu livro, Goldberg dedica capítulos a *Representative Personalities*, nos quais explora diversas correntes literárias contemporâneas que perpassam várias fases intrigantes. Entre essas correntes, destaca-se a notável presença das tendências nacionalistas emergentes no cenário literário brasileiro. Essas tendências, que têm sido vigorosamente promovidas pelo escritor paulista Monteiro Lobato, ganham destaque e impacto imediato nas palavras de Goldberg.

Goldberg examina de maneira detalhada a atuação de Lobato na literatura brasileira, destacando inicialmente o fervoroso nacionalismo que permeia o trabalho do autor. O termo “propagandista nato” emerge das páginas como uma característica marcante de Lobato, que se destaca pela intensidade com que defende suas ideias e convicções. A habilidade inata de Lobato para persuadir e influenciar se manifesta de forma clara e impressionante, estabelecendo-o como um defensor inegável da identidade nacional.

O autor da obra expõe o olhar perspicaz de Lobato, que é capaz de proporcionar leituras cativantes e edificantes. Essas leituras, como descritas por Goldberg, são simultaneamente envolventes e instrutivas,

---

<sup>136</sup> GOLDBERG, 1922, p. 124-125. Tradução nossa de “*One result of the recent war has been, in Brazil, to strengthen the national spirit, and in São Paulo, particularly, a young group headed by the industrious Monteiro Lobato seems to show a partial return to regionalism. [...] Romero, years ago, said that what Brazil needed more than anything else was a regimen for its daily life. Only yesterday, Lobato, in his Problema Vital, studied the problem of what he calls the ailment of an entire country, seeking first of all to convince the nation that it was ill.*”

oferecendo ao leitor uma perspectiva rica e iluminadora sobre as questões abordadas por Lobato.

Goldberg, ao longo da análise, reforça a característica intrínseca de Lobato como um campeão da personalidade nacional. Lobato emerge como um representante proeminente que luta para proteger e exaltar a identidade única do Brasil. Sua posição é nitidamente contrária a qualquer influência estrangeira que possa se sobrepor injustamente à cultura nacional.

A influência externa, especialmente de origem francesa, é objeto de crítica contundente por parte de Lobato, conforme observa Goldberg. Ao examinar as numerosas narrativas, críticas enfáticas e ensaios de Lobato, fica evidente que ele coloca a influência estrangeira, principalmente a de origem francesa, sob uma luz desfavorável. Goldberg reconhece que, ao abordar essa influência, Lobato está principalmente focado em condenar a sua excessiva presença e impacto sobre a cultura brasileira.

Concluindo sua análise, Goldberg consagra Monteiro Lobato como um representante singular da personalidade nacional. O autor paulista não apenas expressa de forma veemente o nacionalismo brasileiro, mas também se estabelece como um propagandista fervoroso e corajoso. Suas obras, além de proporcionarem entretenimento, carregam uma mensagem instrutiva e uma defesa apaixonada da identidade nacional, fazendo de Lobato uma figura de destaque e relevância na literatura brasileira e nas discussões intelectuais de sua época.

Além disso, Goldberg traça críticas e comentários a diversas obras de Lobato, entre elas “Ideias de Jeca Tatu”, “O Jardineiro Timóteo”, e “Um suplício moderno”. O autor também analisa o livro *Urupês*, que, de maneira bem-humorada, chama de “coleção estranha”, além de abordar obras como “Cidades Mortas” e “Negrinha”. Essa exploração minuciosa das obras de Lobato acrescenta profundidade à análise de Goldberg, fornecendo uma compreensão mais completa do impacto e das nuances do trabalho do autor.

É interessante pontuar que o autor se refere às obras lobatianas utilizando seus títulos originais em português, com a exceção de “Um suplício moderno”, ao qual se refere como *Modern Torture*. Goldberg traduz e publica vários contos de Lobato; *Modern Torture*, (como podemos ver na tabela 01) foi publicado apenas em 1924 na revista *The Stratford Monthly*. No entanto, em 1923, Goldberg publica sua tradução de dois outros contos na revista *World Fiction*: “O comprador de fazendas”, com o título *Farm magnate*, em janeiro de 1923, e “A colcha de retalhos”, com o título *Patchwork Quilt*, em março do mesmo ano. Curiosamente, os dois contos não são mencionados no livro *Brazilian Literature*.

Tabela 01: Obras lobatianas traduzidas para a língua inglesa e publicadas em jornais e revistas no século XX.

Data <sup>137</sup>	Título de partida	Título de chegada	Publicação	Informações adicionais
1923	O comprador de fazendas	Farm Magnate	Revista: <i>World Fiction</i> (EUA)	Tradução: Isaac Goldberg Publicado em Jan/23
1923	A colcha de retalhos	Patchwork quilt	Revista: <i>World Fiction</i> (EUA)	Tradução: Isaac Goldberg Publicado em Mar/23
1924	Um suplício moderno	Modern Torture	Revista: <i>The Stratford Monthly</i> (EUA)	Tradução: Isaac Goldberg Publicado em Abr/24
1956	O engraçado arrependido	The funny man who repented: a story	Revista: <i>The Atlantic</i> (EUA)	Republicação da tradução de Harry Kurz February, 1956, p. 161-165

No mercado norte-americano do século XX, a maioria dos contos lobatianos foram traduzidos e publicados em revistas ou como parte de coletâneas contendo obras de outros autores. Na tabela 02

<sup>137</sup> Data de publicação da tradução.

podemos observar que a primeira publicação em livro ocorre em 1925, quando a editora Haldeman-Julius Company publicou, no Número 733 da coleção *Little Blue Book*, três contos do autor: “Um suplício moderno”, “O engraçado arrependido” e “O comprador de fazendas” publicados como *Modern Torture*, *The penitent wag* e *The plantation Buyer*, respectivamente. Essa publicação é importante não apenas por ser o primeiro livro a trazer contos lobatianos, mas por ser a única no século XX contendo apenas contos de Lobato e dedicada exclusivamente ao autor.

Tabela 02: Obras lobatianas traduzidas para a língua inglesa e publicadas em livros no século XX.

Data	Título de partida	Título de chegada	Publicação	Informações adicionais
1925	Um suplício moderno O engraçado arrependido O comprador de fazendas	Modern torture The penitente wag The plantation buyer	Livro: <i>Brazilian Short Stories</i> n° 733 da coletânea <i>Little Blue Books</i> - Haldeman-Julius Company (EUA)	Tradução: “a woman friend of Lobato resident in Brazil”
1927	O comprador de fazendas	Farm magnate	Livro: <i>Great stories of all nations</i> . Ed. Maxim Lieber. New York: Brentano Publishers	Republicação da tradução de Isaac Goldberg, 1923
1944	O comprador de fazendas	Farm magnate	Livro: <i>Great Stories of All Nations: One Hundred Sixty Complete Short Stories from the Literatures of All Periods and Countries</i> . LIEBER, Maxim and WILLIAMS, Blanche Colton. New York: Tudor Publishing CO,	Republicação (com revisões) da tradução de Isaac Goldberg, 1923

1947	O engraçado arrependido	The funny man who repented	Livro: <i>A world of great stories: the best of modern literature.</i> Gramercy Books (Random House)	Tradução: Harry Kurz
1948	A vingança da peroba	The Vengeance of the Redwood	Livro: <i>The Golden Land: An Anthology of Latin American Folklore in Literature.</i> Selected, Edited by Harriet de Onís. New York: Alfred A Knopf	Tradução: Harriet de Onís Conto republicado nas edições subsequentes de 1961 e 1966 do mesmo livro.

Ao longo de 33 anos, de 1923 a 1956, nove outras publicações trouxeram um ou mais contos adultos de Monteiro Lobato. Ou seja, assim como no mercado brasileiro, onde suas publicações foram inicialmente publicadas em jornais e revistas e depois reunidas em livros, também no mercado norte-americano suas obras foram inicialmente publicadas em revistas e jornais (três contos em 1923 e 1924) e depois incorporadas em livros (cinco livros com um ou mais contos de Lobato entre 1925 e 1948). Em 1956, a obra lobatiana volta às revistas norte-americanas, dessa vez fazendo o caminho inverso, com a republicação na revista *The Atlantic* do conto *A funny man who repented*, tradução de Harry Kurz que havia sido inicialmente publicada no livro *A world of great stories* em 1947.

Após um hiato de 47 anos, a publicação de obras do autor em língua inglesa só foi retomada em 2003 (Tabela 03) com a republicação do livro *A world of great stories*, trazendo 115 contos considerados “the best of modern literature”. Aí se incluiu a tradução de 1947 do conto *O engraçado arrependido* e, em 2006, a republicação do mesmo texto no livro *Oxford Anthology of the Brazilian Short Stories*.

Tabela 3: Obras lobatianas traduzidas para a língua inglesa e publicadas em livros no século XXI.

Data	Título de partida	Título de chegada	Publicação	Informações adicionais
2003	O engraçado arrependido	The funny man who repented	<i>A World of Great Stories</i> . Edited by Hiram Haydn and John Cournos. New York: Gramercy Books, 2003, p. 941-950	Republicação da tradução de Harry Kurz (1947)
2006	O engraçado arrependido	The Funnymann who Repented	<i>Oxford Anthology of the Brazilian Short Stories</i> Editor K. David Jackson. New York: Oxford University Press	Republicação da tradução de Harry Kurz (1947)
2019	O Saci	The Saci	Livro PoD	Tradução: Rafael Santos Disponível apenas em versão Kindle Fev/2019
2020	O comprador de fazendas; O jardineiro Timóteo; O plágio; Marabá	The farm buyer; Timóteo the Gardner; Plagiarism; Marabá	<i>Short stories by Monteiro Lobato</i> . Editora Unicamp (BR)	Tradução: Ian Reade Introdução de Marisa Lajolo Versão bilíngue
2020	O Saci	Saci	Livro PoD	Tradução: Flávia Ferreira dos Santos Disponível: paperback Jun/2020
2020	O presidente negro	America's black president 2228	Livro PoD.	Tradução: J. Henry Phillips Disponível apenas em versão Kindle

				Abr/20
2020	Negrinha	Negrinha	Livro PoD	Tradução: Flávia Ferreira dos Santos Versão bilingue com fac-símile da primeira edição Dez/2020
2022	O presidente negro	The clash of the races	New London Librarium (PoD)	Tradução: Ana Lessa-Schmidt com introdução de Vanete Santana-Dezmann Versão bilingue

No entanto, a partir de 2020, a popularização da impressão sob demanda, ou *print on demand* (PoD) possibilitou que diversas obras do autor fossem disponibilizadas em língua inglesa por grandes plataformas de compra online. A capacidade de imprimir exemplar único de livros de uma biblioteca virtual de títulos em resposta a um pedido transformou a forma como as editoras pensam sobre os livros físicos.

A PoD mudou fundamentalmente a própria essência do modelo editorial que, desde os tempos de Gutenberg, tem tido como prática imprimir um livro primeiro e depois tentar vendê-lo. Hoje, cada vez mais editores estão integrando o modelo PoD, à medida que começam a entender as enormes implicações para a forma financeira de seus negócios. A redução ou eliminação completa da necessidade de imprimir estoque especulativo, empatar capital no processo e depois armazená-lo, etapas talvez dispensáveis na produção de livros digitais, economiza custo significativo e reduz o risco comercial<sup>138</sup>.

Entre 2019 e 2022, foram disponibilizadas seis traduções de três obras adultas de Monteiro Lobato até então inéditas em língua inglesa. *O Saci* mereceu duas traduções: *The Saci* - empreendida por Rafael Santos em 2019, encontra-se apenas em versão digital - e *Saci* - na

---

<sup>138</sup> GALLAGHER, 2014, p. 245.

tradução de Flavia Ferreira dos Santos, disponível desde 2020 para impressão sob demanda (PoD). *Negrinha*, na tradução de Flavia Ferreira dos Santos em edição bilíngue (português e inglês), inclui o fac-símile da primeira edição de 1920 e pode ser impresso sob demanda (PoD). Já na tradução de John Milton, integrando a publicação trilingue (português, inglês - *Negrinha, the little black girl* - e alemão - *Negrinha oder das kleine schwarze Mädchen*, na tradução de Vanete Santana-Dezmann) impressa no Brasil em 2021 com financiamento do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e distribuída gratuitamente, encontra-se esgotada. *O Presidente Negro*, traduzido em 2020 como *America's Black President 2228* por J. Henry Philips, está disponível apenas em versão digital e, traduzido em 2022 por Ana Lessa-Schmidt como *The Clash of the Races*, com patrocínio da Fundação Biblioteca Nacional, encontra-se em edição bilíngue (português e inglês) disponível para impressão sob demanda (PoD).

Anna Lessa-Schmidt é a editora sênior de tradução da New London Librarium, pequena editora literária em Connecticut, e se tornou a principal editora de livros sobre cultura, história, literatura e temas brasileiros no mercado norte-americano. Muitas das traduções publicadas pela New London Librarium foram possíveis graças ao apoio da Fundação Biblioteca Nacional e do Ministério da Cultura. Em entrevista ao jornal *Brazilian Times*, a tradutora afirma que “A New London Librarium é corajosa em seu nobre esforço de trazer a literatura brasileira para o mundo fora do Brasil. Embora o público em geral tenha pouco notado, acadêmicos e brasileiros nos EUA estão demonstrando muito interesse em nossa coleção.”<sup>139</sup>

A distopia lobatiana - *O presidente negro* - foi publicada inicialmente entre 05 de setembro e 01 de outubro de 1926 em capítulos no jornal *A Manhã*, do editor Mário Rodrigues, e impresso em dezembro do mesmo ano pela Companhia Editora Nacional.

---

<sup>139</sup> <https://www.braziliantimes.com/comunidade-brasileira/2019/02/20/editora-de-ct-torna-se-a-principal-em-publicacao-de-livros-sobre-cultura-historia-literatura-e-temas-brasileiros.html>

Embora tivesse suficiente conhecimento da língua inglesa para traduzir do inglês para o português, Lobato não tinha a fluência exigida a quem se propõe a criar uma obra literária em outra língua. Além disso, escrevendo em português havia também a possibilidade de publicar o romance no Brasil. Lobato então deixou a tradução a cargo de Stuart Aubrey, com quem mantém contato no período em que vive no Rio de Janeiro – do segundo semestre de 1925 até a mudança para Nova Iorque, em maio de 1927 (cf. SANTANA-DEZMANN, 2021, p. 129.).

A tradução do romance *O Presidente Negro* (1926) chegou a ser anunciado em fevereiro de 1927 no jornal americano *The Evansville Press* (Fig. 01), porém, em setembro do mesmo ano, em carta ao amigo Rangel, Lobato confessa desanimado que o livro não será publicado:

[...] Meu romance não encontra editor. Faltou a Tupy Company. Acham-no ofensivo à dignidade americana, visto admitir que depois de tantos séculos de progresso moral possa esse povo coletivamente, cometer a sangue-frio o belo crime que sugeri. Errei vindo cá tão verde. Deveria ter vindo no tempo em que linchavam os negros. Os originais estão com Isaac Goldberg, para ver se há arranjo.<sup>140</sup>



Figura 01: Anúncio no jornal *The Evansville Press*, IN de janeiro de 1927 anunciando a tradução do romance *O Presidente Negro* para os idiomas Inglês, Francês e Alemão.

<sup>140</sup> LOBATO, 1969, 304.

É possível observar na carta abaixo reproduzida que William David Ball - editor-chefe da agência literária Palmer, à qual Lobato apresentou *O presidente negro* após as primeiras recusas para publicação - aconselha Lobato a observar o que as editoras estavam publicando, revisar o mercado e no futuro, quando tivesse uma “nova perspectiva sobre o tema”, fazer as devidas adaptações.

17 de novembro de 1927<sup>141</sup>

William David Ball, Editor-chefe da Palmer Literary Agency  
(6362 Hollywood Boulevard, Hollywood California)

Mr. J. Manturo [sic] Lobato  
205 - 24th St.

Jackson Heights, LI, NY

Caro Sr. Lobato:

- (1) Foi com mais do que um grau médio de interesse que li sua estória **THE CLASH OF THE RACES** pois o material é apresentado de forma divertida e indica uma rica e criativa imaginação. Infelizmente, porém, o tema central é baseado em assunto particularmente difícil para se apresentar nesse país, sendo susceptível de despertar o tipo mais amargo de partidarismo e, por esta razão, os editores invariavelmente receiam em apresenta-lo ao público leitor. Os seus capítulos preliminares são muito bem tratados e abrem caminho para as incríveis revelações do Dr. Benson e sua filha de uma forma convincente. [...]
- (2) Se as principais complicações de sua história tivessem se restringido a essas questões sem tocar na questão do negro, a chance de colocar o manuscrito em uma editora teria sido maior. Se o senhor tivesse permitido à sua imaginação brincar com alguma invasão mítica ou se os acontecimentos tivessem se referido somente à luta entre os sexos, levando a alguma solução significativa e divertida; em vez desse tema ser uma ação subsidiária, como foi apresentada, poderia haver possibilidade de encontrar um mercado, dependendo, claro, da novidade da solução e da habilidade no manejo do tema. Mas quando se trata da questão dos negros, e a sugestão de que eles devem ser totalmente exterminados, nem mesmo o fato de este evento se passar 300 anos no futuro o suavizaria na mente dos leitores negros. A pungência da situação e o apelo com que dotou o principal personagem negro só serviriam para elevar os fatores

---

<sup>141</sup> Ball, 1927, apud Lajolo, 2010.

indesejáveis do caso. Se mexesse com a invasão por uma nação ou raça estrangeira,

- (3) a reação seria bastante diferente, mas o negro é um cidadão americano, parte integrante da vida nacional. Sugerir seu completo extermínio através da sagacidade e habilidade da raça branca levaria a uma dissensão quase tão violenta na mente dos leitores quanto a apresentação de um conflito entre dois partidos políticos ou duas denominações religiosas em que um extirpasse o outro. Não paira dúvida sobre sua capacidade. Seu trabalho revela um sentido aguçado das qualidades dramáticas e altamente imaginativo. Ao prosseguir seu estudo do inglês e da escrita criativa, aconselho-o a prestar particular atenção ao tipo de material que é amplamente utilizado pelas editoras americanas. Revise bem o mercado, pois isso o ajudará muito na escolha do material a tratar à medida que avança com seu próprio trabalho.
- (4) De modo algum considere este manuscrito um esforço perdido. Mantenha-o em arquivo e mais tarde, quando tiver conseguido obter uma nova perspectiva sobre o tema, é possível que consiga recuperar grande parte da matéria da estória, entrelaçando-o com algum outro problema ou ideia temática. Aguardarei com muito interesse outros exemplos de seu trabalho e espero que faça bom proveito de seu estudo quando for capaz de prosseguir com ele, e que se beneficie dele. Com os melhores cumprimentos. Sinceramente, William David Ball. Editor-chefe.

Ao lermos a carta, é possível notarmos que, embora elogie o autor por ter “rica e criativa imaginação”, Ball destaca as complicações em relação à temática da obra.

No segundo parágrafo, o editor segue elogiando o livro, mas afirma que ele não seria aceito por editora alguma e ampara sua justificativa para recusa, sugerindo que a trama se afaste da “questão do negro”. O tema central do romance de Lobato é o alisamento de cabelos usado como arma de extermínio da população negra norte-americana no momento em que a hegemonia da população branca está ameaçada. No entanto, a frase “Revise bem o mercado, pois isso o ajudará muito na escolha do material a tratar à medida que avança com seu próprio trabalho” é extremamente reveladora, pois, segundo a pesquisadora Vanete Santana-Dezmann (2021), Lobato desconhecia

que havia uma relação próxima e antiga entre o candidato a futuro editor d' *O presidente negro* e A'Lelia Walker, a herdeira de Madam C. J. Walker, que fez fortuna nos anos 20 comercializando produtos para alisamento e tratamento de cabelos crespos. Assim, Santana-Dezmam<sup>142</sup> sugere a possibilidade de o empecilho à publicação do romance no mercado editorial norte-americano em 1927 se dever a uma questão de cunho comercial.

Santana-Dezmam<sup>143</sup> destaca ainda que Isaac Goldberg - reconhecedor e admirador do talento de Lobato, além de conhecedor dos editores e da posição de A'Lelia Walker - provavelmente percebe a hipocrisia constante na resposta dos editores a Lobato e se compromete a ajudá-lo com a publicação, mesmo sabendo que não haveria muita chance.

Noventa e cinco anos depois, *O presidente negro* finalmente chega ao mercado norte-americano de forma impressa pela editora New London Library com o título *The Clash of the Races*.

Ao ser indagado sobre a tradução e publicação da obra pela New London Librarium, o editor Glenn Cheney revela que a editora publicou várias traduções de livros clássicos brasileiros, incluindo quatro de Monteiro Lobato, aproveitando a entrada de sua obra em domínio público. O editor também afirma que, apesar de ser um risco, esperava que a controvérsia inerente ao livro - o suposto racismo - pudesse despertar o interesse do público: "Por fim, decidimos que o racismo é de um nível bastante baixo, não denegrindo intencionalmente os negros, embora inevitavelmente reflita o racismo geral que era comum no início do século XX.". Cheney reflete sobre a necessidade de separarmos o autor da persona do narrador "Os dois [autor e narrador] não são necessariamente os mesmos. Todo autor cria uma 'persona narrativa' para contar a estória, e nem essa persona nem nenhum dos personagens é o autor.". E conclui os motivos pelos quais decidiu publicar o livro no mercado norte-americano afirmando que "Achamos

---

<sup>142</sup> 2021, p. 167-176.

<sup>143</sup> 2021, p. 177.

que seria importante mostrar aos leitores como as pessoas pensavam há 100 anos.”.

Em relação à procura pela obra, o editor revela que poucas cópias foram vendidas:

Lamento dizer que houve pouca atenção do público. Acho que não vendemos mais do que algumas dezenas de cópias e ninguém comentou. As razões para as baixas vendas incluem a) capacidade limitada de *marketing* da NLL, b) pouco interesse do público em escritores brasileiros, c) vendas de livros geralmente baixas nos últimos dois anos. (Talvez a situação melhore em breve. A *New York Review of Books*, uma das mais importantes publicações de resenhas de livros do mundo, em breve estará resenhando outro de nossos livros, *Amar: Verbo Intransitivo*, de Mário de Andrade. Talvez isso ajude a divulgar a New London Librarium e, conseqüentemente, Monteiro Lobato.<sup>144</sup>

Em seu website<sup>145</sup>, a editora afirma se dedicar à “publicação e comercialização de ficção, não-ficção, poesia, drama e traduções de qualidade literária, priorizando livros que contribuem com algo positivo para o mundo, mas que provavelmente não gerarão os lucros esperados por outras editoras. A New London Librarium considera a verdade, a beleza, a inovação e a inteligência mais importantes do que as receitas.”. Ou seja, o advento e a popularização do sistema PoD possibilita a distribuição de obras por seu valor literário e não apenas comercial.

Enquanto a figura de Monteiro Lobato como tradutor se reveste de uma importância incontestável no panorama literário brasileiro, proporcionando à língua portuguesa o acesso a uma vasta gama de obras de relevância internacional – seu trabalho como tradutor foi fundamental para enriquecer a cultura literária brasileira, introduzindo ao público obras de autores consagrados do mundo anglo-saxão e tornando-as acessíveis a um novo público –, paradoxalmente, contrasta

---

<sup>144</sup> CHENEY, 2023.

<sup>145</sup> <https://nllibrarium.com/home.html>

fortemente com a notável lacuna em reconhecimento de suas próprias produções literárias nos países de língua inglesa. Apesar da maestria de suas criações originais, as obras de Lobato raramente encontraram espaço nas coleções literárias importantes e, conseqüentemente, não alcançaram o mesmo renome internacional que suas traduções para o português concederam a outros autores. Esse aparente descompasso entre a reverência em sua própria língua e a falta de visibilidade em língua inglesa suscita questionamentos sobre os mecanismos de difusão literária, as barreiras culturais e as dinâmicas de mercado que regem o reconhecimento global.

O lançamento recente da tradução de *O Presidente Negro* para o inglês como *Clash of the Races* traz à tona um ponto de reflexão intrigante. A temática atual e provocativa da obra, que aborda questões raciais e sociais de maneira incisiva, não foi suficiente para gerar uma demanda significativa entre os leitores americanos. Isso levanta discussões sobre como as narrativas de Lobato são percebidas em um contexto cultural diferente e como as temáticas abordadas podem ou não ressoar com as preocupações e sensibilidades contemporâneas dos leitores de língua inglesa.

Em última análise, a dissonância entre o papel proeminente de Monteiro Lobato como tradutor e a relativa obscuridade de suas próprias criações em países de língua inglesa nos convidam a considerar a complexidade da intersecção entre cultura, linguagem, recepção literária e dinâmicas mercadológicas. Além disso, ressalta a importância de abordar a difusão global da literatura com uma compreensão sensível das particularidades culturais e das transformações sociais, a fim de promover uma apreciação genuína das obras literárias em sua diversidade e profundidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMPOS, Geovana. “Percurso de Ernest Hemingway no Brasil: as traduções de *For whom the bell tolls*”. In: *Tradução em Revista*. PUC-RJ:2008. Disponível em: [http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/db2www/PRG\\_1459.D2W/INPUT](http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/db2www/PRG_1459.D2W/INPUT)
- CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: Vida e Obra*. São Paulo: Companhia Distribuidora de Livros. 1955.
- CHENEY, Glenn. Entrevista. Arquivo pessoal de Patrícia Didoné, 2023.
- DUARTE, Katarina. “‘Alice por artes de Narizinho’: Alice No País Das Maravilhas, de Monteiro Lobato”. In: *Cultura e Tradução*. Vol. 2, no. 1, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ct/article/view/21102>
- GALLAGHER, K. “Print-on-Demand: New Models and Value Creation’. *Pub Res Q* 30, 2014, p. 244-248. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12109-014-9367-2>
- GOLDBERG, Isaac. *Brazilian Literature*. Nova Iorque: Alfred Knopf Inc., 1922. Disponível em: [https://www.gutenberg.org/cache/epub/49605/pg49605-images.html#FNanchor\\_14\\_15](https://www.gutenberg.org/cache/epub/49605/pg49605-images.html#FNanchor_14_15)
- LAJOLO, Marisa. “Monteiro Lobato e Isaac Goldberg: A América Latina na América do Norte”. In: *Remate de Males*. Campinas, SP (30.2), jul/dez., 2010, p. 293-310.
- LOBATO, José Bento Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Editora Brasiliense Ltda, 1950, 1ª. ed. 1918..
- \_\_\_\_\_. “A Barca de Gleyre”, Tomo 1. In: 1.ª Série das *Obras Completas de Monteiro Lobato*. São Paulo: Editora Brasiliense Ltda., 1964, 11.ª ed.
- \_\_\_\_\_. “A Barca de Gleyre”, Tomo 2. In: 1.ª Série das *Obras Completas de Monteiro Lobato*. São Paulo: Editora Brasiliense Ltda., 1969, 13.ª ed.

MARTINS, Taís. “Historiografia da tradução de *For whom the bell tolls*, de Ernest Hemingway, no Brasil”. In: MILTON, John; SANTANA-DEZMANN, Vanete e DONOFRIO, Silvio T. *Para Compreender Monteiro Lobato - II Jornada Monteiro Lobato*. Lunen-Alemanha: Oxalá, 2021.

MENDES, Denise. *Monteiro Lobato, o tradutor*. Monografia (Bacharelado em Letras. - Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2001.

MILTON, John. *O Clube do Livro e a tradução*. São Paulo: Edusp, 2002.

\_\_\_\_\_. *Um país se faz com tradutores*. São Paulo: Martins Editora, 2019.

SANTANA-DEZMANN, Vanete. *Entre metafísica, distopia e mecenato*. São Paulo: Os Caipiras, 2021.

## CAPÍTULO V - A atriz por trás da máscara: Reny e os desafios de ser Emília<sup>146</sup>

José Elio da Mota Júnior

Adoro Emília pelo seu lado livre e irreverente. Ela me ensinou a viver com coragem e dizer sempre o que penso. Mas há uma diferença básica entre nós: eu não sou feita de pano.<sup>147</sup> (Reny de Oliveira)

No dia 7 de março de 1977 estreava na Rede Globo uma das mais famosas adaptações da Obra infantil de Monteiro Lobato e que durou quase dez anos, *O Sítio do Picapau Amarelo*. Nesse ínterim, três atrizes interpretaram a boneca Emília: Dirce Migliaccio viveu a zangada boneca apenas no ano de estreia; Reny de Oliveira vestiu a personagem entre 1978 e 1982 e Suzana Abranches, fechando o ciclo dessa adaptação, encarnou a Condessa de Três Estrelinhas entre 1983 e 1986.

Viver uma personagem complexa e desafiante como Emília é tarefa, ao mesmo tempo, prazerosa e árdua, exigindo da atriz talento, preparo emocional, estar inteira na atuação, conhecer o perfil da boneca etc., e muitas vezes sacrifício de seu eu, tendo em vista que a boneca parece ter vida própria, o que pode acarretar confusão psicológica na pessoa que se propõe a interpretá-la.

Uma das atrizes que a interpretou, Zodja Pereira, viveu a bonequinha falante na adaptação do *Sítio* veiculada pela TV Bandeirantes entre 1967 a 1969. Essa produção teve o casal Júlio Gouveia e Tatiana Belinky como idealizadores e produtores. Em uma entrevista concedida à Página Editora-Daqui TV, ela diz que o grande desafio foi se libertar da Emília, pois, segundo suas palavras, a

---

<sup>146</sup> Dedico este trabalho à atriz Reny de Oliveira Santana.

<sup>147</sup> Playboy, 1984, p.55.

personagem impregna no ator, porém conseguiu superar a dificuldade de deixar a Emília ir, reforça ainda que era muito parecida com a Marquesa de Rabicó (era tão crítica como a lambeta mor), talvez para “justificar” o porquê da impregnação da personagem em si<sup>148</sup>.

Outra atriz que deu existência à Emília foi Dirce Migliaccio, interpretando-a na primeira temporada de *O Sítio do Picapau Amarelo*, em 1977, conforme mencionado anteriormente. Dirce afirma em uma entrevista concedida ao documentário *Sete visões de Emília*<sup>149</sup> que muitas vezes se assustava quando atuava no *Sítio*, porque, de acordo com ela, fazer a travessa boneca mexia consigo, era muito forte, e, além disso, a personagem foi sua “professora”, uma vez que aprendia com ela.

Que força é essa que Emília tem ao ponto de “impregnar”, “assustar”, “dominar” algumas atrizes que a viveram? Não é nossa pretensão dar possíveis respostas fechadas a esse questionamento, pelo contrário, sabemos que é um estudo amplo e minucioso, que demanda muito tempo, contudo queremos abrir espaço para que outros estudiosos possam também investigar essa problemática e desafiante proposta: por que Emília deixa marcas em algumas de suas intérpretes, às vezes “atrapalhando” outras possíveis atuações delas? Como um ser de ficção “vive” por tanto tempo? Que “estranho poder” há por trás da máscara de ser Emília?

## 1. Remy: uma carreira meteórica rumo à Emília

Em uma entrevista concedida à revista *Sétimo Céu*<sup>150</sup>, Remy de Oliveira discorre sobre o início de sua carreira artística até aquele

---

<sup>148</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=7tI5qbcUCZw&ab\\_channel=P%C3%A1ginaEducativa-DaquiTV](https://www.youtube.com/watch?v=7tI5qbcUCZw&ab_channel=P%C3%A1ginaEducativa-DaquiTV)

<sup>149</sup> Documentário “Sete visões de Emília”. Direção: Cacá Silveira. Produtores: Fabiana Amorim e Paulo Bahia. Produtora: TVE. Fundação Roquette Pinto. Não conseguimos saber a data de exibição do documentário.

<sup>150</sup> DALTICE, 1979, p. 96.

momento em que dava vida à espevitada boneca de Narizinho. Segundo Reny, seu primeiro papel foi na peça *O Milagre de Anne Sullivan*, no ano de 1967, em um teatro de São Paulo. Ela interpretava a menina cega e surda de nome Hellen Keller. Esse trabalho lhe rendeu o prêmio de melhor atriz da Associação Paulista dos Críticos Teatrais, sendo, em seguida, chamada para trabalhar em televisão, iniciando assim sua carreira.

A partir de seu ingresso na TV, atuou em várias produções de telenovelas, tais como *Algemas de Ouro*, *As Pupilas do Senhor Reitor*, *A Última Testemunha*, *Éramos Seis*, *O Espantalho*, *Os Deuses Estão Mortos*, *Escalada*, *O feijão e o sonho*, etc., fez várias fotonovelas e foi modelo fotográfico também. “Uma vez, largou tudo e foi para a Europa, onde passou três anos estudando Arte Dramática...”<sup>151</sup>

Com um currículo tão extenso e diversificado de papéis e uma formação em Arte Dramática, ela estaria apta para encarnar um dos papéis mais marcantes e desafiantes de sua carreira: Emília!

## 2. A transformação: vestindo a máscara de Emília

Numa segunda-feira, 06 de março de 1978, Reny estreou no *Sítio do Picapau Amarelo* como Emília no episódio *Cupido Maluco*, escrito e roteirizado por Benedito Rui Barbosa. De acordo com a atriz, “Este trabalho é um desafio na minha carreira.”<sup>152</sup> Um desafio que ela começava a viver desde a caracterização da personagem, que levava em torno de duas horas aproximadamente para compô-la externamente e psicologicamente também.

Para fazer Emília, Reny de Oliveira concorreu com outras atrizes, sendo aprovada por unanimidade. Em suas palavras:

---

<sup>151</sup> *Playboy*, 1984, p. 60.

<sup>152</sup> *Amiga*, 1978, p. 52.

Foi tudo muito rápido e logo eu já estava novamente no Rio, me preparando para o papel. Desde então, não tenho feito outra coisa senão estudar e me dedicar à Emília.” (...)

Mas vale a pena. Só o fato de meu trabalho ser visto pelo Brasil inteiro, já é maravilhoso. E espero corresponder à responsabilidade que me deram.<sup>153</sup>

A construção da boneca era demorado e exigia muito de Reny. Ela começava a vesti-la quando Duska, a maquiladora do *Sítio*, iniciava o processo, que era

muito demorado e Reni precisava proteger a pele com óleo, pois a quantidade de cremes e bases é muito grande. Com o cabelo preso para não sujar a peruca, a maquiladora Duska, passa primeiro uma base especial à prova de água, de cor clara. Em seguida, vem outra camada de base amarela, cobrindo todo o pescoço e rosto, e uma camada fina de talco, para suavizar o amarelo do rosto. Acompanhando todas as fases, Reni se concentra cada vez mais, olhando por um espelho. *Ela considera muito importante observar o processo de transformação, pois desta forma vai dando vida à Emília.* O nariz e rosto são pintados com *blush* avermelhado. Depois vem a pintura dos olhos e as pintinhas. Tudo isto dura duas horas, sem contar com a colocação da peruca e das roupas. Pronto! Reni já é boneca de pano, anda e fala, brinca com todo mundo. O trabalho é muito árduo. São em média 200 páginas de textos para decorar durante a semana.<sup>154</sup>

A partir das considerações acima apresentadas, compor a Emília exigia dedicação e estudo da parte de Reny, tendo em vista que a construção de sua personagem tinha início na maquilagem, um processo um tanto demorado, e, com certeza, desgastante, trabalho esse ao qual se dedicou durante cinco anos e, lamentavelmente, segundo ela, não teve reconhecimento da parte da TV. Quanto a esse aspecto, abordaremos posteriormente.

---

<sup>153</sup> MATOS, 1978, p. 38.

<sup>154</sup> *Ibidem*, p, 38, destaques nossos.

### 3. Emília, um ser do papel: será?

Beth Brait em *A personagem* afirma que

Ao encarar a personagem como *ser fictício, com forma própria de existir*, os autores situam essa instância da narrativa dentro da especificidade do texto, considerando a sua complexidade e o alcance dos métodos utilizados para apreendê-la.<sup>155</sup>

Partindo da premissa acima, a personagem é um ser fictício, que possui uma forma própria de existir, ou seja, ela faz parte de um mundo narrativo, com lógicas específicas, além disso, sua existência é feita por meio das palavras, do encadeamento das frases, períodos etc., dispostos no texto ficcional e que vão sendo construídos (aquele mundo de ficção e personagens) pelo leitor e/ou intérprete (ator/atriz).

Ainda, de acordo com Brait:

A narração em primeira ou terceira pessoa, a descrição minuciosa ou sintética de traços, os discursos direto, indireto ou indireto livre ,os diálogos e monólogos são técnicas escolhidas e combinadas pelo escritor a fim de possibilitar a existência de suas *criaturas de papel*. **Dependendo de suas intenções e principalmente de sua perícia, ele vai trabalhar o discurso, a linguagem, construindo essas criaturas, que, depois de prontas, fogem ao seu domínio e permanecem no mundo das palavras à mercê dos delírios que a escritura possibilita aos incontáveis leitores.**<sup>156</sup>

Nas considerações feitas por Beth Brait, a personagem é um ser de papel, existindo somente no texto criado por um escritor e através dele, porém ressalta que, a partir do instante em que está pronta, foge do domínio de seu criador e permanece no mundo das palavras à mercê dos delírios da escritura e que essa, ao cair nas mãos do leitor, ouvinte, telespectador e, para ampliar a discussão que é nossa proposta,

---

<sup>155</sup> BRAIT, 2017, p.70, destaques da autora.

<sup>156</sup> Ibidem, p. 90, os destaques em itálico são da autora; os destaques em negrito, são nossos.

de um ator ou atriz, vai ganhando novas e ampliadas leituras, de acordo com suas intencionalidades e de quem os dirige, no caso, os diretores de séries, peças teatrais, novelas, filmes etc.

Um detalhe que pode parecer irrelevante, mas pertinente, é discutirmos acerca da expressão *ser de papel*. Levando-se em conta que a personagem só existe no mundo ficcional e, portanto, não tem materialidade ou corporalidade fora da ficção, talvez dizer *ser do papel* seja mais apropriado pelo fato de ela “apenas existir naquela instância linguística presente na história, isto é, através das palavras de uma língua impressas na narrativa”. Sua “existência corporal”, coloquemos assim, ocorreria por meio da imaginação dos leitores, a partir de inúmeras leituras feitas desse *ser do papel* que, por intermédio da imaginação e criatividade das pessoas que a apreciam, fariam com que ela “saltasse” das páginas dos textos ficcionais e “passasse a habitar” o mundo dos mortais.

Dado curioso sobre esse “poder” da escritura de ficção também foi percebido pelo “pai da Emília”. Em uma carta que ele escreveu a seu amigo Godofredo Rangel em 1/02/1943, há a seguinte constatação:

Muito interessante o que se passou com meus livros para crianças. Os personagens foram nascendo ao sabor do acaso e sem intenções. Emília começou uma feia boneca de pano, dessas que nas quitandas do interior custavam 200 réis. Mas rapidamente evoluiu, e evoluiu cabritalmente - cabritinho novo - aos pinotes. Teoria biológica das mutações. E foi adquirindo tal independência que, não sei em que livro, quando lhe perguntam: “Mas que você é, afinal de contas, Emília?” ela respondeu de queixinho empinado: “Sou a Independência ou Morte!” E é. Tão independente que nem eu, seu pai, consigo dominá-la. Quando escrevo um desses livros, ela me entra nos dois dedos que batem as teclas e diz o que quer, não o que eu quero. Cada vez mais, Emília é o que quer ser, não o que eu quero que ela seja. Fez de mim um “aparelho”, como se diz em linguagem espírita.<sup>157</sup>

---

<sup>157</sup> LOBATO, 1972, p. 357-358.

No trecho da missiva de Lobato supracitada é comentado pelo escritor que Emília havia criado independência, falava o que desejava, dando a entender que adquirira vida própria, como se não precisasse mais do autor para existir enquanto ser de imaginação, criada por ele. Claro que isso pode ser compreendido como uma espécie de brincadeira da parte de Lobato, até porque, como exposto por Bathe Brait, a personagem e o mundo fictício são criados intencionalmente - as escolhas de palavras, o modo como a narrativa se estrutura e tudo o mais têm uma razão de ser, mesmo que, paradoxalmente, o autor não tenha clareza total do porquê de seguir confeccionando o mundo daquela forma; ele não age aleatoriamente. A evolução cabrital de Emília, na visão lobatiana, deu-se por motivos criativos e estéticos de Lobato que, nesse estudo, não temos a intenção de aprofundar, até pela proposta do trabalho; apenas pincelamos algumas considerações sobre a existência da bonequinha de trapo segundo seu “pai”.

Corroborando a premissa de que a personagem é um ser de imaginação e, portanto, elaborada a partir de intenções do criador, na obra *A personagem de ficção* há um trecho em que se faz a seguinte afirmação:

A força das grandes personagens vem do fato de que o sentimento que temos de sua complexidade é máximo; mas isso, devido à unidade, à simplificação estrutural que o romancista lhe deu. Graças aos recursos de caracterização (isto é, os elementos que o romancista utiliza para descrever e definir a personagem, de maneira a que ela possa dar a impressão de vida, configurando-se ante o leitor), graças a tais recursos, o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza, temos a personagem como um todo coeso ante a nossa imaginação. ... A personagem é complexa e múltipla porque o romancista pode combinar com perícia os elementos de caracterização...<sup>158</sup>

A partir do exposto acima, contata-se que a personagem, sendo delineada e confeccionada com recursos e combinações feitos e

---

<sup>158</sup> CANDIDO; GOMES; PRADO; ROSENFELD, 2007, p. 59-60.

escolhidos (por meio da linguagem, da língua, palavras, letras etc.) pelo romancista (escritor), ganha vida, passa a existir por meio da imaginação de leitores e, quando adaptada a outros veículos de comunicação – como a televisão e cinema –, salta das páginas dos livros e vai ganhando outros contornos de acordo com as intenções dos adaptadores, atores etc.

#### 4. Convivendo com a Emília

Durante cinco anos (1978 a 1982), Reny de Oliveira interpretou uma personagem que, de acordo com várias entrevistas que a atriz concedeu ao longo desses anos, em revistas como *Amiga*, *Sétimo Céu* e *Contigo*, proporcionou-lhe alegrias e tristezas.

Conforme já destacamos, a primeira estória em que Reny aparece atuando foi Cupido *maluco* e, a última, *Reinações de Narizinho*. Ao todo, ela participou de 49 episódios, sendo eles: (1978) *Cupido maluco*, *A raiz milagrosa*, *Os piratas do Capitão Gancho*, *O Minotauro*, *A reinação atômica*, *A morte do Visconde*, *Memórias da Emília*, *Quem tem boca vai a Roma*, *O outro lado da lua*; (1979) *Dom Quixote*, *o Cavaleiro da triste figura*, *O Curupira*, *Quem quiser que conte outra*, *Olhos de retrós*, *O gênio da lâmpada*, *Emília*, *Romeu e Julieta*, *O casamento da raposa*, *Davi e Golias*, *O rapto do Rabicó*; (1980) *A santa do pau oco*, *Não era uma vez*, *A sacizada*, *A rainha das abelhas*, *A galinha dos ovos de ouro*, *O dia em que a Emília morreu*, *Elementar Emília*, *A máscara do futuro*; (1981) *A chave do tamanho*, *O fazedor de milagres*, *O espelho da Cuca*, *Caçadas de Pedrinho*, *O circo de escavalinho*, *Rapunzel*, *Abu Kir e Abu Sir*, *O pé de feijão*, *O homem que quis laçar Deus*, *O nascimento do Saci*; (1982) *A sobrinha da Cuca*, *Ali Baba*, *Emília e os quarenta ladrões*, *A bela e a fera*, *A canastra da Emília*, *Pinóquio*, *A grande vingança da Cuca*, *Era uma vez uma Bela Adormecida*, *A chave particular do tamanho*, *Os besouros da*

*Emília, O rapto das estrelas, Um estranho conto de fadas, Aí vem Tom Mix e Reinações de Narizinho.*<sup>159</sup>

No primeiro episódio de 1978, a “Emília” da Reny andava meio emborcada, um tanto desengonçada, molenga, sem a firmeza adquirida à medida que ia compondo seu trabalho. Uma das marcas registradas em sua atuação foi o timbre de voz, caracterizado por uma fala fina, meio dengosa, manhosa mesmo. A partir de 1981, ela mudou mais ainda o tom da voz, deixando-o bem mais agudo. Além disso, o andar, o gesticular e as expressões faciais da personagem eram muito expressivos e vivos. Se o andar da Emília não demonstrava segurança em *Cupido Maluco*, nas demais narrativas, tais como *O Minotauro* e *Memórias da Emília* etc., percebe-se uma boneca com um andar duro, empertigada, cheia de trejeitos, sempre atenta a tudo e todos, bem “bonecal”.

No artigo “Da imaginação à imagem - O Sítio de Lobato na TV”, Vera Tietzmann tece o seguinte comentário acerca da atuação das atrizes adultas na primeira adaptação do *Sítio*, feita pela Globo, e elogia a escolha de Isabelle Drummond como Emília, na segunda adaptação realizada pela mesma emissora:

Quanto à Emília, a solução encontrada foi criativa, e mesmo encantadora. Abandonando as atrizes adultas, falando com voz de falseste, a Globo selecionou uma menina pequena, ainda trocando os dentes, que encarna a boneca à perfeição.<sup>160</sup>

Sob o ponto de vista de Tietzmann (2002), as atrizes adultas que interpretavam Emília usavam uma voz de falsete, o que, para ela, talvez estivesse em desacordo com o perfil da personagem, tanto que elogia a opção da Globo ao selecionar uma criança para viver Emília na

---

<sup>159</sup> Memória Globo. Episódios de Sítio do Pica-pau Amarelo - 1ª versão, 29/10/2021.

Disponível em:

<<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/infantojuvenil/sitio-do-picapau-amarelo-1a-versao/noticia/lista-de-episodios.ghtml>> Acesso em: 08 de Jun. de 2023.

<sup>160</sup> SILVA, 2002, p. 101, destaques nossos.

segunda adaptação do *Sítio* feita pela emissora Globo. De acordo com ela, a menina encarna a boneca com perfeição. Entretanto, em *Reinações de Narizinho* e outras obras de Monteiro Lobato, o narrador descreve traços da personalidade da boneca e trejeitos que condizem com o desempenho de Reny de Oliveira, como, por exemplo, depois de Emília ter engolido a pílula falante do Doutor Caramujo e falar por três horas, deixando Narizinho atordoada e a menina pedir ao caramujo que a fizesse “desengolir” a pílula, ao que ele responde não ser preciso, porque logo a fala estaria no nível regulado. Então Narizinho se dirige à boneca e pergunta quem fora o ladrão que a havia raptado, nesse momento, o narrador diz: “Emília *empertigou-se toda e começou a dizer na sua falinha fina* de boneca de pano”.<sup>161</sup>

Em outro capítulo da mesma obra, Narizinho estava conversando com o falso Gato Félix e pede a Emília para avisar Dona Benta da visita do Príncipe Escamado e sua Comitiva ao Sítio. A boneca vai andando sem pressa nenhuma e, de repente, Lúcia a chama de volta. Novamente o narrador afirma: “Emília voltou, no seu *passinho duro* de boneca.”<sup>162</sup>

Ainda no mesmo livro, quando Pedrinho e Narizinho estão se preparando para receber os convidados do mundo da fantasia no Sítio, há um excerto em que se diz: “A Boneca-tec, tec, tec-, *muito esticadinha para trás*, foi vestir-se. [...]”<sup>163</sup>

Há um outro capítulo, muito interessante, nas *Reinações*, em que Narizinho coloca Emília para pescar no ribeirão [...] depois arrumou a boneca à beira d’água, *muito tesa*, com uma pedra ao colo para não cair. [...]”<sup>164</sup>

Nos fragmentos apontados acima, percebe-se o modo como a boneca agia, falava e se comportava. Ela tem um jeito próprio de ser, segura, agitada, ativa, com um andar ereto, transmitindo ao leitor

---

<sup>161</sup> LOBATO, 2014, p. 39, destaques nossos.

<sup>162</sup> LOBATO, idem, p. 151, destaques nossos.

<sup>163</sup> LOBATO, idem, p. 214, destaques nossos.

<sup>164</sup> LOBATO, idem, p. 56, destaques nossos.

firmeza, ausência de insegurança, talvez por ser boneca, livre das convenções dos humanos. A atuação de Reny de Oliveira procurou dar à personagem traços psicológicos e atitudes condizentes com o que Lobato idealizou. É importante frisar que o trabalho dela fez parte de uma adaptação e que o ator, ao encarnar um personagem de um autor, faz sua leitura daquele ser do papel, conforme discutido na seção sobre a personagem de ficção, ou seja, Reny deixou em seu trabalho “um jeitão” de ser Emília, uma performance, como por exemplo, seu modo dengoso e manhoso e uma certa “leveza” e “suavidade” no perfil psicológico da personagem, o que parece não existir no conjunto da obra lobatiana, em que a boneca chega a ser rude, grosseira, “mazinha” em determinadas situações. Excetuando-se as características que ela emprestou à personagem, frutos de sua leitura, procurou desempenhar a atuação o mais próximo possível do que imagina que Monteiro Lobato idealizara.

No tocante ao que foi explanado com relação ao ator ler o personagem ao seu modo, construindo-o com seu “jeitão” único, a própria Reny, em depoimento ao jornal o *Globo*, confirma a assertiva:

A cada dia há uma novidade. Emília tem me ensinado a conviver comigo mesma, mas ainda sinto que há muita coisa a ser descoberta. Creio que minha maior dificuldade foi a de querer representar a “*minha*” Emília e não tentar mostrar as outras, já feitas por Lúcia Lambertini e Dirce Migliaccio. Queria descobrir a *Emília que havia em mim*, e isso me preocupava. [...] Às vezes, tenho tendência para infantilizar as coisas. Preciso aprender a chegar em casa e me desligar de Emília e ser a Reny mulher. **Até o meu tom de voz mudou: estou dengosa, mimada, infantil como a boneca.**<sup>165</sup>

Feitas essas ressalvas relacionadas à composição da Marquesa de Rabicó por Reny, é pertinente abordarmos o fato de a Condessa de Três Estrelinhas aparecer colorida nas adaptações feitas pela Rede Globo.

---

<sup>165</sup> O Globo, 1979, p. 21, destaque nossos.

O figurino da Emília, do Visconde e de outros personagens foi idealizado por Rui de Oliveira, diretor de arte do seriado, criador das aberturas e vinhetas do *Sítio*

Enquanto Emília não ganhava vida na história de Monteiro Lobato e passava a agir como gente, o personagem era apenas um desenho que aparecia no vídeo através de efeitos especiais. Só depois é que a boneca foi idealizada de acordo com o corpo de Dirce Migliaccio, a atriz escolhida para vivê-la. E o responsável pela criação da imagem viva e falante da boneca foi Rui de Oliveira, que idealizou os figurinos e a maquiagem. Para os dois itens foram escolhidos o laranja e o amarelo - “cores vivas, como a própria Emília de Lobato.” Dirce usa ainda várias tranças em fios de lã, mãos e pés de retalhos diferentes, corpo de pedaços de fazenda em várias formas e uma maquiagem especial para transmitir a ideia de que os olhos foram costurados no rosto.<sup>166</sup>

A respeito do exposto, a vestimenta e a maquiagem, toda a composição do corpo da Emília, foram concebidas a partir da escolha da atriz Dirce Miglaccio, a primeira a encarnar a bonequinha de trapo na TV Globo. Contudo Reny de Oliveira e Suzana Abranches também utilizaram figurinos coloridos e bem chamativos, cujo intuito, segundo Rui de Oliveira, era transmitir a vivacidade da personagem lobatiana por meio de cores fortes (amarelo e laranja) e uma maquiagem que desse noção de que os olhos dela estivessem costurados no rosto.

Ponto de vista diferente foi observado em *Imagem, linguagem e comunicação*: a estética contemporânea na visualidade televisiva da personagem Emília em *O Sítio do Picapau Amarelo*. Nesse trabalho, a autora comenta que

Na versão da Globo de 1977, Emília torna-se uma boneca com uma roupa feita de diferentes retalhos multicoloridos assim como os cabelos... Há duas explicações para o fato: uma é por causa da época, que se abusava das cores e texturas diferentes da moda, vinda de um visual da Jovem Guarda. Outro o fato de *O Sítio do Picapau Amarelo*

---

<sup>166</sup> PAULA, 1977, p.16.

ter sido um dos primeiros programas coloridos de nossa televisão [...] Esta nova Emília servia quase como um ajuste das cores em nossa TV. [...] Diferentemente da versão apresentada pela TV Tupi, a boneca ainda tem tranças... Apresenta partes dos cabelos soltos e mais compridos. As cores do cabelo são variadas... [...] A cada programa, Emília aparecia com um vestido diferente. Embora os modelos fossem sempre iguais, as cores e estampas eram variadas.<sup>167</sup>

Independente das razões que levaram a Rede Globo e os adaptadores do *Sítio* a fazerem uso de um visual colorido para a personagem central da série, Emília era uma das criaturinhas de ficção mais amadas dentro daquele contexto, anos 70/80, inclusive a Globo, percebendo a adesão do público infantil à personagem e ao seriado, lançou inúmeros itens licenciados, tendo como carro-chefe a endiabrada bonequinha, tais como a boneca Emília da marca Estrela, que saiu em vários modelos diferentes (tamanhos, roupas etc.), gibis com fotos e ilustrações da boneca nas capas (1ª e 2ª séries, edições especiais etc.), álbuns de figurinhas e o LP *Sítio do Picapau Amarelo Vol. 2 com Emília* (Reny de Oliveira) na capa principal.

Essa mesma admiração por esse ser do papel ocorria nos anos em que Lobato escrevia seus livros. Em muitas cartas escritas a ele por leitores mirins, havia declarações carinhosas direcionadas à faladeira de pano, o que atesta sua “força misteriosa” exercida sobre leitores e telespectadores infantis ao longo do tempo, esteja ela presente no conjunto da obra lobatiana, adaptações televisivas, gibis ou cinema.

Em nenhuma das adaptações realizadas pela Globo ou outras emissoras, Emília se transformou em gente, como ocorre nos textos de Lobato. Ela começou uma feia boneca de trapo, muda, sem vida, aprendeu a andar, falar, posicionar-se, ter senso crítico etc., e nas últimas narrativas criadas pelo escritor ela se denomina “gentinha”, “ex-boneca de pano.” Essa transformação foi se realizando tanto no corpo, como, por exemplo, quando Narizinho, enjoada de certos aspectos físicos da boneca, mudava a cor de seus olhos, as sobrancelhas, a boca

---

<sup>167</sup> CARDOSO, 2008, p. 75-76.

ou mesmo a cor do cabelo, presente nas *Reinações* e outras narrativas, como no psicológico, ao ponto de ela passar a sentir medo ou compaixão, verificados em *A chave do tamanho* e *Os doze trabalhos de Hércules*, mantendo o tamanho original de 40 cm.

Nas séries televisivas, ela permanece boneca durante todos os anos de exibição. Esse detalhe precisaria ser mais investigado, para podermos ter argumentos suficientes para uma análise fundamentada, todavia podemos levantar hipóteses e, noutro momento, retornarmos ao tema. Quicá, na visão dos adaptadores, caso Emília se transformasse em gente, o clima de fantasia e magia se perderia, pois ela, em essência, é um brinquedo; mesmo tendo adquirido vida, mantém seu status de brinquedo. Além disso, sendo colorida (nas duas adaptações da Globo: 1977-1986 e 2001-2007), chama mais a atenção dos telespectadores mirins, tendo em vista que, com o avanço tecnológico, as imagens passaram a ter uma relevância grande na vida das pessoas, às vezes até substituindo o prazer de ler livros, partindo-se do pressuposto de que ao ler o leitor precise criar em sua mente os cenários e situações narrados, ao passo que na tela, não há essa necessidade, porque o mundo fictício já está pronto, ao alcance dos olhos do telespectador.

## 5. Despindo-se de Emília

Em janeiro de 1984, a revista *Playboy* causa polêmica ao usar de seu *marketing* para atrair o público adulto masculino a consumir uma nova e inusitada publicação com os seguintes dizeres bombásticos: “Escândalo no Sítio do Pica-Pau: Emília tira a roupa! (E vira esta morena: Reny de Oliveira).” A atriz fora convidada a posar nua e estampava a capa central da revista como estrela principal daquele mês. Na orelha da capa, lê-se: “E veja só que super-morena Emília escondia!”. Acima dessa frase, ela aparece totalmente descoberta da personagem a que por cinco anos deu vida.

Ela assim justifica a decisão de posar nua:

Durante cinco anos representei um personagem (Emília) que tinha uma espécie de vida própria. Posar nua foi tomar posse de mim mesma outra vez. Em vez de falar para as crianças, me senti criança de novo [...] Embora diga que “adorei ter sido a Emília durante tantos anos e ter falado para as crianças da forma que o personagem de Monteiro Lobato criou”, a atriz, no entanto, afirma que “o que mais me frustra é não ter havido reconhecimento por parte de ninguém.” Depois que saiu do elenco do Sítio, Reny ficou cerca de um ano desempregada.<sup>168</sup>

Em suas palavras, após sair do *Sítio*, em dezembro de 1982, no episódio *Reinações de Narizinho*, que teve seu primeiro capítulo exibido originalmente em 29 de novembro de 1982<sup>169</sup> e término dia 10 de dezembro de 1982<sup>170</sup>, despedindo-se dessa forma da Emília, sua carreira não foi reconhecida, conforme dissera no depoimento acima. Na Globo, ela fez sua última aparição na novela *Final Feliz*, como Bartira, em uma participação especial. Anos depois, interpretou a Laura, em *Anjo maldito*, na TVS. Posteriormente, trabalhou no programa *A nave da fantasia*, interpretando a Gata na Tuba, na TV Manchete, ao lado de Simony e Luciana. Atuou em algumas peças teatrais, tais como *Ereções diretas* e *Eu vou na banguela delas*, além de *shows* musicais.

Por outro lado, admite que

Foi através de Emília que eu vivenciei uma infância feliz repleta de sonhos e liberta de qualquer espécie de medo, coisas que não pude conhecer quando criança devido às necessidades que eu e meus seis irmãos passamos. Isso me obrigou, aos quatorze anos, a abandonar os estudos e começar a trabalhar fora. Graças às fantasias da Emília

---

<sup>168</sup> PUCCI, 1984, p. 40.

<sup>169</sup> O Globo, 1982.

<sup>170</sup> Primeira versão do Sítio do Picapau Amarelo volta à TV. Na telinha, 2021. Disponível em <https://natelinha.uol.com.br/televisao/2021/02/23/primeira-versao-do-sitio-do-picapau-amarelo-volta-a-tv-159266.php>. Acesso em 10 de jun. de 2023. Nesse site informa-se que o episódio *Reinações de Narizinho* tem 10 capítulos. Sua estreia original foi dia 29 de novembro de 1982, sendo assim, o término ocorreu em 10 de dezembro do mesmo ano.

eu não arrastarei pela vida uma série de frustrações geradas na minha infância de menina pobre.”<sup>171</sup> [...] Sempre fui muito formal e a Emília me ensinou a ser mais irreverente, foi o canal que me levou a descobrir uma Reny alegre, sorridente, mais aberta, que estava trancada dentro de mim mesma.<sup>172</sup>

Ao analisarmos os vários depoimentos de Reny sobre seu trabalho no *Sítio* apresentados até aqui, constataremos uma ambivalência emocional vivenciada por ela. Se por um lado a convivência com Emília lhe proporcionou alegrias, expansão de sua personalidade e resgate de sua infância, concomitantemente, sem a máscara da boneca, ela era uma desconhecida, irreconhecível sem o figurino da espevitada Marquesa de Rabicó:

“O único motivo que me fez sair do papel de Emília é que cansei de me esconder atrás dela. Quero mostrar meu valor com o meu rosto. Foram cinco anos de trabalho árduo, mas maravilhoso e, agora, quero ser a Reny, apesar de adorar a Emília.” [...] “A criança que havia em mim se transformou na Emília, e agora preciso reaver este meu lado, que eu sinto como se tivesse morrido, assim que conversei com o diretor-geral do Sítio, Geraldo Casé, e entreguei o papel. Eu sinto como se tivesse dado ou emprestado um pedaço da minha vida a alguém. É como se a Emília tivesse me passado para trás.”<sup>173</sup>

Conforme discutido, a “força” de uma personagem tem relação com a importância que o autor, o leitor e o ator ou atriz lhe confere, com a leitura que se faz mediante o discurso linguístico apresentado no texto ficcional. Esse ser de “mentirinha” ganha “vida” em consequência de possíveis projeções e identificações, mesmo inconscientes, feitas por uma pessoa.

A respeito dessa afirmação e de uma provável “impregnação” de Emília na personalidade de uma atriz, ao ponto de ela sentir

---

<sup>171</sup> AUGUSTA, 1980, p. 43.

<sup>172</sup> THURLER, 1987, p. 35.

<sup>173</sup> THEODORO, 1983, p. 28.

dificuldades em abandonar a traquina boneca “Emília nasceu como nascem as válvulas de segurança. Ou seção livre de jornais. Todo o mundo – a confissão é do próprio autor – tem uma Emília em si. Uma válvula.”<sup>174</sup>

Em conformidade com o exposto, todos têm uma Emília dentro de si; ela seria como um escape, uma fuga. Em situações de desespero, tristeza ou angústia, encontraríamos nela um refrigério para as vicissitudes humanas. Por ser de ficção e boneca ou boneca-gente, vivendo em um mundo de fantasias onde tudo é possível – ao contrário da vida real, nem sempre satisfatória e atraente –, a personagem agiria como lenitivo às tribulações e frustrações do cotidiano, como uma máscara que protege das agruras do mundo, restabelecendo o telespectador ou leitor para, assim que voltar daquele mundo fantasioso, ter condições de enfrentar a realidade com mais segurança. Consoante o papel da máscara na vida de uma pessoa e principalmente de um ator, há uma definição interessante segundo a qual

O ator que se cobre com uma máscara se identifica, na aparência, ou por apropriação mágica, com o personagem representado. É um símbolo de identificação. O símbolo da máscara se presta a cenas dramáticas em contos, peças, filmes, em que a pessoa se identifica a tal ponto com o seu personagem, com a sua máscara, que não consegue mais se desfazer dela, que não é mais capaz de retirá-la; ela se transforma na imagem representada.<sup>175</sup>

Assim sendo, o ator ou atriz, ao dar vida a um ser ficcional, transforma-se no próprio papel encarnado, chegando ao ponto de sentir dificuldades em abandonar a personagem no palco ou estúdio. Haveria uma simbiose entre o artista e sua criação, provocando ruptura em sua personalidade, ocasionando presumíveis problemas psicológicos.

Salienta-se que esse processo simbiótico provavelmente não acontece com todo artista, tendo-se em vista a individualidade de cada

---

<sup>174</sup> Apud CAVALHEIRO, 1962, p. 159.

<sup>175</sup> CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 598.

pessoa, a subjetividade do ator ou atriz, caso contrário, incorre-se no risco de se generalizar o trabalho dos profissionais da arte dramática. Utilizamos o fragmento acima, bem como outros teóricos que estudam literatura, com o objetivo de tentar compreender o que houve com Reny de Oliveira no decorrer dos anos em que vestiu a bonequinha irreverente de Monteiro Lobato e as possíveis implicações de sua convivência com Emília em sua vida.

Mediante os depoimentos da atriz supracitados, o convívio com Emília parece ter proporcionado alegrias e até cura para sua infância pobre e talvez desprovida de afeto, não obstante limitava sua carreira, tornando-a desconhecida perante o público, que dificilmente saberia que aquela atriz interpretava a boneca Emília, amada por muitas crianças. Por consequência, a atriz ficou desempregada cerca de um ano depois de deixar o *Sítio*.

Artur da Távola, em uma coluna na revista *Amiga*, faz referência ao desempenho de Reny no *Sítio*: “O seu trabalho é tão bom como Emília que a ele ninguém mais se refere. Injustiça!”<sup>176</sup>. É provável que o colunista tenha razão quando comenta ser uma injustiça praticada contra Reny a não valorização de sua atuação, não apenas como Emília, mas como atriz. Ela teve uma formação sólida, estudou na Europa, cursando Arte Dramática por três anos, possuía um currículo em que havia interpretado vários papéis em grandes produções, mas não teve seu talento reconhecido, o que a levou a abandonar a carreira, desistindo de atuar.

## 6. Passando o cetro emiliano adiante

Em fevereiro de 1983, Reny de Oliveira foi visitar o *Sítio*, no primeiro dia de gravação de Suzana Abranches, a nova intérprete da espevitada Emília

---

<sup>176</sup> TÁVOLA, 1981, p. 66, destaques do autor.

Juntas, as duas “Emílias” viveram momentos de emoção. – Ai, meu coração está até descompassado – afirmou Reny, quando Suzana gravou as primeiras cenas – Afinal, **nesses cinco anos esta é a primeira vez que vejo a Emília sem que eu esteja dentro dela!** [...] Em seguida, fez um pedido muito especial para a nova Emília, Suzana Abranches:

– **Cuide com carinho da Emília, viu, Suzana. Ela merece. É uma boneca maravilhosa e a cada dia você terá uma nova surpresa ao interpretá-la.**

Suzana pediu então que Reny lhe desse algumas dicas sobre a Emília e recebeu estes conselhos:

– Não deixes nunca que outras pessoas dêem ordens a Emília. Ela é malcriada, voluntariosa, independente e esse é seu lado mais bonito. Então, se não fizerem as vontades dela, bata o pé no chão, empine o nariz e faça cara de zangada. Mas, **o mais importante é você sentir a Emília do seu jeito. Isso ninguém pode lhe ensinar. Nem mesmo eu.**<sup>177</sup>

Não há dúvidas de que Reny apreciava interpretar Emília e sentia um carinho especial por ela, o que fica notório lendo as frases destacadas no excerto, ao passo que tinha consciência de não poder ensinar a sua substituta como viver a Condessa, afinal a leitura de determinado mundo fictício e de seus seres de papel, é subjetiva e intransferível, sendo de caráter único, ou seja, Suzana teria que encontrar sua performance, sua “marca” de Emília. Em entrevista concedida à revista *Amiga* de 17 de abril de 1985, a atriz afirma que tem em mente dois projetos, sendo um deles “terminar de escrever o livro em que conta todo o convívio entre ela e a Emília e o que levou de positivo e negativo desse trabalho.”<sup>178</sup> Não sabemos se este projeto foi concretizado ou se a atriz abandonou a ideia ao romper definitivamente com a irrequieta criação de Monteiro Lobato.

---

<sup>177</sup> CANIVELLO, 1983, p. 28, destaques nossos.

<sup>178</sup> MONTEIRO, 1985, p. 33.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMIGA*, no. 403, p. 52, 8 de fev. de 1978. Rio de Janeiro: Editora Bloch.
- AUGUSTA, Maria. “Emília faz Reny esquecer a infância triste”. In: *Amiga*, no. 528, Jun., 1980, p. 43. Rio de Janeiro: Editora Bloch.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Editora Contexto, 2017, 9ª. ed.
- CANDIDO, A; GOMES, P. E. S; PRADO, D. de A.C; ROSENFELD, A. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 59-60, 11ª. ed., 1ª. reimpressão.
- CANIVELLO, Mario Fernando. “Esta é a nova Emília do Sítio”. In: *TV Contigo*, n. 387, ano XXII, fev. 83. Rio de Janeiro: Editora Abril.
- CARDOSO, Roberta Mânica. *Imagem, linguagem e comunicação: a estética contemporânea na visualidade televisiva da personagem Emília em O Sítio do Picapau Amarelo*, 167 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, PUCRS. Porto Alegre, RS, 2008, p. 75-76.
- CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. 2º. Tomo. São Paulo: Brasiliense, 1962, Vol. 2, p. 159, 3ª. ed.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain (Orgs.). *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2015, 27ª. ed.
- DALTICE, Maria Rosemary. “Você faz a reportagem”. In: *Sétimo Céu*, no. 278, p. 96, jul. 1979. Rio de Janeiro: Editora Bloch.
- MATOS, Cesar. “Aí está Reni de Oliveira, a nova boneca Emília”. In: *Sétimo Céu*, n. 263, p. 38, fev./mar. de 1978. Rio de Janeiro: Editora Bloch.
- LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. 14ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Reinações de Narizinho*. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2014, 2ª. ed.
- Memória Globo. Episódios de Sítio do Picapau Amarelo- 1ª versão, 29/10/2021. Disponível em:

<<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/infantojuvenil/sitio-do-picapau-amarelo-1a-versao/noticia/lista-de-episodios.ghtml>> Acesso em: 08.06.2023.

MONTEIRO, Deolinda. “Reny tira a roupa”. In: *Amiga*, no. 778, p. 33, 1985. Rio de Janeiro: Editora Bloch.

“No ‘Sítio’, uma nova boneca de pano. Emília emudece. Ignácia, sua sócia, entra em cena...” In: *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 21, 11 de jun. 1979.

Página Editora-Daqui TV. Entrevista com a atriz e dubladora Zodja Pereira. 04/09/2015. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=7tl5qbcUCZw&abchannel=P%C3%A1ginaEditora-DaquiTV>>

PAULA, Jana de. “Esta história Monteiro Lobato não escreveu: A alma dos bonecos do Sítio do Pica-Pau a televisão não mostrará, mas está toda aqui”. In: *Sétimo Céu*, no. 55, abr., 1977, p. 16. Rio de Janeiro: Editora Bloch.

*Playboy*, no. 102, p. 60, jan. 1984. São Paulo: Editora Abril.

Primeira versão do Sítio do Picapau Amarelo volta à TV. Na telinha, 2021. Disponível em:

<[https:// natelinha.uol.com.br/televisao/2021/02/23/primeira-versao-do-sitio-do-picapau-amarelo-volta-a-tv-159266.php](https://natelinha.uol.com.br/televisao/2021/02/23/primeira-versao-do-sitio-do-picapau-amarelo-volta-a-tv-159266.php)> Acesso em: 10 de jun. de 2023.

PUCCI, Carlos *Amiga*, no. 722, mar., 1984, p. 40. Rio de Janeiro: Editora Bloch.

*Sete Visões de Emília*. Direção: Cacá Silveira. Produtores: Fabiana Amorim e Paulo Bahia. Produtora: TVE. Fundação Roquette Pinto.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. “Da imaginação à imagem - O Sítio de Lobato na TV”. In: SILVA, V. M; TURCH, M. Z. (Orgs.). *Literatura-Juvenil: Leituras Críticas*. Goiânia: Editora da UFG, 2002, p. 101.

TÁVOLA, Artur da. *Amiga*, no. 579, jun. 1981, p. 66. Rio de Janeiro: Editora Bloch.

THEODORO, João, “Reny de Oliveira faz análise por causa de uma boneca”. In: *Amiga*, no. 666, fev., 1983, p. 28. Rio de Janeiro: Editora Bloch.

THURLER, Fernanda, “Reny de Oliveira é uma nova Carmem Miranda nas noites do Rio”. In: *Amiga*, no. 883, abr., 1987, p. 35. Rio de Janeiro: Editora Bloch.

## DOSSIÊ - Lobato, *businessman* fracassado(?)

A proposta deste dossiê é traçar um panorama das atividades laborais de Monteiro Lobato e ampliar as discussões sobre o que pode ser considerada uma trajetória de sucesso ou de infortúnios. Trataremos de algumas de suas tantas iniciativas apontando, quando possível, os desfechos dos empreendimentos por ele engendrados. O primeiro artigo se refere às atividades do início de sua vida adulta; o segundo analisa as atividades editoriais de Lobato na Monteiro Lobato & Cia e o terceiro discorre sobre as suas movimentações durante o período que atuou como adido comercial nos Estados Unidos da América.



## PARTE I - Apontamentos sobre os primeiros empreendimentos de Monteiro Lobato

Taís Diniz Martins

Passei a vida querendo fazer dinheiro com a indústria para escrever por distração. Acabei ganhando dinheiro com a literatura para perdê-lo na indústria.<sup>179</sup>

### Introdução

Este estudo tem por objetivo analisar as atividades profissionais exercidas por Monteiro Lobato ao longo de sua vida, buscando apontar os possíveis desfechos para tais empreendimentos. Antes disso, gostaríamos de fazer algumas considerações sobre Lobato e alguns traços da sua personalidade e formação. Compreender a complexidade de Monteiro Lobato por si só já é uma tarefa árdua. Além de atuar em muitas áreas e acumular atividades distintas, ele era dono de uma personalidade forte e ousada, marcada pela curiosidade, pioneirismo e por um grande espírito empreendedor.

Lobato nasceu e foi criado sob os auspícios de seu avô, o Visconde de Tremembé - um homem de muitas posses, culto e influente, que proporcionou ao jovem Lobato um ambiente rico culturalmente e privilegiado em termos de acesso à cultura e à instrução formal. Portanto é correto afirmarmos que Lobato nasceu um homem rural, e não um homem da urbe, como se tornaria posteriormente. Sua formação profissional foi direcionada para a área do direito, atuando também como proprietário e administrador dos bens do avô, quando este faleceu. Porém, entre o jovem advogado, o editor de uma das

---

<sup>179</sup> LOBATO, apud CAVALHEIRO, 1962, p. 521.

maiores casas editoriais do Brasil e o empresário no ramo do petróleo, houve muitas outras atividades.

De 1905 e 1925, Lobato carrega o conhecimento dos dois mundos: o mundo palpável das suas origens e da sua vivência como fazendeiro e o mundo aprendido por meio da cultura, da leitura, da intelectualidade e da filosofia, o que proporcionou a ele esta visão ampla sobre todas as suas possibilidades. Em vários momentos vamos observar na narrativa de Lobato este conflito, pois ora ele deseja a paz, o sossego e a calma interiorana e ora deseja a agitação e a efervescência dos grandes centros culturais. Edgard Cavalheiro, em *Monteiro Lobato - Vida e Obra*, sobre o período em que foi o administrador das terras que herdou, afirma que, apesar de todas essas atividades, Lobato não consegue matar em si o homem da cidade, o literato que volta e meia vem à tona.

Outra característica dos projetos que Lobato empreendeu é o aspecto visionário e ambicioso, que por vezes nos permite enxergá-lo como um homem com uma mentalidade além do seu tempo. Ademais, podemos observar claramente que em suas iniciativas havia o desejo pungente de progresso, desenvolvimento e modernização de uma forma geral. Lobato admirava os avanços tecnológicos, o progresso, e, muitas vezes com indignação incompreendida, criticava o Brasil e seu atraso nas mais diversas áreas do desenvolvimento humano. Houve quem dissesse, e ainda há quem diga, que Lobato depreciava o Brasil. No entanto, estas críticas eram reflexo da sua vontade de que o Brasil estivesse equiparado às outras nações do mundo, além do seu desejo de empreender e de prosperar financeiramente.

Edgard Cavalheiro dedica um capítulo de sua biografia sobre Lobato exclusivamente às suas atividades laborais, dado o grande número de iniciativas que teve ao longo da vida. No capítulo intitulado “Negócios e ofícios”, Cavalheiro pondera:

Sarado da mania de negócios... Ah! Os negócios de Lobato! Quantos fôram eles? Dificil dizer. Dezenas pelo menos. Sem falar dos “grandes”, daqueles de repercussão pública como o livro, o

ferro e o petróleo, é fácil encontrá-lo às voltas com mil e uma pequenas tentativas de empreitadas comerciais, destinadas a dar-lhe o conforto e a segurança econômica que jamais supôs capaz de tirar do produto mental - único, afinal de contas, que lhe daria a base financeira para morrer em paz.<sup>180</sup>

O biógrafo pinhalense, entre observações sobre os homens de negócio que Lobato admirava - no Brasil, Matarazzo e, nos EUA, Ford e Rockefeller -, menciona outras atividades que não serão aqui aprofundadas. Cavalheiro cita alguns amigos de Lobato que foram atraídos por atividades que haviam sido por ele engendradas. Menciona, por exemplo, Bastos Tigre e uma fábrica de tintas; Tristão de Ataíde e um “complicado” negócio de eucaliptos; Henrique Pongetti, com o coco e o babaçu; Leo Vaz e um loteamento de terreno e Amadeu de Queiroz e produtos farmacêuticos. Além destas atividades, menciona também estudos para adquirir jazidas de minérios no Paraná; estudos para a fabricação de pneumáticos, câmaras de ar e banana em pó; o aproveitamento industrial do mel de abelhas; a construção de um sanatório e até mesmo a invenção de um motor rotativo de avião. Um dos projetos mais interessantes, descrito como “delirante projeto” por Nelson Palma Travassos, seria alugar o Edifício Martinelli, o mais alto de São Paulo, para transformá-lo em feira permanente de amostras. Este demonstra claramente seu espírito inovador, conectado com a onda de progresso da época e o desejo de exaltar o Brasil. Tal feira seria um espaço dedicado a reunir uma amostra significativa de tudo o que era produzido em determinada cidade ou estado. À época, a feira permanente de amostras de Belo Horizonte, inaugurada em 1936, era um marco da cidade, concentrando a feira em si e as atividades socioculturais da cidade em um mesmo local. Sobre a feira de Belo Horizonte, o historiador Mário Lanna afirma:

---

<sup>180</sup> CAVALHEIRO, 1962, p. 527.

Era o prédio mais alto de BH, um local para expor todas as riquezas do Estado, desde o maior diamante encontrado até produtos alimentícios para projetar Beagá para o mundo e tirar o estigma de roça grande. Mas o local acabou tendo uma vocação para o entretenimento, com apresentações de músicos, peças de teatro, ponto de encontro.<sup>181</sup>

Em 1933, o Mercado Público da cidade de São Paulo seria inaugurado, local que se aproxima, de certa forma, dos objetivos de uma feira permanente de amostras. O primeiro Shopping Center de São Paulo, o Iguatemi, que também se destinava ao mesmo intuito, seria inaugurado em 1966. O Edifício Martinelli, inaugurado em 1929, por sua importância e imponência, na opinião de Lobato, seria o local adequado para que se estabelecesse tal feira.

## 1. O início de tudo

Abordaremos algumas atividades que Lobato empreendeu por meio dos relatos que ele fez em cartas ao seu grande amigo e maior correspondente, Godofredo Rangel, contidas em *A barca de Gleyre*. O conjunto de cartas compila 40 anos de correspondência entre os dois amigos e é considerada uma obra de vital importância para quem deseja conhecer Lobato mais a fundo. No entanto, é preciso pontuarmos que o conteúdo das cartas foi editado pelo próprio Lobato, que deixa este fato explícito na “Escusatoria” presente no início do livro. Grande parte do conteúdo das cartas é verificável uma vez que é pleno de referências que temos condições de averiguar, porém o Lobato que se apresenta nestas cartas é o Lobato que o próprio Lobato de, alguma forma, quis que conhecêssemos.

Em dezembro de 1904, época em que Lobato se forma na Faculdade de Direito e retorna a Taubaté, ele já escreve artigos para diversos jornais e revistas. Neste mesmo ano, inicia seu namoro com

---

<sup>181</sup> Disponível em: <<https://90anos.diariodocomercio.com.br/materias-90/decada-de-1930-um-periodo-de-transicao/>>

Purezinha, que viria a se tornar sua esposa no ano de 1908. Nos anos iniciais de seu casamento, além de atuar na promotoria, atuou como tradutor, traduzindo as principais notícias do periódico *Weekly Times* para o jornal *O Estado de São Paulo*. A tradução teria sido, portanto, uma das primeiras atividades “literárias” pelas quais foi remunerado. Sobre esta, Lobato afirma: “Acho estranho isso, de ganhar um dinheiro qualquer com o que nos sai da cabeça. Vender pensamentos próprios ou alheiros...”<sup>182</sup>.

A primeira menção a negócios que encontramos nesta correspondência é feita à fábrica de geleias e compotas, no ano de 1905.

E enquanto as sementinhas germinam sabem em que penso agora?  
Em indústria! Uma fábrica de doces em vidros, geleias inglesas (...)  
A firma será Lobato & Paiva. (...) Invadiremos o mercado com uma  
reclame verdadeiramente americana.<sup>183</sup>

Lobato pretendia seguir padrões internacionais quando menciona o desejo de criar um produto com a mesma qualidade das melhores geleias do mundo e utilizando o sistema americano de divulgação, pois o considerava inovador e eficiente. Sobre o possível desfecho desta iniciativa, não dispomos de dados, pois não encontramos mais menção a este empreendimento. De acordo com as pesquisas realizadas, especialmente as do Prof. Osni Lourenço Cruz, não é possível encontrar indícios de que este projeto tenha saído do âmbito do planejamento. Encontramos menção feita em 1910 a um empreendimento na construção de uma estrada de ferro e a outros negócios que Lobato não explicita.

Ando empenhado em ser sócio duma empreitada de 60 quilômetros de estrada de ferro. Se não falhar, será tacadinha. E ainda tenho

---

<sup>182</sup> CAVALHEIRO, 1962, p. 533.

<sup>183</sup> LOBATO, 1956a, Vol. 1, p. 113.

outros negócios em marcha que me animam a esperar para breve o ensejo dum succulento pontapé na promotoria.<sup>184</sup>

Sobre esta iniciativa, existem dados que apontam para o fato de que Lobato conseguira licença na Câmara Municipal de Taubaté para a construção de uma linha férrea que ligaria esta localidade às divisas do município de Tremembé, porém, se este projeto foi levado adiante, também não temos informações até o presente momento. Durante estes anos de 1905 a 1910, Lobato exerceu suas atividades como promotor público em Taubaté (promotor interino) e Areias concomitantemente a estas iniciativas, mas, em 1911, com a morte de seu avô, sua vida toma outro rumo e Lobato se tornaria fazendeiro e administrador dos bens que recebeu como herança. O primeiro projeto que executa, além da administração da fazenda Buquira, é a fundação de uma escola. A ideia de Lobato era fornecer formação adequada para os filhos dos fazendeiros, instruindo-os em todos os assuntos necessários para que pudessem desempenhar bem suas funções. Sobre o projeto Externato/Internato, em 1911 ele escreve:

O mês passado fundei aqui um colégio para aproveitar duas coisas: um casarão imenso deixado pelo meu avô e um parente que não conseguiu estudar. (...) Já inauguramos o externato - o internato fica para o ano que vem (...) a grande ideia é a de um colégio que não existe, só para meninos ricos (...) que encham de orgulho os pais, porque ter filho em tal colégio será o mesmo que ter frisa de assinatura permanente na Ópera: atestado de riqueza.<sup>185</sup>

Para este empreendimento, temos um desfecho relatado em outra carta a Godofredo Rangel:

Foi pena não queres te associar ao meu colégio aqui. Vai de vento nas costas. Dei-o de presente a um cunhado, e disse que já lhe está

---

<sup>184</sup> LOBATO, idem, p. 291.

<sup>185</sup> LOBATO, idem, p. 305.

rendendo um conto de lucro por mês, o que é alguma coisa para colégio começado este ano e aqui.<sup>186</sup>

Edgard Cavalheiro, em *Monteiro Lobato - Vida e Obra*, traça um perfil do Lobato fazendeiro, descrevendo as principais ações que colocou em prática. Cavalheiro afirma que, a princípio, Lobato foi tomado por grande entusiasmo diante das possibilidades que se lhe apresentavam. Em seus muitos fluxos de ideias, tinha sonhos grandiosos: empenha-se na criação de galinhas de raça; constrói um grande lago perto da casa, enchendo-o de marrecos de Pequim, patos indígenas, gansos, mergulhões. Importa cabras Toggenburg, galinhas Orpington, porcos Yorkshire e Duroc Jersey. Planta mais café, mais feijão, mais milho e arroz. Remodela chiqueiros, reforma máquinas de beneficiamento de café e enche os pastos de capim de rodes.

Cavalheiro também pondera que Lobato sempre foi muito inquieto e apressado; tomava decisões rápidas e dinâmicas e esperava resultados com a mesma velocidade e, quando eles não chegavam, era tomado pelo desânimo. Durante o período em que atuou como fazendeiro, Lobato teve outras iniciativas, tais como o projeto “Rua Aerea”, no Viaduto do Chá, março de 1913. As cláusulas do acordo, redigidas por Ricardo Gonçalves em 25.03.1913, eram as seguintes:

1º) Cada signatário do pedido de concessão deverá entrar com dez contos de réis para as despesas eventuais preliminares, propaganda na imprensa, lubrificação (sic) de molas administrativas e municipais, etc; 2º) Desta cláusula se exceptua o arquiteto, organizador do projeto, o qual entrará com o seu trabalho, estudo etc.; 3º) No caso de obtida a concessão, ser a mesma vendida, o seu produto liquido será dividido em seis quinhões, cabendo três ao primeiro signatário dêste acôrdo e um a cada um dos demais; 4º) No caso de ser incorporada uma companhia para a exploração do negócio, as ações que couberem aos incorporadores serão divididas na proporção da cláusula terceira.<sup>187</sup>

---

<sup>186</sup> LOBATO, idem, p. 308-309.

<sup>187</sup> 1955, p. 727.

A Godofredo Rangel, Lobato relata, em carta de 1913, o que se segue:

Estou associado ao Ricardo num negócio que se sair nos enriquecerá a ambos. (...) Imagine que é substituir o atual Viaduto do Chá por um monumental viaduto habitável, com casas dos dois lados - uma rua suspensa! (1956, Vol. 1, p. 337.)

O projeto ficou em suspenso por meses e, na falta de um acordo com o desenhista, Lobato acabou por desistir do empreendimento e encerrar o projeto, renunciando os novos rumos que estavam prestes a se apresentar.

mas o negócio vai mal (...) por burrice ou inadvertência deixamos que ele um simples desenhista contratado assinasse a papelada. Pois foi a conta. (...) Essa atitude nos extremou de tal maneira que o mais certo é abandonarmos o negócio. Se houver jeito de acordo, continuaremos com a Rua Aerea; do contrário enterramo-la.<sup>188</sup>

## 2. Entrando no ramo editorial

Durante todo o tempo na Fazenda, Lobato continuou escrevendo para jornais e colaborando em diversos periódicos, entre os quais, a *Revista do Brasil*, que se tornaria seu investimento seguinte, após a venda da Fazenda Buquira. A partir desse momento, o Lobato iniciaria suas atividades no ramo editorial. Ele vende a fazenda Buquira em 1917: “Vendi a fazenda a um senhor Alfredo Leite, de Vila de Paraguassú; e embora ainda não passasse a escritura (será a 10 ou 15), já o movimento começou a correr por conta dele.”<sup>189</sup>

Em 1918, adquire a *Revista do Brasil*, sobre a qual faz um balanço a Godofredo Rangel em correspondência datada do ano de 1919:

---

<sup>188</sup> LOBATO, 1956a, Vol. 1, p. 338.

<sup>189</sup> LOBATO, 1950, Vol. 2, p. 149.

Acaba de fazer um ano que comprei a *Revista do Brasil*. Fiz isso por esporte, por falta de ocupação depois que vendi a fazenda, e consumi um ano em apalpadelas e experiencia do negócio. Saiu melhor do que esperei. Quando fiz a compra, o ativo era de 3 contos e o passivo de 16 (...) hoje, um ano depois, estamos com um ativo de 70 contos e um passivo de zero.<sup>190</sup>

Como consequência do sucesso, crescimento e expansão da *Revista do Brasil*, os negócios evoluem para a formação de outras empresas, como a Olegário Ribeiro, Lobato & Cia, 1919 – em uma parceria que duraria poucos meses, mas sobre a qual encontramos registros de Lobato:

Aqui morre-se de trabalhar. Já temos oficinas próprias e problemas operários. E firma registrada na Junta Comercial. Chamamo-nos na “praça”, Olegário, Lobato & Cia. Limitada!<sup>191</sup>

Após o encerramento desta empresa, surge a Editora Monteiro Lobato & Cia, em 1920, em sociedade com Octalles Marcondes Ferreira. Aqui vale acrescentar que há registros de uma sociedade de Lobato com Octalles em uma casa lotérica. A evolução natural desta Editora Monteiro Lobato & Cia é a expansão para a Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato. Este empreendimento será contemplado por um estudo a parte no conjunto deste dossiê. Outra parceria de sucesso que se formou se deu com Cândido Fontoura, amigo de longa data de Lobato, que, quando esteve doente e fez uso do produto elaborado pelo Instituto Fontoura – o famoso Biotônico Fontoura –, ficou impressionado com o efeito do elixir. Em 1920, idealizaria e confeccionaria o exemplar inaugural do *Almanach do Biotônico* e colabora ativamente na publicidade, inclusive com desenhos seus. Em 1924, lança *Jeca Tatuzinho*, obra em que redime suas ideias inicialmente lançadas em 1914, sobre os problemas de conduta e comportamento do caboclo brasileiro, ao qual atribuíra má índole,

---

<sup>190</sup> LOBATO, idem, p. 202.

<sup>191</sup> LOBATO, idem, p. 192.

preguiça e comodismo. Com o conhecimento das campanhas sanitárias, Lobato percebeu que os problemas do caboclo se davam devido às circunstâncias da pobreza em que vivia e das más condições de saúde, higiene e saneamento.

Jeca Tatuzinho padecia de males causados por parasitoses e este fato causava o seu comportamento inadequado, mas, após entrar em contato com a ciência médica, curava-se das moléstias que o levavam à indolência, tornava-se trabalhador e enriquecia - este é o tema central de sua narrativa.

Este conto foi adaptado e adotado como peça publicitária do Laboratório Fontoura em 1925, na forma de folhetos, histórias ou ainda como parte integrante dos almanaques. Dessa forma, as informações sobre saúde e higiene foram divulgadas de maneira ampla à população brasileira ao mesmo tempo em que os produtos do Laboratório Fontoura, especialmente a Ankilostomina e o Biotônico, eram apresentados ao público.

Em 1927, Lobato assumiu o cargo de Adido Comercial nos Estados Unidos, onde atuou até 1931. Ele saiu do Brasil com planos de fundar uma nova editora em solo norte-americano, a Tupy Company, mas não obteve sucesso. Empreendeu também em um restaurante, que encerraria as atividades, entre outros motivos, devido à quebra da Bolsa de Nova Iorque. As movimentações de Monteiro Lobato durante este período serão abordadas mais detalhadamente no decorrer do texto deste dossiê. Em seu retorno ao Brasil, sua carreira como tradutor seria consolidada e, paralelamente a isso, intensificaria sua escrita para as crianças. A partir de sua experiência americana, Lobato travaria uma das maiores batalhas da sua vida, a luta pelo ferro e petróleo.

Lobato empenhou anos a fio na tentativa de trazer e consolidar no Brasil os benefícios da indústria do ferro e da exploração do petróleo em solo brasileiro. A árdua batalha não trouxe resultados positivos concretos para o Lobato empresário; trouxe, na verdade, a perda de sua liberdade quando foi preso pelo governo Vargas. Os empreendimentos de Lobato na indústria do ferro e petróleo, assim

como o empreendimento da Cia Graphico Editora Monteiro Lobato, são assuntos complexos para serem tratados sem a profundidade necessária. Para um estudo mais aprofundado sobre as atividades editoriais de Lobato, recomendamos a pesquisa de Cilza Bignotto (2018) e, para Lobato e o petróleo, a pesquisa de Kátia Chiaradia (2008).

### Considerações finais

Nelson Palmas Travassos considera o caráter de Lobato universal demais para conquistar êxito em uma atividade apenas. Em sua opinião, não lhe faltava inteligência, capacidade, entusiasmo, curiosidade e dedicação para executar tudo a que se propunha. Segundo suas palavras, a inteligência de Lobato era do tipo que enxergava as coisas sob o ângulo de trezentos e sessenta graus de visada, e este não seria o ângulo de visão das pessoas que enriquecem. Ao contrário disso, a inteligência necessária para ser um bom empresário ou industrial, em sua opinião, seria da espécie mais vulgar, de estreito ângulo e que se concentra anos a fio em um mesmo objetivo<sup>192</sup>.

Travassos afirma ainda que o grande inimigo de Lobato, por assim dizer, teria sido o tempo, visto que suas ideias sempre apontavam para além do momento presente. Como exemplos disso temos a indústria livreira que funcionou plenamente como ele imaginou apenas dez anos depois, ou então a sua oficina gráfica que operou tal qual ele concebeu apenas vinte anos após sua tentativa. O petróleo, que ele afirmava existir em solo brasileiro, em um momento que isso não era sequer cogitado, jorrou farto dos poços na Bahia, assim como foi demonstrada a importância vital da indústria do ferro.

Se nos propusermos a analisar o sucesso de Lobato pela régua do êxito financeiro, enumeraremos sucessivas tentativas e poucas concretizações que lhe trouxeram resultados positivos. Mas se

---

<sup>192</sup> cf. TRAVASSOS, 1974.

analisarmos pelo viés da sua inventividade e pioneirismo, e principalmente o impacto que suas ações obtiveram nas gerações futuras, poderemos concluir que Lobato foi bem sucedido em seus empreendimentos.

Quando Edgard Cavalheiro compara Lobato a Balzac, afirmando que ambos viveram “a sonhar e projetar negócios grandiosos, mirabolantes, com um estranho furor argentário”<sup>193</sup>, posiciona Lobato ao lado dos grandes sonhadores, estes homens e mulheres que serviram de mola propulsora para o desenvolvimento e evolução da humanidade. Vitor Hugo, em *Os Miseráveis*, afirma que: “Não há nada como o sonho para gerar o futuro. Hoje utopia, amanhã carne e osso.”<sup>194</sup>; William Shakespeare, em *A Tempestade*, afirma: “Somos feitos da matéria dos sonhos.”<sup>195</sup>; Marcel Proust afirma que: “Se um pouco de sonho é perigoso, o que há de cura-lo não será menos sonho e sim mais sonho, todo o sonho.”<sup>196</sup>. Assim que, finalizamos este estudo com uma citação de Monteiro Lobato, “Loucura? Sonho? Tudo é loucura ou sonho no começo. Nada do que o homem fez no mundo teve início de outra maneira - mas tantos sonhos se realizaram que não temos o direito de duvidar de nenhum”<sup>197</sup>.

---

<sup>193</sup> CAVALHEIRO, 1962, p. 527.

<sup>194</sup> HUGO, 2013, p. 486.

<sup>195</sup> SHAKESPEARE, s/d., p. 55.

<sup>196</sup> PROUST, s/d, p. 697.

<sup>197</sup> LOBATO, 1956b, p. 178.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, C. L. de; CAMARGOS, M. M. de R.; SACCHETTA, V. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. São Paulo: SENAC, 1997.
- BIGNOTTO, C. C. *Figuras de autor, figuras de editor: As práticas editoriais de Monteiro Lobato*. São Paulo: UNESP, 2018.
- CAVALHEIRO, E. *Monteiro Lobato: Vida e obra*. 2. t. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955; 3a. ed.: São Paulo: Brasiliense, 1962.
- CHIARADIA, Katia. Ao amigo Franckie, do seu Lobato: estudo da correspondência entre Monteiro Lobato e Charles Franckie (1934-37) e sua presença em *O Escândalo do Petróleo* (1936) e *O Poço do Visconde* (1937), 2008. Disponível em  
<<https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/438355>>
- CRUZ, Osni Lourenço. *As mil e uma fases de Lobato*. Edição do autor, 2018.
- GOMES, M. L. Vendendo saúde! Revisitando os antigos almanaques de farmácia. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 13, no. 4, p. 1007-18, out. -dez. 2006 Disponível em  
<<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/his-12489>>
- HUGO, Vitor. *Os miseráveis*. São Paulo: Centaur Editions, 2013.
- LOBATO, Monteiro. *O Conto Industrial*. Edição do Instituto Medicamenta. São Paulo, 1949.
- \_\_\_\_\_. *O Escândalo do Petróleo e Ferro*. 4ed. São Paulo Brasiliense, 1950.
- \_\_\_\_\_. *A barca de Gleyre*. 3ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1950, Vol. 2.
- \_\_\_\_\_. *Mundo da lua e miscelâneas*. São Paulo: Brasiliense, 1955.
- \_\_\_\_\_. *A barca de Gleyre*. 7ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956a, Vol. 1.
- \_\_\_\_\_. *Miscelâneas*, São Paulo: Brasiliense, 1956b.
- \_\_\_\_\_. *Carta ao presidente Getúlio Vargas*. Cadernos de História da Ciência - Instituto Butantan - Vol. VIII (2) Jul/Dez 2012. Disponível em  
<<https://bibliotecadigital.butantan.gov.br/arquivos/35/PDF/v08n02a07.pdf>>
- LAMARÃO, S. T. N. Os Estados Unidos de Lobato e as respostas ao "atraso" brasileiro. *Lusotopie. Enjeux contemporains dans les espaces lusophones*, Paris, Vol. 9, p. 51-68, 2002.  
Disponível em  
<[https://www.persee.fr/doc/luso\\_1257-0273\\_2002\\_num\\_9\\_1\\_1473](https://www.persee.fr/doc/luso_1257-0273_2002_num_9_1_1473)>

SIBILIA, Paula; JORGE, Marianna Ferreira. O que é ser saudável? Entre publicidades modernas e contemporâneas. In *Galáxia*, núm. 33, p. 32-48, 2016.

Disponível em <<https://www.redalyc.org/journal/3996/399648639003/html/>>

OLIVEIRA, Luciana Scognamiglio de. A perspectiva científica de Monteiro Lobato na obra *O poço do Visconde: um estudo à luz da História da Ciência*. Tese (Doutorado em História da Ciência). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2011. Disponível em

<<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/13246/1/Luciana%20Scognamigli o%20de%20Oliveira.pdf>>

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*. Fonte Digital: Edição Exilado dos livros, s/d. Disponível em <<https://elivros.love/livro/baixar-em-busca-do-tempo-perdido-colecao-completa-marcel-proust-epub-pdf-mobi-ou-ler-online>>

SHAKESPEARE, William. *A tempestade*. Fonte Digital: Edição Ridendo Castigat Mores, s/d.

Disponível em

<<https://www.fatecjd.edu.br/clubedolivro/ebooks/A%20Tempestade-William%20Shakespeare.pdf>>

TRAVASSOS, Nelson Palmas. *Minhas memórias dos Monteiros Lobatos*. São Paulo: EDART, 1974.

## PARTE II - Monteiro Lobato & Cia: *boom e bust*

John Milton

### Introdução

Este ensaio analisa o relacionamento entre o trabalho e a profissão de ser escritor no Brasil, especialmente no caso de Lobato. Descreve o grande sucesso que Lobato teve enquanto escritor e a falência da Monteiro Lobato e Cia. em 1924, que coincidia com a queda de Lobato como o escritor brasileiro mais reconhecido.

Uma lista de autores famosos que tiveram que trabalhar em outros empregos antes de ficar famosos e poder se sustentar com rendimentos do trabalho como escritor mostra autores famosos que trabalharam, em muitos casos, em outras áreas: Kurt Vonnegut (1922-2007) abriu uma concessionária, a SAAB, em Cape Cod em 1957 para tentar sustentar sua família; Stephen King (1947) atuou como zelador em uma escola secundária; William Faulkner (1887-1962) era carteiro; Harper Lee (1926-2016), antes de escrever *To Kill a Mockingbird*, era balconista no setor de reservas de uma companhia aéreas; John Grisham (1955-) era encanador; Charles Dickens (1812-1870) trabalhou em uma fábrica de graxa de sapatos aos doze anos, quando seu pai foi enviado para a prisão por não haver pago uma dívida; J. D. Salinger (1919-2010) foi diretor de atividades em um cruzeiro; T.S. Eliot (1888-1965) trabalhou no Lloyd's Bank em Londres de 1917 até 1925 antes de trabalhar na editora Faber & Faber; John Steinbeck (1902-1968) trabalhou na construção civil; George Orwell (1903-1950) era membro da Polícia Imperial britânica na Índia; Fyodor Dostoyevsky (1821-1881) era engenheiro; Franz Kafka (1883-1924) era funcionário na área de direito e, posteriormente, coproprietário de uma fábrica de asbesto até morrer, na idade de 40 anos. Há vários médicos escritores, entre eles,

Arthur Conan Doyle (1859-1930), Anton Tchekhov (1860-1904), William Carlos Williams (1883-1963), Guimarães Rosa (1908-1967), Moacyr Scliar (1937-2011), A. J. Cronin (1896-1981), Michael Crichton (1942-2008), Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882) e Khaled Hosseini (1965)<sup>198</sup>.

No Brasil, temos Haroldo de Campos (1929-2003), que era advogado e funcionário da Universidade de São Paulo - onde nunca ministrou aulas, embora tenha sido professor do Programa de Semiótica e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Temos também seu irmão, Augusto de Campos (1931), que era procurador do estado; José Paulo Paes (1926-1998), químico industrial antes de trabalhar na Editora Cultrix, e Boris Schnaiderman (1917-1916), agrônomo antes de começar a trabalhar na Área de Russo na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Wallace Stevens (1879-1955) é um dos poucos escritores que manteve uma carreira profissional na área de negócios durante sua vida inteira, trabalhando enquanto executivo numa empresa de seguros em Hartford, Connecticut (EUA).

No Brasil a solução profissional para um escritor que não viesse de uma família abastada era o emprego público, porém, diferentemente de muitos de seus contemporâneos, Lobato nunca procurou a sinecura de um emprego público, que lhe permitiria viver sem preocupações financeiras. Em 1931, quando retornou dos Estados Unidos, depois de lá residir durante quatro anos, Getúlio Vargas lhe ofereceu uma posição no Governo e, em 1934, provavelmente com a ideia de que seria muito melhor tê-lo como aliado do que como inimigo, Vargas o convidou a estudar a hipótese de dirigir os serviços de um “Ministério” ou de um “Departamento de Propaganda”, a ser criado em seu Governo. Em

---

<sup>198</sup> Cf. BROWN, 2016.

julho de 1940, a oferta foi renovada. No entanto, Lobato recusou todas as três propostas<sup>199</sup>. Não lhe interessava ser o Josef Goebbels brasileiro!

Conforme Galeão Coutinho, Lobato foi o primeiro escritor brasileiro a superar o preconceito contra o emprego comercial: “Foi Monteiro Lobato o primeiro escritor brasileiro que não se sentiu envergonhado de ser homem de negócios, de tratar os interesses materiais cotidianos, esquecer mesmo a sua condição de escritor, rompendo com a tradição que situava o homem de letras entre os candidatos a uma sinecura do Estado.”<sup>200</sup>.

Cassiano Nunes coloca Lobato como um escritor não “literato”, isto é, pensador, avesso à ação, praticante de um gênero pouco conhecido no Brasil, o ensaio, juntando o “homem do pensamento” ao “homem da ação”, longe da norma entre os *literati* brasileiros de desprezar o trabalho braçal<sup>201</sup>.

De fato, Cavalheiro comenta as aventuras comerciais, além de editoras e empresas de prospecção de petróleo, de que Lobato participou: uma casa lotérica em São Paulo, um restaurante em Nova York, a aquisição de jazidas minerais no Paraná, a construção de um torrador de café, a intenção de fabricar pneumáticos e câmaras de ar e de produzir banana em pó e o aproveitamento industrial de mel de abelhas, conforme já citado acima<sup>202</sup>.

Sérgio Miceli lista alguns dos artistas e intelectuais cooptados pelo Governo de Vargas: Mário de Andrade, Alceu Amoroso Lima, Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault, Heitor Villa-Lobos, Emiliano di Cavalcanti, Manuel Bandeira e Cândido Portinari<sup>203</sup>. Esses artistas tinham acesso a projetos governamentais, às principais editoras particulares, como a José Olympio, “e às principais sinecuras do campo intelectual”, com as autoridades públicas convertendo-se “na instância

---

<sup>199</sup> CAVALHEIRO, 1955, p. 468.

<sup>200</sup> CAVALHEIRO, 1955, p. 529.

<sup>201</sup> NUNES, 1979, p. 10.

<sup>202</sup> CAVALHEIRO, 1955, p. 528.

<sup>203</sup> MICELI, 1979; SCHWARTSMAN et al., 1984.

suprema de validação e reconhecimento da produção intelectual<sup>204</sup>. De fato, de um total de 30 candidatos eleitos à Academia Brasileira de Letras entre 1930 e 1945, 70 por cento pertenciam aos altos escalões da burocracia governamental<sup>205</sup>. Lobato tentou por duas vezes entrar na Academia, em 1921 e 1926, sempre sem sucesso.

### 1. O prestígio e sucesso da Editora Monteiro Lobato & Cia.

De 1920 a 1924, a Monteiro Lobato & Cia. era por muito a maior e mais prestigiosa editora no Brasil. As linhas eram diversificadas, com a grande maioria de livros publicados sendo livros didáticos. De fato, essa linha, como em muitas editoras - a Gallimard, por exemplo - subsidiava as outras linhas de livros mais eruditos.

O catálogo de 1923 demonstra a grande diversificação da Monteiro Lobato & Cia., com livros publicados nas seguintes áreas:

- a) Livros técnicos sobre finanças: *Os credores privilegiados e o direito de pedir falência*, de Waldemar Ferreira; *Higiene veterinária*, de Antonio Souza; *Código comercial brasileiro*, de Clóvis Ribeiro, junto com livros sobre história, crítica literária e política.
- b) Livros de literatura, seguindo a linha de promover livros semelhantes a *Urupês*, sobre o regionalismo: *Sapezais e tigueiras*, de Amando Caiubi; *Os caboclos*, de Valdomiro Silveira; *Tropas e boiadas*, de Hugo Carvalho Ramos; *Vida ociosa*, de Godofredo Rangel; *Cenas de minha terra*, de Cornélio Pires; *Ipês*, de Ricardo Gonçalves; *Dialeto caipira*, de Amadeu Amaral; e *Mula sem cabeça*, de Gustavo Barroso.
- c) Livros relacionados ao modernismo: o romance de Oswald de Andrade, *Os condenados*, com capa de Anita Malfatti, no ano

---

<sup>204</sup> MICELI, 1979, p. 160.

<sup>205</sup> MICELI, 1979, p. 160.

da Semana de Arte Moderna, 1922; *A mulher que pecou*, de Menotti della Picchia, também de 1922; *Livro de horas de Soror Dolorosa* (1920), de Guilherme de Almeida, e *Jardim das confidências* (1921), de Ribeiro Couto.

- d) Livros de autores brasileiros importantes: Medeiros e Albuquerque, *Fim* (1921); Francisca Júlia, *Esfínges* (1922); João Ribeiro, *Notas de um estudante* (1922); Gilberto Amado, *Aparências e realidades* (1922), e Rui Barbosa, *Oração aos moços* (1921).
- e) A Coleção Brasília - edições mais baratas, de 250 a 300 páginas, publicadas em papel-jornal, com tiragem inicial de 4 mil exemplares, colocando “as melhores obras nacionais por preços ao alcance de todos”. O custo dos livros era de 1\$000 (R\$25,00) a 3\$000, muito mais acessíveis do que os outros produtos da editora, que custavam entre 3\$000 a 8\$000. Entre os livros da Coleção Brasília, encontram-se *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, e lançamentos, tais como *Por montes e vales* (1899), de Anselmo Ribas, pseudônimo de Coelho Neto, entre outros livros de autores menos conhecidos. A seleção continha uma mistura de livros consagrados e autores desconhecidos e era puxada pelos livros do próprio Lobato: *Urupês* era o primeiro da coleção e, *Cidades mortas*, o terceiro.
- f) O catálogo de 1923 anunciava a “Biblioteca da Rainha Mab”, livros de pequeno formato, de bolso, 11 cm por 8 cm, corpo 8, com capas de couro artificial, ilustrados por J. Prado, copiando os livros norte-americanos da Little Leather Library Corporation. Entre os títulos publicados, encontram-se *A casa do gato cinzento* (1922), contos de Ribeiro Couto; *Nariz de Cleópatra* (1922), contos de Menotti del Picchia; *Andorinhas* (1922), contos de Godofredo Rangel, e *O dever de matar* (1924), contos de Oscar Wilde. A Biblioteca da Rainha Mab era dirigida às mulheres, com a publicidade no interior dos livros

apresentando-os como “destinados a figurar no cestinho de costura das moças”<sup>206</sup>.

A Monteiro Lobato & Cia. era “inclusiva” em termos raciais: *Os condenados*, do afrodescendente Gabriel Marques, cujo retrato aparecia na capa, foi incluído na Coleção Brasília. A *Revista do Brasil*, de Lobato, também publicou um ensaio sobre afrodescendentes; o poeta Luiz Gama; excertos do diário do engenheiro André Rebouças; textos de Lima Barreto e, em 1923, um artigo de Evaristo de Moraes intitulado “A ascensão dos mulatos”, no qual o autor afirma que, apesar do preconceito “os mulatos teriam contribuído para a prosperidade do Brasil”.

Assim, Lobato parecia um editor inteligente, que tratava bem, de modo geral, seus autores e empregados, que não tinha medo de lançar autores desconhecidos, embora hesitasse em publicar certas obras, especialmente na área de poesia modernista. Isso pode ser visto nos embates que teve com Mário de Andrade e Manuel Bandeira. Apesar de editar algumas obras modernistas, Lobato acabou decidindo não publicar a coleção de poemas modernistas de Mário de Andrade, *Pauliceia Desvairada*, e *Poesias*, de Manuel Bandeira, mesmo após anunciar as publicações no catálogo de 1923. Parece que a razão para não publicar os poemas de Mário foi a preocupação de “indignar a minha clientela burgesa” (Carta 344). Apoiava, no entanto, as esculturas modernistas de Victor Brecheret - Lobato e Octalles Ferreira foram os principais patrocinadores da escultura realizada por Brecheret e encomendada especificamente pelo senador Freitas Valle para adornar a sepultura da poeta parnasiana Francisca Júlia (1871-1920).

Cilza Bignotto resume o sucesso inicial de Lobato da seguinte forma: “O projeto literário e editorial de Lobato, portanto, ajustava-se a

---

<sup>206</sup> GIORDANO, p. 34, apud BIGNOTTO, p. 326.

forças estruturantes do campo literário brasileiro, o qual, por sua vez, contribuía para estruturar”<sup>207</sup>.

Então, com o grande sucesso de *O Saci-Pererê: resultado de um inquérito* (1918), *Problema Vital* (1918), *Ideias de Jeca Tatu* (1919) e os contos de *Urupês* (1918), *Cidades Mortas* (1919) e *Negrinha* (1920) e o bom desempenho da Monteiro Lobato & Cia., entre 1920 a 1924 Lobato era a figura literária mais conhecida no Brasil enquanto editor, autor e homem de letras - ele estava no centro do sistema literário, ganhava um bom salário da Monteiro Lobato & Cia. e *royalties* de seus livros e seu futuro enquanto editor, escritor e homem de negócios do mundo editorial estava assegurado.

Em 1920, *Urupês* foi lançado como filme, sob a direção e Antônio Leite, aumentando, assim, seu capital simbólico e, com o grande sucesso de *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1921), Lobato começou sua nova carreira enquanto escritor para crianças. De fato, como afirma Brito Broca, o efeito Lobato era de estimular todo o mercado editorial: “tudo [...] que trouxe a chancela de Monteiro Lobato passaria a ser recebido com interesse. E os outros editados da casa iriam se beneficiando com o rumor feito em torno do escritor”<sup>208</sup>. Em termos bourdeusianos, Lobato unia capital cultural, social e financeiro. Ele entendia muito bem as forças estruturantes do campo literário, fazendo com que a Monteiro Lobato & Cia. se ajustasse ao mercado e conseguisse minimizar riscos.

## 2. A Quebra

Para expandir a Monteiro Lobato & Cia., em maio de 1924 Lobato constituiu a sociedade anônima que incluía entre seus acionistas algumas das figuras mais importantes da classe dirigente paulistana,

---

<sup>207</sup> BIGNOTTO, 2018, p. 316.

<sup>208</sup> BROCA, apud BIGNOTTO, 2018, p. 309.

dentre as quais, José Carlos de Macedo Soares, Martinho Prado, Paulo Prado, Alceu de Amoroso Lima e Goffredo da Silva Telles.

A Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato tinha o mais moderno parque gráfico da época, com máquinas importadas dos Estados Unidos que podiam imprimir até 250 livros por hora e com mais de duzentos operários. No entanto, sem a contrapartida da captação financeira, a Monteiro Lobato & Cia. ficou endividada com a importação dos equipamentos gráficos. Além disso, menos de dois meses após sua fundação, começou a ter problemas devido à Revolução dos Tenentes em São Paulo, deflagrada em 5 de julho de 1924 contra o poder centralizado do Presidente Artur Bernardes, com a subsequente ocupação da cidade de São Paulo pelas forças legalistas e a morte de 270 civis, terminando em 28 de julho, e a paralisação comercial da cidade no segundo semestre de 1924.

Lobato também era visto como opositor ao governo por causa da amizade e envolvimento empresarial com Macedo Soares, Presidente da Associação Comercial de São Paulo e da Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato. Tal como Lobato e vários dos membros do grupo idealizador da *Revista do Brasil*, Macedo Soares apoiava a Liga Nacionalista, fundada em São Paulo em 1917. Ele acabou sendo preso durante dois meses e, quando libertado, partiu para o exílio na Europa<sup>209</sup>:

A revolução desorganiza a vida econômica paulistana e paralisa as atividades da editora de Lobato por dois meses. Após a retirada dos rebeldes a 27 de julho, o governo de Artur Bernardes inicia uma série de ações repressivas, entre as quais a prisão de José Carlos de Macedo Soares, presidente da Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato, em 4 de agosto, acusado de ligações com os tenentes.<sup>210</sup>

---

<sup>209</sup> cf. CAMARGOS e SACCHETTA, 2002, p. 210-212; AZEVEDO et al., 1997, P. 152-154.

<sup>210</sup> IBANEZ, RONCON e ALVES, 2012, p. 242.

Além disso, a crítica de Lobato ao voto aberto na sua carta ao Presidente Artur Bernardes de 9 de agosto, aniversário do presidente, que formou a base do seu panfleto *O Voto Secreto* (1925), foi vista como um desafio ao Presidente. A represália do Governo consistiu em cancelar a em comenda de livros didáticos e paradidáticos da editora de Lobato.

Outro problema foi a crise no fornecimento de energia, resultado da seca prolongada no começo dos anos de 1920, com o conseqüente racionamento de energia elétrica – em junho de 1925, as indústrias São Paulo só podiam funcionar dois dias por semana. Para que a gráfica da editora de Lobato operasse normalmente, foi instalado um gerador a diesel para fornecer energia elétrica, mas não havia água para esfriá-lo!

Finalmente, veio a recessão econômica brasileira, com taxa de crescimento de 1,4% em 1924 e 0% em 1925, trazendo a desvalorização do mil-réis, o que aumentou o custo da maquinaria importada.

O resultado foi que, em 7 de agosto de 1925, Lobato requereu falência e, impossibilitado de pagar suas dívidas, todos os seus bens pessoais foram a leilão. Ele vendeu a *Revista do Brasil* para Assis Chateaubriand<sup>211</sup>. Conforme o relatório dos contadores Moore Cross & Co, contratados pelos síndicos da massa falida da Monteiro Lobato & Cia., os problemas eram o endividamento inicial e a falta de energia elétrica que prejudicou seu funcionamento. A essas razões os síndicos acrescentaram “falta de tino administrativo e comercial de seus diretores”, “falta de numerário” e “o abuso de crédito”<sup>212</sup>. O relatório dos advogados Plínio Barreto e Antônio Mendonça, contratados pela Sociedade Anônima O Estado de S. Paulo declara que a Cia Gráfico-editora Monteiro Lobato “nasceu inviável” devido ao seu “endividamento inicial, à crise no setor elétrico, à falta de numerário na praça, o congestionamento no porto de Santos e os prejuízos causados

---

<sup>211</sup> PASSIANI, 2003, p. 224-225 e CAMARGOS E SACCHETTA, 2002, p. 217-219.

<sup>212</sup> Falência 2-3, em BIGNOTTO, 2018, p. 359

pela revolução de 1924<sup>213</sup>, além da perda das encomendas do governo, seu melhor cliente. . Isso fez com que os diretores realizassem operações ilegais de empréstimo, obtidos pela Casa Lotérica R. Ferreira, de que eram proprietários. Além disso, “o presidente da empresa [Macedo Soares] estava exilado, os juros das dívidas cresciam, as cobranças aumentavam e os planos para suportar o período de crise falhavam”. Uma tentativa de resolver o problema, que acabou falhando, foi conseguir empréstimo junto ao rico cafeicultor Carlos Leôncio de Magalhães<sup>214</sup>. Lobato, contudo, rapidamente conseguiu se reerguer. Como editor, isso foi apenas uma interrupção temporária; ele logo estabeleceu a Companhia Editora Nacional, sob o controle do seu amigo e parceiro Octalles Ferreira, que continuou boa parte do trabalho de Monteiro Lobato & Cia., mas a nova empresa era somente uma editora, e não fazia serviços de gráfica. Seu *status*, porém, foi abalado: a marca Monteiro Lobato & Cia. desapareceu, passando Lobato à qualidade de apenas sócio da nova editora – seu nome como marca, sua grife, perdeu-se<sup>215</sup>. Segundo, a perda financeira de Lobato foi grande e, terceiro, o lançamento seguinte de Lobato, *O Choque das Raças ou o Presidente Negro* (1926), originalmente publicado em 20 partes entre 5 de setembro e 1º de outubro de 1926 no jornal carioca *A Manhã*, foi um fracasso comercial e de crítico. Lobato afastou-se do seu domínio de sucesso, o realismo provinciano, e lançou-se na ficção científica, pensando que *O Presidente Negro* poderia alçá-lo a escritor internacional. Assim, Lobato perdeu sua posição como principal ator do sistema literário brasileiro, posição que nunca recuperaria, pois passou aos escritores modernistas, sendo Lobato relegado a segundo plano, considerado apenas um “pré-modernista” provinciano.

Indignado com o desprezo de Lobato pelos modernistas – e talvez com *Schadenfreude* pela bancarrota da Monteiro Lobato & Cia. –, em 13 de maio de 1926, Mário de Andrade publica no jornal carioca

---

<sup>213</sup> Relatório, apud BIGNOTTO, 2018, p. 360.

<sup>214</sup> BIGNOTTO, 2013, p. 360.

<sup>215</sup> cf. PASSIANI, 2003, p. 227.

A *Manhã* uma sarcástica necrologia de Lobato, falsamente anunciando o “falecimento de Monteiro Lobato”<sup>216</sup>.

Em maio de 1927, Lobato e família embarcam para os Estados Unidos. No futuro, Lobato se tornaria famoso como autor de literatura infanto-juvenil, não como o mais conhecido autor e editor do Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Carmen Lucia de; CAMARGOS, Marcia; SACHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. São Paulo: SENAC, 1997.

BARRETO, Plínio; MENDONÇA, Antônio. Relatório, Advogados Plínio Barreto e Antônio Mendonça, p.1-2. Documento integrante do Primeiro volume do Processo de falência da Cia. Graphica-editora Monteiro Lobato.

BIGNOTTO, Cilza Carla. *Figuras de Autor, Figuras de Editor: As práticas editoriais de Monteiro Lobato*. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

BROCA, Brito. “A revolução editorial de Monteiro Lobato. In *O repórter impenitente*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994, p. 64.

BROWN, Brendan. “The Surprising Day Jobs of 20 Famous Writers” (Infographic). *The Expert Editor*, 2016. Disponível em <<https://experteditor.com.au/blog/the-surprising-day-jobs-20-famous-authors/>>

---

<sup>216</sup> PASSIANI, 2003, p. 31-32.

- CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato - Vida e Obra* (2 vols.). São Paulo: Companhia Distribuidora Nacional, 1955.
- GIORDANO, Claudio. *Monteiro Lobato Editor*. São Paulo: Giordano, 1996.
- IBAÑEZ, Nelson; RONCON, Juliana; ALVES, Olga S. F. “Homens modernos e um novo modelo para o Brasil: A correspondência entre Monteiro Lobato e Arthur Neiva (1918-42)”. *Cadernos de História da Ciência*, Vol. 8, no. 2, p. 231-254, 31 dez. 2012. Disponível em <<https://periodicos.saude.sp.gov.br/cadernos/article/view/34345/33036>> Acesso em: 30 de maio 2024.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: DIFEL, 1979.
- Monteiro Lobato e Cia. *Catálogo das edições de Monteiro Lobato e Cia.*, p.27-8.
- LOBATO, José Bento Monteiro. Carta de Monteiro Lobato a Mário de Andrade. Fundo Mário de Andrade, Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP). Código: MA-C-CPL4330.
- MORAES, Evaristo de. 1923. “A ascensão dos mulatos”, *Revista do Brasil*, n.84, p.197, out.1923.
- NUNES, Cassiano. *O Sonho Brasileiro de Lobato*. Brasília/ Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora.1979.
- PASSIANI, Enio. *Na trilha do Jeca - Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*. Bauru: EDUSC, 2003.
- SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra e EDUSP, 1984.

## PARTE III - A movimentação do adido comercial Monteiro Lobato nos Estados Unidos da América

Denise Maria de Paiva Bertolucci

Eu precisaria de escrever um livro para contar tudo o que lá se passou, tudo o que vi e aprendi - e de que maneira eu, êste caboclinho de Taubaté ou Buquira, *decidi* dos destinos da metalurgia no Brasil e dei as bases e os nomes da emprêsa que vai operar aí em conexão com a General Reduction Corporation, uma emprêsa nova composta de cinco *aggressif men* que vão inverter nela, cada um, cem milhões de dólares. Só de viva voz, meu caro. Por carta, é impossível.<sup>217</sup>

### Introdução

Neste artigo, divulgam-se comprovações documentais das ações de Monteiro Lobato, relacionadas aos negócios característicos do cargo e aos seus próprios, desenvolvidas nos Estados Unidos da América. O propósito é demonstrar, tal como já aconteceu em outro artigo, sobre os antecedentes da partida do escritor para Nova Iorque, que a movimentação por ideais é sempre seu emblema.

#### 1. Os classificados de negócios de Washington

No X Encontro com Lobato, apresentado em 28 e outubro de 2021 - “A família Monteiro Lobato em Nova Iorque (1927-1931): cartas, notícias registros em fotos” -, foram expostos alguns resultados da pesquisa sobre o período nos EUA em que, de modo a cumprir os compromissos como adido comercial junto ao consulado do Brasil, Lobato permaneceu em Nova Iorque. Viajaram com ele a esposa,

---

<sup>217</sup> LOBATO, 1961, p. 249.

Purezinha, os filhos, Martha, Edgar, Guilherme, Ruth, e uma governanta, Eugenia.

O primeiro endereço da família é um apartamento alugado em Jackson Heights, Long Island, na 24th Street. Em 1928, transfere-se para 3505 Broadway. A mudança para a Broadway determinou uma atenção mais apurada do escritor para as manifestações artísticas que sempre marcaram a localidade. Tais manifestações atraíram sua atenção, mas não alteraram sua predisposição para os empreendimentos, conforme se depreende a partir da descoberta de registros de Lobato em listas de classificados de negócios com sede em Washington. Os registros se repetem por três anos: 1928, 1929 e 1930. Segue abaixo a capa da publicação de 1928, com dados vinculados não ao Consulado em Nova Iorque, mas à Embaixada em Washington:

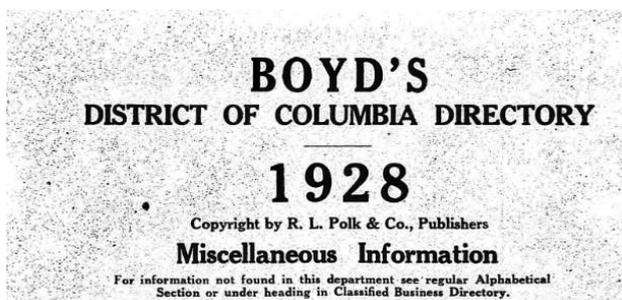


Fig. 1. Washington, Distrito de Columbia, Catálogo da cidade: 1928<sup>218</sup>  
Fonte: ancestry.com

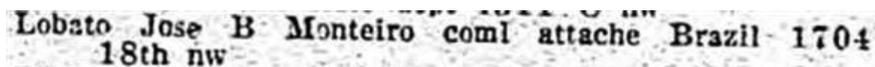


Fig. 2. Registro de Monteiro Lobato em publicação sediada em Washington: 1928 (p. 1045 do Catálogo)<sup>219</sup>- Fonte: ancestry.com

<sup>218</sup>“ Boyd's / Diretório do Distrito de Columbia 1928 / Copyright de R. L. Polk & Co., Editores Informações diversas: para obter informações não encontradas neste departamento, consulte a Seção Alfabética regular ou sob o título no Catálogo de Empresas Classificadas.” O Catálogo Boyd do Distrito de Columbia começou em 1858, como uma lista de Washington e Georgetown. Recebeu o título "Distrito de Columbia" na década de 1870. Funcionou com o nome de Boyd e depois foi renomeado como Catálogo de Polk em homenagem a seu editor.

Devido ao fato de os Classificados de negócios em Washington não constituírem uma publicação governamental, mas de caráter privado, deduz-se que a presença do nome de Lobato no Guia é uma iniciativa particular do escritor. Seu propósito seria se tornar visível aos empresários mais progressistas da cidade, como a publicação propala na capa. Prestando seu ofício junto ao Consulado Brasileiro em Nova Iorque e nessa cidade também alojado com a família, a manutenção de seu nome no Guia de Washington representa uma estratégia para garantir os desejados contatos empresariais com pessoas poderosas também da capital. Os registros, portanto, provam que o escritor põe em prática verdadeiramente os planos discutidos na correspondência com o cunhado Heitor de Morais já em 26 de outubro de 1927: “Estou tramando a minha vida para daqui passar à Europa, à custa da pátria ou dos dólares que pretendo ganhar.” (Lobato, 1961, p. 214.).

Os projetos são ambiciosos, nota-se, como são sempre os ideais do escritor. No próximo item, expõe-se a repercussão de suas atividades como adido comercial nos jornais americanos.

## 2. Atividades relacionadas ao cargo e ao empreendedor pessoal noticiadas pelos jornais americanos

Já assuntei as coisas e hoje mando um relatório ao Ministro [Ministro do Exterior Dr. Otávio Mangabeira]. Se o govêrno der atenção às minhas palavras e criar aqui o mostruário de matérias-primas que proponho, o nosso movimento de exportação vai crescer consideravelmente. Trata-se do melhor negócio que o Brasil no momento possa fazer a bem da sua expansão econômica. Propus a mudança para esta cidade do Museu Agrícola e Comercial que o Delfim Carlos dirige e que aí não passa de um ornato às môscas. Pôsto aqui transformar-se-á num excelentíssimo negócio. Ajude-me a conseguir isso, que é de coisas práticas assim que o Brasil precisa para que um presidente da República não receba por dia tantas cartas chorando miséria. Todos os males nacionais provêm da

---

<sup>219</sup> Lobato José B Monteiro adido comercial Brasil 1704 rua décima oitava, a noroeste [Embaixada Brasileira em Washington].

miquia [pobreza]. Todos os nossos passos, pois, devem tender para o enriquecimento. Civilizar-se é enriquecer.<sup>220</sup>

O excerto acima pertence a uma carta de Lobato, de 11 de agosto de 1927, endereçada a Alarico Silveira, então secretário da Presidência da República do governo Washington Luís. Vê-se que o escritor começa seu trabalho sem demora. Sobre a proposta mencionada, não se localizam quaisquer informações nos jornais americanos do período.

A primeira menção ao nome de Monteiro Lobato na função de adido comercial do Brasil em periódico americano, de acordo com as pesquisas realizadas, dá-se em 11 de outubro de 1927, na página social do jornal *The Evening Star*, de Washington D.C. A notícia trata de um compromisso social de autoridades envolvidas no procedimento preparatório para a Sexta Conferência Pan-Americana, que aconteceria em janeiro de 1928 em Havana (Cuba). As sessões com os delegados de 18 países das Américas - Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, República Dominicana, Uruguai e Venezuela - têm início em 10 de outubro de 1927, em Washington, e continuariam por duas semanas. Por ser muito longo, apresenta-se somente a parte do texto em que se faz a menção ao escritor e a sua esposa.

Sr. Frederick Frelinghuysen Dumont, presidente da Comissão Pan-Americana sobre a Simplificação e Padronização do Procedimento Consular, e Sra. Dumont serão os anfitriões no chá, no pátio das palmeiras do Mayflower [hotel] no cumprimento aos delegados dessa comissão e àqueles que os acompanham a essa reunião. Eles serão auxiliados pelo Sr. Henry Chalmers da divisão de tarifas estrangeiras do Departamento de Comércio, que é secretário-geral da comissão, e pela Sra. Chalmers. Os convidados incluirão o Secretário Adjunto de Estado Wilbur J. Carr e Sra.; Senhor Manuel G. Durand, Cônsul argentino em serviço junto à Embaixada da

---

<sup>220</sup> Lobato, 1961, p. 206.

Argentina em Washington; o Cônsul Geral da Bolívia em Nova Iorque, Sr. Emeterio Cano de la Vega; o Adido Comercial da Embaixada do Brasil Monteiro Lobato e Sra [...]”<sup>221</sup>

A realização do evento em Cuba é a razão do embarque de Alarico Silveira no porto de Santos em 20 de dezembro de 1927. No mesmo navio também estão outros representantes do governo brasileiro, tais como Eduardo Espínola, Belisario de Souza, Hildebrando Accioly, Raul Fernandes, Octavio N. Brito e Jose Mattoso Sampaio Correia, todos declarados diplomatas<sup>222</sup>. A chegada a Nova Iorque se dá em 4 de janeiro de 1928. Em 25 do mesmo mês, em nova carta a Alarico, percebe-se que o escritor não apenas não acompanhou esses representantes a Cuba como também considera perda de tempo para o Brasil a discussão em curso nesse evento: “Veja se foge logo daí. O que há a ver nesta cidade [Nova Iorque] é um colosso e tudo coisas que te aproveitarão mais, e ao Brasil, do que cem toneladas de discursaria *spanish*. Os museus te esperam [...]”<sup>223</sup>.

Em 26 de abril de 1928, Lobato indica a Alarico o que, em sua opinião, de fato importava para o Brasil. Comunica sua partida para

---

<sup>221</sup> Evening Star – Washington, Distrito de Columbia – Terça-feira, 11 out. 1927 – p. 18. Mr. Frederick Frelinghuysen Dumont, presiding officer and chairman of the Pan-American Commission on the Simplification and Standardization of Consular Procedure, and Mrs. Dumont will entertain at tea, in the palm court of the Mayflower in compliment to the delegates of this Commission and those accompanying them to this conference. They will be assisted by Mr. Henry Chalmers of the foreign tariff Division of the Department of Commerce, who is secretary general of the Commission, and Mrs. Chalmers. Their guests will include the Assistant Secretary of State and Mrs. Wilbur J. Carr, Mr. Manuel G. Durand, Argentine Consul on duty with the Argentine Embassy in Washington, the Consul General from Bolivia to New York, Mr. Emeterio Cano de la Vega; the Commercial Attache of the Brazilian Embassy and Mme. Monteiro Lobato [...].

<sup>222</sup> Ancestry.com. New York, US., Arriving Passenger and Crew Lists (including Castle Garden and Ellis Island), 1820-1957 for Alarico Da Silveira. Nova Iorque, EUA, Listas de Passageiros e Tripulantes de Chegada (incluindo Castle Garden e Ellis Island), 1820-1957 para Alarico Da Silveira.

<sup>223</sup> LOBATO, 1961, p. 225.

Detroit, onde iria conhecer as fábricas Ford e General Motors, em companhia de Fortunato Bulcão,

[...] um homem de valor excepcional que por acaso vim a conhecer aqui. Você não imagina que inteligência clara, que visão segura das nossas e das alheias cousas e que memória. Estou espantado. É um grande engenheiro e um grande metalurgista. Pu-lo em contato com Mr. Smith, da Ford, e almoçamos juntos. Mr. Smith expôs-lhe o seu novo processo de reduzir ferro e o Dr. Bulcão ficou tonto. Ao sair disse-me: Está resolvido o problema da siderurgia no Brasil.<sup>224</sup>

O encontro com Bulcão, o conhecimento do processo revolucionário criado por Mr. William H. Smith - o ferro-esponja obtido em baixos-fornos - e o sonho de enriquecer o Brasil com a utilização desse novo recurso da indústria siderúrgica empolgam muito o escritor. Pormenores de suas conversas com aqueles homens poderosos são apresentados em cartas dirigidas não apenas a Alarico, como ao cunhado Heitor de Moraes, a uma pessoa identificada como Iglésias, e a Arthur Neiva.

Na sequência, confirmando a movimentação com Mr. Smith e Dr. Bulcão em Detroit, apresenta-se uma nota publicada na coluna social do jornal *The Evening Star*, de Washington D.C, de 4 de novembro de 1928. Primeiramente, exhibe-se um recorte da página em que se encontra a citada seção.



Fig. 3. Encontro de Lobato com Mr. Smith e Dr. Fortunato Bulcão  
Fonte: newspapers.com

<sup>224</sup> LOBATO, idem, p. 232

Na sequência, exibe-se a nota sobre o encontro do adido comercial brasileiro, em Detroit, com Fortunato Bulcão e Mr. William M. Smith, chefe da metalúrgica da Ford e inventor do método que deslumbrou Lobato.

Homenagem é proposta para inventor notável.

O adido naval da embaixada brasileira, Capitão Villar, que está passando algum tempo em Detroit, vai receber convidados hoje no The Statler Hotel em homenagem ao Prof. William H. Smith e Sra. Prof. Smith é o inventor do método para a produção de aço sem o uso de carvão. Entre outros, hoje estarão Dr. Fortunato Bulcão, um famoso inventor do Rio de Janeiro, e Dr. José B. Monteiro Lobato, adido comercial da embaixada.<sup>225</sup>

Fortunato Bulcão é identificado como “um famoso inventor do Rio de Janeiro”, quando, na verdade, era um comerciante interessado em fechar negócios nos EUA. Ele próprio se declara “Merchant”, pois é essa a profissão que se lê na lista de passageiros do navio *S.S. Western World*, que chegou a Nova Iorque em 29 de fevereiro de 1928 levando o influente brasileiro<sup>226</sup>. O inventor, sim, era Mr. Smith, e seu método parecia se adaptar perfeitamente às condições do Brasil, como explica o escritor na carta ao amigo Lino Moreira, já em setembro de 1927:

---

<sup>225</sup> Evening Star – Washington, Distrito de Columbia – Domingo, 4 nov. 1928 – p. 56. Honor is Proposed For Notable Inventor.

The naval attaché of the Brazilian embassy, Capt. Villar, who is spending some time in Detroit, will entertain in the Statler Hotel today in honor of Prof. and Mrs. William H. Smith. Prof. Smith is the inventor of the method for the production of steel without the use of coal. Among others in the company today will be Dr. Fortunato Bulcao, a famous inventor of Rio de Janeiro, and Dr. Jose B. Monteiro Lobato, comercial attaché of the embassy.

<sup>226</sup> Ancestry.com. New York, US., Arriving Passenger and Crew Lists (including Castle Garden and Ellis Island), 1820-1957 for Fortunato Bulcao. Nova Iorque, EUA, Listas de Passageiros e Tripulantes de Chegada (incluindo Castle Garden e Ellis Island), 1820-1957 para Fortunato Bulcão.

A minha aproximação com o Ford já tem valido. Inda agora me deram dêles, como um presente ao Brasil, o conhecimento do novo processo de fabricar ferro lá inventado. É um assombro. Basta dizer que exige metade do calor exigido pelos altos fornos - o que derruba para metade o custo da produção do ferro. E ainda nos permite usar, como agente redutor, lenha, turfa, xisto, bagaço de cana, etc. em vez do coque que importamos a preços elevadíssimos. Já transmiti tudo ao govêrno, mas em segredo, porque êles não querem barulho de imprensa em tôrno. Diz-me Mr. Smith, o chefe da metalúrgica da Ford, que as grandes coisas que se fazem aqui é sem que a imprensa saiba. Só depois de tudo resolvido é que deixam-na dizer asneiras a respeito.<sup>227</sup>

Talvez esteja na recomendação do inventor americano uma possível explicação para a quase ausência de informações na imprensa estadunidense acerca da movimentação do Lobato adido comercial e do Lobato empreendedor pessoal. E, em seu esclarecimento ao amigo Lino, compreende-se igualmente o interesse inicial do escritor pelo babaçu. Esse vegetal, nativo do Brasil, poderia também ser usado como agente redutor na produção do ferro. Num *post-scriptum* da carta de 26 de abril de 1928 a Alarico, já mencionada, Lobato diz:

Reserva sôbre isto. De volta de lá [Detroit] escreverei de novo mais detalhadamente. Mas é bom não falar nada a ninguém. Mr. Smith mostrou-nos ao microscópio o ferro de Minas reduzido com babaçu. Superior, diz ele, a quanto ferro conhece.<sup>228</sup>

É interessantíssimo verificar que, na carta a uma pessoa identificada somente pelo nome Iglésias, de 20 de novembro de 1927, Lobato afirma:

Já organizei a Babaçu Co. e só resta registrá-la, coisa rapidíssima aqui [Nova Iorque] e barata. Entretanto, nada posso fazer nesse sentido antes de acertar com V. o negócio da concessão [...] Se já tivéssemos

---

<sup>227</sup> LOBATO, 1961, p. 209.

<sup>228</sup> LOBATO, idem, p. 232.

feito isso, estaríamos com ótimos negócios nas mãos, visto como o interesse dos americanos pelo babaçu cresce dia a dia.<sup>229</sup>

Ele tem absoluta razão quanto ao interesse dos americanos. A comunicação com o Brasil, todavia, não ajuda, porque, inacreditavelmente, somente depois de uma espera de um ano e meio é que o escritor recebe uma resposta de Iglésias! O escritor revela a demora quando escreve sua resposta, na missiva de 5 de dezembro de 1928. Mais uma vez o adido comercial tece considerações entusiasmadas sobre o processo Smith, porém fornece indícios de que há um antagonismo em seu caminho:

A empresa Farquhar, que acaba de assinar um contrato com o governo, chegou em má hora: na hora em que a metalurgia vai passar pela sua maior transformação, e nada poderá deter a marcha vitoriosa da patente Smith.<sup>230</sup>

Apesar da referida incompatibilidade com os técnicos e autoridades no Brasil em relação ao método Smith, Lobato acerta quando menciona o interesse dos americanos no babaçu brasileiro. Para que se comprove isso, acompanhe-se uma notícia publicada em 15 de setembro de 1929, no jornal *The Ogden Standard-Examiner*, de Ogden (Utah).

---

<sup>229</sup> NUNES, 1986, p. 150.

<sup>230</sup> NUNES, idem, p. 151.

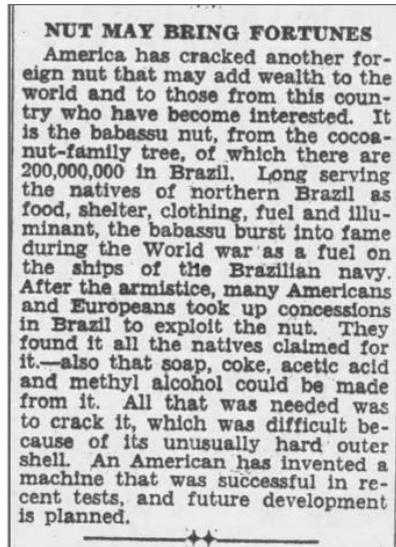


Fig. 4. Interesse dos americanos no babaçu brasileiro<sup>231</sup>  
Fonte: newspapers.com

É justamente por causa dessa máquina que o engenheiro de origem francesa Edmond de Raeffray viaja do Rio de Janeiro para os Estados Unidos, aportando em Nova Iorque em 24 de novembro de 1930<sup>232</sup>. Em companhia de Lobato, vai à cidade onde foi inventada:

<sup>231</sup> A noz pode trazer fortunas

A América quebrou outra noz estrangeira que pode acrescentar riqueza ao mundo e àqueles deste país que se interessaram. É o coco babaçu, da árvore genealógica do cacauero, dos quais existem 200.000.000 no Brasil. Há muito servindo aos nativos do norte do Brasil como alimento, abrigo, vestuário, combustível e iluminação, o babaçu ganhou fama durante a Guerra Mundial como combustível nos navios da marinha brasileira. Após o armistício, muitos americanos e europeus fizeram concessões no Brasil para explorar a castanha. Eles descobriram tudo o que os nativos reivindicavam – também que sabão, coque, ácido acético e álcool metílico poderiam ser feitos a partir dele. Tudo o que era necessário era quebrá-lo, o que era difícil por causa de sua casca externa incomumente dura. Um americano inventou uma máquina que foi bem-sucedida em testes recentes, e o desenvolvimento futuro está planejado.

<sup>232</sup> Ancestry.com. New York, US., Arriving Passenger and Crew Lists (including Castle Garden and Ellis Island), 1820-1957 for Edmond Raeffray. Nova Iorque, EUA, Listas

Plainfield (New Jersey). O artigo do jornal da cidade, *Courier-News*, de 18 de dezembro de 1930 registra o negócio feito, mas grafa o nome Edmond como Edward.

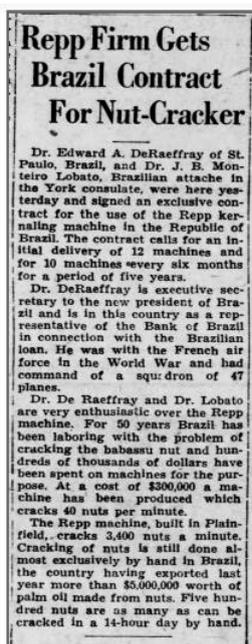


Fig. 5. O contrato firmado com a empresa inventora da máquina de quebrar o coco babaçu<sup>233</sup> - Fonte: newspapers.com

de Passageiros e Tripulantes de Chegada (incluindo Castle Garden e Ellis Island), 1820-1957 para Edmond Raefray.

<sup>233</sup> Empresa Repp obtém contrato brasileiro para quebra-nozes

O Dr. Edward A. DeRaefray de São Paulo, Brasil, e o Dr. J.B. Monteiro Lobato, adido brasileiro no Consulado de [Nova] Iorque, estiveram aqui ontem [17/12/1930] e assinaram um contrato exclusivo para uso da máquina de kernaling Repp na República do Brasil. O contrato prevê a entrega inicial de 12 máquinas e de 10 máquinas a cada seis meses por um período de cinco anos. Dr. DeRaefray é secretário executivo do novo presidente do Brasil e está no país como representante do Banco do Brasil em relação ao empréstimo brasileiro. Ele esteve com a força aérea francesa na Guerra Mundial e tinha o comando de um esquadrão de 47 aviões. Dr. DeRaefray e Dr. Lobato estão muito entusiasmados com a máquina Repp. Há 50 anos o Brasil enfrenta o problema da quebra do coco babaçu e centenas de milhares de dólares foram gastos em máquinas para isso. A um custo de \$ 300.000 foi produzida uma máquina que quebra 40 nozes por minuto. A

O que se passou depois da assinatura do contrato para uso dessa máquina não se sabe. O novo presidente ao qual a notícia alude é Getúlio Vargas. Os estudiosos e admiradores de Lobato sabem o que a ascensão desse político representou na carreira do escritor. Apesar dos antagonismos e da decepção, é com carinho que o escritor se refere a Edmond de Raeffray em *Ferro*:

A primeira tentativa chefiada por Bulcão fracassou, porque se baseava no governo federal – todos sabemos que coisa é o governo federal. Mas a ideia não morreu. Raeffray, um rapaz de gênio, já falecido, inovou o processo Smith: em vez do minério e do elemento carbonico redutor entrarem misturados na camara da redução, teve ele a genial ideia de um desdobramento. Na camara de redução só entra o minério; o material carbonico é gaseificado fora e vai por-se em contacto com o minério só na parte que aproveita, isto é, sob forma de monoxido de carbono. Isso veio suprimir certos inconvenientes que ainda havia no processo Smith.

A ideia de Raeffray foi objeto de uma patente basica, tirada por mim e transferida para a empresa que se propunha desenvolver o processo Raeffray. A ideia foi aperfeiçoada por Carlos Teixeira e Afranio do Amaral, com a introdução de mais um elemento regulador: a pressão. E foi assim que a primeira usina produtora de ferro-esponja no Brasil, montada no bairro de Jaguaré, em S. Paulo, conseguiu o perfeito ajustamento do processo de produzir ferro em baixa temperatura às nossas condições materiais. (Lobato, 1957, p. 315-316.)

## Considerações finais

Não é exagero concluir que a movimentação pela conquista da produção do ferro ajustada às condições do Brasil verdadeiramente

---

máquina Repp, construída em Plainfield, quebra 3.400 nozes por minuto. A quebra de nozes ainda é feita quase exclusivamente à mão no Brasil, o país exportou no ano passado mais de US\$ 5.000.000 em óleo de palma feito de nozes. Cinco centenas de nozes são tantas quantas podem ser quebradas com a mão em um dia de 14 horas.

marcou e transformou o Lobato adido comercial e também o Lobato empreendedor, com planos de enriquecimento para si e para o país. Talvez se possa mesmo dizer que essa foi a campanha mais importante vivida nos Estados Unidos da América, em que claramente se observa a mescla das iniciativas do empreendedor pessoal e do funcionário do consulado do Brasil em Nova Iorque. A prova disso está no entusiasmo genuíno manifesto aos amigos em cartas diante das descobertas sobre esse tópico, dos contatos feitos com pessoas poderosas e idealistas como ele em solo americano e da possibilidade de se beneficiar materialmente e ao país ao levar essa riqueza ao Brasil. Esse é o raciocínio que também faz Edgard Cavalheiro:

[...] mais do que determinado processo de fazer ferro, o que Monteiro Lobato tem em vista - e os documentos íntimos, que são as cartas, não deixam lugar para dúvidas - é debelar a pobreza do seu país, torná-lo grande, forte, poderoso, à altura de tratar de caros colegas as maiores potências do mundo inteiro.<sup>234</sup>

---

<sup>234</sup> CAVALHEIRO, 1962, p. 330.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTOLUCCI, Denise M. P. “A família Monteiro Lobato em Nova Iorque (1927-1931): cartas, notícias registros em fotos”. In: *X Encontro com Lobato*. Disponível em <<https://www.youtube.com/embed/yV-JPZMbEsg>> Acesso em: 30 de maio 2023.

BOYD'S DISTRICT OF COLUMBIA DIRECTORY - 1928. Disponível em <[https://www.ancestry.com/discoveryui-content/view/1038630880:2469?tid=&pid=&queryId=f3bdb09d3a50121023ff6b26f271aa22&\\_phsrc=Dxu237&\\_phstart=successSource](https://www.ancestry.com/discoveryui-content/view/1038630880:2469?tid=&pid=&queryId=f3bdb09d3a50121023ff6b26f271aa22&_phsrc=Dxu237&_phstart=successSource)> Acesso em: 20 de maio 2020.

HONOR IS PROPOSED FOR NOTABLE INVENTOR (1928). Disponível em <<https://www.newspapers.com/image/618611034/?terms=Monteiro%20Lobato&match=1>> Acesso em: 20 de maio 2020.

LOBATO, José Bento Monteiro. *O Escandalo do Petroleo e Ferro*. 8ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957. (Obras Completas de Monteiro Lobato, 7.).

\_\_\_\_\_. *A barca de Gleyre*. 8ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957, Vol. 2. (Obras Completas de Monteiro Lobato, 12).

\_\_\_\_\_. *Cartas Escolhidas*. 2ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961. Vol. 1. (Obras Completas de Monteiro Lobato, 16).

MR. FREDERICK FRELINGHUYSEN DUMONT (1927). Disponível em: <<https://www.newspapers.com/image/865225916>> Acesso em: 20 maio de 2020.

NEW YORK, US., ARRIVING PASSENGER AND CREW LISTS (including Castle Garden and Ellis Island), 1820-1957 for Alarico Da Silveira. Disponível em:

<<https://www.ancestry.com/discoveryui-content/view/2004173925:7488?tid=&pid=&queryId=c4ffe04de4172ad6>>

fa58e54294be9aa9&\_phsrc=Dxu240&\_phstart=successSource> Acesso em: 20 de maio 2020.

**NEW YORK, US., ARRIVING PASSENGER AND CREW LISTS** (including Castle Garden and Ellis Island), 1820-1957 for Edmond Raeffray. Disponível em:

<[https://www.ancestry.com/discoveryui-content/view/2013147781:7488?tid=&pid=&queryId=9ff61f1e1cce85b02e49af63b9ddfcf5&\\_phsrc=Dxu248&\\_phstart=successSource](https://www.ancestry.com/discoveryui-content/view/2013147781:7488?tid=&pid=&queryId=9ff61f1e1cce85b02e49af63b9ddfcf5&_phsrc=Dxu248&_phstart=successSource)> Acesso em: 20 de maio 2020.

**NEW YORK, US., ARRIVING PASSENGER AND CREW LISTS** (including Castle Garden and Ellis Island), 1820-1957 for Fortunato Bulcao. Disponível em:

<[https://www.ancestry.com/discoveryui-content/view/2004345723:7488?tid=&pid=&queryId=7ad374644d7615d0a2de8509a29864f8&\\_phsrc=Dxu242&\\_phstart=successSource](https://www.ancestry.com/discoveryui-content/view/2004345723:7488?tid=&pid=&queryId=7ad374644d7615d0a2de8509a29864f8&_phsrc=Dxu242&_phstart=successSource)> Acesso em: 20 de maio 2020.

**NUNES, Cassiano.** *Monteiro Lobato Vivo*. Rio de Janeiro: MPM Propaganda: Record, 1986.

**NUT MAY BEING FORTUNES** (1929). Disponível em:

<<https://www.newspapers.com/image/596447579/?terms=nut%20may%20being%20fortunes&match=1>> Acesso em: 20 maio 2020.

**REPP FIRM GETS BRAZIL CONTRACT FOR NUT-CRACKER** (1930). Disponível em:

<<https://www.newspapers.com/image/220700462/?terms=Monteiro%20Lobato&match=1>> Acesso em: 20.05.2020.



## CONTO - O rei vesgo

Monteiro Lobato

Na frente do palácio de certo rei do Oriente havia um morro que lhe estragava o prazer. Esse rei, apesar de ser vesgo, tinha uma grande vontade de “dominar a paisagem”; vontade tão grande que ele não pôde resistir, e lá um belo dia resolveu secretamente arrasar o morro. Tratava-se, porém, de um morro sagrado, chamado o Morro da Democracia, e defendido pelas leis básicas do reino. Nem essas leis nem o povo jamais consentiriam em sua demolição, porque era justamente o obstáculo que limitava o poder do rei. Sem ele o rei dominaria ditatorialmente a paisagem, o que todos tinham como um grande mal.

Mas aquele rei, que além de vesgo era malandro, tanto espremeu os miolos que teve uma ideia. Piscou e chamou uns cavouqueiros, aos quais disse:

- Tirem-me um pouco de terra desse morro, ali há umas touceiras de craguatá espinhento. Se o povo protestar contra minha mexida no morro, direi que é para destruir o craguatá espinhento; e que se tirei um pouco de terra foi para que não ficasse no chão nem uma raiz ou semente.

Os cavouqueiros arrancaram os pés de craguatá e removeram várias carroças de terra. O povo não protestou; não achou que fosse caso disso. Só alguns ranzinzas murmuraram, ao que os apaziguadores responderam:

- Foi muito pequena a quantidade de terra tirada; não fará falta nenhuma.

Vendo que não houve protesto, o rei, logo depois, deu nova ordem aos cavouqueiros para que arrancassem outro pé de qualquer coisa, mas com terra - ele fazia muita questão de que a planta

condenada saísse sempre com um bocadinho de terra... Continuando o povo a não protestar, prosseguiu o rei por muito tempo naquela política de “extirpação das plantas daninhas do morro”, e as foi arrancando, sempre “com terra”, até que um dia...

- Que é do morro?

Já não havia morro nenhum no reino. Desaparecera o Morro da Democracia, e o rei pôde, afinal, estender o seu olho vesgo por todo o país e governá-lo despoticamente - não pelo breve espaço de apenas quinze anos, mas trinta e tantos, segundo rezam as crônicas históricas.

## CONTO - De volta ao Sítio

Décio Diniz

Em lembrança de Monteiro Lobato, que disse certa vez: “Ainda acabo fazendo livros onde nossas crianças possam morar”.

“Esqueceste muito... e, no entanto, enquanto lês estas linhas, lembrar-te-ás vagamente das visões de outros tempos e lugares que divisavam teus olhos infantis.” (Jack London)

### I - Saudade

Naquele dia dona Benta havia recebido muita correspondência. Carta da filha Tonica, querendo saber de Pedrinho; um cartão-postal de Londres, mandado por uma das meninas que havia visitado o sítio para conhecer o anjinho que Emília trouxe da Via Láctea; além dos livros encomendados e revistas científicas para o Visconde, que agora lia em inglês e alemão. Em meio a tudo aquilo, uma carta de uma pessoa desconhecida. “Quem será?”, pensou a boa senhora, “carta de São Paulo!”.

Dona Benta abriu o envelope e começou a ler: “*Querida dona Benta, há muito queria lhe escrever. A todos vocês! Não me conhecem, mas sinto muita saudade de todos. Em meus sonhos, passei minha infância com vocês, nesse lugar maravilhoso onde moram. Sabe o que é sentir saudade dum lugar onde nunca se esteve? Pois bem, não sou mais criança. Mas a saudade tem apertado e, de repente, o desejo de estar ‘novamente’ aí. Gostaria muito de sua permissão para fazer-lhes uma visita. Pedrinho, Narizinho e Emília não vão se entusiasmar com a visita de um adulto, mas, chegando aí dá-se um jeito. Mas, ainda há um probleminha. Não sei como chegar! A senhora sabe, adultos se perdem um pouco nestas coisas da imaginação. Será que a Emília pode me ajudar? Aguardo resposta. Com carinho, ...*”

\_Então teremos visita. Preciso avisar essa turminha.

Dona Benta levantou-se e foi até a varanda procurar pelas crianças.

\_Narizinho! Pedrinho! Emília! Por onde será que anda esse pessoalzinho?

Nada das crianças aparecerem. Nem Emília, nem Visconde.

Deviam estar no ribeirão, ou então de conversa com tio Barnabé.

\_Nastácia, você sabe onde foram as crianças?

Tia Nastácia estava na cozinha, preparando o jantar. Já havia dado uma corrida no Rabicó, que aparecera por ali procurando um lanchinho.

\_Sei não, sinhá. Emília esteve por aqui me pedindo uma garrafa, mas não disse pra onde ia.

\_Garrafa? Estão caçando saci outra vez?

\_Não, sinhá. Ela disse que era pra *guardá* um *tar* de... de... sei lá, esqueci! Dona Benta balançou a cabeça, rindo.

\_Recebi uma carta, Nastácia. Duma pessoa de São Paulo, querendo nos visitar.

\_Que pessoa, sinhá? *Argum* conhecido do Visconde?

\_Não. Um garoto que não conhecemos, mas que diz ter passado sua infância aqui, com meus netos.

\_Que *istória* é essa, sinhá? Como a gente *num* conhece se ele já veio aqui? Será que é o *tar* de Peter Pan?

\_Não, Nastácia \_riu dona Benta - na verdade é um garoto que já cresceu. Diz aqui na carta que já é adulto e sente muita saudade daqui. Mas não sabe como vir para cá. Pediu ajuda da Emília.

Tia Nastácia fez cara de quem não entendeu nada e mostrou à dona Benta o peixe que tirava do forno.

\_*Óia*, sinhá. Uma delícia esse peixão que o tio Barnabé trouxe!

\_É de dar água na boca, Nastácia. Daqui a pouco as crianças chegam morrendo de fome.

Mal dona Benta terminou de falar, escutou o barulho das crianças entrando pela sala.

\_Vovó, vovó! Veja o que a Emília inventou!

## II - Vaga-lumes

Narizinho, Pedrinho, Emília e Visconde entraram na cozinha, alvoroçados como sempre.

\_Onde vocês estiveram, meus netos?  
\_No capoeirão, vovó \_ respondeu Pedrinho, esticando seu bodoque.  
\_Capoeirão, Pedrinho! Não me digam que estão atrás de onça novamente!  
\_Não, vovó.  
\_Nem da Cuca!  
\_Não, tia Nastácia. Não disse que íamos buscar meus vaga-lumes?  
\_Vaga-lumes? E precisava ir até o capoeirão?  
\_É que meus besouros-espiões me informaram que hoje haveria uma assembleia de vaga-lumes na mata, dona Benta. Fui lá contratar alguns.  
\_Contratar? Que estória é essa, Emília?  
\_Contratá-los para trabalharem em meu abajur. Emília mostrou a garrafa cheia de vaga-lumes.  
\_Ué, você não disse que ia *guardá num* sei o que aí dentro?  
\_Não ia guardar não-sei-o-que nenhum, tia Nastácia. Eu disse que ia colocar meus coleópteros aqui. Os vaga-lumes pertencem à ordem dos coleópteros, não sabia?  
\_Emília! Você sempre com essa mania de falar difícil para a tia Nastácia \_ reclamou Narizinho.  
\_Mas que estória de abajur é essa, Emília?  
\_Faz tempo que estou com esta ideia, dona Benta. Vou deixar esta garrafa em cima da mesa de cabeceira da Narizinho. À noite, os vaga-lumes vão acender suas luzinhas e iluminar o quarto. Não vai ser lindo?  
\_Emília, Emília...  
\_Eu já expliquei a ela, dona Benta \_ lamentou o Visconde.  
\_Que a emissão de luz dos vaga-lumes tem a finalidade de aproximá-los para o acasalamento, etc, etc. Mas eu já disse que meu abajur de vaga-lumes não tem nada a ver com isso. Tudo isso aí é por conta da biologia, zoologia, insetologia, sei lá. Meu abajur funciona conforme a emiliologia.  
\_Emiliologia! Ora essa! \_ resmungou o Visconde.  
\_Calma, calma, vamos esfriar os ânimos. Nastácia logo vai servir o jantar. Todos para o banho. E depois tenho uma novidade para contar a vocês.

\_Novidade? Pode me contar agora, dona Benta. Sou de pano, não preciso tomar banho nem jantar.

\_Nada disso, Emília. A novidade é para todos e eu contarei depois do jantar. Emília fez cara de desapontamento e puxou o Visconde para a biblioteca:

\_Vamos, Sabugosa. Conte mais sobre a ciência dos coleópteros. Pedrinho e Narizinho saíram confabulando sobre qual seria a novidade.

### III - Faz-de-conta

Depois do jantar todos estavam a postos na sala, esperando por dona Benta. Tia Nastácia já havia sentado no sofá e fechava os olhos de sono.

\_Não disse que ela já sabe da novidade? Já dorme tranquila o sono dos despreocupados, enquanto a gente fica aqui morrendo de curiosidade.

\_Quieta, Emília! Deixa a tia Nastácia em paz. Vovó já está chegando.

Dona Benta entrou com um envelope na mão e sentou-se em sua cadeira de balanço.

\_Hoje recebi esta carta de São Paulo.

\_São Paulo? De quem, vovó? - perguntou Narizinho.

\_Algum restaurante famoso querendo contratar tia Nastácia? - brincou Pedrinho, rindo-se da pobre Nastácia, que abria os olhos, assustada: “Que foi?”

\_Que restaurante nada. Para mim é do Dom Pedro!

\_Que Dom Pedro, Emília?

\_Aquele que deu o “brado retumbante” às margens do rio Ipiranga, ora! Isso não foi em São Paulo?

\_Acorde, Emília. Isso foi há quase duzentos anos! Dona Benta ria-se daquilo tudo.

\_Deixem a imaginação para depois, criançada. A carta não é de nenhum restaurante, muito menos de Dom Pedro I. Escutem, que eu vou ler para vocês: “*Querida dona Benta, há muito queria lhe escrever...*”

Quando dona Benta terminou, Emília estava pensativa, com os dedos no queixo, a olhar para cima.

\_Então, pessoal, o que vocês me dizem disso? \_ perguntou dona Benta.

\_O que será que ele quer aqui no sítio, vovó?

\_Quem sabe ele quer fazer um filme, Narizinho! Ou uma entrevista, ou um documentário para a televisão?

\_Será, Pedrinho? Ele disse que sente saudade daqui sem nunca ter vindo ao sítio.

-Mas disse também que em seus sonhos passou a infância aqui conosco \_ lembrou o Visconde.

\_Esta parte me interessa \_ gritou Emília. Se ele não é mais criança, mas esteve aqui quando criança, e foi em sonho, então tem a ver com o faz-de-conta, e de faz-de-conta eu entendo.

\_E ele apelou para você, Emília. Não sabe como chegar até aqui, mas acredita que você tem uma solução para isso.

\_É claro que tenho. É como eu sempre digo, adulto se aperta por tão pouca coisa!

\_E qual é a solução, Emília?

\_Responda a carta, dona Benta. Diga que venha, sim, que queremos conhecê-lo e descobrir o que ele quer realmente. Diga que venha logo, porque já estamos esperando.

\_Ela fala como se fosse a dona do sítio!

\_Sei muito bem que a dona é a sua avó, Narizinho! Mas sei também que dona Benta nunca faria essa desfeita a alguém que quer conhecer o sítio.

\_E não farei mesmo, Emília. Mas, afinal, ele quer saber como vir. O que eu respondo, bonequinha?

\_Muito fácil. Diga para ele arrumar as malas, ficar prontinho e fechar os olhos com bastante força. Quando abrir novamente, estaremos na porteira para recebê-lo.

#### IV - Estrelas

Aquela noite Narizinho foi para a cama com os olhos pesados de sono. Deitou-se e logo dormiu. E sonhou. Sonhou com o céu pontilhado de estrelas. Mas era o céu mais bonito que já tinha visto. As estrelas voavam de um lado para o outro e algumas pareciam descer

quase que até a ponta de seu nariz. “Que maravilha! Parece até que estou viajando pelo céu novamente.”

\_Não é lindo, Narizinho?

\_Emília! Você também está aqui?

\_Que estória é essa, Narizinho? Sempre dormi aqui com você. Parece que está sonhando.

Narizinho percebeu que não era sonho. Estava em seu quarto, junto com Emília. E as estrelas eram...

\_Não são lindos meus vaga-lumes?

\_Parecem estrelas passeando pelo céu!

\_O Visconde me convenceu que não seria correto prender os vaga-lumes dentro da garrafa só para fazer um abajur. Então combinei com eles que iluminassem nosso quarto esta noite e amanhã estão dispensados.

\_Ficou lindo, Emília! Acho que vou dormir e sonhar que estamos passeando pelo universo outra vez. Boa noite.

\_Boa noite, Narizinho.

Emília, na verdade, não dormia. Fingia dormir. Passava as noites raciocinando com sua cabecinha de macela, filosofando sobre a vida, planejando novas aventuras. Naquela noite, como não poderia deixar de ser, ela pensava na carta que dona Benta havia recebido.

“Que estória será essa de um menino que passou sua infância aqui no sítio? Quantos anos será que ele tem hoje? Será um simpático vovô como a dona Benta? E se Pedrinho estiver certo? Se for alguém querendo fazer um filme sobre o sítio? E se for um diretor famoso de Hollywood, desesperado para me contratar? Já estou vendo o cartaz do filme: *A marquesa de Rabicó*, estrelando... Emília! Mas ‘Rabicó’ é um nome nada artístico. Ficaria melhor *A marquesa do Picapau Amarelo*. Melhor ainda, *A princesa do Picapau Amarelo*. Mas não dá. A princesa daqui é a Narizinho. Foi ela quem se casou com um príncipe. Sempre falei que eu deveria ter me casado com um príncipe, ou um rei!”

A euforia de Emília foi por aí a fora até os primeiros raios de sol entrarem pela janela do quarto de Narizinho.

## V - A chegada

Tia Nastácia sempre era a primeira a se levantar. O ar fresco da manhã, antes de o sol começar a aquecer o dia, lhe era muito reconfortante. Saía para o quintal e sentia o frescor das folhas molhadas pelo orvalho. Depois, na cozinha, começava a encher a casa com aquele aroma delicioso de café.

\_Bom dia, tia Nastácia!

\_Bom dia, Emília! De pé, já tão cedo? O que a bonequinha vai *aprontá* hoje?

\_Ora! Hoje vamos receber o visitante misterioso de dona Benta.

\_Hoje? Mas a sinhá nem respondeu a carta ainda.

\_Eu respondi. Detesto esta estória de ter que esperar. Faz-de-conta que o ilustríssimo senhor Visitante recebeu minha resposta e já está de malas prontas. Daqui a pouco, depois do café, estaremos todos na porteira para recebê-lo.

Tia Nastácia às vezes ainda parecia se surpreender com as ideias da Emília. “Ninguém pode mesmo com essa bonequinha”, pensou, enquanto tirava os pãezinhos do forno.

Como dizia Narizinho, naquela manhã Emília estava “com a corda toda”. Tirou todos da cama, um por um, apressou tia Nastácia para servir o café e logo estavam todos na porteira, liderados pela bonequinha.

\_Você tem certeza de que ele chega hoje, Emília?

\_Claro, Pedrinho! Confie em mim.

\_Por que esse seu interesse tão grande nessa visita, Emília? Depois que eu li a carta, você tomou conta da situação, como se fosse uma de suas reinações.

\_Pois não foi ele mesmo quem pediu minha ajuda? Dona Benta balançou a cabeça, concordando.

Emília olhava para a estrada, apertando seus olhinhos de retrós.

\_Vejam! Ele está chegando. Não tem cara de vovô, não. Deve ter uns quarenta anos.

O “convidado” de dona Benta trazia uma mochila nas costas e, ao avistá-los na porteira, acenou, com um sorriso no rosto.

\_Ele está com aquela cara de quem acabou de encontrar algo que procurava há muito tempo - cochichou Emília no ouvido de Pedrinho.

\_Tenha modos, Emília!

Dona Benta adiantou-se, cumprimentando o homem que chegava na porteira:

\_Bom dia! Seja bem-vindo. Creio que o senhor é quem me escreveu de São Paulo.

\_Bom dia, dona Benta! Sou eu mesmo. Mas, por favor, não me chame de senhor. Sempre quis ser seu neto.

\_Acho que o senhor não tem idade para ser neto da dona Benta, não.

\_Emília!

\_Não se preocupe, dona Benta, Emília tem razão. Às vezes penso que ainda tenho a idade do Pedrinho! Sempre quis participar das aventuras com vocês, mas acho que cheguei tarde.

\_Também não é assim - lembrou Pedrinho. Tia Nastácia já foi com a gente para a lua, a vovó para a Grécia...

\_Isso mesmo, senhor Adulto. Tudo depende de você passar pelo nosso teste.

\_Teste? Como assim, Emília?

\_O teste da imaginação. E acontece que você já passou. A resposta que lhe mandei foi pelo faz-de-conta, e você fez tudo direitinho como lhe falei.

\_Quanto à imaginação, sou igual ao Pedrinho e Peter Pan. Parei de crescer.

\_Ótimo! E tenho uma ideia que vai deixá-lo ainda melhor.

Emília pegou a mão do visitante e saiu correndo para o quintal, seguida por Narizinho, Pedrinho e Visconde.

## VI - Juca

\_Pois bem, senhor Escritor de cartas, temos que arrumar algumas coisinhas no que diz respeito à sua pessoa.

\_O que você vai aprontar, Emília?

\_Vou consertar meu visitante para que ele fique no ponto para entrar para nossa turma. Não é isso que ele quer?

\_Consertar, Emília? Que estória é essa? E desde quando ele é seu visitante?

\_Meu visitante porque eu vou deixá-lo no ponto para que esta visita dê certo. E vou consertar, sim. Com uma mexidinha aqui, outra acertadinha ali, este sítio vai ser visitadíssimo por ele.

\_E o que você quer consertar em mim, Emília?

\_Precisamos começar pelo seu nome.

\_O que tem de errado nele?

\_De errado, nada. Mas precisamos de um apelido para você. Ninguém chama o Pedrinho de *Pedro* ou a Narizinho de *Lúcia*.

Emília fez cara de quem procurava um apelido em sua cabecinha. Olhou para “seu” visitante, franziu a testa, bateu o pé.

\_Acho que dona Emília não está muito inspirada hoje \_ comentou o Visconde, com ares de deboche.

\_Juca!

\_Juca?

\_Juca. Ju-ca. Juu-Caa. Ele tem cara de *Juca*.

\_Por que Juca, Emília?

\_Olhe bem, Pedrinho. Ele não te lembra alguém?

\_Essas sobranceiras...

\_Isso mesmo! Ele é a cara do Monteiro Lobato. E o apelido dele quando criança era *Juca*.

Ficou assim resolvido. O “visitante da Emília” de agora em diante era Juca.

\_Agora só falta uma coisa. Fechem os olhos todos.

Quando todos obedeceram, Emília cochichou ao ouvido de Juca: “Faz-de-conta que você ainda é criança!”.

\_Prontíssimo! Podem abrir os olhos.

Todos ficaram surpresos com a ideia da Emília. Juca era agora um garoto, assim, da idade do Pedrinho.

\_Viva! Viva o Juca criança!

Juca olhava para si mesmo, numa mistura de susto com alegria.

\_O que dona Benta vai dizer disso? \_ perguntou o Visconde.

\_Vai dizer o que sempre diz: “Meu Deus, e eu que pensei que já tinha visto de tudo neste sítio!”. E depois vai se derreter de amor ao perceber que ganhou um novo neto. Mas isso fica *pra* depois. Agora vamos continuar mostrando o sítio para o Juca.

Emília agarrou a mão de Juca e saiu correndo para o pomar.

\_Vamos, Juca! Vou te mostrar o ribeirão.

Narizinho e Pedrinho correram atrás.

\_Essa Emília não muda nunca. Se apoderou do anjinho, do Quindim, e agora do nosso novo amigo.

\_Pode deixar, Narizinho. Vou ensinar o Juca a como lidar com essa bonequinha que se acha a dona do mundo.

E o Visconde, correndo atrás deles:

\_Ei! Esperem por mim...

## **AUTORES & ORGANIZADORES**

### **Amaya Obata Mourino de Almeida Prado**

Possui Graduação em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-1993), Mestrado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS-2007) e Doutorado em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2016). Atualmente, é professora associada da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS, Campus de Três Lagoas. Tem experiência na área de Letras, atuando principalmente em Literatura Infanto-juvenil, Literaturas de Língua Espanhola e Formação de leitor literário. Integra o Grupo de Estudo, Trabalho e Pesquisa Observatório Lobato.

Contato: [amaya.prado@ufms.br](mailto:amaya.prado@ufms.br) / [amaya.prado@gmail.com](mailto:amaya.prado@gmail.com)

### **Daniel Fernandes da Silva**

Daniel Fernandes da Silva nasceu em 1996, na cidade de Ipixuna do Pará, no Pará. É licenciado em Letras Português (2020) pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Durante a graduação, participou do projeto de extensão “Literaturas Africanas em Língua Portuguesa: Angola e Moçambique”, em que contou com fomento de bolsa CAPES; com o final desse projeto, pôde ingressar em um novo. Assim, entrou como bolsista FAPESPA no projeto de pesquisa “As leituras de Dona Benta na obra infantil de

Monteiro Lobato: a formação leitora da personagem mediadora de leitura”. Atualmente, é Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras (POSLET) da UNIFESSPA, onde contou com bolsa da FAPESPA para desenvolver sua pesquisa sobre Monteiro Lobato e a temática da categoria espaço no Sítio do Picapau Amarelo.  
Contato: danielfernand37@gmail.com

### **Denise Maria de Paiva Bertolucci**

É responsável pelas Disciplinas Inglês III e Comunicação e Expressão no curso Gestão Empresarial, modalidade EaD, na Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (FATEC). Possui Graduação em Letras - Português/Inglês (1985) e Mestrado (1992), Doutorado (2005) e Pós-Doutorado (2012) em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Integra o Grupo de Estudo, Trabalho e Pesquisa Observatório Lobato.  
Contato: denise.bertolucci@uol.com.br

### **Filipe Augusto Chamy Amorim Ferreira**

Mais conhecido como Filipe Chamy, é escritor e servidor público. Formado em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e em Letras Português-Linguística pela Universidade de São Paulo (USP), é mestre em Filosofia pelo Instituto de Estudos Brasileiros (USP), com a dissertação intitulada “O sonho americano de Monteiro Lobato: Relações Brasil-EUA na obra do escritor”. Nasceu e vive em São Paulo. É autor de quatro romances, dois livros infantis e algumas dezenas de contos e crônicas, além de ensaios acadêmicos, estudos literários, críticas cinematográficas e poemas. Integra o Grupo de Estudo, Trabalho e Pesquisa Observatório Lobato.  
Contato: filipechamy@yahoo.com.br

### **Gildo Magalhães**

Possui graduação em Engenharia Eletrônica pela Escola Politécnica (1972), com doutorado em História Social (1994) e livre-docência em

História da Ciência (2005), ambos pela FFLCH da Universidade de São Paulo. Foi bolsista das Fundações Krupp e Alexander von Humboldt (Alemanha) em 1983-84, Resident Scholar do Instituto Smithsonian (Washington, EUA) em 2003 e Fellow da Chemical Heritage Foundation (Atual Science History Institute, Filadélfia, EUA) em 2013. É membro do Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa desde 2004 e Professor Colaborador do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa desde 2014. A partir de 2016, tornou-se Professor Titular do Departamento de História da FFLCH/USP. É líder do Grupo de Pesquisa Khronos do Instituto de Estudos Avançados da USP e diretor do Centro Interunidades de História da Ciência da USP, onde edita a revista Khronos. Coordenou projeto temático da FAPESP sobre a história da eletrificação paulista e dirige projeto de cooperação internacional entre a FAPESP e a Fundação para a América Latina da Baviera (BAYLAT). Dedicase à pesquisa em história da ciência e da tecnologia, com destaque para temas sobre o Brasil, epistemologia, divulgação científica, história da política científico-tecnológica.

Contato: gildomsantos@hotmail.com

### **John Milton**

É Professor Titular do Departamento de Letras Modernas da FFLCH-USP desde 2012, atuando na área de Estudos da Tradução. Completou sua Livre Docência em 1999. Foi coordenador dos cursos de Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (TRADUSP-FFLCH-USP) de 2002 a 2015. É autor e tradutor de vários títulos. Publicou, em 2019, *Um país se faz com tradutores e traduções: A importância da tradução e da adaptação na obra de Monteiro Lobato* (Editora Martins Fontes - selo Martins). Tem graduação em Literatura Inglesa e Espanhol pela Universidade de Wales (Swansea, 1978); mestrado em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP, 1986) e doutorado em Literatura Inglesa pela Universidade de São Paulo (USP-1990). Pesquisa, na área de tradução

literária, a sociologia e a história da tradução no Brasil, bem como tradução e adaptação. Coordena o Grupo de Estudo, Trabalho e Pesquisa Observatório Lobato, os Encontros com Lobato e as Jornadas Monteiro Lobato.

Contato: [jmilton@usp.br](mailto:jmilton@usp.br)

### **José Elio da Mota Júnior**

É graduado em Letras Português e Espanhol pela Universidade Federal de Goiás e Especialista em Estudos Literários e Ensino de Literatura pela mesma instituição e Professor Regente de Língua Portuguesa da Rede Estadual de Educação do Estado de Goiás. Desenvolve pesquisas sobre a obra infantil de Monteiro Lobato, com foco nas adaptações feitas a partir do universo lobatiano para a televisão, cinema, história em quadrinhos e outros meios. Integra o Grupo de Estudo, Trabalho e Pesquisa Observatório Lobato.

Contato: [chamagemeas12@gmail.com](mailto:chamagemeas12@gmail.com)

### **José Renato Nalini**

Jose Renato Nalini estudou Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Foi Promotor de Justiça em Votuporanga, Itu, São Paulo e Ubatuba. Foi juiz em Barretos, Monte Azul Paulista, Itu, Jundiaí e São Paulo. Exerceu as funções de Juiz Assessor da Presidência do Tribunal de Justiça por duas gestões e a de Juiz Corregedor da Corregedoria Geral da Justiça do Estado. Em 1990, passou a exercer funções na segunda instância, no Tribunal de Justiça e, em 1993, foi promovido por merecimento a Juiz do Tribunal de Alçada Criminal do Estado de São Paulo. Foi Vice-Presidente do Tribunal de Alçada e foi seu Presidente (2003 /2004). Participou do processo de criação da Escola Paulista da Magistratura e integrou seu Conselho Consultivo e de Programas por duas gestões, além de coordenar o Núcleo de Deontologia da Magistratura. Leciona em várias Faculdades de Direito desde 1971. Tem o grau de Mestre e o

de Doutor, ambos em Direito Constitucional, pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Dedicou-se ao estudo e ao ensino da Ética Geral e Profissional e foi Consultor do Banco Mundial para assuntos de Reforma do Judiciário e Seleção de Juizes. Em 2002 foi nomeado Conselheiro do ILANUD pelo Ministério da Justiça. É autor de *Tribunal de Justiça* (1990) e *Tribunal de Alçada Criminal* (1997) e de vários artigos e livros em parceria com outros autores. Foi Diretor-Adjunto da Escola Nacional da Magistratura (até 2000) e é membro do Instituto Pimenta Bueno, que congrega os especialistas em Direito Constitucional da USP. É Ex-Secretário de Estado da Educação e Ex-Presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo. Foi Presidente da Academia Paulista de Letras (2019-2020) e é um de seus imortais. É membro da Academia Brasileira de Educação e Reitor da UniRegistral. Contato: jose-nalini@uol.com.br

### **Patrícia Beraldo Romano**

Professora Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mestre em Teoria Literária e Licenciada em Letras, ambas pela Unicamp. Atualmente é professora Associada na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), campus de Marabá, onde atua no Curso de Graduação em Letras-Português e nos Programas Acadêmico e Profissional de Pós-Graduação em Letras dessa universidade, POSLET e PROFLETRAS. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Literatura Infantil e Juvenil (GEPLIJ). Organizou em 2012, em parceria com a profa. Dra. Soélis Teixeira do Prado Mendes, a obra *Práticas de língua e literatura: olhares diversos, múltiplas propostas*, pela editora Bagagem. Em 2019, publicou parte de sua tese de doutorado em livro intitulado *Dona Benta: uma mediadora no mundo da leitura*, pela Appris. Em 2022 concluiu pós-doutorado na USP, na área de Literatura Infantojuvenil. Tem vários artigos publicados sobre a obra infantil de Monteiro Lobato, sobre Literatura infantil e juvenil e formação do leitor. Está preparando dois livros frutos de seu Pós-doutoramento a serem

lançados em 2025. Integra o Grupo de Estudo, Trabalho e Pesquisa Observatório Lobato.

Contato: paromano@unifesspa.edu.br

### **Patrícia Didoné**

Mestre em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e licenciada em Letras Inglês pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Integra o Grupo Estudos de Adaptação e Tradução/CAPES/USP e o Grupo de Estudo, Trabalho e Pesquisa Observatório Lobato. Também é tradutora e professora de Língua Inglesa e Literatura no Ensino Médio em São Paulo.

Contato: didonepatricia@gmail.com

### **Taís Martins Diniz**

É graduada em Licenciatura em Letras Português/Inglês, pela FURG - Fundação Universidade do Rio Grande. Integrante do Grupo de Pesquisa REGIONEM (UNIPINHAL), do Grupo de Estudos de Adaptação e Tradução/CAPES/USP e do Grupo de Estudo, Trabalho e Pesquisa Observatório Lobato. Suas áreas de interesse são historiografia das traduções, epistolografia, história da tradução e dos tradutores, com o foco em Monteiro Lobato e tradutores que atravessam sua produção. Tem publicações em antologias de contos e poesias. É responsável pela identidade visual das jornadas Monteiro Lobato desde 2022.

Contato: taisdiniz.usp@gmail.com

### **Vanete Santana-Dezmann**

Pesquisadora, professora, tradutora e editora, é corresponsável pelas Jornadas Monteiro Lobato, Encontros com Lobato e pelo Grupo de Estudo, Trabalho e Pesquisa Observatório Lobato, juntamente com John Milton, e autora de vários artigos e livros. Atualmente, é pesquisadora colaboradora do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP), onde se aprofunda sobre o

contato de Lobato com o movimento *Harlem Renaissance*. Tem pós-doutorado em Estudos da Tradução (USP), com estágio de pesquisa no Goethe-Museum de Düsseldorf; doutorado em Teorias de Tradução (UNICAMP), com estágio de pesquisa na Universidade Livre de Berlim, e mestrado na mesma área (UNICAMP). Graduiu-se em Letras na UNICAMP. Como professora de Tradução na Universidade de Mainz (Alemanha), desenvolveu o projeto de tradução do livro *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, para a língua alemã.  
Contato: vanetedezmann@gmail.com







Flor do Tempo Editora  
[www.flordotempoeditora.com.br](http://www.flordotempoeditora.com.br)